Petronilo Hemetério Filho

História do Município de PATU

2ª Edição • 2005

COLEÇÃO MOSSOROENSE

Série "C"- volume 1486 - novembro de 2005

Petronilo Hemetério Filho, natural de Patu-RN, cursou o 3º Grau na Disiplina de História, em Natal-RN. Cursos de: Aperfeiçoamento para o Magistério na mesma Disciplina, de Orientador Pedagógico no Centro de Treinamento de Prefessores da Escola Técnica de Natal. Professor e Pesquisador da Educação, da Cultura, dasLetras e da História. Nomeado Professor público por Decreto Governamental nº 4.451/66. Lecionou História durante 30 anos. Exerceu também as funções de Diretor do Ginásio Comercial de Patu. Orientador Pedagógico, participou na Edição do CompêndioEscolar para o Ensino Fundamental em Patu. Secretário de Obras e Urbanismo da Prefeitura Municipal de Patu. Autor da 1ª página da Revista Igapó. Representante do FUNRURAL por 17 anos. Presidente do Sindicato Rural de Patu. Diretor Secretário da FAERN. Conselheiro do SENAR. Compareceu a Congressos de Cooperativismo e Audiências Públicas no Congresso Nacional. Participou de Debates sobreJesuíno Brilhante no 5º Seminário da Sociedade Brasileira para o Estudo do Cangaço - em Mossoró.

PETRONILO HEMETÉRIO FILHO

História do Município de PATU

FUNDAÇÃO VINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO MOSSOROENSE

Série "C" – Volume 1486 - Novembro de 2005

Digitação
Celicina Leite Cunha

Diagramação
Misherlany Gouthier – Aline Queiroz

Revisão
Francisco Dias da Cunha

Capa
Socorro Soares

Edições
Coleção Mossoroense – Série "C" - Vol. 1486

13/08/2006

Ministro Alcino Braqueta,
Padre Luís Gomes e
Sor Miguel; quase a mesma
história e a mesma geografia
aproximam-se e isso, a ousadia
e o respeito que existem entre
os seus filhos.

Continuem sempre, nunca pare
de nossa terra, hospitalei-
ra e turística.

Cordialmente,
João Isaac de Moura

À memória de meus pais: PETRONILO HEMETÉRIO DE MOURA e JOVELINA ERNESTINA DA SILVA, *que me puseram a caminho da escola e tanto me incentivaram. Fiz-me, então, professor de História, dei minha parcela de contribuição à Educação, às letras e, com a edição deste livro, a eles ofereço, dedico e consagro o meu trabalho.*

O autor

CONSIDERAÇÕES DO DESEMBARGADOR

O Professor Petronilo Hemetério Filho, após mais de dez anos de pesquisa, lança ao público do Rio Grande do Norte o seu livro "História do Município de Patu". É um trabalho de enorme significado cultural, pelo fato de registrar a posteridade com absoluta fidelidade os acontecimentos históricos do Município, desde as suas origens até a atualidade.

Valeu-se o Professor Petronilo dos episódios narrados pelas pessoas mais velhas de Patu, como João Inácio de Oliveira, José Godeiro da Silva e outros, para inserir neste seu grande trabalho, dando uma demonstração de que aqueles fatos jamais deverão ser esquecidos por todos os patuenses. Como se vê foi um trabalho de muita paciência e perseverança.

O Autor, também, utilizou-se de escassa bibliografia a respeito dos acontecimentos narrados sobre a nossa esquecida terra de Patu e entre os livros escritos, podemos apontar: História do Rio Grande do Norte – autor: Câmara Cascudo, Roteiros da Zona Oeste – autor: Raimundo Nonato da Silva, Os brilhantes – autor: Rodolfo Teófilo, e alguns outros autores.

Daí o significado extraordinário da elaboração da História do Município de Patu, pelo autor. Todos os acontecimentos que envolveram a nossa querida terra de Patu, aqui estão narrados de maneira minuciosa e simples.

Neste livro encontramos a origem da palavra Patu, a origem popular e a origem histórica; os lances da Câmara Municipal aqui estão descritos de maneira a projetar para todos nós o que esses representantes do povo fizeram em benefício de sua terra aos longos dos anos; os Prefeitos Municipais estão relacionados, e bem assim as suas principais realizações; as principais famílias de Patu e os seus descendentes, de maneira precisa estão relacionados; etc. etc.

Como se vê é um livro de grande valor para todos aqueles que se interessam pela História do Rio Grande do Norte, e em particular pela História de Patu.

Como filho desta brava terra parabenizo o Professor Petronilo, e que seu exemplo frutifique entre os estudiosos de nossa história, e que outros pesquisadores se interessem pelos nossos grandes e pequenos feitos. Só assim, pelo aparecimento de livros como este, História do Município de

Patu, onde estão enumeradas as suas grandes e pequenas conquistas, desde a data de sua fundação, é que poderemos compreender melhor o nosso povo e nossa gente.

Afinal de contas, o Professor Petronilo Hemetério Filho pode se sentir feliz e orgulhoso em ter realizado uma tão importante obra, para a preservação da memória dos acontecimentos históricos do Município de Patu.

Rafael Godeiro Sobrinho
Desembargador do TJ

Natal, 10 de outubro de 1983/2005.

SUMÁRIO

- Á Guisa de Prefácio 11
- Aos Leitores 15

- Origem de Patu 19
- Os primórdios da nossa história 21
- Eis a nossa História 23
- As características do Município 25
- Patu em Discurso 28
- O que diz o escritor Câmara Cascudo sobre Patu 31
- Do escritor Raimundo Nonato da Silva sobre Patu 33
- A Intendência em Patu 35
- Poder Executivo 39
- Poder Legislativo 45
- Poder Judiciário, História do Poder Judiciário em Patu 53
- Os Cartórios de Patu 58
- Os primeiros registros: nascimento, matrimônio e óbito 58
- Segurança Pública 61
- Eis alguns delegados civis adjuntos que atuaram em Patu 63
- Algumas Leis mais antigas que beneficiaram Patu 65
- Patu teve dois abolicionistas 77
- Carta de Alforria 78
- Instituições 80
- O Rotary Club de Patu 80
- Previdência Social 81
- Sindicato Rural de Patu (Patronal) 83
- Clube de Dirigentes Lojistas – CDL 85
- Municípios Desmembrados 87

- Geografia do Município de Patu 93
- Localização do Município 95
- O Mapa Atual do Município de Patu 96
- A Bandeira do Município de Patu 97

– O Hino do Município de Patu 98
– Detalhes sobre os limites do Município de Patu, Estabelecidas pelo Decreto-Lei n.º 311, de 2-2-1938 99
– Geografia – Acidentes Geográficos 101
– A Casa de Pedra 103
– O Pico do Cruzeiro da Serra de Patu 107
– As Comunicações 108
– O Drama da Seca 110
– A passagem do cometa Halley e outros acontecimentos vistos em Patu 119
– Alguns eclipses, aqui no Nordeste, vistos em Patu 120

– Sinopse do Município de Patu 121
– Meios de Comunicações Atuais 123
– Repartições de Interesse Público 126

– A Educação em nossa Cidade 131
– A Educação em Patu 133
– Telegrama – D.E.C. 151
– Comentários sobre o G. E. João Godeiro, escrito pela professora Maria Carmelita Rocha 153
– Comemoração do Dia 7 de Setembro em Patu 157
– Patuenses Formados em Grau Superior 159
– O Esporte 165

– Os Acontecimentos 167
– Jesuíno Brilhante, o Cangaceiro Romântico 169
– Informações sobre o Coronel João Dantas de Oliveira e como ele chegou no sítio Patu-de-Fora neste Município 175
– Alfredo Alves Leite, em conversa com o pesquisador, contou que ouviu Severino Moço falar sobre a grande amizade de Jesuíno Brilhante com o Coronel João Dantas de Oliveira 178
– A Revolução de 1930 em Patu: "Revolução Pente Fino" 183
– A Revolução Quebra Kilo – 1874 187
– A Guerra dos Bárbaros 188
– Os Patuenses também preparam resistência contra o ataque de Lampião a esta "Vila" 189

- Dois acidentes aconteceram na Serra de Patu 191
- Passagem do Milênio 192
- O Assassinato de um Médico do Hospital-Maternidade Dr. Aderson Dutra em Patu-RN 193
- Crônica - Carta do Adeus 195
- A Morte de Dr. Edino em Versos 197
- Relatório Publicado no Diário de Natal em data de 23-3-74: Louco matou Médico na porta do Hospital e Suicidou-se 201
- O Rali da Integração 203
- Estórias 204

- O Eclesiástico em Patu 205
- Documento Oficial da Fundação de Patu 207
- Segunda Escritura de Doação que faz o Capitão-Regente "Geraldo Saraiva de Moura" 211
- Sentença 213
- Narração da Fundação da Capela - A Igreja Matriz 215
- A Capela de Santa Terezinha 223
- A Crônica "Um Alemão na Paróquia" 226
- O Padre Estolano 228
- Homenagem Póstuma ao Padre José Kruza 229
- O Santuário do Lima 231
- Escritura do Lima com uma parte doada por Justino Leite e Raimundo Lopes Brasil 233
- As Igrejas Evangélicas: Assembléia de Deus em Patu 245

- Setor de Saúde e Assistência Médica 247
- Setor de Saúde 249
- Ata de Inauguração do Hospital-Maternidade "Dr. Aderson Dutra" ... 253
- Ato de Funcionamento 255
- Estado do Rio Grande do Norte - Câmara Municipal de Natal 258

- A Sociedade Patuense 259
- A Sociedade Contemporânea 263
- As Famílias Tradicionais de Patu 264
- Origem da Família Godeiro 265

- Rafael Godeiro da Silva: "Dados Biográficos" 269
- Biografia de João Godeiro 274
- Wellington Godeiro Fernandes 277
- A Família Dutra 283
- Dr. Aderson Dutra de Almeida 285
- Os Mouras vêm dos Árabes – "Mouros" 290
- Origem da Família Moura 293

- Quem foi o Professor Aderaldo José de Moura 357
- Quem foi Raimundo Basílio de Moura 363
- Transcrição do Hino do Centenário 367
- Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva 369
- Homenagem Póstuma 372
- A Família Solano 375
- Patriarca comemorou Centenário em Patu 376
- Outras Famílias de Patu: Rocha. Brasiliano. Luiz do Jatobá 378
- Almino Álvares Afonso 383
- Quem foi João Carlos da Silva 387
- Petronilo Hemetério Filho 391

- Fontes de Pesquisas 405

À GUISA DE PREFÁCIO

Petronilo Hemetério Filho, na intimidade, "Petro", foi um ousado e com certo "atrevimento"; ousado por não medir esforço físico e mental ao enfrentar, notadamente no mundo de hoje, a preocupação de escrever um livro de história com o fantasma da pesquisa, como ele mesmo o diz, "apesar da escassez de documentos" e, quanto ao "atrevimento", convidando-me para escrever alguma coisa sobre o livro.

Sófocles já dizia: "maravilhas há muitas, mas nenhuma tão estranha e terrível como o Filho do Homem". E nós aqui, será que poderíamos parodiar o grande Sófocles? Ao dizer que estranho e terrível é um obstinado nordestino que tenta seduzir a todos a fim de que venham conhecer sua terra e sua gente?

Lembro-me de Patu na década dos anos 50, mas somente de passagem. Antes, porém, já ouvia estórias as mais variadas, muitas das quais falavam de crimes, arruaças e a ferocidade dos patuenses.

Nada disto era verdadeiro. É certo que alguns "causos" podiam assombrar os mais pacatos ou fantasiar os mais fantasiosos. Outros municípios podiam ter a mesma fama - Alexandria, Pau dos Ferros, São Miguel e tantos outros da região serrana.

O nordestino, antes de ser um forte, se por um lado "esquenta a cabeça" em determinadas ocasiões, não recua diante de uma ameaça ou provocação, é muito mais forte na generosidade, na amizade sincera, na simplicidade e na honradez.

Quando retornei a Patu (também de passagem), depois de certo tempo, nos idos dos anos 67 e 68, quando inspecionava postos de saúde em todo o Estado, nada de novo encontrei. Patu ainda não tinha posto de saúde e, se por lá passei, foi para rever a cidade simpática que surge, como por encanto, ao sopé da serra, ou até mesmo reverenciar a memória de Jesuíno Brilhante.

Não se pode dizer, evidentemente, que neste livro se considere a História por si mesma, porquanto isto faria parte da historiografia. O que temos em mãos, além da documentação existente, é no dizer de Wilhelm Bauer "la captación momorista de fechas, nobres, acontecimentos y de su engrenaje causal".

O professor Petronilo nos dá uma idéia de surgimento num registro da vida de seu mundo, mundo às vezes hostil, mas com deliciosas personagens, tal e qual a professora rural Elisa Caipora e sua "pretinha", a palmatória que deve ter sido o terror dos meninos da época ou, ainda, as belezas da paisagem, outras vezes um mundo complicado, mundo dos fortes.

Petronilo vai muito além, na linguagem simples, mas de um sabor todo seu, Shotwell, mesmo num trabalho científico, pode se assemelhar ao nosso autor quando diz: "A parte artística recria a imagem daquilo que foi, e velhas, infelizes, distantes coisas, tornam-se uma vez mais a herança do presente".

A história de Patu, todavia, não se limita apenas a uma complicação de fatos, datas, nomes, etc. O leitor ávido disso tudo poderá se fartar, certamente, e até discutir com outrem na singular satisfação de mostrar conhecimento. Esta história serve muito mais; diz dos acontecimentos, traça perfis de homens importantes da sociedade local, seus comportamentos diante do meio em que viveram e não tenta mistificar a ninguém e tampouco acariciar velhos egoísmos, por isto tudo, não tenho medo de afirmar, é também sociologia, sem dúvida.

Para os livros de ficção, notadamente os romances engendrados com o fim único de despertar emoção, o tempo é um inimigo perigoso dessas produções, salvo aqueles romances que se tornam perenes através da genialidade de seus autores. Quanto aos livros de história, isto realmente não acontece, pelo contrário, o tempo não os apaga, porque neles o próprio tempo se faz presente, pois é uma de suas personagens. Podemos dizer que não importa como se relata a história. As crônicas v.g., mesmo sem o cientifismo, são histórias e quem pode deixar de reconhecer um historiador num Marco Polo, num Froissart e até no Fernão Mendes Pinto que se lhe atribuem certas mentiras a ponto de seus contemporâneos pejorativamente dizerem: Fernão Mendes? Minto!

O Mestre Cascudo disse certa vez que o esforço vale tudo e fale quem falar, mas escreva. Aí está o valor do esforço petroniliano, que não se deteve diante das dificuldades, e, sobremaneira, imaginou uma das maiores - a falta de público ledor ou interessado neste ramo difícil que é a História, principalmente hoje em dia com as publicações sintetizadas e industrializadas dos fascículos, os quais limitam até mesmo os interessados, levando-os a uma leitura dinâmica e mentirosamente "amena".

Mesmo assim, não acredito no insucesso deste livro produzido com tudo que dissemos acima e com muito amor. Abstive-me, neste ligeiro prefácio ou nestas considerações, de citar trechos do livro, minha intenção não é obrigar a ninguém a manuseá-lo. O anseio de conhecer deve ser primordial. O interessado deverá abri-lo para nele pesquisar o que é, para isto, que tenha sempre em mente, apenas isto: "um livro fechado é um amigo que espera", e não é de bom alvitre deixar um verdadeiro amigo esperando.

O Professor Petronilo Hemetério Filho com este livro, certamente atingirá os fins colimados. Fala da terra e do povo que aprendeu a amar, isto não simplesmente porque nasceu no Patu-de-Fora ou de Dentro, mas, mui especialmente, porque sente nas veias o calor de uma terra prometida.

Estendo minha mão ao nordestino que teve essa coragem, parabenizando-o com verdadeira emoção, a emoção de um nordestino que não teve felicidade de ter nascido sob a proteção da Virgem dos Impossíveis

F.C. CALDAS
Natal/março/1983/2005.

AOS LEITORES

Este livro tem por objetivo dar publicidade a um trabalho de pesquisa sobre a nossa história, realizada por um filho da terra que passou 11 anos coletando informações, procurando documentos, enfim, de etapa em etapa conseguiu com sacrifício a seqüência dos fatos até reproduzir este sumário de coisas do passado da nossa terra. Foi pesquisando que conseguimos descobrir os valores intelectuais, morais e políticos do passado, que até então estavam esquecidos, e hoje, data vênia, pelo nosso esforço, vem a conhecimento do público. Os fatos históricos descritos ligam o passado ao presente, valorizando a nossa cultura, enriquecendo nossas letras e promovendo o soerguimento da nossa história

Nossa tarefa foi longa e difícil, mas a enfrentamos com dedicação e coragem, e, temos certeza, ela servirá como um ponto de partida para continuidade da História de Patu.

Os esforços empreendidos nesta luta, sem fins lucrativos, são pura demonstração de nativismo. Existem falhas, bem sabemos, quer por excesso, omissões ou displicência; pedimos perdão e a complacência da crítica construtiva. A intenção foi acertar e de expor a verdade. Estamos a dar as melhores informações aos que manusearem este impresso; deixamos a critério de cada um o seu julgamento e até mesmo a sua crítica. Nunca se deve esperar de um ser humano, apenas acertos e perfeições e, como "SANTO DE CASA NÃO OBRA MILAGRE", aqui está o nosso trabalho com todos os erros possíveis mas envolvidos de dedicação e sinceridade. Ao invés de fazer crítica destrutiva, ajude-nos na correção de algumas falhas que por ventura venham surgir.

Tudo foi narrado neste livro, apesar da escassez de documentos; nossos antepassados não nos legaram quase nada escrito, evidentemente, mas a transcrição de textos de escritores diferentes, o parecer de cada um, pode atingir o colimado fim – o fato histórico. Doravante, estamos seguros, não acontecerá mais a falta inconcebível de informações para os interessados (novos autores), para as gerações futuras. Esta é a nossa compensação, a nossa alegria.

AOS LEITORES

Este livro tem por objetivo dar publicidade a um trabalho de pesquisa sobre a nossa história, realizada por um filho da terra que passou 11 anos coletando informações, procurando documentos, enfim, de etapa em etapa conseguiu com sacrifício a seqüência dos fatos até reproduzir este sumário de coisas do passado da nossa terra. Foi pesquisando que conseguimos descobrir os valores intelectuais, morais e políticos do passado, que até então estavam esquecidos, e hoje, data vênia, pelo nosso esforço, vem a conhecimento do público. Os fatos históricos descritos ligam o passado ao presente, valorizando a nossa cultura, enriquecendo nossas letras e promovendo o soerguimento da nossa história

Nossa tarefa foi longa e difícil, mas a enfrentamos com dedicação e coragem, e, temos certeza, ela servirá como um ponto de partida para continuidade da História de Patu.

Os esforços empreendidos nesta luta, sem fins lucrativos, são pura demonstração de nativismo. Existem falhas, bem sabemos, quer por excesso, omissões ou displicência; pedimos perdão e a complacência da crítica construtiva. A intenção foi acertar e de expor a verdade. Estamos a dar as melhores informações aos que manusearem este impresso; deixamos a critério de cada um o seu julgamento e até mesmo a sua crítica. Nunca se deve esperar de um ser humano, apenas acertos e perfeições e, como "SANTO DE CASA NÃO OBRA MILAGRE", aqui está o nosso trabalho com todos os erros possíveis mas envolvidos de dedicação e sinceridade. Ao invés de fazer crítica destrutiva, ajude-nos na correção de algumas falhas que por ventura venham surgir.

Tudo foi narrado neste livro, apesar da escassez de documentos; nossos antepassados não nos legaram quase nada escrito, evidentemente, mas a transcrição de textos de escritores diferentes, o parecer de cada um, pode atingir o colimado fim – o fato histórico. Doravante, estamos seguros, não acontecerá mais a falta inconcebível de informações para os interessados (novos autores), para as gerações futuras. Esta é a nossa compensação, a nossa alegria.

Na 2ª Edição com a atualização dos fatos históricos, apresentamos um trabalho mais completo para os leitores e pesquisadores. Como ninguém é perfeito, pedimos a compreensão da crítica no bom sentido, se por ventura houver alguma falha, ajudemos, colaboremos para chegarmos a perfeição

Na introdução ao estudo da nossa História, e para realçar ainda mais o processo evolutivo de nossa formação social, política e religiosa, da nossa cultura e das nossas tradições, tivemos que fazer um grande esforço, pois na transição de mais de dois séculos sem a publicação de fatos, acontecimentos e personagens importantes ligando o passado ao presente, dificilmente se atingirá o fim desejado. Neste trabalho de pesquisa trouxemos para o conhecimento do público, a memória de pessoas ilustres que no passado fizeram surgir o povoado, o distrito, o município, a vila e a cidade. Porém essas figuras eram esquecidas ou até ignoradas pela sociedade. Focalizamos os acontecimentos e descrevemos a História do nosso Município.

Aqui está nosso trabalho, ampliando conhecimentos, desfazendo enganos, retificando dúvidas e até mesmo as de origem mais remotas, desde os primeiros manuscritos até os arquivos atuais das repartições públicas e particulares, onde são registrados os eventos e acontecimentos em geral do nosso Município. Assim como, relatos das entrevistas com pessoas idosas da nossa sociedade.

Um espelho do passado relembrando memórias apagadas...

Os grandes sábios do passado nos legaram seus inventos e suas descobertas: literárias, científicas e humanistas. A história narra os acontecimentos ligando o passado ao presente, relatando a evolução dos povos e o desenvolvimento das civilizações. A invenção da imprensa foi um avanço no mundo literário com a impressão dos livros, jornais e revistas. Os pequenos pesquisadores se projetam numa trajetória histórica científica e tecnológica, em busca do aperfeiçoamento de suas idéias, que muitas vezes logram êxito, transformando-as em novas descobertas. Todavia, os grandes cientistas se sentem ameaçados com a ousadia dos pequenos e novos pesquisadores que aproveitam os conhecimentos dos mestres e por isto eles restringem o acesso dos aventureiros aos seus trabalhos. A História do nosso Município ainda está engatinhando e nossa cultura precisa ser organizada, a educação vai caminhando com os próprios pés, estamos precisando de um

órgão que agregue todo o acervo da cultura, da educação e da tradição da nossa gente, para guardar os documentos legados pelos nossos antepassados.

Temos que fundar uma "Instituição ou Fundação", que acolha toda a documentação referente ao Patrimônio Histórico/Cultural. Temos muito que aprender e praticar a preservação das tradições de um povo "intimorato". Descrevendo memórias e personagens importantes da nossa sociedade rural e urbana existem muitas coisas ainda desconhecidas, que estão inseridas em manuscritos, objetos e relíquias em poder de pessoas residentes na área do Município, que recolhidas e guardadas constituirão um Patrimônio Cultural de um valor histórico incomensurável.

Olha gente! Vamos convocar o Prefeito e mobilizar toda a comunidade para se engajar na luta pela preservação da nossa tradição, usos e costumes de um povo que precisa guardar todos os documentos e objetos antigos, criando uma repartição onde tenha um administrador para receber doações de documentos e relíquias, enchendo as prateleiras com manuscritos, livros e outros adereços históricos, constituindo assim, o nosso Patrimônio Cultural, para que os pesquisadores tenham neste órgão, todo o material suficiente para tirarem as suas dúvidas e escreverem o que preciso for. Por exemplo, os alunos do Campus Universitário UERN, têm dificuldade em encontrar onde fazer uma pesquisa para aprofundar os conhecimentos sobre as Monografias que lhes são exigidas no final de cada curso e muitos assuntos recaem na História do nosso Município.

É uma tarefa da Prefeitura Municipal fundar e manter a Casa da Cultura, um trabalho que caberá ao Secretário da Cultura - Sr. Ricardo Veriano e ao Prefeito atual - Sr. Possidônio Queiroga, com o *slogan* "avançando nas mudanças", em prol dos munícipes e das futuras gerações. Afinal de contas, estou propondo a criação do nosso órgão histórico cultural, onde possa agregar todo acervo de livros, papéis manuscritos, relíquias e peças antigas, seja um local de visitação pública, mantendo a população informada sobre a historiografia do nosso município. Seria o pecado do desinteresse se o Prefeito Possidônio não criasse a Fundação Cultural, para os turistas e visitantes testemunhassem o feito e aplaudissem o trabalho abnegado do Secretário da Cultura - Sr. Ricardo que escreveu e dirigiu a peça teatral - "O Auto de Jesuíno Brilhante", ao ar livre na Festa da Padroeira. Valeu a apresentação. Vamos juntar esforços e fazer o Teatro Municipal, sem diferenças de grupos nem ideologias, onde assento para ver

órgão que agregue todo o acervo da cultura, da educação e da tradição da nossa gente, para guardar os documentos legados pelos nossos antepassados.

Temos que fundar uma "Instituição ou Fundação", que acolha toda a documentação referente ao Patrimônio Histórico/Cultural. Temos muito que aprender e praticar a preservação das tradições de um povo "intimorato". Descrevendo memórias e personagens importantes da nossa sociedade rural e urbana existem muitas coisas ainda desconhecidas, que estão inseridas em manuscritos, objetos e relíquias em poder de pessoas residentes na área do Município, que recolhidas e guardadas constituirão um Patrimônio Cultural de um valor histórico incomensurável.

Olha gente! Vamos convocar o Prefeito e mobilizar toda a comunidade para se engajar na luta pela preservação da nossa tradição, usos e costumes de um povo que precisa guardar todos os documentos e objetos antigos, criando uma repartição onde tenha um administrador para receber doações de documentos e relíquias, enchendo as prateleiras com manuscritos, livros e outros adereços históricos, constituindo assim, o nosso Patrimônio Cultural, para que os pesquisadores tenham neste órgão, todo o material suficiente para tirarem as suas dúvidas e escreverem o que preciso for. Por exemplo, os alunos do Campus Universitário UERN, têm dificuldade em encontrar onde fazer uma pesquisa para aprofundar os conhecimentos sobre as Monografias que lhes são exigidas no final de cada curso e muitos assuntos recaem na História do nosso Município.

É uma tarefa da Prefeitura Municipal fundar e manter a Casa da Cultura, um trabalho que caberá ao Secretário da Cultura - Sr. Ricardo Veriano e ao Prefeito atual - Sr. Possidônio Queiroga, com o *slogan* "avançando nas mudanças", em prol dos munícipes e das futuras gerações. Afinal de contas, estou propondo a criação do nosso órgão histórico cultural, onde possa agregar todo acervo de livros, papéis manuscritos, relíquias e peças antigas, seja um local de visitação pública, mantendo a população informada sobre a historiografia do nosso município. Seria o pecado do desinteresse se o Prefeito Possidônio não criasse a Fundação Cultural, para os turistas e visitantes testemunhassem o feito e aplaudissem o trabalho abnegado do Secretário da Cultura - Sr. Ricardo que escreveu e dirigiu a peça teatral - "O Auto de Jesuíno Brilhante", ao ar livre na Festa da Padroeira. Valeu a apresentação. Vamos juntar esforços e fazer o Teatro Municipal, sem diferenças de grupos nem ideologias, onde assento para ver

Patú crescer culturalmente. Agora já tenho boas notícias da inauguração da Casa da Cultura, localizada no sobrado da Praça João Carlos, com a previsão para ser inaugurada em 30/12/2005. Parabéns Sr. Prefeito.

O meu agradecimento aos patrocinadores desta obra: Leônidas Ferreira de Paula - Presidente da FAERN; Câmara Municipal de Patú - Presidente João F. Dantas; Prefeitura Municipal de Patú - Prefeito Possidônio Queiroga; Deputado Estadual José Dias.

O reconhecimento do autor a Vint-un Rosado por ter doado o papel para impressão deste livro.

Patu 1982/2005
O Autor

ORIGEM DE PATU

— SIGNIFICADO DA PALAVRA "PATU"

— ORIGEM DE FUNDAÇÃO

— CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

— A FUNDAÇÃO DO POVOADO

— OS CHEFES DO POVOADO, INTENDÊNCIA E OS PREFEITOS

— O LEGISLATIVO MUNICIPAL

— A ORGANIZAÇÃO DO JUDICIÁRIO

— ALGUMAS LEIS – ANTIGAS E RECENTES

— INSTITUIÇÕES

— MUNICÍPIOS DESMEMBRADOS

OS PRIMÓRDIOS DA NOSSA HISTÓRIA

A nossa história é pobre de documentos; quase nada ficou escrito, pois até mesmo a documentação da Intendência não existe e o que encontramos foram escrituras de doações, únicas fontes da história patuense onde consta oficialmente o nome do verdadeiro fundador de Patu – Geraldo Saraiva de Moura, capitão comandante do regimento militar da Ribeira do Apodi, substituto, no posto, do Cel. Antônio de Lima, por exoneração desse coronel.

Sentimos a presença humana do fundador; proprietário, primeiro senhor, derrubando mato, erguendo a casa da fazenda, plantando roçado, abrindo caminho: Geraldo Saraiva de Moura, sua fazenda de gado bem próxima, ao pé da serra de "Patu-de-Dentro", era um lugar esquisito, deserto, onde onças esturravam à noite, o gado mugia, as emas se misturavam às boiadas que vibravam com os aboios dos vaqueiros.

O povoado de Patu foi do grande ciclo pastoril, onde o trabalho profícuo dos vaqueiros, a existência de águas boas e abundantes, os terrenos férteis de excelentes pastagens garantiram a fixação do homem à terra patuense. Tais fatos lembram como o homem adentrou o sertão, cheio de novas esperanças, sonhando com um futuro econômico tranqüilo e farto. Patu, terra batizada pelos índios Kiriris ou Cariris. Ainda hoje não se conhece o significado verdadeiro do seu nome de batismo. Os estudiosos e escritores têm apresentado hipóteses, apenas isto, mas não conseguiram provas concretas, ainda não decifraram este enigma.

O texto supra, faz alusões aos principais fatos que preconizam o aparecimento do povoado numa faixa remota da história local, quando tudo era difícil e, até para se escrever, faltava tinta, pena e papel. Por isso são raros os manuscritos e documentos sobre a História de Patu e algumas coisas que se sabe é por "ouvir dizer" e através de raros documentos, atas, revistas, jornais, livros de diversos autores, fotografias e documentos pessoais, escrituras públicas e particulares.

EIS A NOSSA HISTÓRIA

"Verso de Petronilo Hemetério Filho"

Um espelho surgido do passado
Que está nestas páginas desdobradas
Apresenta um retrato desbotado
Descrevendo as origens ignoradas
Relembrando memórias apagadas

PATU, PRA TODOS NÓS

"Poema de Lair Zomar"

Um poema semiárido
Envolto de ternura;
Ainda mais, uma cidade
Edificada com sacrifício,
Cujo ofício se resume
Em Luta,
Em vida,
Em Liberdade
Patú, prá todos nós...
Embalada pelo vento,
Banhada de sentimento
Diante de sua majestade
"A SERRA"
Aqui, a fraternidade tem sempre,
Marca registrada,
Pacto de um povo humilde
Em simetria com o Lima,
Onde Deus tem sua morada.
Patu de corpo e alma
De retratos e de lembranças,
De palavras, de esperanças,
Que buscam soluções afins.

Cidade é como gente,
Tem que brilhar.
Patú, Jesuinamente Patú;
Quem lhe mantém limpa,
Lhe ama,
Quem lhe suja
Apenas, reclama.

MENSAGEM CRISTÃ

CRISTO SE FEZ HOMEM COMO NÓS, NA POBREZA E NA SIMPLICIDADE. A humanidade está desvirtuada dos seus ensinamentos: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". A sociedade atual voltou-se para o campo da violência, do terror e da devassidão; vivemos num mundo conturbado pelo terrorismo e pelas drogas, sem paz e sem amor ao próximo, só o poder de Deus baixando sobre a terra, poderá frear tamanha rebeldia por falta de fraternidade e a violência.

O SEGREDO

O segredo é a chave do sucesso, assim é que a abelha transforma o néctar das flores em mel, sem que ninguém perceba ou haja emprego de agentes químicos, só com o dom que natureza lhe deu.

EXORTAÇÃO

PATUENSES: O progresso de uma cidade depende muito de seu chefe, entre os líderes da comunidade, escolham os mais capazes e os mais dinâmicos para administrar o município com honestidade. Peçam a Deus e Nossa Senhora dos Impossíveis que lhes dêem forças e coragem para trabalharem pelo progresso da cidade, pela paz e pela união da sociedade. Lutar pela educação, preservar a tradição histórica e o bem comum, defender o Município em todas as dificuldades, procurar desenvolver e conservar as suas potencialidades culturais, econômicas e turísticas.

AS CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO

Patu está localizado na Mesorregião do Oeste Potiguar e na Microregião Serrana, zona de agricultura e pecuária, que no início da colonização estava ligado ao ciclo dos currais. Os primeiros habitantes da terra foram: os índios "Cariris", "Janduis" e "Paains", depois os colonos criadores de gado, por volta do século XVIII e no século seguinte; houve um povoamento muito lento, os primeiros povoadores vieram de Apodi, onde eram radicados, como o Padre Francisco Pinto de Araújo, o Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira, o Capitão Leandro Saraiva de Moura e o Capitão Geraldo Saraiva de Moura. Câmara Cascudo, revendo o livro de sesmaria diz que não encontrou o nome do Capitão Geraldo Saraiva de Moura como recebedor de sesmaria no Patu de Dentro, só encontrara a do Capitão Leandro no Patu de Fora, mas as escrituras de doação do terreno para a construção da capela do futuro povoado de Patu, são documentos de 7 de julho de 1777, cujos documentos comprovam que o Capitão Geraldo Saraiva de Moura, era realmente possuidor de uma fazenda de gado, no local onde alguns anos depois foi construída um capela e ao redor dela começou o povoado de Patu. As primeiras casas do povoado ainda existem, algumas delas como a de Raimundo Basílio, atualmente reformada.

Com o passar dos tempos o lugarejo foi crescendo com o nome de Patu de Dentro, e, em 1852 foi aprovada a sua fundação pelo Governador da Província Dr. José Joaquim da Cunha com a denominação de Distrito de Paz de Patu, pela resolução nº 250, de 23 de março de 1852, sendo subordinado à cidade da Imperatriz, hoje Martins. No meado do século XIX, o Capitão José Severino de Moura, sucessor do fundador, era a figura principal da organização administrativa de nossa terra. Foi ele quem conseguiu a aprovação da fundação do povoado com o Presidente da Província do Rio Grande do Norte. Depois ele passou a chefia do Município a seu filho José Severino de Moura Júnior e seu sobrinho Raimundo Basílio de Moura, que durou até o início da República. O Governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão elevou o povoado à categoria de Vila e o Distrito a Município pelo Decreto nº 53, datado de 25 de setembro de 1890. O Município de Patu foi desmembrado de Martins, obedecendo aos limites da freguesia de Nossa Senhora das Dores. Os batalhadores para a criação deste município foram

Raimundo Basílio, Moreira Dias e Almino Afonso, que eram políticos influentes daquela época, sendo que os dois últimos eram parlamentares. Um era Senador e o outro era Deputado Constituinte, eles reivindicaram ao Presidente da Província a criação do nosso município, sustentaram o pedido, defenderam a emancipação de Patu, esforçaram-se até alcançar a sua aprovação. O Município foi instalado em 1°-11-1890. A sede do Município chamava-se Vila até o ano de 1936, e nesse ano passou a Cidade de Patu. O autor do projeto foi o Deputado Felipe Nery de Brito Guerra, apresentado na Assembléia Legislativa em 3-9-1936 e aprovado na Seção do Legislativo em 23-9-1936, sendo convertido na Lei n° 29, sancionada pelo Governador Monsenhor João da Matha Paiva, em 3-11-1936.

A Câmara Municipal de Patu foi criada pela Lei Orgânica n° 109/48 e instalada no dia 17-04-1948, com sua seção magna presidida pelo Dr. Zacarias Gurgel Cunha, Juiz Eleitoral da 37ª Zona. Completando assim a autonomia política administrativa do Município, que passou a ter os Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Este último surgiu com a criação da Comarca, cuja instalação ocorreu no dia 19-1-1949.

HIPÓTESES SOBRE A ORIGEM DA PALAVRA PATU

Lendas e contos supersticiosos dizem que dois caboclos irmãos tinham suas casas e gleba de terras próximas ao pé da serra e um dia um dos caboclos disse ao outro: quando eu morrer isto aqui fica PA-TU. Dizem as mesmas fontes de informações que daí surgiu o nome de PATU, porém não existem provas para tal hipótese, isso é uma versão lendária, que os antepassados inventaram e se transmitiu às gerações posteriores.

Presume-se que venha de uma palavra indígena, mas não se sabe se era o nome de uma árvore, planta, pássaro, serra ou outra coisa. Existe neste município o serrote do letreiro (divisa com a Paraíba) e o lajedo do Jatobá, que tem sinais, que parecem letras, mas é ignorada a sua tradução; quem sabe se o significado destes sinais poderia justificar a origem da palavra Patu.

A mais aceita é do escritor Câmara Cascudo, na Toponímia do Rio Grande do Norte. Em Língua Tupi quer dizer terra alta, chapada, planalto, chapada sonora, serra do estrondo, lugar em Portalegre, explicando os

fenômenos conhecidos na região, com palavras em tupi; IBA...IBI-Ã...E TU...SOAR, cuja tradução ainda é ignorada. Patu é uma denominação Cariri, índios que habitavam essa região, antes da chegada dos colonizadores.

Embora Câmara Cascudo não tenha informado sobre os índios Janduís e Paains, eles também habitaram nesta região.

PATU EM DISCURSO

Patu, cidade sertaneja de homens inteligentes, tem o maior número de pessoas formadas entre as cidades do interior; os patuenses são bons de convicção, são acolhedores e amigos, trabalhadores, progressistas e destemidos. Podemos dizer que este lugar foi abençoado por Deus e Nossa Senhora dos Impossíveis, que lá de cima da Serra do Santuário do Lima, fazem cair as bênçãos do céu, para todos os patuenses. Tudo em Patu é bom, cidade de uma gente hospitaleira, de águas azuis e tão boas que parecem ser mineral; a terra produz tudo, fica na região de solos férteis, de boas pastagens, o gado aqui nos fornece uma carne-de-sol de primeira qualidade e de excelente paladar. Para se falar a verdade, não só o solo, mas os habitantes locais, são dotados de boas qualidades e para orgulho dos patuenses se diz na redondeza: Patu é terra de gente boa, pois até um cangaceiro que nasceu aqui era um bom cangaceiro: Jesuíno Brilhante o cangaceiro romântico". Tudo que é belo vem de Deus, as moças daqui são bonitas e educadas, os homens são cavalheiros e os velhos são bons conselheiros. A linda montanha, feita por obra da natureza, protege e embeleza a cidade que fica à sua sombra.

O homem que se destina a morar no sertão precisa vencer as inclemências, dominar as dificuldades do meio, ser forte, ser bravo, mostrar a sua coragem em busca da sobrevivência, como disse Euclides da Cunha: aqui só há um infortúnio que é o fenômeno das secas que martiriza o homem do campo, levando-o a viver arrependido, pois no ano que ele planta muito, chove pouco ou quase nada, quando planta pouco, chove demais, que muitas vezes dava para colher duas plantações. É por dizer, o agricultor nordestino vive na perspectiva dos invernos incertos e Patu está incluído no polígono das secas, onde as precipitações pluviométricas são irregulares, levando o lavrador patuense ao desânimo e a perder as suas lavouras por falta de chuvas como está acontecendo nesta data. Assim foi o discurso do Dr. José Cortez Pereira, cidadão honorário de Patu, na boate Pântano no dia primeiro de maio de 1980, por ocasião do recebimento do diploma de Cidadão Patuense, outorgado pela Câmara Municipal desta cidade.

Patu, cidade serrana de tantas noites venturosas, seguidas de aurora que desabrocham as flores na primavera e nasce um novo dia que na manhã

ensolarada traz o perfume das rosas que anima e encoraja ao homem trabalhador sertanejo. Patu lugar onde o vento do sul sopra durante os meses de julho a setembro, refrescando o clima, há um outro vento oposto, o vento da praia, também chamado de vento do norte, chega à tardinha e entra noite para amenizar o calor durante os meses de outubro a janeiro de cada ano. Assim descrevemos em oratória as naturais qualidades da cidade e da nossa gente.

O QUE DIZ O ESCRITOR CÂMARA CASCUDO SOBRE PATU "TOPONÍMIA"

Patu: Município em 1890. Conhecido pelos indígenas Cariris e Tarairiús. Patu é denominação Cariri, de tradução ignorada. As explicações locais são facciosas. Em tupi, poderia provir de iba por ibi-ã, a terra alta, chapada sonora, explicando desta forma os fenômenos de repercussão, conhecidos e tradicionais na região. Lugar em Portalegre, onde penetra o rio de Pau dos Ferros, o mesmo Apodi.

Patu: Criado em 25 de setembro de 1890. Desmembrado do município de Martins. Cidade a 3 de novembro de 1936.

Zona de indígenas cariris. Ciclo pastoril do Apodi. O povoamento efetivo data do século XVII. O Padre Francisco Pinto de Araújo, em 29 de agosto de 1718, obtinha uma sesmaria na Serra de Patu. Em 1742, o Capitão Leandro Saraiva de Moura era proprietário do Patu de Fora, e em 1755 do Sítio Boqueirão. A fama é ter o Capitão Geraldo Saraiva de Moura, fundado a povoação, começando com uma fazenda de criar ao pé da serra. Requerendo sesmarias, nunca encontrei o Capitão Geraldo nos antigos documentos e sim o Capitão Leandro, como escreviam. A primeira residência da futura cidade foi construída pelo Sr. Raimundo Basílio, casa que ainda existia em 1925. Matriz de N. Sr.ª das Dores do Patu em abril de 1852. Distrito de Paz em março de 1852, assim como escola rudimentar. Ver o topônimo Patu.

A grande figura tradicional é Antônio de Lima Abreu Pereira, Coronel-Comandante do Regimento de Cavalaria e Ordenanças das Várzeas do Apodi, e morador na ribeira do Apodi na Serra do Patu. Possuía terras por toda parte. Em 1758, fez erguer a Capela de N. Sr.ª dos Impossíveis no cimo da serra que lhe herdou o nome, Serra do Lima. Em 1788, ainda vivia, amargurado e velho. Casado com Dona Paula Moreira Braba (ou Braga) não deixou filhos. O herdeiro foi um sobrinho e afilhado, Manoel da Cunha Camelo falecido em 1866, e que remodelou a capela, doando a segunda imagem da Santa. Da primeira, não há notícias.

Em 22 de março de 1785 o Capitão-General e Governador de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, mandou dar baixa no posto de Coronel-Comandante ao poderoso Lima, o que foi prontissimamente obedecido pelos Governadores Interinos da Capitania, Tenente José Barbosa

Gouveia e o Vereador Antônio da Rocha Bezerra. Comunicaram, em ofício de 6 de julho do mesmo ano de 1785, ao Capitão do Regimento, Geraldo Saraiva de Moura, mandando-o divulgar pelo Apodi que o ex-Coronel nada mais comandava. Em agosto de 1788, informando ao Governador de Pernambuco sobre a desorganização dos Regimentos de Ordenanças, os mesmos governadores interinos escreviam: "O Regimento do Apodi apenas tem um Capitão, homem prudente e capaz, Geraldo Saraiva de Moura; o Coronel deste Regimento, como V. Exª sabe, deu-se-lhe baixa bem merecida pela sua conduta". Qual teria sido o crime do padrinho da Serra do Lima?

DO ESCRITOR RAIMUNDO NONATO DA SILVA SOBRE PATU

Na crônica dos municípios da zona oeste, Patu guarda o renome de beligera fronteira dos sertões. Terra pequena exposta às calamidades que intranqüilizam o interior. De modo quase permanente, habitada por homens de trabalho, sertanejos fortes, tradicionalistas, certos nos compromissos e nas amizades, o distante reduto dos Godeiros espalha a fama de uma gente boa e intimorata.

O começo do século XVIII foi também o início do povoamento do sertão. Os terços paulistas que, vindos de São Francisco, haviam descido o rio Assu, até a embocadura, e as várias expedições que haviam subido o rio. em perseguição aos índios, foram disseminando colonos ao longo das suas margens. Pelo rio Mossoró acima se localizando outros colonos, até as serras de Martins e do Patu. Esta é uma das mais antigas referências sobre o estabelecimento dos renovadores, naqueles rincões marginados pela serrania descalvada, que se erguia perto. Outras informações sobre a sucessão dos acontecimentos e sobre as lutas que deram lugar à posse das terras são imprecisas e vagas, sabendo-se apenas, que o vilarejo nasceu de um ajuntamento de feirantes reunidos em dia certo, ali pelas proximidades da serra do Cajueiro. A respeito das origens do seu nome também escasseiam as notas. O próprio autor da "Denominação dos Municípios" não encontrou qualquer tradução segura ou versão aceitável.

No aspecto físico, o município de Patu não fez exceção aos demais da região em que se encontra encravado. Seu território, que não é dos menores, indo pouco além de 1.500 km^2, com uma elevação máxima de 275m, em relação ao nível do mar se alarga em terreno semi-árido e seco. Por toda parte, afora curtas nesgas campestres suas terras férteis se prestam a larga plantação, especialmente de algodão, feijão e milho. Sua agricultura, que podia ser muito mais desenvolvida é como a dos outros municípios, entravada pelos rotineiros processos agrários que ainda predominam nos trabalhos dos sertões.

Do seu elemento demográfico, Patu se destaca com um registro especial: anotam os "Cenários Municipais", comparando os gráficos dos

recenseamentos de 1920 a 1940, no Rio Grande do Norte, o considerável aumento de população do município sendo depois de Currais Novos, o que maior percentagem apresentou no período decorrido. A cidade, sede do município, era pequena. E mesmo desajudada dos planos e dos melhoramentos, dispõe de um Grupo Escolar, de uma Cooperativa Agropecuária de Crédito Rural, e é servida pela Estrada de Ferro de Mossoró. Não existem monumentos históricos, atualmente as estradas são pavimentadas, razão pela qual encurtaram as distâncias.

O Lima é o retrato fiel do espírito e da crença de sua gente. O patrimônio da capela foi doado por Antônio Lima Abreu Pereira, em 1758. A tradição da cultura da terra patuense vive na memória do seu grande e altiloqüente tribuno, Almino Álvares Afonso, latinista famoso, que rindo das dificuldades do Imperador, no traquejo da língua de Virgílio, dizia:

"Com este latim, eu vivo me divertindo com os moleques, nas capoeiras da Serra do Martins".[1]

[1] Almino Álvares Afonso deixou renome pela eloqüência dos seus discursos. A bem dizer foi ele a maior figura de abolicionista do Estado. Fez a campanha do Ceará, como um dos seus grandes líderes. No Rio Grande do Norte, em Mossoró, a 30 de setembro de 1883, foi quase uma obra sua. É célebre a ata que escreveu no dia em que se fez a Abolição naquele município, é um documento digno da sua cultura e do seu amor à causa da Liberdade. Do livro **Roteiro da Zona Oeste**, págs. 50/55.

A INTENDÊNCIA EM PATU[2]

A Intendência era o que nós chamamos hoje de Prefeitura, surgiu com a criação do Município, a sede do município chamava-se Vila e o órgão municipal encarregado de fazer a administração do lugar era denominado de Intendência, foi fundada em Patu no ato da instalação do município em 1°-11-1890, o chefe era chamado de Presidente da Intendência; havia um Conselho constituído de sete membros que chamava o "Conselho da Intendência" cuja função era legislar e auxiliar o Executivo, exercia o papel que hoje se faz na Câmara Municipal, fiscalizava as contas da Intendência que deliberava sobre assuntos administrativos e os negócios públicos do município. O primeiro Conselho estava assim constituído: Aniceto Joaquim de Sales, Rafael Jácome de Lira, Joaquim Pinto de Mesquita, Raimundo Peixoto Dantas, Landelino Cirino de Moura, João André de Paiva e Florêncio Cirino de Moura.

A arrecadação dessa instituição era feita através de leilão dos impostos, que se realizava no primeiro dia de cada ano. Havia uma solenidade onde se reunia o Presidente, o Conselho da Intendência e com a participação do povo a arrematação; quem arrematasse pagava na hora e ficava com o direito de cobrar aquele imposto durante o ano todo para si, só o imposto de indústria e profissão era cobrado na repartição, o resto era leiloado e não havia cofre nem tesouraria, o chefe recebia o dinheiro e ele mesmo guardava, não tinha orçamento, a fiscalização do emprego do dinheiro público, era feita pelo Conselho da Intendência. Os maiores arrematadores foram: Juvêncio Hemetério de Moura, que arrematava o imposto de feiras, Manoel Godeiro o imposto de sangue (imposto de açougue), Manoel Basílio, o imposto predial e assim era a estrutura da arrecadação em nossa cidade, que durou de 1890 a 1929, aproximadamente Alexandrino Bandeira de Moura, Oficial de Justiça, era quem apregoava o leilão. Em Patu a Intendência funcionava no prédio onde hoje é o gabinete

[2] João Inácio de Oliveira – 84 anos, foi fiscal da Intendência e Secretário da Prefeitura; Felinto da Silveira Barros – 89 anos, foi delineador das fronteiras do Município na época da Intendência, e outras fontes com alguns documentos velhos adquiridos na zona rural e urbana e José Godeiro da Silva.

odontológico de Dra. Leni Rocha e residência dos familiares do ex-prefeito Sr. Lourival Rocha, na Praça da Matriz. De 1929 até 1965, funcionou no sobrado na Praça João Carlos no Edifício Castelo Branco, que foi construído por Francisco Vicente, fazendeiro neste município; comprado e reconstruído, por Rafael Godeiro, para sede da Prefeitura Municipal. Atualmente fica na Av. Antônio Suassuna nº 54 no bairro Nova Brasília.

Os documentos da Intendência não foram encontrados nos arquivos da Prefeitura. Informou João Inácio de Oliveira, que eles foram tirados dos arquivos e feito um montão no muro da Prefeitura. Foi tocado fogo pelos jagunços da Revolução Liberal, quando por aqui passaram; ele disse que avistou a fumaça e no dia seguinte encontrou só as cinzas e o resto dos papéis queimados, não ficou um só livro, nem de ata nem de arrecadação. Só temos documentos nos arquivos da Prefeitura de 1931 em diante. Contou o declarante que fugiu correndo para não apanhar dos cangaceiros da revolução "pente fino". Do período da Intendência só existem raros documentos em mãos de particulares espalhados pelos sítios, o que foi narrado sobre esse período foi contado por pessoas idosas, tirado de alguma escritura ou relíquias de documentos históricos. Foi uma barbaridade cometida contra a nossa história, queimar um acervo de um órgão público de administração local, onde estavam escritos os fatos históricos desde a fundação do povoado até 1930, foram, portanto 82 anos transcorridos, com tudo registrado em livros, que valiam hoje tesouros para a nossa história. É lamentável, mas impossível se recuperar tão grande perda. Maior foi a incompreensão de quem mandou destruir, porque as gerações atuais estão reclamando pois não tiveram culpa das divergências políticas daquela época, que geraram um ódio eterno até documentos que foram escritos pelos perrepistas em nossa cidade. Em nossa opinião se não existissem as divergências político-partidárias o mundo seria melhor, havendo mais paz e fraternidade entre os homens.

Com a Revolução de 1930 foi criado o cargo de Prefeito Provisório que durou todo o período da Revolução de Getulio Vargas, e foi criado o Conselho Consultivo da Vila de Patu, em substituição ao antigo Conselho da Intendência, que também tinha o papel de revisar os atos do Prefeito e aprovar os gastos da Prefeitura.

O Conselho Consultivo da Vila de Patu, criado pelo Decreto Federal nº 20348, de 29-08-31, cujos membros foram nomeados pelo Interventor

Estadual, pelo Decreto nº 173, de 4 de janeiro de 1932 e sua instalação se deu no dia 13-1-32, estava constituído dos seguintes membros:

1 – Cícero Vicente de Oliveira; 2 – João Ferreira da Silva; 3 Etelvino Fernandes Leite.

PODER EXECUTIVO

CHEFES DO POVOADO DE PATU

Desde a sua fundação até os nossos dias.

Os primeiros administradores no período de 1777 a 1900 foram os seguintes:

1 – Capitão Geraldo Saraiva de Moura, comprovado por documentos que foi ele o fundador e administrador de Patu.

2 – Capitão José Severino de Moura, sucessor do fundador, foi quem conseguiu a oficialização da Fundação do Povoado, pela Resolução nº 250 de 23-3-1852, do Governo da Província do Rio Grande do Norte com denominação de Distrito de Paz de Patu e a criação da freguesia de Nossa Senhora das Dores.

3 – José Severino de Moura Júnior, era filho do Cap. José Severino que o substituiu durante uns dez anos.

4 – Raimundo Basílio de Moura, (segundo João Inácio de Oliveira) era sobrinho do Capitão José Severino, que chefiou o povoado durante 15 anos (1884 a 1900), foi um baluarte na criação do Município, ele, Moreira Dias e o Senador Almino Álvares Afonso, defenderam na Assembléia Constituinte a elevação do Distrito à categoria de Município e a sede do povoado a Vila, cujo projeto foi da autoria do Desembargador Moreira Dias que naquela época era Deputado Constituinte e no Governo de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão foi sancionada a Lei nº 53, de 25 de setembro de 1890, criando oficialmente este Município.

PRESIDENTES DO CONSELHO DA INTENDÊNCIA

5 – Bento Saraiva de Moura – Presidente da Intendência
6 – Emílio Dias da Cunha – Presidente da Intendência
7 – Cel. Justino Leite da Costa – Presidente da Intendência
8 – Antônio Ferreira da Silva – Presidente da Intendência
9 – Clodomir Cavalcante Chaves – Presidente da Intendência (Assassinado)
10 – Joaquim Godeiro da Silva – Presidente da Intendência
11 – Tirbutino Lira de O. e Silva – Presidente da Intendência
12 – Rafael Godeiro da Silva – Presidente da Intendência

de 1923 a 1929, neste período a Intendência transformou-se na Prefeitura Municipal. Ele foi Prefeito por 3 (três) vezes, foi deputado Estadual no triênio 1927/28 e 29. Com a Revolução Liberal em outubro de 1930, assumiram a Prefeitura como Prefeito Provisório as seguintes pessoas:

13 – Ascendino de Almeida – 1930 a 1932 – Prefeito provisório
14 – Enéas Hipólito Dantas – 1932 a 1933 – Prefeito provisório
15 – Roque de Macedo – 1933 – Prefeito provisório
16 – João Gomes – 1934 – Prefeito provisório
17 – Pompeu Teixeira de Lira – 1934 a 1935 – Prefeito provisório
18 – Júlio Fernandes da Costa – 1935 a 1936 – Prefeito provisório
19 – Rafael Godeiro da Silva – 1936 a 1940 – Segundo Mandato
20 – Dr. Aderson Dutra de Almeida – 1941 a 1942
21 – Raimundo Belarmino – 1943 substituto
22 – Pedro Heráclito – 1944
23 – Tenente Álvaro Nunes – 1944 a 1945
24 – Arcílio Alírio Trigueiro – 1945 poucos meses.
25 – Rafael Godeiro da Silva – 1945 a 1946 – 3º período de mandato de Prefeito de Patu.
26 – Antônio Suassuna – 1947 a 1948 - Nomeado pelo Interventor Antônio F. Dantas, tendo sido o último Prefeito nomeado. Com a volta da Democracia, em 1948, foram eleitos pelo voto livre os seguintes candidatos:

27 – Felinto de Paiva Gadelha 1948 a 1952 Prefeito Eleito.

28 – Lauro Maia – 1953 a 1954 (Assassinado)

29 – Petronilo Augusto de Paiva – 1954 a 1955 – (Substituto de Lauro Maia e Presidente da Câmara)

30 – Antônio Suassuna Barreto – 1955 a 1958 - Prefeito titular eleito pelo voto livre

31 – Aderson Dutra de Almeida – 1958 a 1962 - 2° mandato de Prefeito eleito

32 – José Belarmino de Azevedo – (Eventual 3 meses)

33 – João Pereira de Araújo – 1963 a 1969 houve neste período prorrogação de mandato

34 – Lourival Rocha – 1969 a 1973

35 – João Pereira de Araújo – 1973 a 1976 – 2.° período

36 – José Tavares de Holanda – 1977 a 1983 houve prorrogação de mandato por dois anos

37 – Epitácio Andrade – 1983 a 1988

38 – Sebastião Petronilo de Moura – (Período de 3 meses) era o Vice-Prefeito e assumiu interinamente por licenciamento do titular em 1986

39 – Ednardo Benigno de Moura – 1989 a 1992

40 – Lair Solano Vale – 1993 a 1996

41 – Ednardo Benigno de Moura – 1997 a 2000 (2° Mandato)

42 – Possidônio Queiroga da Silva Neto – 2001 a 2004

43 – Possidônio Queiroga da Silva Neto – Reeleito para o período de 01/01/2005 a 31/12/2008

Epitácio de Andrade e Sebastião Petronilo de Moura tiveram o mandato de seis anos – 1983/1988, durante este período Sebastião Petronilo assumiu o cargo de Prefeito Interino de abril a junho de 1986, por motivo de licença do titular. Sebastião é bisneto de Raimundo Basílio. Foi mais um descendente do criador deste município ao chegar ao poder.

Ambos procuraram administrar com paz e progresso, zelando pela educação que é a coisa mais sublime de um povo, dentro da filosofia do bem comum, dinamizaram a administração municipal. Antes de assumir a Prefeitura, Epitácio de Andrade foi Secretário de Administração Municipal, por mais de 20 (vinte) anos.

A Prefeitura Municipal de Patu, na sua estrutura administrativa tinha um Secretário Administrativo e um Tesoureiro, para descentralizar a manipulação dos trabalhos do Executivo. Eis alguns dos Secretários:

1 – Pedro Dantas da Rocha..... 1930/32
2 – Maurílio Eufrásio.....1933/35
3 – Francisco Dantas da Silva.....1936/40
4 – Raimundo Belarmino da Fonseca.....1941/42
5 – Adelgísio Dutra.....1943/44
6 – João Inácio de Oliveira.....1946
7 – Luiz Domiciano da Costa.....1946/47
8 – Maria Lizenir de Moura.....1948/51
9 – Raimundo Antenor da Silva.....1951/52
10 – José de Deus Dutra.....1953/54
12 – Epitácio de Andrade.....1955/57
11 – Raimundo Godeiro Carlos.....1958/62
12 – Epitácio de Andrade.....1963/82
13 – Sebastião Tavares de Holanda.....1982/88

O cargo de secretário de confiança, em cada administração mudava-se de Secretário e Tesoureiro, sendo que alguns que deles exerceram mais de um mandato executivo, pois muitas vezes o Prefeito não mudava o Secretário para não dificultar a administração ou mesmo criar incompatibilidade.

Com a eleição de Dr. Ednardo Benigno de Moura, de 1989 até 1982, houve a descentralização da Administração que passou a ter cinco secretarias: Sec. de Administração – Luiz Gonzaga de Oliveira; Sec. de Obras – Petronilo Hemetério Filho; Sec. de Saúde – Margarida Maria de Aquino; Sec. de Educação – Maria Celi Suassuna Barreto; Sec. de Finanças – Tarcísio Moura.

Atualmente foram criadas outras secretarias.

Fonte de consulta: Livro de assentamentos da Prefeitura local e informações de João Inácio de Oliveira e Felinto Barros.

A LEI ORGÂNICA DOS MUNICÍPIOS

A Lei nº 109, de dezembro de 1948, era também chamada de Lei Orgânica dos Municípios, ela procedeu a reestruturação dos Municípios, após o Estado Novo. O Art. 20 - prevê a denominação do município sede, distritos e vilas, – em seu parágrafo 5º, prevê a divisão administrativa Municipal em dois ramos de poderes: Executivo que é o Prefeito e Vice-Prefeito; Legislativo, que é a Câmara Municipal e os vereadores.

A Lei Orgânica, disciplina as obrigações. Art. 40 - O Município a ser desmembrado responderá pela proporcionalidade territorial exercida pelo desmembramento que será feito por órgão técnico do Governo Estadual. Patu sofreu quatro desmembramentos, por força de Leis Estaduais.

Passarei a descrever detalhadamente a criação e funcionamento da Câmara Municipal de Patu. A Lei Orgânica dos Municípios nº 109/48, foi modificada pela emenda nº 0001/98, para se adequar a Constituição Federal/Estadual de 1988 – Título I – Da Organização Municipal – Art. I – O município de Patu, pessoa jurídica de direito público interno, no pleno uso de sua autonomia política, administrativa e financeira, obedecidas às disposições constitucionais da República Federativa do Brasil e do Estado do Rio Grande do Norte, rege-se por esta Lei Orgânica. Tendo sido promulgada pela Câmara Municipal em 03 de abril de 1990.

Petronilo Hemetério Filho

PODER LEGISLATIVO

Antes da Câmara Municipal, existia o Conselho da Intendência, constituída de 7 (sete) membros e um deles era eleito Presidente e era o chefe do Município. Esta eleição era entre os membros do dito Conselho. O período de duração do conselho foi do início da República até a Revolução de 1930, tendo sido renovado os membros do citado conselho várias vezes por eleição.

Com a Revolução Liberal de 1930, foi mudado o nome do órgão auxiliar da administração Municipal. Passou a ser Conselho Consultivo do Município, constituído apenas de três membros, cujas funções eram auxiliar e fiscalizar a Administração Municipal. O Conselho Consultivo durou até a Ditadura de 1937, quando Getúlio Vargas criou o Estado Novo. Com a volta das instituições Democráticas surgiu a Câmara Municipal de Patu que até hoje continua legislando na esfera Municipalista.

A CÂMARA MUNICIPAL DE PATU foi criada e estruturada pela Lei Orgânica dos Municípios, faz parte de um dos ramos do poder administrativo do município, "O PODER LEGISLATIVO" tem por objetivo elaborar as Leis pelas quais o Poder Executivo se rege, também fiscaliza os atos do Prefeito e a administração de um modo geral, bem como a aprovação do orçamento anual, apreciação da prestação de contas da Prefeitura e a aplicação dos dinheiros públicos Municipais etc.

A Câmara Municipal de Patu, no auge da restruturação da Democracia e na Instituição Constitucional, foi criada pela Lei Orgânica dos Municípios nº 109/48, quando houve eleição para os cargos de Vereadores e Vice-Prefeito, de conformidade com a Lei Eleitoral; os candidatos concorrem na chapa do voto livre, os eleitos se constituíram membros da Câmara dando oportunidade à criação de nossa Câmara Municipal, que foi instalada no dia 17/4/48, com a Primeira Legislatura que ficou assim constituída: 10 (dez) Vereadores, sendo que o Vice-Prefeito era o Presidente da Casa.

1 – Júlio Fernandes da Costa: Presidente, Vice-Prefeito; 2 – Bel. José de Deus Dutra: 1º Vice-Presidente (Vereador); 3 – Jorge Teixeira de Lira: 2.º Vice-Presidente (Vereador); 4 – Francisco da Silveira Barros: 1.º Secretário (Vereador); 5 – Luiz Antônio de Oliveira: 2º Secretário (Vereador); 6 – José

Ezequias de Paiva (Vereador); 7 – João Luiz de Moura (Vereador); 8 – Cícero Capitulino Torres (Vereador); 9 – Francisco Solano Filho (Vereador); 10 – Honorato Suassuna (Vereador); 11 – Genuíno Fernandes Jales (Vereador).

Terminando o primeiro período legislativo, iniciou-se a Segunda Legislatura em 1952, com onze vereadores:

Aurino Carlos da Silva – (Vice-Prefeito, não assumiu porque foi acusado da morte de Lauro Maia) e os Vereadores:

1 – Petronilo Augusto de Paiva: 1.º Vice-Presidente; 2 – João dos Santos: 2.º Vice-Presidente; 3 – Inácio Gabriel da Silva: 1.º Secretário; 4 – Gabriel Godeiro da Silva: 2.º Secretário; 5 – Raimundo Antenor da Silva; 6 – Mário Benício Maia; 7 – Francisco da Silveira Barros (2.ª eleição); 8 – Agácio Carlos de Amorim; 9 – Francisco Dantas da Rocha; 10 – Jorge Teixeira de Lira (2.ª eleição); 11 – Milton Mendes da Silva.

A Terceira Legislatura foi iniciada em 1956, com onze vereadores e estava assim constituída: Jorge Teixeira de Lira era o Presidente e Vice-Prefeito.

1 – Valdemar Cordeiro Vale – 1.º Vice-Presidente
2 – José Andrade Silva – 2.º Vice-Presidente
3 – Luiz Leite da Silva – 1.º Secretário
4 – Milton Mendes da Silva – 2.º Secretário
5 – Sebastião Petronilo de Moura
6 – Francisco Otávio de Moura
7 – João Etelvino da Cunha
8 – João Francelino de Moura
9 – Francisco Canuto de Araújo
10 – Inácio Gabriel da Silva (2.ª eleição)
11 – Onésio Fernandes Maia

A Quarta Legislatura teve início em 31-3-58 a 31-3-63 com 11 vereadores: José Tavares de Holanda – Presidente (Vice-Prefeito)

Vereadores:

1– José Belarmino de Azevedo – 1.º Vice-Presidente
2– Maria Lizenir Moura – 1.ª Secretária

3– Sebastião Petronilo de Moura – 2.º Vice-Presidente (2.ª eleição)
4– João Pereira de Araújo – 2.º Secretário
5– Ariosvaldo Pereira de Andrade
6– Francisco Luiz Filho
7– Rossival Saboia da Silva
8– Francisco Clementino Filho
9– Francisco Otávio de Moura (2.ª eleição)
10– Hemetério Fernandes Jales
11– Cícero Jácome de Lira

A Quinta Legislatura – de 31-3-1963 a 31-1-67 – com vereadores, assim constituídos: Francisco Francelino de Moura – Presidente (Vice-Prefeito)
1– Sebastião Petronilo de Moura – 1.º Vice Presidente (3.ª eleição)
2– Agnaldo Pereira de Andrade – 1.º Secretário
3– Francisco Clementino Filho – 2.º Secretário (2.ª eleição)
4– Francisco Teixeira de Lira – 2.º Vice-Presidente
5– Acácio Medeiros
6– Francisco Joaquim de Moura
7– Raimundo Rodrigues Dantas
8– Anacleto Suassuna Neto
9– Oscar Fernandes Leite
10– Pedro Fernandes Dutra
11– Saulo Suassuna Barreto
12– Francisco Otávio de Moura (3.ª eleição) com renúncia de Saulo Suassuna, foi convocado o 1.º Suplente Francisco Assis de Freitas.

Com o término da Quinta Legislatura iniciou-se a Sexta, – de 31-1-67 a 31-1-71 – com 8 vereadores. Na Sexta Legislatura o Juiz Eleitoral, Dr. Newton Pinto, antecipou a posse dos Vereadores de 31 de março para 31 de janeiro; os Vereadores que estavam ausentes não foram empossados pelo Juiz, aproveitando-se deste ato da autoridade eleitoral. O Prefeito João Pereira negou a posse dos vereadores que foram: José Joaquim da Silva, Petronilo Hemetério Filho e Saulo Suassuna Barreto. Tendo assim, os três, ficado prejudicado, pois tinham sido eleitos pelo voto livre e estavam impedidos do mandato. Os edis prejudicados impetraram mandado de

segurança ao Tribunal de Justiça. Funcionou como advogado o Bel. Rafael Godeiro Sobrinho, que teve ganho de causa. O tribunal anulou o ato do Juiz e mandou dar posse a todos os edis. A decisão do egrégio Tribunal foi dada pelo acórdão de 19 de agosto de 1967. O relator do processo foi o Desembargador Oscar Homem de Siqueira, baseado na decisão do TJ; a nova posse só se verificou no dia 7 de setembro de 1967; os atos do Legislativo até a segunda posse foram tornados sem efeito e com a posse tudo voltou à normalidade dentro da Câmara.

O Vice-Prefeito que era o Presidente da Câmara foi julgado incompatível com a Lei Federal, que destituiu o Vice-Prefeito das funções de Presidente do Legislativo. O Vereador Petronilo Hemetério Filho foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Patu, pelo resto do período, que foi de 1969 até 31 de janeiro de 1971; os vereadores da Sexta Legislatura foram:

1 – Petronilo Hemetério Filho – Presidente
2 – Aguimar Avelino dos Santos – Vice-Presidente
3 – José Joaquim da Silva – 1.º Secretário
4 – Francisco Otávio de Moura – 2º Secretário
5 – Sebastião Tavares de Holanda
6 – Ivanilde Queiroz de Araújo
7 – Saulo Suassuna Barreto
8 – João Fernandes Dantas

Foto com vereadores da sexta legislatura

Sétima Legislatura – foi apenas para dois anos de mandato, de 1971 a 1973, com 7 Vereadores:

1– José Joaquim da Silva
2– Raimunda Fernandes Câmara
3– Manoel Francelino de Almeida
4– Oscar Fernandes Leite
5– Pedro de Oliveira Rocha
6– Francisca Queiroz de Araújo
7– Sebastião Tavares de Holanda

Oitava Legislatura – estava composta de 7 Vereadores, no período de 1973 a 1977:

1 – José Joaquim da Silva
2 – Raimunda Fernandes Câmara
3 – José Pereira de Queiroz
4 – Pedro de Oliveira Rocha
5 – Lourival Izídio de Lima
6 – Sebastião Tavares de Holanda
7 – Geraldo Ferreira Dantas

Nona Legislatura – de 31 de janeiro de 1977 a 31 de janeiro de 1983, neste mandato houve prorrogação por dois anos, a Câmara estava composta de 7 Vereadores:

1 – Juarez Duarte da Silva (Em memória)
2 – Miguel Câmara Rocha
3 – Antônio Pereira da Silva
4 – João Fernandes Dantas
5 – Geraldo Ferreira Dantas
6 – João Ismar de Moura
7 – José Joaquim da Silva

Com o afastamento por licença e renúncia de Antônio Pereira da Silva por motivo de doença e Geraldo Ferreira Dantas por ausência, assumiram os suplentes: Celino Resende e Antoneles Godeiro da Silva, sendo eleito

Presidente da Câmara para finalizar o mandato prorrogado o Professor José Joaquim da Silva, que foi empossado no dia 28 de fevereiro de 1981

Décima Legislatura – de 31 de janeiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988, composta de 10 Vereadores, por motivo de aumento do quadro eleitoral:

1 – Mário Solano de Moura (Em memória)
2 – Raimundo Gomes
3 – Juarez Duarte da Silva – Em Memória
4 – Angelita Alves Dantas
5 – José Valdivino da Silva
6 – João Fernandes Dantas
7 – Tarcísio Moura
8 – José Francelino de Moura
9 – Carlinda Pereira da Silva
10 – José Avelino de Lira

Décima Primeira Legislatura – de 01 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992, composta de 10 Vereadores:

1 – Ana Eudésia de Freitas
2 – Edeladio Benigno de Moura - Presidente
3 – José Eider de Moura
4 – Mário Solano de Moura
5 – Francisco de Assis
6 – Raimundo Gomes
7 – João Fernandes Dantas
8 – José Avelino de Lira
9 – Juarez Duarte da Silva
10 – Francisco Inácio da Silva

Décima Segunda Legislatura – de 01 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996, composta de 10 Vereadores:

1 – Alexandrino Suassuna Barreto Filho
2 – Ana Eudésia de Freitas
3 – Francisco Figueiredo da Silva
4 – Francisco Fernandes Sobrinho

5 – João Fernandes Dantas
6 – José Eider de Moura
7 – Mário Solano de Moura – Em Memória
8 – Tarcisio Moura - Presidente
9 – Thalles Ferreira Dantas Caldas
10 – Raimundo Gomes

Décima Terceira Legislatura – de 01 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000, composta de 10 Vereadores:

1 – Expedito Clemente de Oliveira
2 – Fátima Lúcio de Souza Godeiro
3 – Francisco Fernandes Sobrinho - Presidente
4 – Francisco Pereira de Lima
5 – João Fernandes Dantas
6 – José Eider de Moura
7 – José Pereira de Queiróz – Em Memória
8 – Mário Solano de Moura
9 – Marcos Frederico de Paiva
10 – José Nair Nunes

Décima Quarta Legislatura – de 01 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004, composta de 10 Vereadores:

1 – Anelita Francisca Fernandes
2 – Alexandrino Suassuna Barreto Filho
3 – Carlos Magno Freire Godeiro
4 – Francisco Figueiredo da Silva
5 – Gilberto Benigno de Moura
6 – José Pereira de Queiroz (Em memória)
7 – João Fernandes Dantas - Presidente
8 – José Nogueira de Melo
9 – Maria Celli Suassuna Leite
10 – Marcos Aurélio Felipe de Oliveira

Décima Quinta Legislatura – de 01 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008, composta de 09 Vereadores conforme Lei Eleitoral sofreu a diminuição de uma cadeira:

1 – João Fernandes Dantas - Presidente
2 – Maria Helena Gentil de Souza
3 – Alexandrino Suassuna Barreto Filho
4 – Manoel Lindomar de Almeida Melo (Mamá de Felix)
5 – José Nair Nunes
6 – Francisco Figueiredo da Silva
7 – Joana D'arc Tavares de Moura Queiroz
8 – Resenildo Ernesto da Silva
9 – Gilberto Benigno de Moura

PODER JUDICIÁRIO

História do Poder Judiciário em Patu

Os primeiros documentos da Fundação de Patu foram lavrados pelo Cartório de Portalegre, que pertencia a Comarca de Pombal na Paraíba. Por volta do século XVIII, 7 de julho de 1777 e 11 de agosto de 1779, nessa data Portalegre era Vila. No século XVIII foi criada a Comarca de Portalegre e o povoado de Patu passou a ser termo de Martins, Comarca de Portalegre.

A fundação de Patu foi aprovada em 1852, dois anos depois com a criação da Comarca de Maioridade, Província do Rio Grande do Norte e com sede na cidade de Imperatriz (hoje Martins). O Distrito de Paz de Patu passou a pertencer àquela Comarca de 1854 a 31 de dezembro de 1943 Nesse período houve a transformação do Distrito em Município, desmembrado de Martins, mas a sede da Comarca continuou em Martins. Patu passou a cidade em 1936, e somente em 1° de janeiro de 1944 desligou-se de Martins, passando a pertencer à Comarca de Caraúbas até a criação da nossa comarca em 1949.

Com base no art. 27 das disposições transitórias constitucionais de 25 de novembro de 1947, foi criada a comarca de Patu, cujo projeto foi de autoria do Dr. Aderson Dutra de Almeida, que naquela época era Deputado Constituinte. A nossa Comarca foi instalada pelo Dr. Caio Pereira de Souza, em 19 de janeiro de 1949. (Comarca de segunda entrância.)

Antes da criação da nossa Comarca, existia uma autoridade judicial cujo título era Juiz Distrital, encarregado dos negócios da justiça na área do Distrito, porém era subordinado ao Juiz da Comarca de Martins. Depois, com a criação do Município, este cargo passou a denominar-se Juiz Municipal e até hoje existe o Juiz de Paz que atua na ausência do Juiz de Direito da Comarca, mas só para determinados casos. Eis alguns dos Juizes Distritais: Cel. Justino Leite da Costa, em 1894, conforme consta no termo de posse do primeiro Cartório de Martins; Miguel Godeiro da Silva foi Juiz Municipal e de Paz; Dr. Inácio Soares Barbosa foi Juiz Distrital e Municipal; Dr. Vicente de Paula Veras; Dr. Alceu Godoy de Mendonça; Dr. José Mozar Menescal; Giovani Albuquerque e outros. Vejamos agora alguns Juizes de Paz: o 1° foi Bento Bandeira de Moura, nomeado em 1890, Raimundo Teixeira de Lira, João de Oliveira Rocha, Miguel Godeiro da Silva, José

Leão de Moura, substituto, Sebastião Petronilo de Moura (três períodos), Francisco Fernandes Neto e outros. Os Juizes de Paz são nomeados pelo Governador do Estado, pelo período de três anos. Em 1971 a nossa Comarca foi rebaixada para a primeira entrância e a partir de 1.º de Janeiro de 1980, voltou a Comarca de segunda entrância.

Pesquisado nos arquivos dos Cartórios locais, de Martins, Apodi, Portalegre e a colaboração dos tabeliães assim enumerados: José Nunes dos Santos, Alexandrino Suassuna, Raimundo Ayres e Raimundo Antenor da Silva, "Pesquisa *in loco*".

JUSTIÇA

Juizes titulares da Comarca de Patu, no período de 1949 a 2005:

1 – De 1949 a 1950 Dr. Caio Pereira e Paulo Pereira da Luz
2 – De 1950 a 1952 Dr. João Augusto de Araújo
3 – De 1952 a 1953 Dr. Lourival Medeiros
4 – De 1953 a 1955 Dr. Alcebíades Fernandes e Silva
5 – De 1956 (nomeado) Dr. Raimundo Nonato Silva, não assumiu.
6 – De 1956 a 1957 Dr. Nabor Pires de Azevedo Maia
7 – De 1957 a 1958 Dr. Valdemar da Costa Carvalho
8 – De 1958 a 1959 Drª Vandecy Albanez Ferreira Veras
9 – De 1959 a 1962 Dr. Elias Borges da Costa
10 – De 1967 a 1969 Dr. Alfredo Soares de Macedo Neto
11 – De 1970 a 1973 Dr. Raimundo Juvino de Oliveira
12 – De 1974 a 1976 Dr. José Dijon de Oliveira
13 – De 1976 a 1979 Dr. Cícero Alves de Souza
14 – De 1981 a 1990 Dr. Luís Firmino de Souza
15 – De 1990 a 1992 Dr. Mádson Otoni de Almeida Rodrigues
16 – De 1992 a 1993 Dr. Amílcar Maia
17 – De 1994 a 1996 Dr. Raimundo Carlay de Oliveira Costa
18 – De 1996 a 1998 Dr. Homero Lechener de Albuquerque
19 – De 03/99 a 12/99 Dr. Kraus Kleber Morais de Mendonça
20 – De 12/99 a 03/2000 Dra. Elaine Palmeira de Souza
21 – De 03/00 a 02/2001 Dr. José Dantas de Lira

22 – De 03/02 a 09/2002 Dr. Jussiê Barbalho Campos
23 – De 09/02 a 04/2003 Dr. João Eduardo Ribeiro de Oliveira
24 – De 05/03 a 12/2003 Dra Keity Maria Ferreira de Souza e Sabóia
25 – De 01/04 a 09/2004 Dr. José Herval Sampaio Júnior
26 – Atual (2005) Dra. Valéria Maria Lacerda Rocha

Juizes substitutos por vaga da Comarca

Dr. Geovani Xavier da Cunha –1958– Titular de Martins
Dr. Valdemar da Costa Carvalho –1962 a 1963– Titular da Comarca de Martins.
Dr. Newton Pinto –1965 a 1966– Titular da Comarca de Apodi
Dr. Carlos Maia –1973– Titular da Comarca de Caraúbas
Dr. Luis Felipe Lunk Marroquino
Dr. Ricardo Henrique de Farias
Dr. Azevedo Amilton Cartaxo
Dra. Ana Clarice Arruda Pereira
Dr. Rosivaldo Toscano dos Santos Júnior
Dr. Gilson Barbosa Albuquerque
Dr. João Cabral da Silva
Dr. Alberto Flávio Barros Patriota
Dr. Manoel Maria Antunes de Melo
Dr. André Luiz de Medeiros Pereira
Dr. Ivanaldo Bezerra Ferreira dos Santos

O Juizado de Pequenas Causas, inaugurado em 07 de Agosto 1998, pelo Dr. Homero Lechener de Albuquerque, Juiz Titular desta Comarca, contou com a presença do Desembargador do Tribunal de Justiça - Dr. Caio Regalado Alencar, Presidente do Tribunal; Dr. Rafael Godeiro Sobrinho – Vice-Presidente e outros.

O Prefeito Municipal de Patu Dr. Ednardo Benigno de Moura construiu o Fórum em 1992 e fez a ampliação para abrigar o Juizado Especial, dando a maior ênfase ao Judiciário local.

Juizes de Patu, que são Desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte.

Dr. Paulo Pereira da Luz
Dr. Nabor Pires Azevedo Maia
Dr. Elias Borges da Costa
Dr. Lourival Medeiros
Dr. Rafael Godeiro Sobrinho

Promotores da Comarca de Patu

Joaquim Leão de Moura	– Adjunto
Alexandrino Suassuna Barreto	– Adjunto
Júlio Benedito dos Santos	– Adjunto
Francisco Souto Sobrinho	– Titular
Lineu Dantas de Andrade	– Adjunto
Hélio Fernandes da Silva	– Adjunto
Nival Pereira da Silva	– Titular
Rafael Godeiro Sobrinho	– Adjunto
Oton Donaldson de Oliveira	– Substituto
Caio Otávio Regalado de Alencar	– Substituto
João de Deus Rocha Vieira	– Titular
Arnaldo Pereira Andrade	– Tit. (2 vezes) e Substituto.
William Ubirajara Pinheiro	– Titular
Marilene Gadelha	– Titular
Creamar Brito de Medeiros	– Substituto
Arnaldo Pereira de Andrade	– Titular e Substituto
Armando Lúcio Ribeiro	– Titular
Benilton de Lima Souza	– Titular
Nathália Almino Gondim	– Substituta
Ely Jorge Trindade	– Substituto
Antonio Carlos Laurenzetti de Mello	– Substituto (3 vezes)
Wendell Betowan Ribeiro Agra	– Titular
Ricardo Resende de Araújo	– Substituto
Afonso de Ligório Bezerra Júnior	– Titular
Cláudio Alexandre de Melo Onofre	– Substituto

Outros Promotores que atuaram na Comarca na década de 1990 a 2004.

Carlos Alexandre Alves, Pedro Lopes de Lima Júnior, Eldro Sicupira Feitosa, Olegário Gomes, Rosimar Antonio Rodrigues Cavalcante de Alencar, Lúcio Romero Marinho Pereira (3 vezes), Silvio Roberto de Souza Lima, Yara Maria Pinheiro Albuquerque e outros. Atualmente o Promotor é o Dr. Ricardo José da Costa Lima.

OS CARTÓRIOS DE PATU

Primeiro Cartório

O Primeiro Cartório foi fundado em 2-12-1853, conforme consta do termo de abertura do "Livro UM".

Os primeiros escrivões eram chamados Escrivões de Paz, no 1° Cartório; foram eles:

1 – Leandro Bandeira de Moura Júnior, foi fundador do 1° Cartório, em 1853.

2 – Domingos José Barbosa Galvão, Escrivão de Paz Interino e substituto em 1854.

3 – Luiz Cristino de Melo, Titular

4 – Cyrino José da Silva Meneses, Titular em 1888

5 – Leandro José Bandeira de Moura, Interino, em 1889

6 – Canuto Alves Fernandes, Titular em 1890

7 – Maximiniano Ferreira Ramos, Adjunto em 1891 e Substituto

8 – Joaquim Ricarte da Silva, Titular de 1892 a 1906

9 – João Carlos da Silva, Titular de 1907 a 1932

10 – Josué Galvão, Escrivão Interino em 1932

11 – Raimundo Ayres, Escrivão Interino de 1933 a 1935

12 – João Ximendes, Escrivão Titular de 1936 a 1952

13 – Alexandrino Suassuna Barreto, Escrivão Titular de 1953 a 1978

14 – Raimundo Antenor da Silva, Titular de 1979 a 1987

15 – Nival da Silva Lira, Titular de 1988 até 2005

Segundo Cartório

O Segundo Cartório foi fundado em 26-7-1936, na gestão do Governador Rafael Fernandes Gurjão; os Tabeliães do Segundo Cartório foram:

1 – Raimundo Ayres, Titular e fundador de 1936 e 1955

2 – José Nunes dos Santos, Titular de 1956 a 1986.

Sendo sucessores: Joselita Rodrigues Nunes Godeiro, Carmem Lúcia de Morais Paiva Godeiro, Marluce Maia.

Com a Reforma do Judiciário, houve a unificação dos Cartórios, ficando o Tabelionato, a cargo de Nival da Silva Lira, com a parte de registros e documentos e a outra parte que é a processual passou para a Secretaria Geral do Fórum, tendo como Diretora Marluce Maia. Existe também agregado ao Fórum um Cartório Eleitoral, que esteve por alguns anos a cargo de Soraia Cortez e agora passou para Benedito Tavares Leite.

Os Oficiais de Justiça

De conformidade com a pesquisa, foram eles: Aristides Inácio de Oliveira, Joaquim Pereira de Andrade, Geraldo Henrique Godeiro, Luiz Gonzaga de Oliveira, Sebastião Bertoldo, Genilson Regalado de Souza, José Holanda Silveira, Lady Araújo Martins, Jaiso de Oliveira Costa, Jorgivan Freire Lopes e muitos outros que atuaram ou ainda estão exercendo a função.

O primeiro registro

A 5 de janeiro de 1889 foi lavrado no Livro A 1, fls. 1, o Registro do Nascimento de Aprígio, filho de Francisco Cipriano e Francisca Maria da Conceição. Ele nascido a 4 de janeiro de 1889. O tabelião foi Leandro José Bandeira de Moura.

Os primeiros matrimônios

Fato este que, conforme consta do Livro B 1, fls. 1, em 27 de janeiro de 1889, noivos: Manoel Francisco de Souza e Joana Francelina do Amor Divino.

O segundo matrimônio está registrado no Livro B1, fls. 1v, também em data de 27 de janeiro de 1889, sendo os noivos: Manoel Antônio e Maria Teodora da Conceição.

O primeiro óbito

De conformidade com a declaração de Herculano Victor de Lima, foi registrado o óbito de Getrudes, falecida, filha de Firmino Brilhante de Alencar e Leonilda Leolina Alves Feitosa. Como Tabelião, o Sr. Cyrino José da Silva Menezes, conforme consta no Livro C 1, fls. 1, tendo o assentamento a data de 2-1-1889, no Primeiro Cartório.

Fontes consultadas

Os arquivos do Primeiro e Segundo Cartórios e mais informações dos Tabeliães: Raimundo Ayres, José Nunes dos Santos, Alexandre Suassuna Barreto e os livros de assentamento de 1° e 2° Cartórios (os primeiros livros).

SEGURANÇA PÚBLICA

Delegados militantes que atuaram em Patu no período de 1923/2004

Tenente	João Machado	1923/25
Tenente	Laurentino Ferreira de Moraes	1926
Tenente	Francisco Solon de Andrade	1927
Tenente	Napoleão Agra	1928
Capitão	José Rosa	1928/30
Sargento	Francisco Izídio de Lima	1932
Sargento	José Meneses	1933
Tenente	José Paulino de Medeiros	1934
Tenente	Aristides Cabral	1935
Tenente	José Bezerra de Medeiros	1936
Tenente	José Agripino	1936/37
Tenente	Alcebíades Roque da Silva	1938
Tenente	Manoel Alves Freire	1939/42
Sargento	Francisco Viana	1942
Capitão	Gastão de Andrade dos Santos (Chefe da Volante – Delegado Regional)	1944
Tenente	José de Souza Bastos	1946/48
Sargento	Francisco Barbosa de Siqueira	1949/51
Tenente	Clidenor Teonásio Bezerra	1951/53
Capitão	Antônio Antenor Trigueiro	1954/55
Tenente	Bento Manoel de Medeiros	1956/60
Tenente	Geraldo Bento	1961/63

Em 1963, foi criada a 3ª Companhia de Policiamento na cidade de Patu, de âmbito regional, sendo seu efetivo militar composto de 100 homens entre soldados e graduados.

Capitão	Virgílio Tavares	1963
Capitão	Genival Otaviano de Souza	1964/65
Tenente	Iovaldo Pereira de Andrade	1966/67
Tenente	Francisco Pereira do Nascimento	1968
Tenente	Pedro Rodrigues	1968/69
Tenente	José Francisco Pereira	1969/70
Tenente	Luiz Pinheiro	1971/72
Tenente	Espedito Ferreira de Souza	1973/75
Capitão	Geraldo Maia	1975/77
Capitão	Antônio de Pádua Crizante	1978/79
Major	Marcílio Pinto da Silva	1979/81
Capitão	Hugo Nunes de Melo	1981/82
Tenente	Nelson Ferreira de Lima	1982/83
Capitão	Sebastião Teotônio de Melo Filho	1983/84
Tenente	José Humberto de Lima	1984/86

Sucessores:

Capitão PM Paulo Frassati de Oliveira; Capitão PM Marcos Rodrigues Pinheiro; Capitão PM Gervásio Protásio Bentes; Capitão PM Fernane Formiga da Silva; Capitão PM Laerson José Costa; Capitão PM Manoel Evaristo Silvério; Capitão PM Francisco Oliveira de Brito; Capitão PM Jânio Marinho da Silva; Capitão PM Elias Cândido de Araújo; Capitão PM Elyause Moreira da Silva Júnior; Capitão PM Romualdo Borges de Farias; Tenente PM Humberto Hermógenes Pimenta; Tenente PM Aroldo Taveira Egídio; Capitão PM Davi Alves Cavalcanti – 2004.

EIS ALGUNS DELEGADOS CIVIS ADJUNTOS QUE ATUARAM EM PATU

Joaquim Godeiro da Silva
Miguel Godeiro da Silva
Sidrônio Andrade de Melo
Joaquim Godeiro Sobrinho (vulgo Quinca Godeiro)
Francisco Benjamim
José Dantas da Silva
Pedro Inácio de Oliveira
Luiz Domiciano da Costa

No ano 2000, houve uma modificação nas Polícias, ficando a Polícia Militar sendo comandada pelo Capitão Pereira e a Polícia Civil por um Bacharel em Direito.

Eis os Delegados Civis: Renato da Silva Oliveira, Inácio Rodrigues Lima Neto, Ridalgo Pequeno de Lima, Luiz Fernando Sávio de Eliezer Pinto, Fernando Antônio da Silva Alves, Caetano Baumman de Azevedo, Eraldo Cordeiro de Lima, Hebert Luiz Henrique, e outros. Em 2004 a Polícia Civil está sob o comando de George David Costa Souza Leão.

A lista de delegados policiais (1ª Edição) foi fornecida pelo Cel. José Almeida, um patuense que saiu daqui e fez sucesso lá fora, sentou praça como soldado e chegou ao posto máximo da Polícia Militar do Rio Grande do Norte – "Coronel"; ele foi delegado em várias cidades, ajudante de ordem do Governador Dinarte Mariz e no posto era um bom militar; era filho de um humilde agricultor; quase sem chance e com pouco conhecimento, chegou a Natal, sentou praça e foi adquirindo conhecimentos, foi se promovendo devagar até chegar lá no lugar de coronel, ganhando as divisas e estrelas de graduado. Para a 2ª Edição, as informações foram prestadas pelo Cabo Elinado Tavares da Silva (Cabo Naldo da Polícia Civil) e o Sargento PM Izídio, através de relatórios.

Agentes da Polícia Federal

Patu tem cinco Agentes que atuam na Polícia Federal: Almir Fernandes de Queiroz, Antônio Godeiro Neto, Celso Dutra Filho (aposentado), Janilson Henrique Godeiro (aposentado) e Valter Solano Vale.

A Delegacia do Ministério do Exército

Delegacia de Serviço Militar – Congrega a Junta de Serviço Militar. Há uma delegacia da 24ª CSM do Exército, cuja função é expedir certificados de reservistas, alistamento militar e tendo sido fundada em 1970; por lá já passaram os seguintes delegados, sendo todos do Exército.

Capitão Luís Cativo de Melo - 1970
Tenente Felipe Francisco de Moura – 1971/75
Tenente Adí Fernandes Moyano – 1976/81
Tenente Reinaldo Marques de Carvalho – 1981/83
Tenente Manoel Alexandre de Aquino Neto – 1983/89
Tenente Erivaldo Bezerra de Araújo – 1989/91
Tenente Mauri dos Santos Ferreira – 1992/96
Tenente Brasil Gadelha de Oliveira – 1997/99

Em 1999, a Delegacia de Patu foi transferida para Pau dos Ferros e está sob o comando do Tenente Genilson de França Alves, continuando a Junta do Serviço Militar de Patu sob a supervisão do Delegado de Pau dos Ferros que mensalmente vem rever os processos de alistamento militar e entregar os certificados aos reservistas. Estas informações foram prestadas pela Secretária da JSM – Maria Aparecida da Silva Medeiros e o próprio Delegado que estava presente.

ALGUMAS LEIS MAIS ANTIGAS QUE BENEFICIARAM PATU

Resolução Provincial nº 250, de 23 de março de 1852 – aprovou a fundação do Distrito de Paz de Patu. Sancionada pelo Dr. José Joaquim da Cunha, Presidente da Província.

Lei Provincial nº 260, de 03 de abril de 1852 – da Assembléia Legislativa da Província, criou oficialmente a freguesia de Nossa Senhora das Dores do Patu e autorizou a despender a quantia de 400$000 (quatrocentos mil réis) para ampliação e conclusão das obras da Igreja.

Lei Provincial nº 922, de 15 de março de 1884 – autorizou o Presidente da Província a despender a quantia de 2000$00 (dois contos de réis) com abertura de uma estrada carroçável de Patu a Mossoró, tocando na Vila de Caraúbas-RN.

Lei Estadual nº 59, de 25 de setembro de 1890 – criou o Município de Patu; o Governador Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão a sancionou.

Lei Estadual nº 53, de 23 de setembro de 1936 – elevou a Vila de Patu à categoria de Cidade, sendo sancionada pelo Monsenhor João da Matha Paiva – Governador em Exercício. A citada Lei foi sancionada em 3 de novembro de 1936.

LEIS, DECRETOS E PORTARIAS MUNICIPAIS

DECRETO Nº 3, DE 1º DE MAIO DE 1931

Ascendino de Almeida – Prefeito provisório do Município de Patu, usando das atribuições legais, etc.

Considerando que o grupo escolar desta Vila, tem a denominação de Grupo Escolar João Godeiro;

Considerando que tal denominação nada tem que a justifique, porque, apesar de ser filho da terra, nenhum serviço de vulto deixou que a mereça;

Considerando que a revolução deu entrada triunfante nesta Vila no dia 8 de outubro de 1930;

Considerando que esta data precisa ficar gravada na memória do povo, escrita nas páginas da História para a geração futura.

RESOLVE:

Art. 1º Passa a chamar-se Grupo Escolar 8 de outubro o Grupo Escolar João Godeiro.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Patu, 1º de maio de 1931 – Ascendino de Almeida – Prefeito Provisório; Pedro Dantas da Rocha – Secretário.[3]

PORTARIA N.º 01

Rafael Godeiro da Silva, Prefeito do Município de Patu, usando de suas atribuições: RESOLVE:

Nomear Rodolpho Etelvino, datilógrafo da Prefeitura Municipal desta cidade. Comunique-se – Francisco Dantas da Silva.

Patu, 1º de Janeiro de 1937 – Rafael Godeiro da Silva, Prefeito.

---

[3] Copiado do original.

DECRETO N.º 01

Rafael Godeiro da Silva, Prefeito deste Município, em virtude da Lei, etc.

Considerando que as cancelas requeridas a esta Prefeitura, nas estradas e caminhos de trânsito geral, muitas vezes não obedecem a uma determinada dimensão e largura.

DECRETA:

Art. 1º Fica designada a largura de 12 palmos (2m66cm) para cancelas requeridas nos caminhos e estradas de trânsito público.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Patu, 5 de Janeiro de 1937. – Rafael Godeiro da Silva, Prefeito

LEI MUNICIPAL S/N DE 1938

Fixou o Orçamento para o ano seguinte em 49.942$300. Era do Prefeito Rafael Godeiro da Silva e o Secretário Francisco Dantas da Silva.

PORTARIA Nº 03

Rafael Godeiro da Silva – Prefeito deste Município, em virtude da Lei e etc. RESOLVE:

Convidar o Dr. Aderson Dutra de Almeida, Francisco Felício de Moura e Luiz Antônio de Oliveira, para membros do Conselho Municipal de Geografia deste Município, de acordo com o art. 2º, letra "C", do Decreto-Lei nº 04, de 10 de julho de 1938, a ser instalado no dia 14 do corrente. Cumpra-se.

Patu, 12 de julho de 1938. – Rafael Godeiro da Silva, Prefeito – Francisco Dantas da Silva, Secretário.

LEI MUNICIPAL S/N DE 31 DE DEZEMBRO DE 1947

Fixou o orçamento do Município para o ano seguinte em Cr$ 70.000,00. Antônio Suassuna – Prefeito Municipal, Maria Lizenir de Moura – Secretária.

LEI MUNICIPAL N.º 6 DE 26 DE JULHO DE 1959

Criou o primeiro Ginásio em Patu. – O Dr. Aderson Dutra de Almeida, Prefeito Municipal, sancionou a Lei.

LEI MUNICIPAL N.º 61 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1969

Fixou o orçamento para o ano seguinte em Cr$ 207.500,00 – Lourival Rocha, Prefeito Municipal – Epitácio de Andrade, Secretário.

ATA DA SESSÃO SOLENE DA POSSE DO SR. RAFAEL GODEIRO DA SILVA, NOMEADO POR ATO DO EXM.º SR. GOVERNADOR DO ESTADO, O PREFEITO DESTE MUNICÍPIO.

Aos vinte e sete dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e trinta e seis, nesta cidade, no edifício da Prefeitura Municipal, pelas 12 horas, onde se achava presente o Sr. Francisco Dantas da Silva, Secretário Tesoureiro, respondendo pelo Prefeito aí compareceu o Sr. Rafael Godeiro da Silva, nomeado por ato do Exm.º Sr. Governador do Estado, Dr. Rafael Fernandes Gurjão, para exercer o cargo de Prefeito deste Município.

Aberta a sessão pelo secretário em exercício de Prefeito foi pelo mesmo dado a posse solene ao Sr. Rafael Godeiro da Silva, sendo a mesma precedida por estrondosa salva de palmas. Ao ser empossado, o Sr. Rafael Godeiro usou da palavra fazendo um ligeiro esboço de sua futura administração e tecendo francos elogios à pessoa do ex-Prefeito Júlio Fernandes da Costa. Continuando facultada a palavra, dela fez uso o Sr. Joaquim Felício de Moura, que em belo improviso felicitou a todos os patuenses pela escolha feita do novo Prefeito, bem como pelo feliz acontecimento há pouco verificado do ato que elevou a nossa Vila à categoria de Cidade. Ainda usou da palavra os jovens: Francisco Clementino Filho e Antônio Edilson Godeiro felicitando ao povo patuense por tudo, finalmente, a frente de seus destinos o Prefeito ora empossado. Finalmente usou a palavra o Sr. João Ximendes, enaltecendo as qualidades do ex e atual Prefeito, sendo ovacionado por calorosa salva de palmas, seguindo-se a este, o Sr. Raimundo Ayres, sendo ainda francos seus elogios ao Prefeito. Como mais ninguém quisesse usar da palavra o Prefeito deu por encerrado, a sessão. Para constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Prefeito e demais pessoas presentes.

Assinaram: Rafael Godeiro da Silva, Júlio Fernandes da Costa, Joaquim Godeiro da Silva, Francisco Dantas da Silva, Raimundo Leão de Moura, Francisco Felício de Moura, Joaquim Felício de Moura, Francisco Dutra de Almeida, Raimundo Ayres, José de Souza Nunes, Francisco Benjamim, Joaquim Leão de Moura, Antônio Tomé Ribeiro, Francisco Solano de Moura, Miguel Jevásio da Silva, Francisco da Costa Filho, João

Ximendes, Hermes de Oliveira Rocha, Ezequias Freitas, Paulino Jales, Miguel Godeiro Primo, Joaquim de Oliveira Rocha, Rodolfo Etelvino, José Godeiro da Silva, Conegundes Hemetério da Silva, Amintas de Oliveira e Silva, João Solano de Moura, Celso Dutra, Floracy de Moura, Elpídio Lopes, Lourdes Carlos, Ana Gomes, Sandra Almeida, Hildo Rocha, José Bessa e Manoel Mota.

ATA DA SESSÃO PROCEDIDA NO SALÃO NOBRE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PATU, PARA PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO REMETIDO PELA SECRETARIA DO CONSELHO TÉCNICO DE ECONOMIA E FINANÇAS DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.

Aos 24 dias do mês de novembro de 1938 no edifício da Prefeitura Municipal nesta cidade de Patu, às 12 horas do referido dia, sob a presidência do Prefeito do Município, o Sr. Rafael Godeiro da Silva, e assistência da Comissão convidada composta dos Senhores Luiz Antônio de Oliveira comerciante, Francisco Avelino lavrador, Antônio Suassuna – Industrial, Dr. Aderson Dutra – Médico, Maria Carmelita Rocha Professora, Dr.ª Maria das Neves Rodrigues (Nevinha) – Agente de Estatística, Miguel Godeiro da Silva – Juiz Municipal, Francisco Dantas da Silva e Francisco Dutra de Almeida – Comerciantes, foi pelo Sr. Presidente aberta a sessão. Usando da palavra o Senhor Presidente em ligeiro improviso fez sentir aos assistentes a necessidade daquela reunião, e o seu objetivo terminou com a leitura de todos os itens do formulário enviado à Prefeitura pela Secretaria do Conselho Técnico de Economia e Finanças. Terminando, fez uso da palavra o Dr. Aderson Dutra que em feliz preleção explicou claramente os fins da reunião e as grandes vantagens que, ao país poderia advir da conferência a realizar-se futuramente sob a Presidência da República. Em seguida passaram a ser discutidos e preenchidos os itens do formulário que deu lugar a presente sessão, com a cooperação de assistência e consulta do serviço de estatística e publicidade, prolongado-se os trabalhos até às 17 horas quando terminou o preenchimento do formulário em apreço, mandando o Sr. Presidente que se expedisse cópia ao Conselho Técnico de Economia e Finanças do Ministério da Fazenda e ao órgão do mesmo Estado. E como nada mais houvesse a tratar, deu o Sr. Presidente por encerrada a sessão do que para constar, lavrei a presente Ata que vai assinada pelo Presidente da Comissão presente.

Prefeitura Municipal de Patu, 24 de Novembro de 1938.

Assinaram: Rafael Godeiro da Silva – Prefeito; Luiz Antônio de Oliveira – comerciante; Francisco Avelino – Lavrador; Antônio Suassuna – Industrial; Maria Carmelita Rocha – Professora; Nevinha Rodrigues – Ag.

Estatística; Dr. Aderson Dutra de Almeida – Médico; Miguel Godeiro da Silva – Juiz Municipal; Francisco Dantas da Silva – Comerciante e Francisco Dutra de Almeida – Comerciante.

BOAS NOTÍCIAS

O Dr. Ednardo Benigno de Moura foi eleito Prefeito de Patu em 15 de novembro de 1988, para o mandato de quatro anos, a iniciar em 01 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992. Nesse primeiro mandato fez uma administração fantástica, de dar inveja aos Prefeitos dos municípios vizinhos e do Oeste. Patu cresceu e teve um desenvolvimento espetacular, durante a primeira administração foi Secretário de Obras o Sr. Petronilo Hemetério Filho, que integrando a equipe administrativa do Prefeito, foram feitas cinqüenta e duas obras de grande e médio porte, sem contar com as pequenas obras, vou citar apenas quatro das mais importantes:

1° - A escavação da valeta com sete quilômetros e a montagem da adutora do açude do Tourão para a cidade, a fim de trazer água para saciar a sede dos habitantes da zona urbana de Patu; Dez anos após a sua construção, foi absorvida pela adutora da Barragem do Açu.

2° - A construção do Hospital Municipal Dr. Hendenson J. B. de Moura, com trinta leitos, com realização em tempo recorde e o Governador Geraldo Melo fez convênio com a Prefeitura consignando uma parte da verba e a outra parte foi financiada pela Prefeitura, concluímos a obra e o Governador veio inaugurar no dia 28 de dezembro de 1990, juntamente com o Prefeito entregaram esse grande benefício a população do município de Patu, valeu o esforço. Só que onze anos depois, em 2001, o Dr. Ednardo e a Dra. Fátima Lúcio de Souza Godeiro foram proibidos pela administração municipal, de clinicarem neste hospital, devido à politicagem mesquinha.

3° - Reforma com Reconstrução do prédio do Fórum Municipal Dr. Alfredo Soares, com capacidade para abrigar todos os órgãos da Justiça local, e depois o Juizado de Pequenas Causas, tendo sido inaugurado em 07 de agosto de 1998. Com a presença dos Desembargadores do Tribunal de Justiça.

4° - Construção de 25 km de Rede de Eletrificação Rural para as comunidades de Escondido, Morada Nova, Tourão, João Pereira, Gameleira/Timbaúba. Levando energia elétrica para as casas dos agricultores da zona rural, aposentando as lamparinas, as famílias da área desses projetos passaram a ter o conforto que o povo da zona urbana já tinha (televisão para assistir novelas, geladeira, ferro e a própria iluminação caseira). Foi um avanço espetacular, tiramos um atraso de 30(trinta) anos, com esse trabalho, conseguimos fixar o homem no campo e evitar o êxodo rural. Porém o povo esqueceu e não reconheceu o nosso esforço e trabalho, foram ingratos e deram duas derrotas ao grande e honesto administrador - Dr. Ednardo Benigno de Moura. A mesma coisa aconteceu com o grande bem feitor Dr. Aderson Dutra de Almeida e outros mais que se esforçaram, deram suas vidas pela causa pública patuense e foram esquecidos pelo povo, que muitas vezes são aliciados por vantagens momentâneas ou se levam por propaganda enganosa. Sempre foi assim, deixam os sacerdotes da política pelo são cristãos e que muitas vezes são mau sucedidos e quem perde com isso é a própria cidade.

O único reconhecimento que se vê, foi noticiado no Jornal do Comércio de Pernambuco, o Prefeito de Patu Dr. Ednardo Benigno de Moura (PMDB) vai receber o Prêmio Político Internacional 1996, a homenagem é do Jornal do Comércio de Pernambuco e será entregue no dia 18 de abril de 1996, em Recife/PE, segundo assessores do Prefeito, a homenagem decorre da performance de Ednardo Moura como candidato único nas últimas eleições e postulante a um segundo mandato de Prefeito. A promoção do Jornal pernambucano está acontecendo em 31ª Edição. Neste ano, foram escolhidos 21 prefeitos em todo o Brasil, o Troféu Conde da Boa Vista é um busto do Prefeito Ednardo a ser colocado numa das Praças da cidade. É motivo de orgulho para o povo de Patu receber esta áurea. Quem merece não sou eu, mas sim, nossos munícipes. Justifica seu entusiasmo o Prefeito Ednardo Moura.

ATA DA POSSE DE DR. EDNARDO BENIGNO DE MOURA PARA O PRIMEIRO MANDATO DE PREFEITO MUNICIPAL (01 DE JANEIRO DE 1989 A 31 DE DEZEMBRO DE 1992)

A referida Ata não foi encontrada, por diversas vezes vasculhados os arquivos da Câmara e da Prefeitura Municipal, e por informações dos funcionários, o Livro consta como extraviado.

ATA DA POSSE DE DR. EDNARDO BENIGNO DE MOURA PARA O SEGUNDO MANDATO DE PREFEITO MUNICIPAL (01 DE JANEIRO DE 1997 A 31 DE DEZEMBRO DE 2000)

Ao primeiro dia do mês de Janeiro de mil novecentos e noventa e sete às dezessete horas da quadra descoberta do Ginásio Comercial de Patu, perante a referida Câmara, especialmente reunida para esse fim e constituída dos Vereadores, Presidente Francisco Fernandes Sobrinho, Vice-Presidente José Nair Nunes, Primeiro Secretário Expedito Clemente de Oliveira, Segundo Secretário José Pereira de Queiroz. Compareceu o Senhor Ednardo Benigno de Moura, eleito Prefeito deste Município de Patu no pleito de três de outubro de mil novecentos e noventa e seis, convidado pelo Presidente da Mesa prestou na forma da Lei o seguinte compromisso: "Prometo cumprir a constituição Federal, a do Estado e do Município, observar as Leis, servir com lealdade e dedicação ao povo e promover o bem geral, pelo progresso do Município".

A seguir o Sr. Dr. Ednardo Benigno de Moura declarou encontrar-se desimcompatibilizado para o exercício do cargo, na forma dos artigos trinta e sete e trinta e oito da Constituição Federal e apresentou a relação de bens que constituía todo o seu patrimônio. Concluídos as formalidades acima o Presidente da Mesa, usando a atribuição que a Constituição e as Leis lhe conferem, solenemente declarou empossado o Sr. Ednardo Benigno de Moura no cargo de Prefeito deste Município de Patu (RN), cargo para o qual foi eleito em três de outubro de mil novecentos e noventa e seis, com mandato que expirará a trinta e um de dezembro do ano dois mil, e para constar foi lavrado este termo que vai assinado pelo Presidente da Câmara,

pelo Empossado e pelos demais Vereadores e Autoridades presentes. Assinaram – Francisco Fernandes Sobrinho – Ednardo Benigno de Moura - Maria de Fátima Lúcio de Souza Godeiro – José Eider de Moura – José Nair Nunes – José Pereira de Queiroz – Expedito Clemente de Oliveira.[4]

[4] Copiado do original.

PATU TEVE DOIS ABOLICIONISTAS

Você sabia que dois patuenses foram abolicionistas? Foram eles: Almino Álvares Afonso e o Capitão José Severino de Moura, sendo o primeiro de âmbito nacional, pois era o Senador do Império e o segundo era do Povoado de Patu. Antes da abolição dos escravos em Mossoró, em 30 de setembro de 1883, feita parcialmente pelo Senador Almino Álvares Afonso e outros abolicionistas mossorenses, mesmo antes desta data, em Patu, o Capitão José Severino de Moura defendia a liberação dos escravos dessa região. O fato ficou comprovado com a expedição de uma Carta de Alforria concedida a um escravo dele, de nome QUIRINO, de 30 anos de idade. A expedição da referida carta se deu em data de 16 de novembro de 1860, vinte e oito anos antes da Lei Áurea e 23 anos da Abolição parcial de Mossoró-RN. A manifestação do Chefe do Povoado de Patu foi um gesto de liberação, porque concedeu a liberdade a um jovem escravo. Ele possuía vários escravos, mas entre os anos de 1860 e 1862 se desfez de todos eles porque defendia o direito de liberdade dos negros cativos de nossa região e do nosso Brasil. Naquela época, estava em vigor a Lei Euzébio de Queiroz e estava nascendo a idéia da Lei do Ventre Livre, mais tarde também a sexagenária, as quais iam, gradativamente, abrindo caminho para a libertação geral e definitiva dos escravos, em todo território nacional, cujo ato foi assinado pela Princesa Izabel que, com sua linda pena de ouro, sancionou a maior Lei Social do Império Brasileiro, a de n.º 3.355/1888.

Piada Abolicionista

Após a Abolição o Barão de Cotegipe, 1° Ministro, mas contrário à Lei Áurea e por isso foi demitido do Gabinete, encontrou-se com a princesa Izabel e houve uma troca de idéias:

- Princesa Izabel: – Então, ganhei ou não ganhei a parada?
- Barão de Cotegipe: – Ganhou, mas perdeu a Coroa.

CARTA DE ALFORRIA

Lançamento da carta de liberdade de Quirino como abaixo se declara.

Dizemos nós, José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição, marido e mulher abaixo assinados que entre os mais bens que possuímos em mansa e pacífica posse livre e desembargado de hipóteca pública ou particular, e bem assim um escravo de nome Quirino que o vulgo e chamo de mulato, de idade pouco mais ou menos de 30 anos, que houve nós por compra do nosso cunhado Raimundo Nonato de Melo, o qual escravo no valor de hum conto e cem mil reis, forramos como de fato forrados temos para vermos dele recebido a referida quantia em moeda legal do Império de um conto e cem mil reis, pelo que damos quitação e poderá entrar no gozo de sua liberdade como se livre nascido do ventre materno, governando-se por si e indo para onde bem lhe parecer; e prometemos por nossa pessoa e bens não virmos em tempo algum contra esta carta de liberdade congênere de requerimento em juízo, nem fora dele, e vindo não queremos ser ouvidos, antes somos contestes se nos negarem todo resídio de direito que a nosso favor alegar possamos nós, pois que as nossas intenções de ter e manter esta como nela se contém para o que pedimos a justiça de S.M.I. e C. lhe desse toda força e vigor se fora uma pública e sendo que para sua inteira validade lhe faltem alguma cláusula ou cláusulas aqui, haveremos por expressada declaradas como se de cada fizéssemos minuciosa menção. Em firmeza do que mandamos o nosso filho Aderaldo José de Moura que esta por nós escrevesse, na qual nós assinamos de nosso próprio punho nas presenças das testemunhas Francisco da Silva e Moura e Raimundo Basílio de Moura. Povoação de Patu, dezesseis de novembro de mil oitocentos e sessenta. Assinados: José Severino de Moura (outorgante); Maria Inácia da Conceição (esposa); João Francisco da Silva e Moura (testemunha) e Raimundo Basílio de Moura (testemunha).

Reconheço por serem verdadeiras as firmas supra de José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição, João Francisco da Silva e Moura, Raimundo Basílio de Moura, por ter da primeira, terceira e quarta perfeito conhecimento e semelhante em meu poder e cartório, e da segunda tenho conhecimento e não tenho semelhante. Patu, vinte e quatro de novembro de mil oitocentos e sessenta. Em fé e testemunha da verdade estava o sinal

público. Tabelião público de notas José Emiliano de Castro. Escrivão interino de Paz e Tabelião de Nota o escrevi e assinei em público e razo do que uso. Número trinta e oito, réis – mil e quinhentos –, pagou mil e quinhentos réis de selo proporcional. Coletoria do Patu, vinte e quatro de novembro de mil oitocentos e sessenta. O Coletor Severiano – O Escrivão Moura –. E nada mais se continha em dita carta, reconhecimento e selo que bem e fielmente para aqui copiei do próprio original e que me reporto. Vinte e quatro de novembro de mil oitocentos e sessenta. Eu, José Emiliano de Castro, Escrivão interino de Paz, servindo de Tabelião de Notas na forma da Lei, escrevi. Assina: José Emiliano de Castro.[5]

[5] Copiado do original. Livro A-2, fls. 24v, do 1° Cartório de Patu. Gentileza do Tabelião Raimundo Antenor, que emprestou o livro.

INSTITUIÇÕES

O Rotary Clube de Patu

Fundado em 29 de abril de 1978, reconhecido pelo Rotary Internacional em janeiro de 1980. Desde a sua fundação vem trabalhando pela comunidade, como é do conhecimento de todos. Rotary é um Clube de serviços onde os homens ocupados se reúnem durante uma hora por semana para discutir os problemas mais difíceis e mais carentes de solução na comunidade. Para ser rotariano é necessário ser um profissional honesto e que venha prestando serviços ao lugar na função que exerce, saber servir à coletividade dando de si sem pensar em si. O nosso clube está constituído dos seguintes membros:

Antônio Andrade Silva, Eurico Frank, Deusadite Leite Forte, Francisco Tertuliano Neto, Gladstone Godeiro Dutra, José Gilvan, Ednardo Benigno de Moura, Epitácio de Andrade, Lourival Rocha, Luiz Gonzaga de Oliveira, Francisco da Silva Dantas, Francisco Fernandes Neto, Gisnaldo Gentil F. Souza, João Evangelista Tavares de Moura, João Henrique Godeiro, Petronilo Hemetério Filho, Joaquim Fernandes Filho, Volteire Fraga Holanda, Lourival Isídio de Lima, Ivanildo Dantas Caldas Filho, Osvaldo Tadeu de Souza e José Joaquim da Silva.

Já tivemos seis visitas de Governadores do Distrito 450, foram eles: Luiz Dubeux Amorim e Severino Elias Paixão etc.

Atual diretoria está assim constituída: 82/83

Presidente: Epitácio de Andrade;

Vice-presidente: Petronilo Hemetério Filho, também Presidente da Comissão de Boletim, eleito presidente, para 1983/84.

Secretário: Osvaldo Tadeu de Souza

Tesoureiro: Francisco Tertuliano Neto

Foram Presidentes: Eurico Franke, José Gilvan etc.

Através do Rotary, já conseguimos doar 8 cadeiras de rodas a paraplégicos. A agência do Banco do Brasil foi solicitação e trabalho nosso, para isso, trouxemos o Superintendente, Dr. J. Leopoldo, a Patu, a fim de promover o estudo de viabilidade. O Campus Avançado da Universidade

Regional (FURRN) foi também uma solicitação Rotária e o Banco do Nordeste também foi um trabalho do Rotary.

Rotary, não é dar as coisas, bate na porta de quem tem para dar e traz para a coletividade. As nossas reuniões se realizam às quartas-feiras, às 19:00h e não são privativas, podendo participar convidados não rotarianos. Dedicamos os nossos trabalhos totalmente em assuntos da nossa cidade e da nossa gente.

Lamentavelmente, este clube de serviços está desativado.

Previdência Social

Patu está bem servido no Setor Previdenciário, tem duas Representações sendo uma para atender os segurados da área Urbana (cidade) a cargo de Isabel Saraiva Forte, foi implantada em 1976. A Representação da área Rural, PRÓ-RURAL atende aos rurículas, ou seja, os habitantes da área Rural que são chamados de beneficiários; este serviço ficou a cargo do Sr. Petronilo Hemetério Filho, implantador desta Repartição em Patu. O FUNRURAL foi criado pela Lei 1963 e em 25-5-1971, foi reestruturado com a criação do PRÓ-RURAL pela Lei Complementar n.° 11 a qual estendeu os Benefícios de aposentadorias e assistência aos Trabalhadores Rurais e seus dependentes, posteriormente estendeu aos Beneficiários empregadores Rurais. O primeiro Benefício de aposentadoria concedido a Trabalhador Rural em Patu pelo FUNRURAL foi ao ancião Miguel Saraiva de Moura, com 83 anos de idade e 70 anos de agricultor, recebeu o número um e foi datado de 27-3-1972. Foi o Presidente Médici quem redimiu a pobreza Rural, principalmente a velhice. O representante tinha uma Lei nas mãos a cumprir e por isso teve que enfrentar problemas de toda sorte e como filho da terra teve de tolerar a ignorância dos inconformados com as omissões da Lei. Exemplo: o representante local não pode aposentar a sua genitora por causa da omissão que a Lei faz às pessoas que já residiam na cidade na data da publicação da mesma.

Durante a permanência do representante local neste cargo houve ameaças, denúncias e injúrias contra ele por causa das falhas existentes na Lei Complementar n.° 11, que não abrangiu os ex-trabalhadores rurais. Além do mais a área de abrangência era grande, com onze municípios

compreendendo de Alexandria a Caraúbas onde a população Rural era de cerca de 70.000 habitantes. No trabalho quotidiano, o representante com o traquejo de homem nascido no meio rural, conseguiu conter os problemas decorridos por incompreensões dos que queriam, o que a Lei não permitia, vencendo com habilidade as rotinas do trabalho.

O FUNRURAL foi extinto pelo Presidente Fernando Collor de Melo, passando os benefícios que eram concedidos pelo FUNRURAL para a área do INSS.

A Previdência Social está se instalando novamente em nosso Município, com o Posto de Benefício do INSS, inaugurado em 15/09/2005, que estará localizado a Rua Dr. José Augusto, antiga residência dos Juízes.

Coletoria Estadual

A Coletoria Estadual de Patu foi fundada por volta do ano de 1854, com a denominação de Coletaria de Rendas Provinciais, depois passou a chamar-se de Mesa de Rendas, atualmente a Coletoria faz parte da nona região fiscal do Estado, com abrangência em 11 municípios desta região. O 1° coletor foi o Sr. Manoel Severiano de Moura, conforme consta no bilhete de sisa do escravo Herculano, encontrado no 1° Cartório desta Comarca. O acervo velho da Coletoria não foi encontrado, o Supervisor Gilson Dantas, informou que os documentos velhos foram incinerados pelo coletor Antônio Emídio Filho, no ato da transferência da repartição para nova sede na praça João Carlos e por este motivo não constou detalhadamente a sua história. Atualmente foi transferida para Pau dos Ferros-RN.

O IBGE

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística foi fundado em 3-5-1945, nesta cidade com a denominação de Agência Municipal de Estatística, antes da criação do IBGE, as Prefeituras eram que faziam o Serviço Estatístico, depois foi convertido em Fundação IBGE, vinculada diretamente à Presidência da República. Em Patu, o 1° Agente foi o Sr. José Cirilo Carlos, seguido por Francisco Clementino Filho, Francisco Marcelino de

Oliveira e José Gilvan. A Agência local do IBGE tem por objetivos coletar dados e prestar serviços de informações diversas. Atualmente foi transferido para Mossoró-RN.

O Sindicato Rural (Patronal)

O Sindicato Rural de Patu foi fundado em 12 de abril de 1971, o Dr. Aderson Dutra foi o Fundador e Presidente durante vinte anos. Não tinha sede própria e funcionava precariamente numa sala do Hospital Maternidade. De 1991 até 1997 permaneceu fechado, por que o Presidente teve que se ausentar de nossa cidade para realizar um tratamento de saúde, no Rio de Janeiro/RJ, onde veio a falecer em 23/06/1993.

O Dr. Leônidas Ferreira de Paula, assumiu em 1997 a Presidência da Federação da Agricultura do RN - FAERN, e convidou para uma reunião em Natal/RN, o Representante dos Sindicatos Rurais do Estado do RN, para que ele pudesse conhecer a situação de cada Sindicato. O Sr. Petronilo Hemetério Filho, que era membro da Diretoria, recebeu o convite. Compareceu a reunião e informou que o Sindicato de Patu estava desativado desde 1991. Então, foi proposto pela FAERN, a reabertura do mesmo, tendo sido visitador do nosso Sindicato o Assessor Sr. Osailton Teodósio de Melo. Foi difícil encontrar a Carta Constitutiva, que estava enterrada no cupim numa Sala do Hospital Maternidade. Composta a Diretoria Provisória, onde o produtor rural e sócio, Sr. Petronilo foi nomeado Presidente da Comissão, até que outros sócios se candidatassem para realizar uma Eleição. Iniciou o seu trabalho, alugando um prédio e convocando os antigos e novos sócios no intuito de levar o Sindicato para frente. Realizada a eleição, o Sr. Petronilo permaneceu no cargo de Presidente. Fomos mal interpretados pelo povo do Presidente anterior (falecido), mas não medimos esforços e de cabeça erguida fizemos um trabalho sério e dinâmico, e Graças a Deus soerguimos o Sindicato. Para isto contamos com a parceria da FAERN na pessoa do Dr. Leônidas F. de Paula e do SENAR/RN com o Dr. Joaquim Lúcio Dantas. Foi marcante essa ajuda, pois construímos a majestosa sede própria do Sindicato Rural de Patu, localizada à Rua Pompeu Teixeira nº 355, inaugurada em 15/07/2000, com a realização de um evento denominado cidadão rural, contou com a presença do Dr. Leônidas, Presidente da FAERN, o superintendente do SEENAR Joaquim Lucio Dantas e toda Diretoria da

Federação, e também os presidentes dos Sindicatos Rurais da região. A estrutura da sede é composta por um Auditório (denominado Petronilo Hemetério Filho), três salas, dois banheiros, copa/cozinha e um anexo, onde são ministrados Cursos Profissionalizantes nas mais diversas áreas. Eis alguns cursos: informática, corte e costura; pintura; bijuteria; pedreiro; qualidade de atendimento; variedade em massas; alimentação alternativa; produção caseira de derivados de leite e do pescado; produção caseira de produtos de limpeza e higiene; avicultura, apicultura, olericultura, caprinocultura, piscicultura, rede artesanal, tratorista, bombeiro hidráulico; sanidade animal, horticultura, alfabetização de adultos e muitos outros cursos.

O quadro Social é composto de 105 associados estando a Diretoria assim constituída: Petronilo Hemetério Filho: Presidente; Valdemar Solano de Andrade: Vice-Presidente; Sandoval Francelino de Moura: Secretário; Lavoisier Ernesto da Silva: Tesoureiro. O Conselho Fiscal – Edval Benigno de Moura, Francisco Fernandes Sobrinho e Maria Odi. A atendente é Mila Christian Cândida Cortez.

Quem quiser nos visitar ou se associar, vá ao Sindicato, estaremos de portas abertas para recebê-los.

Sr. Petronilo Hemetério Filho e Dr. Leônidas Ferreira de Paula, Presidente da FAERN. Inauguração da sede do Sindicato Rural de Patu (15/07/2000).

Clube de Dirigentes Lojistas – CDL

O CDL foi fundado em Patu no dia 28 de agosto de 2002, tendo sido o primeiro Presidente o Empresário Valdemar Solano de Andrade. Que tem por finalidade a atuação nos setores sócio-econômico do Município, assim como: fortalecer a classe lojista da região, prestando serviços de informações sobre o cadastro de inadimplência do SPC (Serviço de Proteção ao Crédiro), SERASA, etc. Obtendo ainda, palestras e cursos com uma parceria junto ao SEBRAE, para uma melhor gestão do lojista e vendedores, a frente de suas respectivas empresas, além de engajar-se em Campanhas Sociais do Município, tipo Natal sem Fome.

Atualmente conta com 40 sócios e sua sede está localizada à Rua Capitão José Severino, 248 – Centro, estando sua Diretoria assim constituída: Presidente – Resinaldo Ernesto da Silva; 1° Vice-Presidente – Francisco Alves Filho; 2° Vice-Presidente – Maria de Fátima Dutra; Diretora Secretária – Francisca Linderleide de Almeida Moura; Vice-Diretor Secretário – Emikson Fábio Henrique Barreto; Diretor Financeiro – Josemar Alves Vieira; Vice-Diretor Financeiro – Maria Zilene Oliveira Azevedo; Diretor Social e Relações Públicas – Marcos da Costa Araújo; Diretor de SPC – Valdemar Solano de Andrade; Vice-Diretor de SPC – Jaíza Dantas dos Santos; Diretor do Departamento de Assistência ao Consumidor – Leovan Rezende Maia; Vice-Diretor do Dep. de Assist. ao Consumidor – Tarcísio Godeiro de Moura.

Já era preciso em Patu um órgão que representasse nossa Classe Comercial.

MUNICÍPIOS DESMEMBRADOS DE PATU

Pelos limites antigos a área do Município de Patu, era de 1.500Km^2 e após os desmembramentos ficou reduzida a 369Km^2, perdeu mais de 2/3 do seu território, porém de terras férteis e produtivas.

Do Patu desmembraram-se os seguintes os Municípios:

- Almino Afonso criado em 24 de novembro de 1953;
- Junco (atualmente Messias Targino) criado em 26 de março de 1963;
- Olho D'água do Borges era pertencente a Patu, porém já foi desmembrado de Almino Afonso, criado em 17 de dezembro de 1963;
- Várzea da Caatinga (hoje Rafael Godeiro) pertenceu a Patu até 1953 tendo sido desmembrado do município de Almino Afonso e foi criado em 19 de dezembro de 1963.

MUNICÍPIO DE ALMINO AFONSO

Antiga povoação de Caieira. Origem da denominação: depósitos calcários nas margens do Riacho do mesmo nome. Em 1902, Dona Florentina de Amorim mandou construir a Capela da Caieira, sob a invocação do Coração de Jesus.

O Distrito de Caieira foi oficializado em 31 de outubro de 1938, Anfilóquio Câmara afirmara ser o centro de negócios com a feira bastante movimentada.

A mudança da denominação para Almino Afonso foi feita pelo Governador Ferreira Chaves, em homenagem ao seu filho ilustre Senador Almino Álvares Afonso, nascido nas capoeiras do Patu, como ele gostava de recordar. Figura impressionante de Tribuno Idealista, foi Professor e grande latinista, Advogado, Juiz, arrebatado, generoso, de influência sentimental no abolicionismo, conforme atas e historiadores, ele libertou os escravos do Ceará e de Mossoró. Foi Deputado pelo Rio Grande do Norte na Constituinte Republicana de 1891. Senador da República de 1894 a 1902. Faleceu durante o exercício de mandato de parlamentar.

O Município de Almino Afonso foi criado em 24 de novembro de 1953, tendo sido seu primeiro Prefeito nomeado o Sr. Francisco Andrade dos

Santos, seguido por Felinto de Paiva Gadelha, Aurino Carlos da Silva, Abel Belamino de Amorim, Aizê de Souza Nenês, Geralcina Carlos de Amorim, José Hildo Godeiro Carlos, José Fernandes Carlos (2 mandatos), Abel Belarmino de Amorim Filho, Ribala Fiala do Nascimento, Bernardo César Carlos de Amorim (atual e é o segundo mandato).

Ligou-se a Mossoró pela estrada de ferro Mossoró-RN / Souza-PB.

Existem ainda, outras Capelas: a do Coroatá tem como Padroeiro São Francisco e foi fundada em 1940 por Dona Liberalina da Conceição (Bela). E a Capela do Monte, cujo Padroeiro é São José e está localizada na Zona Rural do Município.

MUNICÍPIO DO JUNCO – MESSIAS TARGINO

Terras Calcárias do Patu. Sua denominação vem do Serrote do Junco. A utilização do calcário é fabricação da cal. Já em 1894 era fazenda de gado, sem índice de povoação, anotada nos registros oficiais, relatórios e mapas até 1950. Apesar de ter uma escola desde 1942.

O Fazendeiro Messias Targino da Cruz no ano de 1950, juntamente com o Padre Agostinho Bolhem reuniram os moradores e fizeram uma mobilização para a construção da Capela e do Mercado Público do lugarejo que foi crescendo sob a coordenação do Sr. Messias e tornou-se Distrito do Município de Patu, conseqüentemente em 26 de março de 1963, foi criado o Município com a denominação de Município do Junco, desmembrado do Município de Patu, que depois teve a sua denominação mudada para Messias Targino em homenagem ao seu fundador.

A sua Padroeira é Nossa Senhora das Graças. Seu primeiro Prefeito Nomeado foi o Sr. João Jales Dantas, seguido por Osnildo de Freitas Targino, Inácio Gabriel da Silva, João Jales Dantas, Maria do Socorro Ferreira Targino, Edmilson Fernandes Jales, César Teixeira Jales (2 mandatos), Epitácio Fernandes Jales, Hélio Fernandes Jales e Francisca Shirley Ferreira Targino.

MUNICÍPIO DE OLHO D'ÁGUA DO BORGES

Logo após as Capitanias Hereditárias, as nossas terras foram divididas ou distribuídas em porções, às quais chamavam datas, e a cada data era dado o nome de acordo com um marco que nela se destacasse. No século XVII tomou posse de uma data de terra, no Riacho da Pedra Branca, um cidadão português cujo nome era Joaquim Borges de Siqueira, oficial, o qual organizou uma fazenda no centro da data que tomara posse. A fazenda, em virtude de ter sido encravada nas proximidades de um olho d'água, lugar onde sempre teve água permanente, recebeu o nome de Fazenda Olho D'água. O, então, povo, cognominou esta fazenda de Olho D'água do Borges, em virtude de esta pertencer a Joaquim Borges, a fim de que se tornasse mais fácil a sua identificação.

Este velho português Joaquim Borges de Siqueira se desfez desta fazenda, destacando-se para Fortaleza. O Sr. Joaquim Borges vendeu a propriedade ao tenente João Francisco Lopes e ao Sr. Manoel de Barros da Costa, no fim de 1700. Os herdeiros dos "respectivos proprietários, com a ajuda de outros moradores" vizinhos, sentiam a necessidade de um professor para sua religião, e procuraram imediatamente construir uma capela, à qual deram como Padroeira Nª Sª da Conceição, ainda hoje existente numa igreja edificada pelos moradores subseqüentes. Por volta de 1929, coordenava o referido local o Sr. Felinto da Silveira Barros, que, recebendo um convite do Padre Francisco Scholz do Lima em Patu, ambos se prestaram a criar uma capela em frente à casa da fazenda, como, também, criar uma pequena feira. O Prefeito Rafael Godeiro oficializou a fundação. No dia 20 de setembro de 1929 houve missa solene, celebrada pelo Padre Francisco Scholz, e inaugurada a primeira feira de Olho D'água do Borges. No dia 20 de novembro de 1937, foi criado o Cartório de Olho D'água do Borges; a 25 de novembro de 1938, pelo Decreto nº 617, por ato do Senhor Interventor Federal, em exercício, que foi intermediário da criação do referido cartório, o Sr. Júlio Fernandes da Costa, que permaneceu vago até o mês de agosto de 1945, quando no dia 12 de setembro de 1945, foi nomeado pelo Sr. Interventor Federal, o Sr. Delfino Crisôstomo de Paiva, que apossado como Oficial do Cartório Civil e Tabelião, no segundo Cartório de Caraúbas-RN, pelo então Juiz de Direito, Dr. Francisco Jales da Silveira Martins, em

virtude de naquela época, Patu era termo pertencente à Comarca de Caraúbas, a referida posse foi no dia 21 de setembro de 1945, conforme consta o Distrito de Olho D'água do Borges, ainda foi Administrado por subprefeito. O primeiro Prefeito Nomeado foi Mário Solano de Moura. (1963 / 1964) e seus sucessores: Antonio Carlos de Paiva (2 mandatos: 1965/1969 e 1973/1977), Alfredo Xavier da Silva (1969/1972), Jaime Fernandes Pimenta (1977/1982), Antonimar Amorim Carlos (1983/1988), José Gonzaga de Queiroga (3 mandatos: 1989/1992, 1998/2001 e 2001/2004), José Haroldo Queiroga de Morais (1993/1997), José Jackson Queiroga de Morais (2005/2008) (afastado por decisão judicial) - Interino – Antônio Wilson Gonzaga Dias.

MUNICÍPIO DE RAFAEL GODEIRO

Em 1892, foi criada a comissão de veneração do glorioso Santo Antônio, no Sítio Várzea da Caatinga, cuja presidência coube a Dona Joana Alexandrina da Silva, até 1923 quando se deu o seu falecimento. A partir daí, foram seus substitutos Antônio Tomaz de Paiva e Raimunda Mercês da Silva, esta, vindo a falecer, sendo sua irmã Francisca Maria da Conceição sua substituta, e assim continuando a devoção a Santo Antônio.

De 1930 a 1941, os habitantes do lugar e adjacências se entusiasmaram para que fosse construída uma capela no Sítio Várzea da Caatinga, cujo plano foi entregue ao Padre Humberto, coadjutor da paróquia, e também ao Prefeito de Patu Rafael Godeiro, que de imediato aceitaram o projeto. Foram celebradas, logo em seguida, missas em ações de graças nas residências de José Paulo de Oliveira, Alexandrino Bertoldo e outros que habitavam aquele núcleo, e que se transformou em distrito graças à ajuda do Prefeito de Patu, "Rafael Godeiro".

Em 1941, Rafael Godeiro e Dona Maria Lina conseguiram, através do Padre da Paróquia Frederico Pastors, que fosse celebrada missa trimestral no povoado. Com a ajuda de Antônio Tomaz de Paiva, houve sucesso na propagação da fé cristã. No mesmo ano, foi empreendida grande campanha em prol da construção da capela, havendo uma missa onde foi realizada uma coleta, cujo rendimento foi suficiente para comprar tijolos e telhas para a capela.

Em 1947, o Senhor José Paulo de Oliveira fez doação do terreno que constitui o patrimônio de Santo Antônio. Com a presença do Prefeito de Patu – Sr. Rafael Godeiro, foi lançada a pedra fundamental no local onde se construiu a Igreja do povoado.

Em 1948, o Vigário de Patu, Padre Agostinho Bolhem, celebrava missa no dia 13 de outubro. No ano seguinte, iniciavam-se as trezenas de Santo Antônio, sendo encerrada com uma missa do dia 14. Após a celebração litúrgica houve uma festa e um animadíssimo leilão em benefício da dita construção. A partir daí passou a haver missa todos os meses, nas terceiras sextas-feiras, no grupo escolar, enquanto se concluía a construção da Igreja, entre os anos de 1948, 1949 e 1950.

Em janeiro de 1951, foi terminada a cobertura da capela. Em 23 de fevereiro do mesmo ano foi celebrada a 1ª missa pelo Reverendíssimo Padre Agostinho; a comissão executiva local estava presente, além de muitos fiéis. A obra foi executada pelos pedreiros Firmino Brilhante de Alencar e José Bento da Silva, renomados em construção de Igrejas, nesta região.

Nesta mesma época foi construído o mercado público, tendo início as feiras do Distrito de Várzea da Caatinga, que mais tarde foi denominado Várzea de Santo Antônio, por sugestão do Padre Agostinho. Depois, por um projeto apresentado na Assembléia Legislativa pelo Deputado Estadual Aderson Dutra, passou a ser chamado de "Rafael Godeiro", em homenagem ao Prefeito de Patu que criou o Distrito.

O município foi criado pela Lei nº 3.001, de 19-2-1963. O projeto de autoria do Deputado Estadual Aderson Dutra, e a lei sancionada pelo Governador de então, Dr. Aluízio Alves. A instalação do município se deu no dia 15-4-1964, tendo sido o seu primeiro Prefeito o Senhor Luiz Elias de Oliveira, nomeado interinamente por ato do Governador.

Como Distrito, foi desmembrado de Patu; como Município, foi desmembrado de Almino Afonso.

Foi criado com a denominação de município de Várzea da Caatinga e depois, por projeto do mesmo Deputado, foi mudada esta denominação para município de Rafael Godeiro em 1967, cuja lei não foi citada o número, mas foi sancionada na gestão do Governador Monsenhor Walfredo Gurgel.

Assumiram o cargo de Prefeito da cidade de Rafael Godeiro, as seguintes pessoas: Luiz Elias de Oliveira – Nomeado em 1964, Pedro de Paiva – eleito de 1965 a 1970, Gonçalo Paulo de Oliveira – substituto por

licença, Raimundo João de Paiva – eleito (1970 a 1973), Severino Lopes dos Reis – eleito em dois mandatos (73 a 77 e 83 a 88[6] – , Bertoldo Ferreira Neto – (eleito para o mandato de 1977 a 1983), Wellington Bertoldo de Lima 1989 a 1992, Ednor Godeiro da Silva – eleito para o mandato de 1993 a 1996, Abel Belarmino de Amorim Filho – eleito em dois mandatos de 1997 até 2004. Tendo sido eleita para o próximo mandato de 2005 a 2008, a Srta Ludmila Carlos de Amorim Araújo.

[6] De 1983 a 1987 O Sr, Ednor Godeiro foi Secretário da Prefeitura Municipal, e também se destacou como Diretor do ginásio local e como Presidente da Sociedade Educadora; a ele enviei o meu apelo: zele pela educação em Rafael Godeiro, porque a coisa mais sublime é a educação de um povo.

GEOGRAFIA DO MUNICÍPIO DE PATU

- LOCALIZAÇÃO, O MAPA, A BANDEIRA E O HINO DO MUNICÍPIO
- A ÁREA E OS LIMITES – ANTIGOS E ATUAIS
- ECONOMIA E RELEVO
- ACIDENTES GEOGRÁFICOS
- FENÔMENOS ASTRONÔMICOS – METEOROLÓGICOS
- RELATÓRIO SÓCIO-ECONÔMICO

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Mesorregião do Oeste Potiguar e Microrregião Serrana do Rio Grande do Norte, no Médio Oeste do Estado.

Latitude: .....6.06.36"
Longitude: .....37.38.12"
Altitude: (em relação ao nível do mar).....248m
Pluviosidade: (média anual).....800mm
Temperatura do Ambiente: (média anual).....28 Graus
Área do Município: .....369Km^2
População Total do Município: .....11.171 Habitantes
Censo 2000 – Homens: 5.458
Mulheres: 5.713
Total de Eleitores 9.033
Total de Ruas 77
Total de Avenidas.....02
Total de Praças Públicas.....07
Total de Prédios existentes na cidade*: 3.816
Total de Casas Comerciais (bares, lojas, etc.).....209
Total de Indústrias:.....04
Total de Propriedades Agrícolas:.....605
Área Cultivada:.....6.615 Hectares
Bovinos Existentes:.....10.320Reses
Tudo conforme Censo / IBGE de 2000

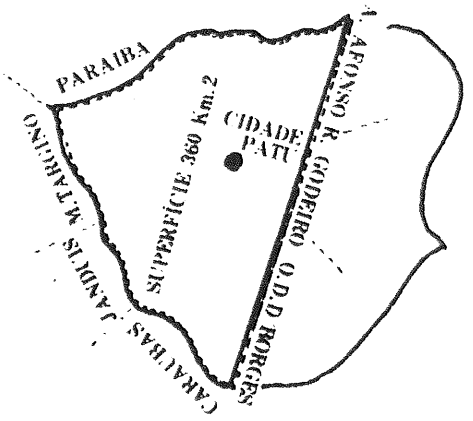
No número de prédios existentes na cidade não está incluídas as casas do Conjunto Nova Patu, por não estarem concluídas (informação de Edson Nogueira – Fiscal da Prefeitura) e o número de Ruas, Avenidas e Praças, foram informado por Edneide Gomes.

O MAPA ATUAL DO MUNICÍPIO DE PATU

Patu era um Município grande, desde sua fundação em 1890 até 1953, quando começou a ser retalhado em novos municípios. Com a expansão da criação de novos municípios no Estado, esses Distritos conseguiram a sua autonomia política, por proposições da Assembléia Legislativa e por força de Leis do Governo Estadual. Ainda hoje Patu é uma cidade pólo, de atração comercial e turística, onde os municípios circunvizinhos se abastecem.

O mapa original está arquivado no IBGE e nos foi cedido pelo Sr. José Gilvan, Agente local, cuja cópia abaixo, foi feita por Francisco da Silva Dantas.

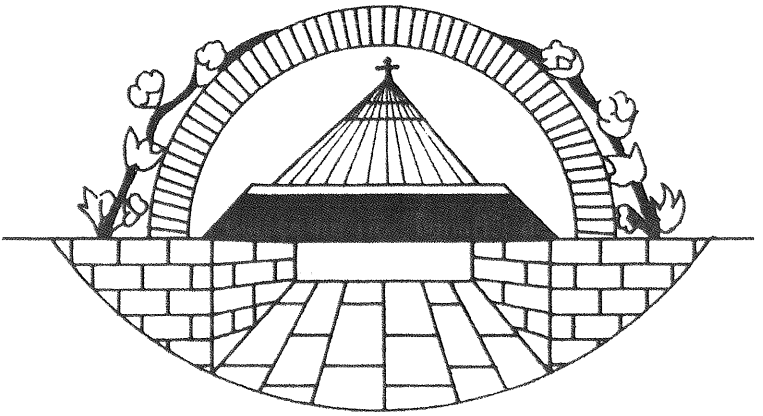
Embora não tenha sido encontrado o mapa antigo, para se ter uma idéia da grande dimensão do município, basta dizer que Patu, se limitava com o Município de Martins, pelo rio Umari e ia até a serra do Latão próximo ao lugar onde hoje é João Dias, isto pelo poente; ao sul se limitava com os Municípios de Catolé do Rocha e Brejo do Cruz; ao nascente, com a Paraíba e ao norte com Caraúbas e Apodi. Felinto Barros, conta que andava a cavalo percorrendo as fronteiras do município e gastava mais de uma semana para fazer o percurso.



Desenho do Mapa do Município de Patu

A BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE PATU

A nossa Bandeira foi criada com denominação de Brasão Municipal, pela Lei nº 129 de 3 de março de 1972, na gestão do Prefeito Municipal Lourival Rocha, nela está contida a maquete da arquitetura do Santuário do Lima, ladeado por dois ramos de algodão, que simboliza o principal produto do Município. O vereador patuense Petronilo Hemetério Filho, fez parte da primeira comissão de planejamento e elaboração de modelos-sugestões da Bandeira do nosso Município, juntamente com os universitários do Projeto Rondon, eles contribuíram para que tivéssemos uma Bandeira bem organizada e bonita, que hoje tremula no mastro em frente à Prefeitura local. O material foi fornecido pelo Dr. Epitácio de Andrade, para nossa pesquisa; o desenho muito simples, como vemos abaixo, foi executado pela Srª. Alvanir Maria de Moura.



Bandeira do Município de Patu[7].

[7] As cores da nossa bandeira são: Verde, Amarelo, Branco, Cinza, com listas pretas.

O HINO A PATU

O Hino oficial do Município de Patu, foi criado pela Lei nº 008/2003-GP, sua letra é de autoria da poetiza Maria Celli Suassuna Leite, o arranjo musical do maestro Josineldo Moreira da Silva e a execução da banda de música (local) Luiz de França Dantas.

O Hino de Patu foi lançado em CD e tem a seguinte transcrição literária:

I

Ao pé e sombra da serra altaneira,
Em sol brilhante,
Patu ressurgiu terra querida,
Por nós tão amada
com o céu, estrelas, aurora e luar
com o teu vento soprando a [história,
de esplendor tradição secular.

Estribilho

Nós somos teu povo
ardente história valor cultural
existência e memória
do nascer ao morrer
tua glória.

II

Teus filhos índios
eternos guerreiros
a terra deram denominação cariris
bravos que primeiro viram
do fértil solo gigante riqueza
coma origem de tribo habitante
deram a Patu tuas almas em [nobreza.

III

À nossa terra querida Patu
linguagem indígena montanha [sonora
somos teus filhos
e a ti cantamos teu belo hino
de amor e de glória
nossos valores somados farão

IV

Terra de ilustres batalhadores
que na saudade lembrança
mergulha vultos mhistóricos,
que o tempo levou neste hino
memória a cantar cada herói
que o nome deixou no livro
terra em letras lembrar.

V

Linda muralha da natureza
Resplandecente divina criação
Serra do Lima com tanta beleza.
O Santuário que é nosso brasão
salve!
Patu Salve! Tua nobreza canta teu povo,
Do amor a canção.

DETALHES SOBRE OS LIMITES ANTIGOS DO MUNICÍPIO DE PATU ESTABELECIDOS PELO DECRETO-LEI Nº 311, DE 2-2-1938

a) **Limites Municipais Antigos**

1. Com o Município de Caraúbas:

A partir do marco nordeste do sítio "Encantado", segue, em linha reta, à serra da "Cachoeira"; desta, ao marco leste da fazenda "Maravilha" à margem esquerda do riacho "Tamanduá, ou São Joaquim" daí, por uma linha reta, à cacimba "Aumento", do sítio "Logradouro" daí por outra reta, ao serrote "Branco", deste, em linha reta, à serra das "Emas" ou das "Trincheiras", e daí ao serrote "Mirador".

2. Com o Município de Augusto Severo:

A partir do serrote "Mirador", segue o limite pelas divisas das propriedades "Oiteiro", inclusive, e "Maracanaú", e daí até o lugar "Balanços".

3. Com os Municípios de Brejo do Cruz e Catolé do Rocha: (Estado da Paraíba):

A começar no lugar "Balanços", segue para as cachoeiras do riacho "Jandaíra"; daí, ao serrote "Pau D'Arco", ao marco da "Cabeça do Boi", à "Impueira do Angico", na vargem da Ema; daí, à propriedade de Geriboé, e deste ao marco da "Lagoa da Roça" ao lajedo, e as extremas de "Santa Casa", com "Gameleira", à parede do açude no sítio "Timbaúba", e extremas da propriedade "Escondido" e Volta, seguindo pela baixa do "Carro Quebrado" para o serrote dos "Narcisio", daí pelo divisor das águas, ao meio do "Alto das Aroeiras", e, deste pelo divisor das águas até a ponta da serra dos "Cabeços", ao lado norte; deste ponto, ao serrote do "Pau", seguindo até à chapada da serra de "Bento Alves"; deste, à chã da serra de "Santana", até o píncaro da serra do "Latão", na "Cachoeira de Pedra", do riacho do "Latão" e ao lugar "Gruta", no limite do município de Martins.

4. Com o Município de Martins:

A começar do lugar "Gruta", limita-se com a Paraíba e segue a linha para a "Cachoeira de Pedra", no riacho "Latão", daí pelo curso do rio "Cacimba da Vaca"; até onde ele faz barra no rio "Umari", na propriedade "Boqueirão", e, daí, pelo curso do rio "Umari" abaixo, até a fazenda "Carneiro", inclusive, à margem do rio.

5. Com o Município de Apodi:

A partir das extremas da propriedade "Carneiro", inclusive, segue pelo curso do rio "Umari", abaixo, em direção às divisas das fazendas "Jacu" e "Pau D'arco", com o sítio "Encanto", de onde principiou.

b) Divisas Interdistritais

1. Entre os Distritos de Patu e Olho D'Água do Borges:

Começa no riacho "Paulista", nos limites com o Município de Caraúbas; segue pelo curso do mesmo riacho "Paulista" até cortar a estrada de Patu a Divinópolis (Umarizal).

2. Entre os Distritos de Patu e Almino Afonso:

Começa no ponto onde a estrada de Patu a Divinópolis, é cortada pelo riacho "Paulista"; segue pelo curso do mesmo riacho acima, até atingir o limite com o Estado da Paraíba.

3. Começa no rio "Umari", desde a fazenda "Caiçara", segue pela estrada de Divinópolis a Patu, até o ponto onde é cortada pelo riacho "Paulista".

c) Limites atuais do Município de Patu:

O Município de Patu limita-se ao sul com os Municípios de Catolé do Rocha e Belém do Brejo do Cruz (Paraíba); ao norte com os Municípios de Caraúbas e Olho D'água do Borges, ao leste com Janduís e Messias Targino; e ao oeste com os Municípios de Olho D'Água do Borges, Rafael Godeiro e Almino Afonso, todos desmembrados do Município de Patu.

Pelos limites antigos a área do Município de Patu, era 1.500Km^2 e após os desmembramentos ficou reduzida a 369Km^2, perdeu quase 2/3 do seu território.

GEOGRAFIA

ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS DE PATU
ASPECTOS FÍSICOS

Acidentes Geográficos

1. Serras e serrotes existentes no município de Patu. Serra Grande também denominada serra de Patu, serra do Vidéo, serra do Cafarnaum, serra do Tourão, serra do Saco dos Doidos, serra dos Limões, serra do Vinagre, serra do Macacão, Brejinho e Cajueiro, serra da Beleza e Encanto, serrotes: Frade, Bicudo, Cumaru, Mirador, Chato, Tanques, João Pereira, Quebra-Quilo, Pelego, Escondido, Verde, Sieba, Granadeiro, das Vassouras, dos Bolas, do Nacísio. Este último é o ponto de referência – Limite do Rio Grande do Norte.

2. Rios e riachos existentes no Município: Riacho do Paulista ou do Tourão, riacho do Patu de Fora, Picos, Beleza, Escondido, Lagoa de Pedra, Manuê ou da Lagoa, Jatobá ou das Trempes, riacho do serrote Verde, Tanques, Fortuna, Gameleira, Tuiuiu e riacho do Saco dos Doidos.

3. Açudes médios e pequenos existentes no Município: Açudes públicos do Paulista, da Lagoa de Pedra, da Comunidade do Jatobá, do Tourão. Açudes particulares: Escondido, Brejinho, Gameleira, Picos, Serrote Verde, Coqueiros, Lagoa, Pé da Serra do Lima, Jatobá, Morada Nova, Traira, Mundo Novo, Sossego, Tuiuiu, Bodes, Lajes, etc. Existem ainda grandes quantidades de açudes menores denominados barreiros, que servem para o gado beber e os proprietários apanhar água.

4. A Cidade de Patu, fica localizada no sopé de uma grande serra, que tem 699m aproximadamente de altura,[8] é uma belíssima montanha, tendo um cruzeiro branco no cimo da serra. Quando chove a serra fica com um barulho constante, com precipitação das águas nos talhados lisos e escorregadiços de

[8] A altura da Será de Patu foi obtida pelo IBGE de natal, no ano de 2000, conforme consta nos mapas aéreos fotogramétricos.

uma inclinação formidável; depois fica reluzindo na rocha como se fosse um espelho na luz solar. É uma maravilha da natureza.

5. A área do município é mais ou menos plana, com poucas ondulações, apresentando serras com rochas, havendo a predominância do cristalino. São terras de poucos alagadiços, constituindo um relevo mais ou menos regular, cortado por alguns riachos.

6. A vegetação é densa com matas apresentando as características da caatinga.

7. O clima predominante é Tropical Megatérmico, com a temperatura alternando entre moderada a elevada. Sendo que de outubro a abril é o período mais quente, às vezes chega a 38°, porem a média anual é de 28°.

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

A CASA DE PEDRA

A Casa de Pedra, também conhecida como casa de pedra "Jesuíno Brilhante" fica na serra do cajueiro, distante da cidade 6Km, ao lado da BR que dá acesso para Catolé do Rocha-PB, a 2Km distante da rodovia. É uma obra da natureza, contendo um salão que dá para abrigar 30 pessoas, 3 fendas largas na rocha como se fossem 3 quartos e uma espécie de parapeito por toda largura do portão de entrada, onde Jesuíno Brilhante se entrincheirava para dali, deitado por traz do balcão de pedra fazer "fogo" contra a polícia, juntamente com seus companheiros. Nunca foram atingidos pelas balas da força pública chamada de "volante", e nunca sofreram um derrota nas lutas travadas com a polícia, várias vezes, com dezenas de soldados. Durante certo tempo, Jesuíno Brilhante morava lá com a sua família achando-se seguro na fortaleza, feita pela natureza, onde contemplava a beleza da montanha, o gorjeio dos pássaros e os assobios dos macacos. Respirava o oxigênio puro. Como só havia um caminho de acesso, de lá de cima da quebrada da serra avistava quem se dirigia à casa de pedra. Sentia-se seguro com este serviço de espionagem. Zombava da polícia e só iam lá, os amigos e familiares. Os que tentassem violar o seu esquema de vigilância sem se comunicar, eram recebidos na boca do bacamarte. Lá estive 3 vezes para fazer fotografias em cena de luta entre Jesuíno e a polícia, para o livro do Escritor Raimundo Nonato e Mundico Rocha. Fica uma sugestão às autoridades competentes, do Estado ou Município, que construam uma estrada até a casa de pedra do Jesuíno Brilhante e aperfeiçoem o caminho do pé da serra até lá, pequena distância subida da serra e oficialize como o segundo ponto turístico de Patu. Já há motivos para isto, pois existe um filme sobre Jesuíno Brilhante, um livro do Escritor Raimundo Nonato cujo título é "O Cangaceiro Romântico" e também a Revista em Quadrinhos, denominada Igapó. Todos desejariam ver de perto a grande casa de pedra edificada pela natureza.

Convém lembrar à municipalidade para fazer um decreto transformando a casa de pedra, em patrimônio público, local de visitação pública, já que é um ponto turístico e pitoresco. Para isto é necessário

ampliar o acesso e preparar a caverna com limpeza e recondução dos instrumentos de Jesuíno Brilhante. Eis algumas solicitações:

A Lei Orgânica Municipal, em sua Emenda de Adequação à Constituição Federal, consta no seu artigo 10 – Fica incorporado ao patrimônio histórico do Município de Patu, a Casa de Pedra do Sítio Cajueiro, local ligado à figura legendária de Jesuíno Brilhante. Parágrafo Único – O Poder Executivo promoverá através de decreto, no prazo de cento e oitenta dias da promulgação desta Lei, o tombamento do referido local histórico, bem assim a forma de aproveitamento do seu potencial turístico. Sancionada em data de 03 de abril de 1990.

CÓPIA DO OFÍCIO ENVIADO AO EXMO SR. PREFEITO

Patu(RN) 08 de dezembro de 1997

AO
EXMO SR. PREFEITO MUMINIPAL DE PATU
MD. Dr. Ednardo Benigno de Moura
Patu – RN

Senhor Prefeito:

Sendo Patu um Município que detém um potencial turístico, sabendo que podemos juntos iniciar a exploração desse potencial, para assim oferecer aos que desejarem uma forma de gerar emprego e renda, assim como divulgar a nossa cidade, seus costumes e suas tradições, é, que proponho e solicito o que se segue:

1- Pedir o consentimento do proprietário da Fazenda Cajueiro, para abrir um acesso de visitação para o público da casa de pedra e da gruta de pedra, refúgio de Jesuíno Brilhante.

2- Desmatar e fazer uma via de acesso aos locais de visitação, como também uma limpeza aos respectivos locais citados.

3- Colocar placas identificativas dos vários cômodos da casa de pedra, para que os visitantes possam entender que a natureza construiu uma casa com quartos e sala, para servir de refúgio ao famoso cangaceiro romântico, como assim denomina o escritor Raimundo Nonato.

Sendo sabedor da sua preocupação em buscar o desenvolvimento para a nossa terra, melhorar as condições de vida do seu povo, é que juntos Sábado dia 06/12/97, fizemos uma caminhada e visitamos esses locais citados, sem acesso e sem a mínima condição de visitação pelo povo, é, que faço um apelo para que tome as providências necessárias se possível, afim de que possamos divulgar e abrir as portas de Patu ao cenário turístico do nosso Estado e do nosso País. Sendo necessário ainda, para maior e melhor divulgação, contactar com Buzza Ferraz, Diretor do Filme sobre Jesuíno Brilhante que deverá ser encenado em breve, para que essa filmagem seja feita na região de origem que é Patu.

Sendo só o que apresenta para o momento, e na certeza de um pronto atendimento, subscrevo-me,

Cordialmente,

Petronilo Heméterio Filho

Casa de Pedra de Jesuíno Brilhante no sítio Cajueiro-Patu.

O PICO DO CRUZEIRO DA SERRA DE PATU

Os mais antigos contam que existia um cruzeiro de madeira no pináculo do lado do nascente da serra. Dizem que foi colocado pelo Padre José Scholl não se sabendo a data, presume-se ter sido em 1921. Contou João Inácio de Oliveira que em 1926/1927 o Sr. Antônio Solano de Moura, estava sofrendo das faculdades mentais e incutindo na mente que aquele cruzeiro estava atrapalhando a sua vista e por este motivo foi lá no cume da serra e derrubou o velho cruzeiro deixando-o a beira do abismo. Dias depois do acontecimento, João Inácio e Horácio Lopes em companhia de um soldado de polícia do destacamento local, foram à serra e tornaram a botar o cruzeiro no mesmo canto, no lugar primitivo. Alguns dias depois o mesmo senhor tornou a derrubar o cruzeiro e desta vez foi quebrado e jogado os pedaços serra a baixo para não mais ser recolocado naquele local; foram informações prestadas por João Inácio ao pesquisador. Como era um feito tradicional, o povo da cidade sentia falta do cruzeiro. Em 1938 o Delegado de Polícia Tenente Alcebíades, auxiliado pelo agente da Mesa de Renda de Patu, o Sr. Joaquim de Oliveira, fizeram uma campanha junto aos comerciantes e fazendeiros do município visando angariar donativos para construir um novo cruzeiro, desta feita foi construído o esqueleto de ferro e concreto (cimento armado) e foi colocado no pico do meio da serra, onde se encontra a vista de todos. A inauguração do novo cruzeiro ocorreu no dia 20 de janeiro de 1938 e recebeu a denominação de "Cruzeiro São Sebastião" em homenagem aos militares, porque São Sebastião é o protetor dos militares.

O ato inaugural do cruzeiro constou na sua programação: uma missa solene celebrada pelo Padre Frederico Pastors, animada pela banda de música local, a qual fez diversas apresentações, tais como: dobrados, frevos, e etc. Foi um dia festivo para o povo do município, bem comemorado, com foguetões e muita alegria, pois houve um comparecimento expressivo das famílias patuenses. Ficou gravada em nossa história porque o cruzeiro (Grã-Cruz) vem desde o descobrimento do Brasil sendo símbolo da fé cristã, e agora colocado o nosso cruzeiro no cume de uma montanha a mais de 600 metros de altura aproximadamente. O povo não compareceu somente à festa de inauguração. Ficou indo lá constantemente fazer visitas, soltar fogos de artifícios, fazer piquenique. O Cruzeiro é visto a uma distância de aproximadamente 12 km.

AS COMUNICAÇÕES

I – Pequena História dos Correios:

Por necessidade de Comunicação, o homem criou o correio. Dário III foi fundador do primeiro correio do mundo, no Império Persa, no ano de 515 a.C.

Nas colônias Inglesas da América do Norte, antes da existência do telégrafo, usaram-se correio a cavalo, em que cavaleiros iam de cidade em cidade, vilas e povoados entregando as correspondências. Este sistema foi também utilizado aqui no Brasil no período Imperial, e estes entregadores chamavam-se de "postilhões", que passavam aqui em Patu para deixar cartas e encomendas oriundas de outras províncias do Império do Brasil. Com a modernização foi criado o telégrafo nacional por D. Pedro II e espalhado por todos os Estados do Brasil, simplificando a demora existente nas comunicações.

II – O Correio em Patu:

Antigamente em Patu não havia correio. As malas vinham de Campo Grande (Augusto Severo) e eram transportadas a cavalo pelos encarregados José Pereira, Julião e Theodoro. O primeiro encarregado da distribuição das correspondências da Vila foi Izabel Amélia Câmara (Belinha), depois de criada uma Agência dos Correios e Telégrafos na cidade de Patu, por iniciativa de João Godeiro da Silva. Havia também um Telégrafo instalado na Estação Férrea de Patu.

Agente dos Correios em Patu desde sua fundação até nossos dias: Izabel Amélia Câmara, João Godeiro da Silva, José Rocha de Almeida, João Carlos, Abigail Nunes de Souza e Silva, Maria de Lourdes Carlos; Zenaide Carlos, Nestor Pereira, APT – Agência Postal Telegráfica, em 1950, depois passou para Luzia Nunes de Paiva, Wilson Nunes dos Reis, Nely Dantas da Rocha, Maria das Graças Pessoa de Lima, Lucineide Ferreira de Azevedo e João Torres Gurgel.

Em 1971 chegou a Patu a reformulação no sistema de correspondência e foi criado o sistema de codificação postal, pelo qual o município recebeu o nº 59.770-000 CEP (Código de Endereçamento Postal). Essa reforma permite a entrega da correspondência no menor espaço de tempo possível.

desde que na correspondência esteja colocado o código de endereçamento do destinatário. Este sistema é novo no Brasil, mas já conhecido na Inglaterra, França e Estados Unidos.

Com a reformulação dos Correios assumiu o Sr. Arni Praxedes de Melo, que desde 08 de setembro de 1982 até os nossos dias, continua na direção dos Correios Local, e opera também com o Banco Postal Bradesco/Correios.

III – Telefones da Cidade de Patu:

Em 1959, o Prefeito Municipal Dr. Aderson Dutra de Almeida, fundou um centro telefônico e interurbano a pilha, onde se fazia ligações diretas com Mossoró, Pau dos Ferros, Caraúbas, Martins, Alexandria, Catolé do Rocha e outras cidades. O centro telefônico, bem como os telefones eram alimentados por grandes pilhas elétricas. Em 1963 quando o Prefeito João Pereira de Araújo assumiu a Prefeitura local, foi desfeito este sistema de comunicações provisórias. Em 1969, o Sr. Lourival Rocha assumiu a Prefeitura, restaurou o centro telefônico de Patu, desta vez com aparelho de discagem interna automática. Em 1973 volta novamente à Prefeitura o Sr. João Pereira de Araújo, e novamente é desfeito o centro telefônico do município, por causa de defeitos técnicos. Em 1977 o Prefeito José Tavares de Holanda, conseguiu com a TELERN um posto de serviços – PS, que funcionou numa das praças de nossa cidade com serviços precários, onde havia duas telefonistas atendendo, mas a central ainda era em Mossoró, porque Patu ainda não conseguiu uma Central apesar de prometida desde 1978, não chegou a nossa vez e por isto os nossos canais estão abertos aguardando para falar com todas as cidades brasileiras, mas precariamente e com muita demora.

Atualmente (2004) operamos com sistema DDD – Discagem Direta a Distância, com aproximadamente 1.000 telefones instalados entre particulares e públicos.

O DRAMA DA SECA

Diziam os velhos do século XIX, que a maior seca registrada naquele século foi a de 1877, não pingou naquele ano e nos dois seguintes, 1878 e 1879, não deu para criar lavoura porque as chuvas quase não davam para molhar uma folha de papel. O gado morreu de fome e sede, a maioria dos habitantes de Patu e da região emigrou para outros Estados e para a cidade de Mossoró, por motivo de não ter água para beber e os gêneros alimentícios se acabaram. Nada mais triste do que ver a paisagem seca, o gado magro e o homem do campo olhando para o tempo seco, esperando pelas bênçãos do céu, rezando e pedindo a São José as chuvas de que necessita, ou esperando uma gota d'água transportada pelos carros-pipas patrocinados pelo Governo, que mal dá para saciar a sede da sua família, imagine a dos animais.

Infelizmente não há como escapar desse cenário no Nordeste, onde a seca é um fenômeno constante que atemoriza até as nossas vidas. É de fato um atropelo para os nordestinos, é uma pena porque é um homem trabalhador, forte e tão bravo, que luta pela sobrevivência, abdicando até das necessidades básicas, porém sem água a vida torna-se impossível.

A seca é uma preocupação de todos, o Governo que se cuide, elaborando projetos e programas concretos de convivência com a seca.

Contam que em 1877 nas estradas de Mossoró morreu muita gente de fome e sede, principalmente as crianças. A minha avó materna contava que a fome foi tão tirana que, os habitantes da terra comiam pão de macambira, de xique-xique, raiz de embiratanha, couro assado e outros. A Situação nas fazendas era constrangedora, porque no pátio da casa grande e nos lugares das aguadas, estavam repletos de carcaça (tampo) de animais mortos. Muitos fazendeiros foram embora para outros lugares atemorizados com a catástrofe da seca.

Em Patu, houve várias secas no século passado. Passarei a falar sobre muitas delas, houve uma grande seca em todo Nordeste, e em Patu foi das mais difíceis, em virtude da falta de comunicações e vias de transporte. Os gêneros alimentícios vinham da cidade de Mossoró, centro comercial do sertão, transportados em lombo de burros pelos comboieiros que tangiam tropas de burros para o Cariri, no Ceará, donde traziam rapaduras e feijão para Mossoró. Farinha de trigo e de mandioca e outros gêneros de primeira

necessidade, bem como tecido para vestuário, ferramentas, etc. Constituíam os principais produtos que eram transportados pelos comboieiros. Outro sistema de transporte era de navio, que desembarcava mercadorias em Grossos, depois seguiam de trem para Mossoró e diversas cidades do oeste, por exemplo, Patu era uma delas.

Em 1915, não choveu em Patu – foi uma seca total. O gado morreu de fome e sede quase em sua totalidade. O povo se mudou em mais de metade dos habitantes para outro Estado e para a região do Brejo, na Paraíba.

Em 1919, deu só uma chuva durante o inverno; porém foi grande e juntamente como neblineiro do mês de junho, ainda fez um pequeno recurso para o gado.

Em 1931, foi um ano de chuvas escassas.

Em 1932, também foi um ano seco, mas choveu variado em partes do sertão e o milho soltou o pendão e o feijão estendeu. No entanto, não houve colheita, por falta de chuva no último período do inverno. O Governo da República, através de seu Ministro José Américo de Almeida, fez construções de grandes açudes em todos os Estados do Nordeste. Devido a aglomeração do povo nas obras de açudagem, houve epidemia, causando a morte de centenas de caboclos, vítimas de febre maligna. O povo de Patu deslocou-se para Lucrecia/RN, onde havia sido implantado um canteiro de obras para construção do açude da localidade.

Em 1941 – escasso.

Em 1942, foi um ano de grande seca, chovendo pouco em fevereiro. No início o povo sofreu grandes dificuldades, a fome foi grande, mas os habitantes se espalharam por outros Estados. O Governo não deu cobertura à pobreza, que sofreu muito com fome e a Segunda Guerra Mundial.

Em 1951, foi um ano de seca, havendo chuvas escassas entre maio e junho. O governo abriu frentes de trabalho para executar construções de estradas, tais como: a estrada Patu-Brejo do Cruz e a central Patu-Catolé do Rocha.

Em 1958, caracterizou-se como um ano de seca total, chovendo pouco de junho para julho. Neste ano, o Governo do Presidente Juscelino Kubitschek deu à pobreza toda assistência, criando frentes de trabalho, construindo estradas e açudes. Para pagamento nos 6 (seis) Estados onde a seca atingiu, o DNOCS instalou barracões de pagamento, e ao invés de pagar com dinheiro, pagava semanalmente com mercadoria (cereais, etc). Foi

como se tivesse havido uma grande safra. Os cereais baratearam, porque os operários ao invés de irem à feira comprar, iam vender abaixo do preço de mercado, para pegar no dinheiro e comprarem outras coisas de necessidade caseira. Os operários viviam ao longo das estradas em construção. Era Prefeito de Patu, naquela época, o Dr. Aderson Dutra de Almeida, que para socorrer os flagelados abriu crédito especial e iniciou construções e depois o DNOCS tomou conta do alistamento dos desempregados da seca.

Em 1970, houve seca em 5 (cinco) Estados. Choveu, porém, muito pouco. O pasto ficou pequeno, mas deu para escapar o gado com o auxílio da macambira.

Em 1976, choveu parcialmente e variado. Foi chamado o ano da seca verde, houve pouca produção.

Em 1978, a chuva foi escassa, não houve decreto de emergência pelo Governo, porém não foi um ano bom, chovendo em alguns lugares e outros não.

Em 1979, foi um ano fraco e variado. Seca parcial. O serviço da emergência modificou-se, e em vez de criar frentes de trabalho, procurou situar o elemento na propriedade onde trabalhava, executando obras de desmatamento, pequenos açudes; evitando assim o deslocamento da população de uma região para outra. A precipitação pluviométrica foi em média de 300 mm.

Em 1980, tivemos uma seca verde. Em Patu, choveu em cerca de 800 mm dentro de 20 dias; ou seja, de 15 de fevereiro a 16 de março, a lavoura perdeu-se toda porque não pingou na época da frutificação. Se as chuvas caídas tivessem sido bem distribuídas, dava para criar a lavoura; porém veio tudo de uma só vez.

Já em 1981, houve um recurso para os animais. Em Patu, só choveu 320 mm, o período foi curto para as chuvas, foi de 17 dias (13 de março a 1.º de abril), os açudes do Município ficaram secos, havendo escassez de água, não houve produção de cereais e o algodão foi de 20% apenas.

Em 1983 não choveu quase nada em todo o Nordeste, em Patu não foi diferente, as chuvas não deram nem para germinar as sementes plantadas.

De 1984 até nossos dias, houve seca nos anos de 1990/91/93/98/99 e fechando o século XX (2000) foi com chuva irregular e seca verde em diversos Estada do Nordeste.

Já houve 83 secas em Patu e no Nordeste desde sua colonização até os nossos dias. A primeira foi em 1587, contada por Fernão Cardim no relatório da viagem que fez da Bahia para o Pernambuco; os índios se socorreram dos brancos para escapar do flagelo das secas e não morrer de fome.

Quando Patu foi fundado, em 1777, transcorria uma grande seca. Podemos dizer que nascemos numa seca. Cem anos depois da fundação de Patu, Jesuíno Brilhante usou a força dos bacamartes para conseguir alimentos para os flagelados da grande tragédia de 1877(a seca). Tomava os comboios de víveres do Governo e dos comerciantes, distribuía com os famintos e retirantes que fugiam para escapar da voracidade da fome. Era uma grande preocupação de Jesuíno, ajudar aos pobres e retirantes que emigravam para outras regiões, em busca de sobrevivência e eram socorridos no trajeto por Jesuíno, que conseguia dar de comer e beber aos retirantes da seca. Ao usar as armas para conseguir víveres e doar aos necessitados, a seca estava sendo combatida como se fosse uma guerra, de arma em punho, desviando os comboios Jesuíno escapou centenas de conterrâneos durante a catástrofe.

Atualmente a população atingida pela seca, fica sob os cuidados do Governo Federal, Estadual e Municipal. Os políticos criaram a indústria da seca questionando no Congresso Nacional o amparo aos flagelados. Usam artimanhas se dizendo prestadores de favores, porém só para ganharem o voto do homem do campo e se elegerem politicamente, continuando tudo do mesmo jeito, os problemas nunca foram resolvidos, forjam programas paliativos que amenizam, mas não resolvem definitivamente. Cabe a sociedade se reunir com os órgãos governamentais e exigir soluções concretas como aconteceu com as Diretas Já, com o *impeachment* do Presidente, com o Grito da Seca.

O número de Secas foi pesquisado da *Revista Interior* da extinta SUDENE, e atualizado pelo Relatório do Dep. Nélio Dias.

O GRITO DA SECA

Os agricultores do Rio Grande do Norte cansados de tantas secas e da humilhação dos bancos, ficaram irritados em ver seus nomes irem para o SERASA, porque não pagaram seus empréstimos em dia, em virtude de não ter havido produção devido as secas consecutivas. Deram-lhes o apelido de "Inadimplentes", o que na linguagem popular quer dizer velhaco, o que na verdade era injusto. Não pagavam porque não houve produção. Procuraram as autoridades competentes do Governo em busca de soluções, porém não foram ouvidos. Daí os produtores se organizaram e realizaram uma manifestação chamada de GRITO DA SECA, o que foi feito por duas vezes. A primeira vez foi na cidade de Lajes, com a presença de 2 mil pessoas, quase sem resultado porque as autoridades nem quiseram ouvir as reivindicações, pois as chamaram de papo de nordestino. Foi organizada outra comissão, coordenada pelo produtor rural Nélio da Silveira Dias, desta vez foi realizada no pé da Serra do Cabugi, em 10 de julho de 1999, na Região Central do Estado. Cerca de 10 mil pessoas participaram da manifestação, incluindo representantes: das Igrejas Católicas e Evangélicas, das Federações da Agricultura, dos Sindicatos Rurais e de Trabalhadores, das Instituições não Governamentais, dos Parlamentares de diversos Estados e o povo em geral. O Presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Patu – Sr. Petronilo Hemetério Filho – participou do evento conduzindo uma caravana composta dos sócios deste Sindicato, que compareceram a esta manifestação, onde propuseram a renegociação ou parcelamento das dívidas rurais contraídas através de empréstimos bancários e que por causa das secas constantes se tornaram inadimplentes.

Desta vez, tendo sido para valer, o Grito da Seca foi ecoar no Congresso Nacional em busca de soluções concretas para o endividamento rural. Eis, O Grito da Seca em Versos, de autoria do Profº Joaquim Crispiniano Neto:

I

Ergue o punho,
abre a garganta
Seridó e Cariri
Vales, Serras e Chapadas,
Do Tauá ao Burití
O negócio agora vai
Que um GRITO DA SECA sai
Do Pico do Cabugi

II

Já chega de suportar
Humilhação, desengano.
Trinta e seis secas num século
Dez meses secos por ano.
Fome, sede e paciência...
Mais de um século de "emergência"
Cada seca um "novo" plano!

III

Desde Pedro Segundo,
(que vivia numa boa),
Disse que vendia até
Todas jóias da coroa
Pra salvar os nordestinos,
Que governantes cretinos
Fabricam projetos à toa!

IV

Os poderosos da Pátria
Só nos põem em desvantagens
Taxando os proprietários
De "Coronéis da Estiagem"
E os peões são batizados
De cassacos, flagelados.
E eles só na SECAnagem.

Para participar da Audiência Pública na Comissão de Agricultura do Congresso Nacional, em 27 de Junho de 2004, a fim de discutir a questão do endividamento rural, foi para Brasília uma Delegação representando a Federação da Agricultura do RN - FAERN, composta pelos senhores: Leônidas Ferreira de Paula – Presidente, Petronilo Hemetério Filho – Secretário, Paulo Gomes Júnior – Tesoureiro, Guilherme Pereira dos Santos – Advogado, todos representando os agricultores do nosso Estado.

O Deputado Federal Nélio Dias, integrante da Comissão de Agricultura e autor da convocação para o evento, solicitou da Tribuna que fosse dado um tratamento diferenciado aos produtores e pecuaristas do Semi-árido nordestino, e após quatro horas de longos e acirrados debates, foi anunciado pelo Ministro da Integração Nacional – Sr. Ciro Gomes, a criação de uma comissão de Técnicos para estudo de viabilidade, sendo que o Ministro, solicitou das Federações de Agricultura do Nordeste, dos Sindicatos Rurais e das Associações, informações detalhadas sobre as dívidas e a situação dos produtores rurais em cada Estado. Tais informações

servirão de subsídio para a criação do Estatuto do Produtor Rural do Semi-Árido Nordestino.

Foi criado também o Instituto do Semi-Árido para estudar os problemas enfrentados pelos nordestinos e adequar as suas necessidades utilizando novas tecnologias de convivência com a seca.

O Instituto tem sede em Brasília-DF, com uma representação em Recife/PE, foi nomeado para Presidente o Nordestino Sr. Manoel Dantas Villar, vulgo Manoelito, paraibano de Itaporanga.

A foto acima representa a equipe de pagamento dos flagelados da seca de 1958, no sítio Grotão, no município de Olho D'água do Borges.

A PASSAGEM DO PLANETA DE HALLEY E OUTROS ACONTECIMENTOS VISTOS EM PATU

Tremores de terra: apesar de não haver terremotos no Nordeste, às vezes a terra dá estrondos e chega a tremer principalmente na região do Mato Grande(João Câmara). No século passado já houve vários abalos sísmicos de pouca intensidade. Em 1949, houve um grande estrondo e desceu do céu (dizem que era uma estrela) para o lado do Nordeste e terminou com um grande estremecimento no Atlântico. Em 1973, em Natal, a terra estremeceu durante uns 3 (três) minutos, assombrou os funcionários que trabalhavam em edifícios altos que chegaram a correr de escadaria abaixo com medo de desabamento, mas foi de pequena intensidade; parece que chegou a três graus da Escala Ristter. No dia 20 de Novembro de 1980, pelos 30 minutos da madrugada a terra tremeu em Patu e municípios vizinhos, fato presenciado por milhares de pessoas. Aqui foi pequeno o tremor, mas no Ceará, precisamente em Fortaleza, Pacajus, Crateús, Quixadá e muitos outros municípios, causaram espanto à população. Caíram até casas e racharam-se prédios, as pessoas correram para as ruas assustadas. Chegou a medir 5,8 graus de intensidade na Escala Ristter. Aqui os efeitos foram menores. A intensidade foi medida pela estação Sismográfica de Brasília DF.

HALLEY foi um astrônomo Americano que fez o estudo descrito do cometa que ficou conhecido pelo nome O COMETA HALLEY.

Em 1910, apareceu no céu um cometa que tinha uma cauda impressionante, medindo de Leste a Oeste, no horizonte, 20.000.000 Km de comprimento, 400.000 Km de largura, (pesquisa do livro de Raimundo Soares de Brito) e sua luminosidade, nas madrugadas escuras chegou a ser comparada com o claro da lua cheia nas noites de céu limpo. Contava a minha mãe que viu a grande cintilação deste astro, que parecia estar faiscando no espaço e no dia de sua passagem em 20 de Maio de 1910, muita gente observou a olho nu, no intuito de assistir à mudança. Dizem que ao completar a sua trajetória, o corpo celeste atingiu o tamanho hemisférico e durante o percurso da mudança amedrontou muita gente que dizia, sobressaltada, ser o fim do mundo. Pois parecia que o cometa estava

faiscando. Este corpo celeste aparece a cada 76 anos, tendo aparecido em 1910 com características mais visíveis e mais próximas da terra. Em 1986, o citado cometa reapareceu nos céus do Brasil, desta vez a sua trajetória foi diferente, tendo passado muito distante da Terra, só foi visto através de telescópio, muita gente em Patu foi aos pontos de maior altitude na tentativa de conhecê-lo, o que não foi possível ver a olho nu. Devido a sua intensidade, ou seja, propagação, quando foi visto de sua passagem em 1910, tornou-se grande a movimentação e expectativa para vê-lo neste ano (1986).

ALGUNS ECLIPSES AQUI NO NORDESTE, VISTO EM PATU

A minha mãe contava que ouviu muitas vezes a avó dela falar a estória de um grande eclipse com três dias de escuridão e tremor de terra. Como prova, ela mostrava um copo de vidro com decoração colorida, todo trincado da queda que sofreu da prateleira nos dias do eclipse; este objeto era guardado como relíquia pela família de Maria Saldanha da Rocha, e segundo ela, o fato se deu entre o século XVIII e XIX, consta também no Livro do escritor Raimundo Soares de Brito (Memórias de T. O. B. Guerra), que na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1868, as estrelas correram no espaço, faiscando e trocando de lugares, foi uma coisa inédita e assustadora e sete dias depois, houve a parte final do drama dos corpos celestes, com a queda de um grande meteorito que causou um estrondo tão intenso que abalou a terra.

Quando eu era criança gostava muito de ouvir estórias do passado, decorei esta depois de ouvi-la muitas vezes. Em 1940, houve um grande eclipse semitotal, tudo ficou pardo e quase escuro como no crepúsculo, as galinhas procuraram subir no poleiro, as nambus começaram a cantar como é de costume no por do sol, os trabalhadores do roçado correram para as suas casas, causou espanto e muito medo. A minha genitora rezou com os oito filhos, o Rosário de Conceição tremendo de medo que acontecesse a repetição do fato, que acontecera no tempo da sua avó. Em 1946, houve outro eclipse menor do que o ocorrido de 1940, mas tudo ficou pardo.

Após os acontecimentos supracitados, já houve outros menores; em 1973, houve um eclipse e 2/3 do sol perdeu a sua luminosidade, mas não apavorou ninguém, porque o rádio e a televisão esclareceram o fato, antes dele acontecer.

SINOPSE DO MUNICÍPIO DE PATU

— O QUE SOMOS, PRODUZIMOS E POSSUÍMOS

MEIOS DE COMUNICAÇÕES ATUAIS

1° – Telefonia – Telefone Convencional (TELEMAR) e Telefone Celular, (Operadoras Tim, Claro e Oi). Através dos telefones convencionais, também podemos nos comunicar via fax.

2° – Televisão – Em 1970 foi instalada uma repetidora de televisão, próximo ao Santuário do Lima. Em 1975 foi criada outra torre repetidora no Morro Pelado, distante meia légua da primeira; foi um grande avanço nas nossas comunicações e um dos benefícios maiores para nossa região com a implantação de dois canais – TV Tupi e TV Globo; o sinal vinha de Fortaleza através dos canais 6 e 10, atualmente está bem servido no setor das comunicações televisivas . Em 2004, já contamos com quase todos os canais televisivos, Ex: Globo, SBT, Record, Bandeirante, Rede Vida, além de canais de TV a Cabo (Sky, Directvy)

3° – Radioamadores – Há aproximadamente 15 (quinze) no Município.

4° – Revista Roteiros de Patu – A primeira e única revista "Roteiros de Patu" foi editada com a matéria da 1ª pesquisa deste livro, emprestada ao vigário da Paróquia Padre Eurico Franke, por ocasião do Bicentenário e foi aproveitada para compor várias páginas da citada revista. Está extinta.

5° – Jornal "A Folha de Patu" - A edição n° 1 foi bimestral referente aos meses de outubro/novembro de 1997, foram editados outros exemplares referentes a períodos consecutivos, porém está parado. A redação ficava a cargo de Sezildo Câmara. Atualmente circula todos os meses em nossa cidade um novo Jornal, "A Folha Patuense", que foi fundado em 11 de novembro de 2004, sob a responsabilidade do editor Aluísio Dutra de Oliveira, com uma tiragem de 120 exemplares em Março de 2005.

6° – Jornais – Circulam diariamente, vindos de Natal e Mossoró: Tribuna do Norte, O Diário de Natal, Gazeta do Oeste, O Mossoroense, etc. além de jornais de outros Estados.

7° – Revistas (de Nível Nacional) – Chegam semanalmente de Natal e Mossoró.

8° – Livro – O livro sobre a História do Município de Patu, tendo sido a 1ª edição em 1982 e a 2ª em 2005, uma verdadeira obra prima sobre nossa História, do autor filho da terra, Petronilo Hemetério Filho.

9° - Computadores ligados a Internet – Este é o mais rápido e eficiente meio de comunicação tecnológica da atualidade. As pessoas se intercomunicam através de e-mail.

10° – Rodovias – Estamos interligados através das seguintes rodovias:

BR-226 – Pavimentada servindo aos Municípios de Jucurutu, Triunfo Potiguar, Campo Grande, Janduís, Messias Targino, Patu e Almino Afonso.

RN 117 – Asfaltada – Mossoró, Gov. Dix-Sept Rosado, Caraúbas, Olho D'Água do Borges.

RN 078 – Asfaltada – De Olho D'Água do Borges até Patu e fronteira com a cidade de Catolé do Rocha (PB).

RN 074 – Asfaltada – Patu, Rafael Godeiro, Almino Afonso, Lucrécia, Frutuoso Gomes de um lado e até João Dias do outro lado.

11° – Transportes Rodoviários - Patu está no roteiro de várias linhas de ônibus, que trafegam diariamente para todas as cidades oestanas. A Empresa Jardinense opera com transportes para as cidades Pau dos Ferros e Natal (via Patu), são quatro ônibus diariamente indo e vindo. A empresa Expresso Guanabara trafega de Campina Grande para Fortaleza, passando por Patu, com ônibus diariamente. Além dos Transportes Opcionais (bestas) que partem de nossa cidade, que são seis: quatro indo Mossoró, um para Natal e um para Caicó. Existem outros transportes opcionais que saem de cidades vizinhas e passam por nossa cidade.

A Rede Ferroviária Federal S/A – RFFSA – mantinha o Trem com o trajeto Mossoró-RN a Souza-PB, passando no nosso município, mas foi desativada.

12° – Rádio FM – O grande avanço, alcançamos em 2003, com a instalação de duas rádios, sendo uma comercial (FM Educadora Patuense) e a outra FM Comunitária da Paróquia, esta última, pertencente à Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em agosto de 2004 foi fechada por denúncia a Polícia Federal. O denunciante usou a maldade e a mesquinhez em seu pensamento, prejudicando toda a comunidade patuense, e principalmente a igreja católica.

13° – Bibliotecas – São 5 (cinco): Ginásio Municipal Francisco Francelino de Moura;Ginásio Comercial de Patu; Escola Estadual Dr. Edino Jales; Campus Universitário e Biblioteca Pública Municipal.

14° – Empresa de Correios e Telégrafos – ECT – Agência sede de Patu. Área abrangente – Messias Targino, Almino Afonso e Rafael Godeiro.

15° – Turismo – Patu tem condição para ser cidade turística devido a sua localização privilegiada e suas potencialidades: a Casa de Pedra onde morou o famoso Jesuíno Brilhante; Lajedo do Jatobá com inscrições indígenas; o Cruzeiro no cimo da Serra; o Olho D'Água do Pinga na Serra do Patu e principalmente o majestoso Santuário do Lima, que está situado na serra do mesmo nome fica a 5 km do centro da cidade de Patu em estrada asfaltada. Lá se encontra um hotel, lojas de artigos religiosos e a belíssima Igreja de Nossa Senhora dos Impossíveis, Santa Milagrosa que atrai romeiros e peregrinos de várias partes do País. Mensalmente visitam o Lima cerca de 80 ônibus de peregrinos, sem contar os que chegam em "pau de arara", caminhonetes e carros particulares, para renovação de fé e pagamento de promessas.

Outro ponto Turístico Religioso é a Festa da Padroeira – Nossa Senhora das Dores, realizada de 7 a 15 de setembro. Com a empolgante Feira da Cultura com exposição de artes de autores da terra, shows artísticos, apresentação da nossa cultura através de estandes expostos ao público na praça da Igreja Matriz.

16° – Campo de Pouso - Joaquim O. Rocha – Capacidade para bimotor (desativado).

REPARTIÇÕES DE INTERESSE DO PÚBLICO

1° – Agência da Receita Federal – Transferida para a Coletoria de Mossoró.

2° – Coletoria Estadual de Tributação – Transferida para Pau dos Ferros

3° – Agência do IBGE – Transferida para Mossoró

4° – Banco do Estado do Rio Grande do Norte S/A - BANDERN Extinto

5° – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER Continua com escritório em Patu.

6° – DETRAN - 14.° Circunscrição de Trânsito – Grupo Executivo de Patu - Com sede em Patu, e área abrangente – Rafael Godeiro, Almino Afonso, Lucrécia, Olho D'Água do Borges, Umarizal, Messias Targino, Janduís, Frutuoso Gomes e Caraúbas. Veículos licenciados em 2003 – 4658 na região – Patu – 1873 veículos.

7° – Delegacia da Junta do Serviço Militar – Transferida para Pau dos Ferros, contando com um escritório da JSM, com um secretário para realizar as inscrições de jovens e a coordenação do Delegado que realiza a entrega do certificado do Alistamento Militar.

8° – Representação do ex-Funrural – Foi absorvido pelo INSS – Agência de Alexandria, onde todos os benefícios da área social são cadastrados.

9° – Fórum Municipal – Construída a sua nova sede com a denominação Dr. Alfredo Soares, abrange todos os Cartórios da Comarca de Patu e também o de Messias Targino: Civil, Criminal, Eleitoral e Pequenas Causas.

10° – Programa Nacional de Saúde Animal – PRONASA. Extinto

11° – Representação do INCRA – Extinta, com apenas um representante municipal denominado UMC, o recadastramento do ITR está sendo feito no Sindicato Rural de Patu.

12° – Representação INAMPS – Extinto.

13° – Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte - A CAERN mantém seu escritório em Patu.

14° - Posto Revenda da Cooperativa Médio Oeste da cidade de Umarizal (extinto).

15° - Rotary Clube Interacty Club (desativado).

16° - Posto Avançado de Crédito Rural do Banco Econômico S/A (extinto).

17° – Escritório Regional da Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte – COSERN. Transferido para Caraúbas.

18° – Região Militar de Polícia Estadual – 3ª CPB – Sede de Patu. Área abrangente – Umarizal, Caraúbas, Almino Afonso, Frutuoso Gomes, Antônio Martins, Lucrécia, Messias Targino, Olho D'Água do Borges, Janduís e Rafael Godeiro. Efetivo Total – 125 homens.

19° – Companhia Integrada Desenvolvimento Agropecuário - CIDA (extinta).

20° – Campus Avançado da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Em 1981 – 1° ano de Funcionamento. Cursos Atuais – Pedagogia, Ciências Contábeis, Ciências da Matemática e Pró-Formação de Professores. Funciona em sua sede própria doada pelo Governador Garibaldi Alves Filho, com o total de 1.061 alunos.[9]

21° – Escola Municipal de 1° Grau Francisco Francelino de Moura - Prédio próprio com 669 alunos.

22° – Ginásio Comercial de Patu (1° Grau) - Prédio próprio, funcionando atualmente 203 alunos.

23° – Escola de 2° Grau Dr. Edino Jales – Prédio próprio com 820 alunos.

24° - Escola Estadual Dr. Xavier Fernandes – Ensino de 1° Grau está funcionando em sua nova sede em virtude da sede anterior ter sido doada ao Campus Universitário, com 876 alunos.

25° - Escola Dr. Raimundo Nonato – Ensino de 1° Grau está funcionando em nova sede no bairro Santa Terezinha, construida pelo Prefeito Dr. Ednardo Benigno de Moura, com 456 alunos.

26° - Escola Estadual João Godeiro – Ensino de 1° Grau, com 325 alunos.

---

[9] A quantidade de alunos matriculados em todas as escolas, refere-se ao ano letivo de 2004.

27° - Escola Municipal Raimundo Rocha – Ensino de 1° Grau, com 347 alunos.

28° - Existem outras Escolas Particulares e na área rural, inclusive uma escola ministrando Curso de Computação.

29° – Hospital Municipal Dr. Henderson Bandeira de Moura e Centro de Saúde de Patu – Sede própria contando com vários médicos, analistas e cirurgião-dentista.

30° – Hospital-Maternidade "Dr. Aderson Dutra", contando com vários médicos e laboratório de análises. É um hospital regional e atende também aos municípios circunvizinhos.

31° – Sindicato Rural de Patu (Patronal) – Funciona em prédio próprio. A sua sede foi construída pelo Produtor Rural Petronilo Hemetério Filho-Presidente, com o apoio do SENAR/RN e FAERN, tendo sido inaugurado em 15/07/2000. A sua sede é composta de 3 salas, um auditório, uma copa/cozinha e um anexo onde são ministrados vários cursos profissionalizantes.

32° – Sindicato dos Trabalhadores Rurais – Funciona em sede própria.

33° – Clínica de Ultra-Sonografia do Dr. Gustavo Pereira dos Santos e dois Laboratórios de Análises Clínicas: a do Bioquímico Dr. Felício Francelino de Moura e Dr. Kléber Ramos de A. Oliveira – ambas funcionando em Patu e atendendo a outros municípios.

34° – Clínica Odontológica Dra. Simone Geysa Paiva Moura, atendimento particular. Existem mais três clínicas odontológicas de Dra. Nely Dantas Rocha, Dr. Eudes Mesquita e Dr. Allyson André.

35° – Conjunto Residencial Francisco Dantas – com casas populares financiadas pelo Instituto de Previdência do Estado – IPE. E outros conjuntos denominados: João Pereira de Araújo e Conjunto Nova Patu.

36° - Clube de Dirigentes Lojistas – O CDL de Patu foi fundado em 28/08/2002 e funciona na Rua Capitão José Severino, 248 no Centro, contando com 40 sócios.

Distância para a capital do Estado: 352km por Caicó e 320km por Açu de estradas asfaltadas.

Distâncias para as Cidades vizinhas:

Almino Afonso – 17km, Rafael Godeiro – 12Km, Messias Targino 14km, Olho D'Água do Borges – 17km, Umarizal – 30km, Belém do Brejo do Cruz (PB) – 16km, Catolé do Rocha (PB) – 30km, Mossoró – 120Km, Pau dos Ferros – 96Km, Caraúbas – 42Km, Janduís – 27Km, Caicó – 80Km.

Orçamento do município: previsto em 2004 – R $ 9.157.750,00 (informação do Vereador Gilberto Moura).

Fundo de Participação do Município em 2000 – R $ 1.737.521,98

Estabelecimentos comerciais e industriais mais importantes:

3 Casas revendedoras de móveis e eletrodomésticos, 2 postos de gasolina, 1 armazém de estivas e cereais, 1 boate, 1 Hotel no Lima, 2 Pousadas no bairro da Estação, 2 serrarias, 3 panificadoras, 2 fábricas de sabão, 4 farmácias, 3 fábricas de móveis, 1 agência revendedora de automóvel, 2 casas revendedoras de peças de automóveis e 3 para motocicletas, 3 armazéns de material de construção, 6 salões de beleza, 2 barbearias, 4 frigorífico, 30 táxis e 60 moto-táxi, 3 Igrejas Católicas, 2 Igrejas Evangélicas e outras de seitas diferentes, 1 agência do Banco do Brasil, uma Casa Lotérica com franquia da Caixa Econômica Federal e um banco Postal Bradesco/Correios, além de várias Mercearias e Mini-Supermercados.

Principais produtos do município:

Algodão, tijolo, telha, mamona, milho, feijão, arroz, leite e seus derivados, carne bovina, castanha de caju, oiticica, coco, banana, manga, batata-doce, peixe, aves, suíno, caprino, bovino, mel de abelha, legumes, verduras, frutas, cana-de-açúcar, couro e produtos hortigranjeiros.

Comentário sobre a Cultura do Algodão:

Durante mais de dois séculos a cultura do algodão foi a base da economia rural no Nordeste Brasileiro, podemos dizer que o Rio Grande do

Norte foi o maior produtor de algodão arbóreo que produzia fibra longa, a pluma era matéria prima para as fábricas de tecido e para exportação.

No Ciclo do Algodão não havia desemprego no campo, todos trabalhavam nas suas lavouras, que absorvia toda mão-de-obra do plantio à colheita. Poucas pessoas imigravam para cidades, por que o rendimento econômico era bom, dava para sua sobrevivência e da família, tirava saldo positivo no fim do ano e continuava na atividade. Os proprietários faziam empréstimos para tocar a agricultura, os juros eram baixíssimos e dava para pagar. Atualmente as coisas se inverteram, a política agrícola mudou, os juros dos bancos são altíssimos quase todo proprietário que contraiu empréstimo ficou devendo, por causa dos juros altos e as secas que se abateram durante sete anos no semi-árido nordestino, a praga do bicudo acabou com os algodoais, ataca na floração do algodão e o produtor perde o trabalho, aí a vaca vai para o brejo. O pobre do morador, sem condição de sobrevivência, desempregado, vai embora para cidade tentar outro meio de vida e o patrão fica com uma baita de uma conta no banco, sem poder pagar – passa a ser inadimplente, o nome novo dado aos velhacos ou caloteiros, Nada disto, o nosso agricultor ainda é honesto. O modelo agrícola para o Nordeste é que está errado. O Governo vem pagando caro pelo êxodo rural. Eu pergunto: não era melhor criar um sistema novo para a agricultura subsidiado, que desse suporte a permanência do agricultor no campo. Hoje em dia ninguém mais quer plantar algodão, estamos tentando substituí-lo pela Mamona que se assemelha a esta cultura com pequenas diferenças, sendo que o seu óleo servirá para a industrialização do bio-diesel através da Petrobrás.

Produtos industrializados:

Móveis, Massas Alimentícias, sabão, esquadrias, pré-moldados, Materiais fabricados na metalúrgica, polpa de frutas, doces e etc.

A EDUCAÇÃO EM NOSSA CIDADE

— OS PRIMEIROS PROFESSORES

— AS PRIMEIRAS ESCOLAS

— OS GRUPOS ESCOLARES

— OS GINÁSIOS E ESCOLA DE 2º GRAU

— O CAMPUS AVANÇADO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL

— AS BIBLIOTECAS

A EDUCAÇÃO EM PATU

O seu Desenvolvimento
– Cronologia –

1852 – É iniciado o ensino primário com a denominação de escola particular das primeiras letras para o sexo masculino, que ficava na residência do Capitão José Severino de Moura e o professor era o seu filho Aderaldo José de Moura.

1870 – A Lei Provincial nº 62, de 10 de novembro de 1870, estabeleceu a cadeira de ensino Primário do Sexo Masculino da Povoação de Patu, cria-se assim o ensino público, com a nomeação de um professor e depois fundada uma escola.

1882 – A Lei Provincial nº 843, instalou oficialmente uma escola pública, mantida pelo Governo da Província, era a primeira escola primária do sexo masculino do povoado de Patu.

1886 – A Lei Provincial nº 971, de 11 de julho de 1886, criou a cadeira de ensino primário do sexo feminino, assim passou a funcionar no povoado, uma escola para ambos os sexos, dando mais oportunidades àqueles que queriam estudar, completando desta maneira o quadro de ensino primário do Povoado. Lecionavam dois professores. Antero Brasiliano de Moura e Joaquim Ricarte da Silva, ambos tinham carta de Professor. O primeiro foi nomeado pelo Presidente da Província, nessa época Patu era distrito de Martins (Imperatriz) e o segundo era escrivão do 1º Cartório.

1919 – É criada a escola de Dª Mônica Francelina de Moura. Tinha caráter particular, mas recebia ajuda da freguesia de N. Srª das Dores, funcionava no subúrbio desta cidade, na residência da professora.

1927 – O Decreto nº 321, de 28 de fevereiro de 1927, criou oficialmente o Grupo Escolar "João Godeiro" reunindo todas as escolas existentes na Vila, num só estabelecimento de Ensino Primário. A construção foi feita pelo Prefeito Rafael Godeiro da Silva; teve o nome de seu Irmão, por ter sido ele o idealizador desta escola. A primeira professora diplomada deste educandário foi Ester Ferreira, seguida pelos professores: Marçal Pereira Jales, Ernestina Leão, Helena Leão, Maria Carmelita Rocha, Raimundo Suassuna, Raimundo Soares de Andrade, Maria de Lourdes C.

Godeiro, Maria Elisa, Vanda Godeiro Carlos, Laureniza A. Godeiro, Francisca Pereira, Firma do Socorro Tavares, José Joaquim da Silva, Maria do Socorro Freitas, Eulália Andrade e outros. Alguns deles foram Diretores, por exemplo: Zilar Rocha, Maria Lúcia de Moura, Djalma Carlos F. Macena e outros.

1959 – A Lei Municipal nº 6, de 26 de julho de 1959 criou a Escola Comercial de Patu, que depois passou a denominação de Ginásio Comercial de Patu, fundado pelo Prefeito de então, Dr. Aderson Dutra. Assim tivemos o Curso Ginasial nesta cidade, que com a reforma do ensino, chamou-se Curso Secundário de 1º Ciclo e agora Curso de 1º Grau do Ginásio Comercial. O Educandário é particular e mantido pela Sociedade Educadora Patuense, vem lecionando todas as disciplinas educativas, presta relevantes serviços à comunidade e aos seus estudantes. Vem se mantendo com uma taxa cobrada dos alunos, mantém convênio com a Secretaria de Educação e recebe subvenções do MEC. Este educandário foi criado por incentivo do Prof. Raimundo Nonato, quando estava na Diretoria do Ensino Comercial do MEC, sugeriu ao Prefeito a fundação do Ginásio Comercial e assim foram disseminados no Rio Grande do Norte vários Estabelecimentos de Ensino Secundário Comercial. Um dos professores que lecionou nesse estabelecimento foi o Prof. Paulo Pereira dos Santos, colaborador neste livro.

1970 – É fundado e inaugurado o Grupo Escolar "Raimundo Rocha", pelo Prefeito Lourival Rocha.

1971 – O Decreto S/N de 10-12-1970, criou o Grupo Escolar Dr. Xavier Fernandes. Autorizado pela Portaria n.º 392/80-EFR, DO, 4.939/80 de 16-10-80. O terreno para construção foi doado pelo Dr. Aderson Dutra, e a inauguração foi no dia 10 de janeiro de 1971, pelo então Governador Monsenhor Walfredo Gurgel, que na oportunidade recebeu o Diploma de cidadão Patuense das mãos do presidente da Câmara Municipal de Patu - Vereador Petronilo Hemetério Filho, em retribuição pelo que fez em benefício da Educação Patuense. Posteriormente, este local foi cedido para funcionar a Universidade Regional do Rio Grande do Norte. No ano 2000, foi doado o prédio e o terreno para a sede do Campus Universitário de Patu, com esta modificação o Grupo Escolar Dr. Xavier Fernandes teve uma nova sede construída pela Secretaria Estadual de Educação, que fica localizada a Rua José Godeiro, ao lado do Módulo Esportivo, e um novo Decreto de nº 10.237/88 oficializou esta transferência.

1973 – É fundado o Ginásio Municipal pelo Prefeito João Pereira de Araújo, que funcionou 7 anos nas dependências do Grupo Escolar Dr. Xavier Fernandes, Inaugurado em 1° de março de 1973, autorizado pela Portaria n.° 370/76 da SEC, com a denominação de Escola de 1° Grau Francisco Francelino de Moura, hoje funciona em sede própria.

1975 – Foi criada a escola de 2° Grau Dr. Edino Jales, pela Sociedade Educadora Patuense, sob a presidência do Dr. Aderson Dutra com Assessoria do Juiz de Direito, o patuense Dr. Rafael Godeiro Sobrinho, do Professor Petronilo Hemetério Filho, da Profª. Wanda Godeiro Carlos dos Santos e a colaboração dos educadores do Ginásio Comercial de Patu, dos Prefeitos dos Municípios vizinhos, principalmente o de Olho D'água do Borges, o Sr. Antônio Carlos de Paiva, que era aluno da referida Escola e que juntamente com o Dr. Rafael Godeiro Sobrinho, foram ao Ministério, em Brasília, onde conseguiram recursos do MEC necessários à subsistência da escola de 2° Grau, que de início era particular. Depois com a boa vontade do Prof. João Faustino, Secretário de Educação que fez a encampação da nossa escola para a rede de ensino estadual da SEC, foi dado um passo decisivo para assegurar o funcionamento da mesma; devemos, pois, reconhecer e agradecer ao Prof. João Faustino, o que fez para assegurar aos jovens o ensino de 2° grau em Patu, cuja aula inaugural se deu no dia 20 de fevereiro de 1975, com a presença dos fundadores, professores e alunos em número de 73 discentes. A autorização de funcionamento foi feita pela Portaria n° 367/76, expedida pela Secretaria de Educação e Cultura em data de 16-12-76.

1980 – Atingimos a última etapa do ensino no município de Patu: ensino superior.

Desde 1979 o Rotary Club de Patu, tomou a iniciativa de batalhar pela vinda de um Campus avançado de ensino superior e aproveitando a sugestão do companheiro, Dr. Ednardo Benigno de Moura, Diretor da Avenida de Serviços da Comunidade, que interessou-se junto à Reitoria da Universidade Regional de Mossoró, foi dada entrada ao pedido, com estudo – "Sócio-cultural do município e municípios vizinhos". O trabalho foi dos 22 rotarianos sob a coordenação do companheiro acima mencionado. Após alguns meses da entrega da solicitação do Rotary Club à Reitoria da FURRN, a Universidade criou uma Comissão composta dos Professores: Ramiro Nunes, José de Freitas Nobre e Maria Salomé de Moura, que

chegaram a Patu no dia 05/07/1980. Após a visita da referida comissão, que fez um trabalho sobre a viabilidade da Criação do Campus Avançado da Fundação Universitária de Mossoró, e em 1° de Setembro de 1980 o CONSUNI aprovou e no dia 04 de setembro foi feito o Decreto n° 176/80, consolidando a Criação do Campus Avançado de Patu da Universidade Regional de Mossoró, com abrangência em 11 municípios, que a princípio funcionou na Escola Estadual de 1° Grau Xavier Fernandes, e no ano 2000, o Governador Garibaldi Alves Filho fez a doação do Prédio onde já funcionava o Campus para a Universidade Regional, e logo transferiu a Escola Estadual Xavier Fernandes para sua nova sede. Graças a Deus tudo foi favorável. Para isto, contamos com a cooperação econômica e material da municipalidade através do Prefeito José Tavares de Holanda e Epitácio Andrade. Patu e outros municípios circunvizinhos, obtiveram a aprovação pela Fundação Universitária Regional, de três cursos: Pedagogia, Matemática e Ciências Contábeis, os quais inicialmente ofereceram 40 vagas em cada curso a serem disputadas em exames vestibulares. As inscrições foram feitas na cidade de Patu e o 1° exame vestibular prestado na cidade de Mossoró. As aulas se iniciaram a partir de fevereiro de 1981. Dois anos após a sua fundação, o exame vestibular passou a ser realizado na sede do Campus Avançado de Patu, e conta com mais um Curso que é o de Pró-formação. Foram matriculados 1.061 alunos nos diversos cursos, no ano letivo de 2004. A planilha abaixo, fornecida pela UERN, através do Departamento de Estatística, mostra a quantidade de alunos que concluíram a faculdade em Patu desde 1984 até 2004.

Diretores do Campus Avançado – UERN: João Ismar de Moura, Maria Goreti Benigno de Moura, Luís Gonzaga de Oliveira, Moseneide Alves Félix e Osório Barbosa de Menezes.

	Ciências		C.Contábeis		Pedagogia		Formandos por ano		
Ano	1°	2°	1°	2°	1°	2°	1°	2°	Total p/ ano
1984	-	9	-	14	-	33	0	56	56
1985	-	12	-	10	-	38	0	60	60
1986	-	10	-	13	-	39	0	62	62
1987	-	11	-	11	-	25	0	47	47
1988	-	28	-	18	-	32	0	78	78
1989	2	17	-	18	-	30	2	65	67
1990	-	18	-	10	-	39	0	67	67
1991	-	12	-	12	-	19	0	43	43
1992	-	4	-	9	-	15	0	28	28
1993	-	1	-	7	-	28	0	36	36
1994	-	14	1	20	-	37	1	71	72
1995	-	17	-	20	-	38	0	75	75
1996	-	5	-	13	-	35	0	53	53
1997	-	3	-	17	-	43	0	63	63
1998	-	15	-	12	-	31	0	58	58
1999	-	16	-	28	-	33	0	77	77
2000	-	20	-	9	-	41	0	70	70
2001	-	25	-	20	-	39	0	84	84
2002	-	14	2	19	-	36	2	69	71
2003	1	17	-	19	1	34	1	70	72
2004	-	-	-	-	-	-	1	0	1
Total	3	268	4	299	1	665	8	1232	1240

O desenvolvimento do ciclo da educação patuense foi muito lento, porque durou 128 anos entre a fundação da 1ª Escola primária particular no povoado, que se deu em 1852 e a vinda do Campus avançado do ensino superior em 1980, completando desta maneira, todos os graus de ensino em nossa cidade. Está de parabéns a juventude desta boa terra que já pode cursar todos os graus da carreira estudantil, aqui mesmo, sem se deslocar para outras terras. Eu que sou defensor do soerguimento da cultura patuense

conclamo as autoridades educacionais a os poderes públicos municipais para darem apoio e trabalhar pela educação de nossa gente. Só assim construiremos uma Patu grande, com paz, união, fraternidade, arregimentando todos em busca do saber. Patu é uma cidade que cresce aceleradamente em termos educacionais.

Inauguração da Escola Xavier Fernandes - Patu.
Da direita para a esquerda: Petronilo Hemetério Filho (Presidente da Câmara Municipal) e sua esposa Maria do Socorro Freitas, entregando o Diploma de Cidadão Patuense ao Gov. Monsenhor Walfredo Gurgel, em 10/01/1971

Os primeiros Professores

1 – Aderaldo José de Moura – Lecionou em Patu durante 7 anos (1852 a 1859) e em seguida foi para Caraúbas, onde lecionou de 1860 a 1885, tendo em vista ter sido nomeado Professor Público pelo Presidente da Província, teve que se deslocar de Patu porque não havia escola pública. Era Professor Titular com carta, após sua aposentadoria voltou para sua terra onde continuou ensinando na Vila do Patu, pois ele era um defensor da Educação da juventude Patuense.

2 – Antero Brasiliano de Moura, era filho do Prof. Aderaldo; de 1884 a 1892, foi Professor Público nomeado pelo Presidente da Província para lecionar no Distrito de Paz de Patu, era titular com Carta e ensinava Português, Latim e outras matérias de ensino, gostava de música, pois era um maestro, ensinava também essa matéria para seus conterrâneos. O Profº Antero foi vítima de uma perseguição política, pois era conservador e não aderiu ao Regime Republicano instalado no país a partir de 1889, por isso foi transferido para Marcelino Vieira e depois para Pau dos Ferros, ficou desgostoso e foi embora para o Amazonas aonde veio a falecer.

3 – Joaquim Ricarte da Silva – período de 1886 a 1906, era também tabelião; Luiz de França e Silva, seu filho, o substituiu de 1907 em diante; Ana Martins, era conhecida por Dona Professora e lecionava em sua residência na praça João Carlos, durante uns 30 anos ou mais, foi contemporânea da professora Dª Mônica.

4 – João Rocha era professor na fazenda Junco, nos sítios Patu de Fora, Gameleira e outros, morava na casa grande do Junco, hoje Messias Targino. Lecionava particular e era conhecido como um bom professor. Era muito motivada a sua escola, pois gostava de cantar hinos escolares, cânticos educativos e contava estórias românticas. Fazia festas de reizados e saía pelas fazendas e povoados com o Boi de Reis, brincando reizados (bumba-meu-boi), festa típica do sertão na noite de Natal e Ano Novo.

5 – João Carlos era Tabelião e também ensinava numa escola particular no povoado de Almino Afonso e no sítio Torada, onde nasceu e em outros sítios vizinhos. Depois destes professores, muitos outros lecionaram na zona rural de nosso município.

As escolas particulares

A professora Mônica Francelino de Moura, era filha do Prof. Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, casada com Raulino Gabriel de Moura, residente no sítio bem próximo do pé da serra denominado Recreio, hoje é subúrbio da cidade. Desde 1909 já ensinava particular em sua residência. Em 1919 ela conseguiu fundar uma escola na Vila do Patu. A escolinha tinha caráter particular, depois passou a receber ajuda da freguesia de N. Srª das Dores obteve em primeiro lugar cooperação de Pe. Antônio Brilhante nos primeiros anos de funcionamento, posteriormente foi a vez dos padres alemães: José Scholl, Jorge Anaken – MSF, que ajudaram a manter esta escola para as crianças patuenses. Segundo os dados encontrados, escritos num relatório pelo Prefeito Rafael Godeiro em 1932, a escola de Dª Mônica foi a segunda fundada nesta vila e funcionava em dois turnos: matutinos e vespertino. No matutino estudavam as crianças do sexo feminino e no vespertino os masculinos. Tinha boa quantidade de alunos de ambos os sexos, pois era considerada a melhor escola da comunidade, pelo seu grau de ensino e a gentileza com que os alunos eram tratados. Existem vários ex-alunos da citada escola, por exemplo: o Dr. Aderson Dutra, que era um aluno inteligente e exemplar, Antônio Pereira Guimarães, Jeremias Lázaro de Moura, Aristides Inácio, Manoel Severiano de Moura (Manuquinha), José Raulino, Doninha, Luzia Solano, Terezinha Benjamim, Benevides e outros. A fama da Profª. Mônica se espalhou por todo o município, pela sua capacidade e a eficiência da aprendizagem dos educandos. Ela exigia que os seus alunos aprendessem toda matéria lecionada. O método de ensino era com argumentos, leitura, exercícios e tabuadas apostados. Naquela época o aluno tinha que saber tudo decorado (de cor). Havia o uso da palmatória para os alunos que não respondessem às perguntas. Os mais inteligentes respondiam por eles, mas davam bolos nas mãos dos que não respondiam e todos se comportavam bem e tinham a máxima atenção porque os "argumentos" eram difíceis e eles tinham medo da palmatória e de perder as apostas.

A profª. Mônica tinha uma auxiliar, era a filha mais velha, Obdúlia dos Anjos, que foi aluna da mesma e pela sua inteligência, adquiriu a capacidade e se tornou professora auxiliar da escola e executava trabalhos complementares. A Profª. Mônica teve o apoio e incentivo do patuense João

Godeiro que muito cooperou com o ensino nesta terra. Chamava os pais de família e pedia a eles que mandassem os seus filhos para a escola, fazia campanhas com o objetivo de angariar recursos para as escolas do Município e Dª Mônica recebeu com entusiasmo este apoio, que resultou no sucesso de sua escola. O Dr. Aderson Dutra relembrava a sua primeira escola. A Profª. Mônica era uma expressão de sinceridade, autoritária, humanista, prestou relevantes serviços à educação e à cultura patuense.

Existiam outros professores que tinham escolas particulares, em suas próprias residências, na Vila do Patu e também nos sítios e fazendas, muitos deles ensinavam nas casas dos fazendeiros para ganhar um minguado salário às custas do proprietário. Entre os professores que ensinavam em casa havia Dª Elisa de Tal, conhecida por Elisa Caipora, com sua palmatória chamada "pretinha", seus métodos de ensino eram o "argumento", ditado de palavras apostadas, bolos nas mãos dos alunos "rudes", castigo para os indisciplinados e o mais importante era o uso de uma pedra chamada "licença": só podia sair de um em um com a pedra na mão para evitar a duplicidade de alunos fora da sala de aula. Ainda alcancei este regime da "pedra licença".

Muitos dos professores particulares saíam ensinando pelas fazendas e sítios, eram verdadeiros Mercenários da educação e imitadores dos sofistas gregos que ensinavam até debaixo das árvores. Com o progresso houve reformas no ensino e consequentemente um desenvolvimento rápido da educação. Foram criadas escolas primárias e secundárias, públicas e gratuitas, onde todos pudessem aprender a ler. Contudo ainda havia a presença dos professores particulares como: Joaquim Leão de Moura, João de Oliveira Rocha, Elisa Caipora, Raimunda Cleonice Dantas e muitas outras espalhadas pela zona rural, agrupando-se em favor do soerguimento cultural deste Município, apagando na juventude a cegueira do analfabetismo. Em nossos dias tudo se faz para que não haja analfabetismo, temos a rede de ensino público estadual, municipal e as escolas particulares, dando mais oportunidade às crianças e aos jovens de aprender sem sair para outro lugar. Porém nota-se que falta o interesse dos estudantes em freqüentar as escolas e os que não querem aprender, parece que vão por esporte; no passado como não havia facilidade de ensino, os jovens tinham o maior interesse pelo aprendizado. Alguns só freqüentaram escolas dois meses e sabiam escrever e ler uma carta, hoje os alunos muitas vezes com o ginásio

não fazem isto, por que não foram para escola aprender, foram para perturbar. Anteriormente andava-se léguas e mais léguas a pé para chegar até uma escola e poder aprender, todos conseguiam bom aproveitamento e muitos jovens de hoje têm a escola na frente de sua residência e não freqüentam, pretendem ficar mesmo analfabetos. O Governo se esforça para combater o analfabetismo, oferecendo transporte gratuito, merenda escolar e bolsa escola, mesmo assim o povo não liga para isto. Não freqüentam regularmente a escola. Pretendem os discentes aprender menos, pois é aí que a falta de interesse dos pais e dos alunos vem causando o declínio da educação.

O aluno que freqüenta a escola regularmente, adquire *conhecimentos* que é a aprendizagem, e a *formação moral,* bem como respeito e prática de boas maneiras, o amor e a fraternidade para com seus semelhantes. Não vale a pena a pessoa ter muitos conhecimentos acumulados e não ter educação moral e cívica para uma boa convivência com a sociedade em que vive, pois o jovem de hoje será o homem de amanhã. A escola renovada procura colocar o aluno dentro da Pedagogia e da didática do ensino moderno, tentando assim dar uma educação completa aos jovens que, no futuro serão os nossos substitutos na vida profissional.

Falando na educação em Patu

Meus caros jovens patuenses, a educação é o desenvolvimento integral da personalidade humana e sua participação na obra do bem comum, no respeito das liberdades fundamentais do homem. A educação é o preparo do indivíduo na sociedade para o domínio científico e tecnológico, visando vencer as dificuldades do meio em que vivemos. A psicologia educacional analisa a conduta do educando e estuda o fenômeno da aprendizagem. Didaticamente falando para se conseguir a educação, usamos um conjunto de técnicas, através das quais se realiza o ensino, na escola renovada: pois nos tempos anteriores os professores patuenses Aderaldo José de Moura, Antero Brasiliano de Moura, Joaquim Ricarte, Mônica e outros, não lecionavam dentro da didática moderna e pouco se conhecida de pedagogia. Era mais difícil conseguir uma aprendizagem completa, por ser usado naquela época este princípio: com castigo se consegue aprender; e por isso houve a palmatória, o castigo muitas vezes de joelho, para quem não soubesse a

lição. Eram métodos de ensino que vinham desde os antigos gregos e romanos e foram extintos com a reforma do ensino.

Aqui no Brasil isso foi abolido pela Lei n.º 4.024. Mesmo assim com toda rigidez do ensino, o Professor Aderaldo conseguiu que muitos de seus alunos chegassem aos colégios e até se formassem. Tudo era difícil, mas com sacrifício ele implantou a seu modo, a educação no povoado de Patu, para os filhos dos primeiros colonos desta terra.

A cidade de Patu é uma das mais bem servidas no setor de educação. Tem atualmente mais de 400 professores, compreendendo entre a rede de ensino estadual, municipal, conveniados e particulares, espalhados por todo o município. Temos muitas escolas na zona urbana e espalhada na zona rural, entre as quais estão: o campus universitário, a escola de segundo grau, os ginásios de primeiro grau e as primárias. Os educandários, o corpo docente e as direções dos colégios envidam esforços conjugados, procurando trazer os jovens para a escola, e assim estão fazendo o progresso da educação patuense, levando avante a aprendizagem. Mas tudo isso é pouco, só alcançará o objetivo se a família e escola estiverem coesas, do contrário não alcançarão os seus fins colimados. Os pais são responsáveis pela educação do lar e a escola pela educação intelectual.

Havendo o elo da junção de ambas será mais fácil corrigir as distorções e as indisciplinas do que os adolescentes são portadores em muitos casos, motivados pelos problemas naturais da idade e da formação que lhes é dada na sociedade.

O Ginásio Comercial de Patu

É particular e mantido por uma sociedade. Foi criado pela Lei Municipal n.º 6, de 26 de julho de 1959, conforme teor seguinte:

Faço saber que a Câmara Municipal de Patu, aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica criada a Escola Comercial de Patu com sede nesta cidade, município de igual nome, destinada a ministrar o ensino do Curso Comercial Básico, de conformidade com Lei Orgânica do Ensino Comercial.

Art. 2º - O ensino de que trata o artigo precedente será dirigido por professores credenciados devidamente registrados na Diretoria do Ensino Comercial e contará com a supervisão da Companhia de aperfeiçoamento e

Expansão do Ensino Comercial – CAEC, sob cujo incentivo foi criada a mencionada escola.

Art. 3° - O ensino a ser ministrado pelo Curso Comercial Básico que trata a presente Lei, será inspirado nos valores e ensinamentos da civilização contemporânea da juventude, pelo melhor desenvolvimento intelectual, moral e social dentro dos princípios da nacionalidade brasileira.

Art. 4° - A escola Comercial de Patu, criada por esta Lei, se regerá pelas normas da legislação do ensino Comercial em vigor.

Art. 5° - Fica o Poder Executivo autorizado a promover a nomeação de um Diretor, Vice-Diretor e Secretário da citada escola, aos quais incumbe os trabalhos de organização preliminar, inclusive elaborar o regimento interno da escola, para posterior aprovação do Poder Executivo.

Art. 6° - Fica por igual autorizado o Poder Executivo a abrir o crédito especial de Cr$ 50.000,00 (Cinqüenta mil cruzeiros) para fazer face às despesas de organização e instalação da escola no corrente exercício.

Art. 7° - A Escola Comercial criada por esta lei, ficará subordinada à orientação da administração municipal, a qual promoverá os meios necessários para sua instalação e manutenção.

Art. 8° - A Lei de Meios Municipal, consignará na rubrica Educação e Saúde, a verba necessária para despesas outras de funcionamento da Escola Comercial.

Art. 9° Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Patu, 26 de julho de 1959
ADERSON DUTRA DE ALMEIDA – Prefeito
RAIMUNDO GODEIRO CARLOS – Secretário
Escola Comercial

Termo de Propriedade, Sociedade Educadora Patuense – SEP

Na qualidade de Representante Legal da Sociedade Educadora Patuense, declaramos sob as pena de lei, que o estabelecimento de ensino denominado Ginásio Comercial de Patu, localizado à rua Dr. José Augusto nº 126 nesta cidade de Patu, Estado do Rio Grande do Norte, é de exclusiva propriedade da mencionada Sociedade, conforme consta na Lei Municipal nº 23, de 12 de novembro de 1962, a qual transferiu o Educandário do Município para a referida Sociedade, assim com todo patrimônio do Ginásio.

Competindo ao Ginásio Comercial de Patu, e à respectiva Sociedade todo acervo ativo e passivo, bem assim todos direitos, obrigações e responsabilidades pertinentes ao referido estabelecimento educacional, que será regido pela Lei nº 4.024 – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e pelas normas que baixar o MEC.

A Sociedade Educadora Patuense vem prestando relevantes serviços à nossa comunidade, foi a fundadora da Escola de 2º Grau, que passou mais tarde para o domínio do Governo do Estado. Vem mantendo o Ginásio Comercial de Patu desde o ano de 1963. Quem não entende o valor de um educandário, muitas vezes procura destruí-lo, deixando os jovens marginalizados fora da educação. A Escola Comercial de Patu mudou de regime para não fechar as suas portas: mudou o sistema de escola pública municipal, para particular por causa de uma politicagem rasteira que houve em Patu, a partir de 1963 que visava acabar a escola.

Aderson Dutra de Almeida – Presidente da SEP e Diretor Técnico pioneiro na educação secundária deste município.

Foram Diretores que atuaram no Ginásio Comercial de Patu:

Dr. Aderson Dutra de Almeida – Diretor Técnico, e os professores: Wanda Godeiro Carlos dos Santos, Raimundo Nonato de Moura, Josemar Godeiro da Silva, Petronilo Hemetério Filho – de 1965 a 1973, daí a Profª. Wanda Godeiro Carlos em seu segundo período de 1973 até o presente.

Foram Secretários: Francisco Clementino Filho, Ana Andrade Moura, Maria Solano Freire, Maria de Lourdes Paiva Solano, Francisca Cordeiro da Silva. Francisca Solano de Azevedo e Maria Celi Suassuna Leite. (Pesquisado nos arquivos do Ginásio Comercial de Patu pelo Prof. Petronilo Hemetério Filho).

O Ginásio Comercial de Patu, já desfilou 5 (cinco) vezes em Mossoró, por ocasião das comemorações do dia 30 de setembro, data alusiva à Abolição dos Escravos daquela cidade, tendo obtido destaque entre os colégios que lá desfilam atualmente. Em 1979 estavam presentes no palanque oficial, o incentivador da fundação do colégio – o escritor Raimundo Nonato, o ex-inspetor Manoel Leonardo, o ex-diretor Petronilo Hemetério Filho e a atual diretora Wanda Godeiro Carlos dos Santos. Quando desfilaram em frente ao palanque, muito aplaudido, o Ginásio de Patu, disputava com o de Areia Branca, ouviu-se uma piada jocosa: "Areia Branca era mais fraca por que bebia caldo de peixe e o Comercial de Patu, era mais forte porque comia pirão de corredor de boi gordo". Nesta hora houve uma salva de palmas para o Professor Raimundo pela sua improvisação. E por último ele disse para mim e Leonardo: só está faltando o Dr. Aderson Dutra para completar o conjunto de pessoas que consolidaram o progresso da educação patuense.

O advento da biblioteca

No Ginásio Comercial abriram-se as portas e lá dentro de um salão, estavam centenas de livros. Foi na verdade uma biblioteca que acabara de ser inaugurada para servir à comunidade patuense. Esta biblioteca foi fundada por iniciativa do Prof. Petronilo Hemetério Filho, que na época exercia o cargo de diretor administrativo do ginásio. Denominou-se Biblioteca "Pedro Rocha", depois "Maria Dutra" e atualmente "Rafael Godeiro", pertence ao patrimônio do Ginásio Comercial de Patu, é ela uma fonte de cultura e conhecimento, através de seus livros. O saber terá por objetivo difundir a cultura e a educação, enriquecer os conhecimentos e aumentar as capacidades estudantis e também de todos aqueles que se dedicarem à leitura ou às pesquisas científicas. O ginásio anteriormente já era um centro de cultura e agora completou os requisitos culturais com a criação da biblioteca, porque já temos condições de pesquisar, tirar as dúvidas e dizer aos estudantes e a todos os patuenses que na biblioteca do Ginásio Comercial de Patu, há muitas coleções atualizadas com o mundo moderno em que tudo gira em torno da ciência e da tecnologia. Freqüentem a biblioteca façam doações de livros e também retirem os mesmos por empréstimo sempre que

precisarem para sua boa leitura, zelem pelo que é de vocês e lutem pelo progresso de nossas letras e da nossa biblioteca.

O livro

O livro é um mudo que fala, o surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive. O livro é o melhor mestre que nos fala em silêncio, é de grande utilidade porque nos educa, nos ajuda a aprender desde as primeiras letras até as mais profundas ciências é nele que adquirimos conhecimentos literários, científicos e técnicos. Podemos também conhecer o passado ligando-o ao presente através dos livros que os sábios de antanho nos legaram.

Pensamentos

O bom livro é aquele que se abre com interesse e se fecha com proveito.

Um educandário sem livro é como um general sem comando e sem soldados.

As bibliotecas são repúblicas tranqüilas onde os sábios e leitores gozam uma segunda vida (intelectual), através das pesquisas.

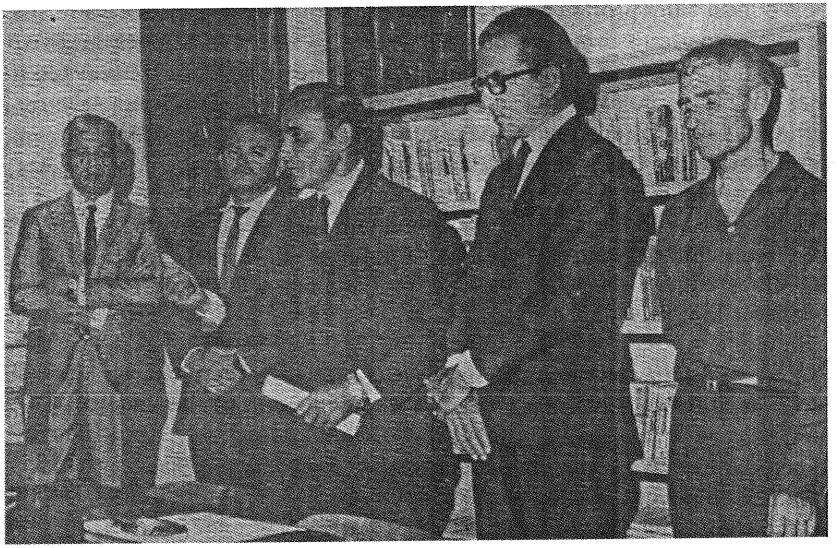
O valor da biblioteca

De repente, surge uma biblioteca, para nós patuenses. Acende-se uma luz que ilumina nossos espíritos já necessitados de alimentos; o seu valor é inconfundível e até incomparável.

Ela terá o objetivo de nos dar a qualquer hora, somas de valores intelectuais através de seus livros, cada um será a gota d'água que refrescará a nossa alma e fortalecerá nossa personalidade.

A biblioteca marcará uma nova etapa na vida cultural, não só dos estudantes, como também de todos os que tenham amor ao livro. Ela nos receberá sempre que precisarmos de um livro ou de um amigo que nos fala mesmo em silêncio, e durante este silêncio bebamos na fonte de nossa biblioteca o que há de melhor. São os seus livros que ela nos trouxe.

Lamenta-se que a administração do Ginásio Comercial de Patu não tenha fiscalizado diligentemente a ENTRADA e SAÍDA de livros de sua Biblioteca. Muitos livros saíram e não voltaram. O acervo era de mais de 1.000 (mil) livros.



Inauguração da Biblioteca. Da direita para a esquerda: Pe. José Kruza, Dr. Jarbas Bezerra, Secretário de Educação – o autor – Borges e Dr. Cândido Farias Caldas (D/BANDERN) – 10/01/1971

Existem em Patu, cinco bibliotecas, que são pequenas e estão funcionando nos seguintes locais e repartições públicas:

1 – Biblioteca Maria Carmelita Rocha, Grupo Escolar João Godeiro; 2 – Biblioteca Rafael Godeiro (ant. Pedro Rocha), Ginásio Comercial de Patu; 3 – Biblioteca Pe. José Kruza, Casa Paroquial; 4 – Biblioteca da Prefeitura Municipal de Patu, Salão da Câmara Municipal; 5 – Biblioteca do Campus Avançado.

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA "PEDRO ROCHA", DO GINÁSIO COMERCIAL DE PATU, PROFERIDO PELO FUNDADOR PETRONILO HEMETÉRIO FILHO (IMPROVISADO E GRAVADO).

Ilm° Revm° Monsenhor Walfredo Gurgel, Governador do Estado.
Ilm° Revm° D. Nivaldo Monte, Arcebispo de Natal.
Ilm° Sr. Dr. Jarbas Ferreira Bezerra, Secretário de Educação.
Ilm° Deputado Dr. Aderson Dutra, Diretor Técnico do Ginásio.
Ilm° Sr. Lourival Rocha, Prefeito Municipal.
Ilm° Dr. Rafael Godeiro Sobrinho, Secretário do Educandário.
Dign°s. Professores do Ginásio, prezada assistência, meus senhores e minhas senhoras.

Neste momento dirijo aos presentes, minhas modestas palavras ao entregar à comunidade estudantil, aos senhores professores, bem como à comunidade patuense, esta pequena biblioteca, ainda em sua fase embrionária. É como que uma semente que se lança agora e com certeza irá produzir bons frutos, com o sentido que este ato significa, de entregar bons livros a esta comunidade. Servirão os livros para pesquisas por parte de alunos e professores, trabalhos em grupo, enfim, melhorar o nível das atividades estudantis.

O livro é como o novo professor que nos fala em silêncio e uma Biblioteca forma como que um conjunto de professores sinceros e amigos, que no silêncio também das estantes e prateleiras, estão sempre prontos a transmitir melhores e mais salutares conhecimentos do saber, dependendo da paciência e carinho dos que o manuseiam.

Os professores não podem nos transmitir todos os conhecimentos da aprendizagem: o tempo é curto e a ciência é grande demais. Os alunos têm que completar e aprimorar o que lhes foi dado pelos mestres, lendo e pesquisando muito.

A juventude de Patu, quando busca o estudo, vem ao seu ginásio, sequiosa do saber, e aqui na Biblioteca encontra fonte donde jorram os conhecimentos para nortear sua vida futura.

Com esforço, coragem e trabalho, após 3 anos de luta conseguimos comprar uma exígua quantidade de livros, que com as pequenas doações

somaram 836 volumes, e do pouco dinheiro do Ginásio foi investido na biblioteca em livros e instalações, a quantia de Cr$ 5.339,00 até a data da inauguração.

Ao Senhor Prefeito Municipal (Sr. Lourival Rocha) que deseja o bem-estar social desta Cidade e do Município, eu faço agora uma reivindicação justa: O Ginásio prestou uma merecida homenagem ao seu genitor "Pedro Rocha", dando o seu nome à Biblioteca que ora é inaugurada. Assim nós que fazemos o Ginásio, formulamos um apelo de nos ajudar com doações de livros e na manutenção da Biblioteca. Daqui há mais cinco anos, outras autoridades chegarão por aqui e verão multiplicarem-se os livros deste grande empreendimento, louvando a ação e colaboração desta Edilidade em prol da cultura de nossa terra.

Agradeço a presença das autoridades e de todos que aqui vieram prestigiar este ato marcante para a nossa história cultural presente e futuro da comunidade de Patu.

Contamos com a colaboração de todos, no tocante a oferta de livros para ampliar cada vez mais o nosso acervo: Esta Biblioteca também é de vocês.

Muito Obrigado.

Petronilo Hemetério Filho

TELEGRAMA – DEC

URGENTE

DIRETOR DO GINÁSIO COMERCIAL

PATU – RN

PETRONILO HEMETÉRIO FILHO
PATU – RN

Praça 15 Rio – GB, 816104/29
N. º 87 – de 22-1-69

Professor Nonato leva seus aplausos trabalho patriótico realizado neste município expansão Ensino Comercial.
Saudações

RUBENS BATISTA OLIVEIRA, R.D. Ensino Comercial.

somaram 836 volumes, e do pouco dinheiro do Ginásio foi investido na biblioteca em livros e instalações, a quantia de Cr$ 5.339,00 até a data da inauguração.

Ao Senhor Prefeito Municipal (Sr. Lourival Rocha) que deseja o bem-estar social desta Cidade e do Município, eu faço agora uma reivindicação justa: O Ginásio prestou uma merecida homenagem ao seu genitor "Pedro Rocha", dando o seu nome à Biblioteca que ora é inaugurada. Assim nós que fazemos o Ginásio, formulamos um apelo de nos ajudar com doações de livros e na manutenção da Biblioteca. Daqui há mais cinco anos, outras autoridades chegarão por aqui e verão multiplicarem-se os livros deste grande empreendimento, louvando a ação e colaboração desta Edilidade em prol da cultura de nossa terra.

Agradeço a presença das autoridades e de todos que aqui vieram prestigiar este ato marcante para a nossa história cultural presente e futuro da comunidade de Patu.

Contamos com a colaboração de todos, no tocante a oferta de livros para ampliar cada vez mais o nosso acervo: Esta Biblioteca também é de vocês.

Muito Obrigado.

Petronilo Hemetério Filho

TELEGRAMA – DEC

URGENTE

DIRETOR DO GINÁSIO COMERCIAL

PATU – RN

PETRONILO HEMETÉRIO FILHO
PATU – RN

Praça 15 Rio – GB, 816104/29
N. º 87 – de 22-1-69

Professor Nonato leva seus aplausos trabalho patriótico realizado neste município expansão Ensino Comercial.
Saudações

RUBENS BATISTA OLIVEIRA, R.D. Ensino Comercial.

Da esquerda para direita: Petronilo Hemetério Filho, Lourival Rocha, Dr. Alfredo Soares de Macedo Neto, Escritor Raimundo Nonato, Professor Mozinho e José Godeiro da Silva, prestigiando as festividades de colação de grau no Ginásio Comercial de Patu – 20/01/1969

COMENTÁRIO SOBRE O GRUPO ESCOLAR JOÃO GODEIRO ESCRITO PELA PROFª. MARIA CARMELITA ROCHA

O louvável trabalho que está realizando o Prof. Petronilo Hemetério Filho, sobre a instrução em Patu, deve ser acatado por todos e merece a colaboração solicitada. O professor solicitou-me umas informações sobre a educação em Patu, no período em que lecionei que fora muito longo, 30 anos de magistério nesta cidade. É justo que cada Município tenha seu movimento escolar gravado nos anais de sua história, para que as gerações futuras venham a ter aqueles esclarecimentos.

Em 1955, fui nomeada para servir no cargo de Professora do Grupo Escolar João Godeiro. Por esse tempo eram Professores ali: Marçal Pereira e Ernestina Leão de Moura. A primeira afastou-se deixando de ensinar e eu fiquei no lugar dela, lecionando na sua cadeira. A instrução em nossa cidade, nestes anos era muito precária, diante disto precisou de nosso máximo esforço em prol de seu desenvolvimento. Depois foi nomeado o Prof. José Guerra, de Natal que ensinou durante um ano ou dois. Em 1942 vieram as professoras: Selma Vasconcelos e Adalzira Cabral, ambas diplomadas como eu, pela Escola Normal de Mossoró, estas ensinaram dois anos. Em 1944 veio a Profª. Maria Elisa Ingersoll. Para mim, ensinar constitui um prazer e, juntando meu interesse pela causa do ensino, com a inteligência da professora Maria Elisa fizemos do grupo, com nossos alunos um dos objetivos da nossa missão. Eu era a Diretora, mas por questões políticas, foi nomeada outra para dirigir a escola, foi a Profª. Maria de Lourdes Campos Godeiro a nova dirigente e com a minha exoneração do cargo de direção, voltei a ensinar. Maria de Lourdes deixou a diretoria de escola e foi nomeado o Prof. Raimundo Suassuna para substituí-la. Ele ensinou dois anos, era um professor dedicado ao ensino, afastou-se e eu e Maria Elisa ficamos.

Em 1955, foi concluída a construção do novo Grupo João Godeiro e aquele ficara para funcionar o Ginásio Comercial de Patu, que Dr. Aderson Dutra com seus esforços arranjara. Eu e Maria Elisa prosseguimos com a nossa missão de ensinar, um ambiente novo, carteiras novas, tudo novo, mas sentimos saudades do velho grupo, cujas paredes se fossem fitas gravadas, haviam de reproduzir nossas aulas, nossas palavras de tanto tempo. Minha

colega era uma professora divertida, tocava violão e cantava. Juntas, fizemos muitos passeios escolares no Sítio Manuê de Honorato Suassuna e as crianças iam cantando assim:

I

O passeio
É um bom proveito
Na educação
Diga se quer conceito
Se quer ou não.

II

O nosso olhar feliz se perde
Nestas belezas de encantar
A natureza é um tempo verde
Por onde os mestres vão passar.

A partir de 1951, com admissão de novas professoras: Raimunda Cleonice Dantas, Maria Ilka Ximendes e Zuila Carlos, foram divididos os alunos em classes pelo grau de saber: 1° ano, 2° ano, 3° ano, 4° ano e 5° ano primários. A partir do ano de 1960 foram nomeados muitos outros professores para o Grupo Escolar João Godeiro, assim discriminamos: Francisca Pereira, Selma Suassuna, Maria de Lourdes Holanda, Clorinda Cortez. Depois nomeadas professoras diplomadas pela Escola Doméstica de Natal, Wanda Godeiro Carlos e Maria Celi Suassuna, que passaram aos cargos de diretora e secretária, respectivamente. Daí por diante dezenas de professores foram nomeados para lecionar no referido estabelecimento de ensino primário. Eis alguns deles: Firma do Socorro Tavares, Maria do Socorro Freitas, José Joaquim da Silva, Laureniza Godeiro Alves, Terezinha Naume Solano, Terezinha Lira, Eulália Andrade, Terezinha Jales Dantas, etc. O corpo docente do "João Godeiro" atualmente tem 19 professores e 380 alunos, distribuídos em três turnos: matutino, intermediário e vespertino, sendo que no turno da noite, funciona a Escola de Segundo Grau Dr. Edino Jales. (Desde 1992 tem sua sede própria).

Dali daquele grupo, onde o ensino primário fora levado por nós durante longos anos, fora o alicerce da aprendizagem, vimos os frutos dos nossos esforços após o decorrer do tempo com a formatura dos ex-alunos nos diversas carreiras da universidade, tais como: médicos, advogados, odontólogos, engenheiros, analistas, professores, contadores e funcionários de alta categoria, que assim dizem: fui aluno do "João Godeiro". Hoje são

cidadãos (senhores, senhoras e senhoritas), que honram e dignificam o nome do seu Município, e defendem a dignidade de sua família e de sua Pátria.

A Professora Maria Carmelita Rocha, merece a medalha de honra ao mérito pelo muito que fez em prol da educação da juventude patuense e pelos 30 anos de ensino, já tem gravada na história de nossa terra, o seu *curriculum vitae*, na biblioteca que teve o seu nome localizado no educandário onde a professora militou como mercenária da educação, durante três décadas.

Maria Carmelita Rocha

COMEMORAÇÃO DO DIA 7 DE SETEMBRO EM PATU

Na Vila do Patu, 40 anos atrás, pouco era o entusiasmo pela comemoração do Dia da Independência, às vezes não havia nenhuma manifestação de civismo, também não havia comemoração ou como no dizer do Vereador patuense, Raimundo Antenor da Silva, quando encaminhava requerimento à presidência da Câmara em 1952, no qual solicitava às autoridades do município que fosse dada a devida atenção à comemoração do Dia da Independência e justificando o documento, o Vereador assim se expressou: "Patu apesar de ser uma cidade de gente civilizada, comemorava o Dia da Independência com quatro pessoinhas e isto dava a impressão de terra de índio".

Ao contrário dos tempos anteriores, atualmente se comemora o dia 7 de setembro com participação da Companhia de Polícia Militar, de todos educandários e repartições, com alvorada, desfiles pelas ruas da cidade, competições esportivas, palestras pela "Voz do município" e com a presença de todas as autoridades, civis, militares, eclesiásticas e o povo em geral, todos com grande entusiasmo, civismo e muito respeito, aplaudem os colégios, bem como as representações.

As autoridades após a revista da colocação de cada educandário, das representações e da companhia dos militares, ficam no palanque oficial para julgamento dos que melhor desfilaram, em comemoração ao grande dia da Independência.

Para observação e julgamento das representações e no fim darem o resultado do melhor que se apresentou no desfile, após a execução do Hino da Independência e o Nacional pelas autoridades, militares, professores, estudantes e o povo em geral, há o encerramento, as despedidas dos patuenses pedindo a Deus, uma bênção do céu rogando a Nossa Senhora dos Impossíveis, que haja sempre milhares de comemorações alusivas à nossa Independência, que o dia 7 de setembro seja sempre comemorado pelas gerações futuras cheio de amor e patriotismo no coração dos brasileiros, e em particular do povo patuense.

Foto da comemoração do dia 7 de setembro em Patu.
Da esquerda para direita: Petronilo Hemetério Filho, Joselita R. Nunes, Rafael Godeiro Sobrinho, Cap. PM Luiz Pinheiro, Cap. Exército Luiz Cativo, Prof. Locutor Almir F. Queiroz, Itacira Bento, Dr. Raimundo Juvino Oliveira Neto, Prof. José Joaquim, Profª Maria José Bento, e outros - 1970.

PATUENSES FORMADOS COM GRAU SUPERIOR (ALGUNS DELES)

MEDICINA
Anderson Dutra de Almeida
Candido Nóbrega de Holanda
Gladstone Godeiro Dutra
Ivo Dutra de Almeida
Tercio Dutra (Veterinário)
Jose Simplicio de Oliveira
João Tavares Filho
Maria Celeste Suassuna
Luiz Lopes da Silva
João Marinaldo T. Holanda
Nazareno de Deus Costa
João Tavares de Figueredo
Marileide Dantas da Silva
Sonia Maria Godeiro
Ailton de Oliveira Vale
Maria de Fátima Oliveira
Valdemar Cordeiro Filho
Ivo Lopes de Almeida Junior
Rômulo do Carmo Jacome
Maridelia Fernandes Jales
Raimundo César Jacome
Francisco Canindé Ferreira
João Batista Medeiros Costa
Hederson Josino B. de Moura
Patrícia Jovelina de Freitas

MEDICINA
(Município Antigo)
Cleodon Carlos de Andrade
Ednardo Benigno de Moura
Nelson Solano Vale
Lair Solano Vale
Jose Barbosa de Oliveira
Francisco Solano de Paiva
João Ismar de Moura
Aguinaldo Pereira Simião
Ericina Jales de Almeida
Rivadavia Justina Pereira
Hildo Lima
Jose de Anchieta F. Oliveira
Francisco Godeiro Filho

MATEMÁTICA
Francisco Joaquim da Silva
Antonio Carlos Brilhante
Valdete Teixeira de Lira
Francisca Cortez de Lima
Zilar Rocha Dutra
Elibete Paiva Cavalcanti
Jose Avelino de Lira
Resinaldo Ernesto da Silva

ENGENHARIA
João Tavares de Andrade
Francisco Irio Paiva Moura
Jose Tavares de Oliveira
Ariosvaldo Pereira de Queiroz
George Alves Suassuna
Carlos Alberto de Oliveira
Antonio Leite Rocha
Jose Brilhante Filho
Jarbas Jacome Costa
Ruth Sabóia Dantas
Luzimar Avelino de Queiroz
Josely Hyder Medeiros Hemetério
Jozeley Hemetério Cordeiro
Julio Francisco de Andrade
(Eng. Elétrico).

ENGENHARIA
(Município Antigo)
Jose Zelito Nunes
Augusto Frankiln Dantas Caldas
Helemilda Dantas Caldas

BIOQUIMICOS
Caterine Tavares
Lair Dutra Almeida
Esanira Dutra Targino Costa
Mario de Freitas Jales
João Evagelista Tavares de Moura
Maria Zilma Evelino de Queiroz
Getulio de Freitas Vale
Lindomar Avelino de Queiroz
Valdete Cordeiro Vale
Lílian Holanda de Andrade
Felício Francisco de Moura

BIOQUIMICO
(Município Antigo)
Edino Jales de Almeida
Mauricio Cortez de Paiva
Edmilson Jales de Almeida
Marley Teixeira de Oliveira
Kátia Cortez Dantas

ECONOMIA
Raimundo Nonato de Moura
Jerônimo de Freitas vale
Tarcisio Leite Rocha
Selma Suassuna
Wellington Godeiro Fernandes
José Pereira de Araújo
Jailson Henrique Godeiro

ODONTOLOGIA
(Município Antigo)
Marlos Fernandes da Costa

PSIQUIATRIA
Epitácio de Andrade Filho

ODONTOLOGIA
(Município Novo)
Jeane Hemetério Cordeiro
José de Deus Dutra
Edvaldo Camilo da Silva
João Carlos Pereira Neto
Leny Dantas Rocha
Clayde Tavares Lima
José Pereira Simão
Maria Dalva Dutra
Symone Geiza Paiva Moura

ADVOGADOS
(Município Antigo)
Almino Álvares Afonso
Arnaldo Pereira de Andrade
Agnaldo Pereira de Andrade
Otoni Tomaz de Almeida
João Franeclino Filho
Nicodemos Rocha Amorim
Lacy Gadelha
Marilene de Paiva Gadelha
Helena Gadelha de Paiva Néo

ADVOGADOS
José de Deus Dutra
Osni Vlmir de Freitas Targino
Rafael Godeiro Sobrino
Celso Dutra Filho
José Arimatéia Medeiros Costa
Rivaildo Justino Pereira
Maria Helena Rocha
José Rego Júnior
José de Oliveira Rocha
Francisco de Oliveira Rocha
Edivan Camilo da Silva
Ademar Avelino de Queiroz
Hildo Rocha Filho
Raimundo Mendes da Silva
Jefferson Felício de Moura
Maria das Dores Ferreira
Berenice Medeiros de Freitas
Raimundo Felício de Moura
Paulo César Hemetério de Freitas
José Severino de MOURA
Walter Solano Pereira
Marlio Dantas Forte

AVOGADOS (Provisionados)
Francisco Clementino Filho
Manoel francelino de Almneida

AGRÔNOMOS
(Município Antigo)
Francisco Ernesto da Silva
José Hildo Godeiro Carlos
Osório Paiva de Menezes

AGRONOMOS
(Município Novo)
Henderson Dutra de Almeida
Valter Suassuna
Raimundo Maio Dantas
Lindomar Izídio de Lima

Maria de Fátima Dutra
Maria Vilma Tavares de Moura

TOPÓGRAFOS
Maria Gorete Tavares de Moura
Inácio Braz de Queiroz
Lauro Francisco de Andrade

LETRAS
Sebastiana Aureniva
José Antenor de Azevedo
Maria José de Moura Fonseca
Felisbela de Freitas Vale
Maria Daura Dantas
João Diogo Maia
Maria das Dores Tavares de Lima
Nilza de França Godeiro
Rita Tavares de Oliveira

PSICOLOGIA
Ilze Benigno de Moura

BIOLOGIA
(Município Antigo)
Celcimar Alves Câmara
Raimundo de Oliveira Paiva

ENFERMAGEM
Maria das Graças Leite
Joazina de Freitas Vale
Almerinda de Moura
Abigail de Moura
Eletícia Godeiro de Moura
Maria Gorete Forte Dantas
Janilde Henrique Godeiro

ESTUDOS SOCIAIS
Janilson Henrique Godeiro
Humberto Freitas de Oliveira

SERVIÇO SOCIAL
Ana Maria Tavares Dutra
Maria Felismina de Moura
Maria Costa José
Maria Salete de Almeida
Maria Zilma de Almeida
Irismar Vieira do Nascimento

CIÊNCIAS CONTÁBEIS
Terezinha Vieira Linhares Cunha
Raimundo Nonato de Moura
José Oliveira
Clélia de Oliveira Vale
Canuto Ferreira Saraiva
Carlos Alberto Jales Dantas
Ednardo Solano de Moura

GEOGRAFIA
Maria Auxiliadora C. Castro
Lúcia Martins de Moura
Maria Ana de Moura
Maria Aldenisa Dias
João Francelino Filho

Rita Tavares de Oliveira

ADMINISTRAÇÃO
Liberalino Fernandes Júnior
Eriberto Suassuna
Ednardo Solano de Moura
Lizumar Felício de Moura
Genecy Costa

EDUCAÇÃO FÍSICA
Francisco Otávio de Moura Júnior
Leonardo Alves do Nascimento
Evilásio Leão de Moura
Valmir Godeiro Carlos
Terezinha Leite Rocha
Regina Célia Damasceno

TEOLOGIA
Pe. Antônio brilhante de Alencar
Pe. Raimundo Leão Filho
Pe. Amílcar Leopoldo da Silveira
Pe. Alcir Leopoldo da Silveira
SÓROR Tecla Leão de Moura
SÓROR Eurídice Leão de Moura
SÓROR Marilene Rodrigues Dantas
SÓROR Massal F. Nogueira
Frei Raimundo Marques da Silva

Aldeíse Moura

SOCIOLOGIA
Maria do Socorro Fernandes Costa
Henelita Castro Soares

HISTÓRIA
Petronilo Hemetério Filho
Maria Salomé de Moura
Maria Francelina de Moura
Otília Maria Torres

ARTES PLÁSTICAS
Ricardo Veriano Fernandes
Jackson Godeiro

PEDAGOGIA
Maria do Socorro Freitas
Joana Darc Gomes Tavares
Joselita Rodrigues Nunes
Benigna Fernandes de Moura
Lourdes Martins de Moura
Fabíola de Freitas Vale
Maria José Fernandes
Suzana Maria Lopes de Oliveira
Maria Gorete de Moura
Maria Tereza Filha
Maria Ilza de Moura
Olímpia Maria Paiva R. dos Santos
Hellen Fernandes Maia

Haydé de Freitas Pontes
Zuly Medeiros
Vanda Godeiro Carlos dos Santos
Maria Dalva Leão
Francisca Maria de O. Holanda
Lucineide Lima Nascimento
Maria das Graças Pessoa de Lima
Raimundo Ferreira de Lima
Maria do Socorro Cortez Bento
Rita Ripardo Tavares
Marta Milenice Gomes
Maria Lúcia de Moura
Maria Suzete de Moura
Maria Solange Hemetério de Freitas
Antônia Telma de Moura
Tasso Soares de Moura

JORNALISMO

Terezinha Jácome de Oliveira
Luiz Gutemberg Paiva Moura
Francisco Carlos Brilhante

Se por acaso houver faltado algum nome de alguém que nasceu em Patu e que tem Curso Superior, não foi por omissão do pesquisador. Os responsáveis pela coleta de informações não apresentaram relatório completo até o fechamento da edição. Caso seu nome não esteja incluído, favor comunicar-se com o autor, para publicação em próxima edição.

O ESPORTE

O Futebol

Em 1938 surgiu o futebol em Patu, com a denominação de Patu Esporte Clube. Era o único time existente na cidade, estava sob a direção do Sr. Raimundo Ayres, fundador do futebol nesta cidade e orientador técnico do time. Nessa época a Diretoria estava assim constituída: Presidente, Dr. Aderson Dutra; Diretor de Esporte, Raimundo Ayres; Secretário, Alexandrino Suassuna, Tesoureiro, Celso Dutra de Almeida. O time era composto pelos seguintes atletas: Goleiro, Raimundo Inácio de Oliveira, BAKs, Raimundo Ayres e Raimundo Ferreira (Mundico), Ivo Dutra e Francisco Ayres (Loulinha), Jonas Godeiro; eram os três Raufs, José de Deus Dutra, Ponta direita, João Camilo, Meia direita, Júlio Bedeu, Centre-for, Paulo Inácio, Meia Esquerda e Alexandrino Suassuna, Ponta esquerda, Ambrósio Inácio. Os reservas Vicente de Oliveira e Silva, Lair Dutra, Celso Dutra, Raimundo Inácio de Oliveira, José Godeiro Miguel Guimarães, Apolônio Justino, Antenor Ferreira etc. A camisa do time era azul e branca com listas em vertical, tendo um escudo no bolso com as iniciais PEC – "Patu Esporte Clube".

Um dos Amistosos...

Em 10 de fevereiro de 1939, o Patu Esporte Clube jogou um das partidas mais brilhantes de toda a sua existência. Defrontou-se com o time da vizinha cidade de Caraúbas, obteve uma vitória de 3X0, aqui em Patu, no antigo campo por traz da Usina de Alfredo Fernandes, no bairro da estação férrea. O time patuense recebeu uma taça das mãos do Dr. Claudionor de Andrade, então Juiz de Direito de Caraúbas, ofertada pelos irmãos Raimundo Leão de Moura, Joaquim Felício de Moura e Pedro Leão de Moura, conforme inscrição gravada na taça de prata, troféu simbólico da vitória do Patu Esporte Clube, a qual se encontra na Biblioteca do Ginásio Comercial de Patu.

O time jogou em muitas cidades como Catolé do Rocha, Alexandria, Marcelino Vieira, Brejo do Cruz e Martins, sempre conseguiu vitórias brilhantes, com o técnico Ten. Manoel A. Freire.

O Patu Esporte Clube ainda existe, mas com outras figuras mais jovens, porém com menor atuação que nos tempos anteriores.

Está em decadência o esporte e quase sem atuação. Estas informações nos foram prestadas pelo ex-técnico do PEC e ex-Tabelião Raimundo Ayres, que era também um jogador dos melhores que atuava no Patu Esporte Clube nos anos de 1938 a 1950. Não há muito esforço dos organizadores atuais do esporte, pois até o presente não temos um estádio organizado. O MEC doou uma verba para construção de um módulo esportivo, todavia a construção ainda não foi concluída. Em nossos dias, o esporte em Patu está evoluindo, já contamos com vários times de futebol e campeonatos anuais são realizados.

O atual Diretor Esportivo do Patu Esporte Clube é o Sr. Fábio Praxedes Bandeira, que reorganizou o time, já tendo participado de Campeonato Estadual.

Futebol de Salão...

Com a vinda da Agência do BANDERN, surgiram times de futebol de salão: os times do BANDERN e COSERN jogavam as partidas na quadra da Boite Pântano onde há disputa de campeonatos intermunicipais, com troféus para os vencedores. O público prestigia muito o futebol de salão em nossa cidade.

Hoje (2004) os jogos são disputados na quadra do Módulo Esportivo no bairro Cidade do Sol. O Esporte está muito evoluído em nossos dias, temos uma Escolinha de Futebol onde 40 crianças aprendem este ofício e se treinam para sobreviver nesta vida competitiva.

Vôo Livre...

Possuímos uma das melhores rampas naturais para decolagem de Asa Delta, localizada na Serra do Lima, no Morro da Gameleira a 500 metros de distância da Igreja do Santuário. Ali os especialistas em vôos disputam campeonatos, sendo que o último realizou-se em 24 de outubro de 2004, com mais de vinte participantes de diversos Estados Brasileiros, principalmente da Região Sul.

Essa modalidade esportiva faz parte do Turismo Rural.

OS ACONTECIMENTOS

— JESUINO BRILHANTE – SEUS FEITOS

— AS REVOLUÇÕES: LIBERAL, QUEBRA-QUILO E GUERRA DOS ÍNDIOS (BÁRBAROS)

— OS ACIDENTES DA SERRA DE PATU

— A MORTE DO DR. EDINO JALES, ETC.

JESUINO BRILHANTE - SEUS FEITOS
A AUDÁCIA É A MÃE DOS HERÓIS

Jesuíno Alves de Melo Calado, conhecido por "Jesuíno Brilhante" filho de João Alves Melo Calado e Alexandrina Brilhante de Alencar. Nasceu no sítio Tuiuiú no Município de Patu – RN, em março de 1844. Casou-se com Maria (de Tal) com quem teve cinco filhos: Filomena, casada com o Alferes Antônio José (Pombal-PB); Alexandrina, que faleceu ainda solteira; Maria, Casada com José Leite (João Dias-RN); Joana, casada com Antônio José Filho e João, falecido ainda criança. Tinha uma irmã chamada Alexandrina e três irmãos: José Ferreira Calado, assassinado pelos Limões; Lucas que levou uma grande surra dos Limões e João Alves. Jesuíno era alvo de olhos azuis, com estatura média, ligeiro como um gato nas lutas corporais e atirava com as duas mãos, ficava tartamudo quando zangado. Faleceu em dezembro de 1879, vítima de um balaço no tiroteio que travou com a polícia na localidade de Santo Antônio, no Município de Brejo do Cruz na Paraíba. A sua história já foi escrita por vários autores e escritores famosos.

Após a leitura de várias obras de autores diferentes, sobre Jesuíno Brilhante: como a de Gustavo Barroso em "Heróis e Bandidos", Rodolfo Teófilo de "Os Brilhantes", Raimundo Nonato in "O Cangaceiro Romântico" e Alicio Barreto com "Solos de Avena", Câmara Cascudo e outros, foi notado que há divergência entre datas e fatos históricos. Atribui-se essa distorção às coisas que são contadas por muitas pessoas com palavras diferentes, embora o personagem seja o mesmo. Muitos dos acontecimentos não estão colocados nos lugares certos. Esse tipo de história que se ouve dizer pelos mais velhos vem de uma sucessão de gerações, criando às vezes, as contradições históricas. Nesta hipótese deve prevalecer aquela que foi colhida de documentos escritos, seja qual for a fonte, histórica, civil, criminal ou social. A meu ver a história mais aproximada de Jesuíno é a que foi escrita por Raimundo Nonato, foi tirada dos documentos fornecidos pelo Desembargador Pelópidas Fernandes, de cidade de Martins, que fez chegar ao escritor boa quantidade de documentos, entre os quais processos judiciais, inquéritos policiais daquela época, e outras fontes escritas de ocorrências diversas, nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Jesuíno Brilhante era agricultor e comboieiro até o ano de 1871 e transformou-se num cangaceiro na noite de Festa daquele ano, agindo em legítima defesa de sua família. Na verdade, naquela data ele cometera o primeiro crime, matando Honorato Limão, no povoado de Patu, após receber vários insultos e até ameaça de morte, por parte dos Limões. Os escritores divergem na causa que se transformou numa rixa entre as duas famílias: Brilhantes e Limões. O escritor Raimundo Nonato em seu livro "O Cangaceiro Romântico", diz que foi por causa do roubo de uma cabra que os Limões fizeram na Fazenda Tuiuiú e Jesuíno rastejou e descobriu a dita cabra morta já esquartejada dentro de uma panela na casa de Chico Limão. Alicio Barreto, em "Solos de Avena", conta que foi por causa de uma surra que Jesuíno deu no adolescente José Limão (preto) no dia em que ele fora entregar uma junta de boi que o fazendeiro Valdivino Lobo, havia tomado emprestado ao pai de Jesuíno Brilhante. O certo é que uma dessas causas levou um cidadão patuense ao cangaço, mas o fez em defesa própria e da dignidade de sua família, forçado pelas conseqüências. Transferiu sua família para a Casa de Pedra e organizou seu séqüito, constituído por Jesuíno Brilhante – chefe, João Delegado, Manoel Pajeú, José Antônio (Padre), Benício, Antônio do Ó e Manoel de Ló. Jesuíno era um cangaceiro honesto, não roubava e só perseguia quem bulisse com ele. Dos Limões mais velhos só restou um, porque sentou Praça na Polícia. Jesuíno era de bons procedimentos, gostava de defender os injustiçados e os oprimidos, as moças seduzidas ou violentadas, apesar dos erros cometidos tinha as virtudes para encobri-los.

A luta durou oito anos. Durante este período houve escaramuças, saques, desafronta e vinganças. Jesuíno só entrou na luta porque não tinha proteção das autoridades e não conseguiu resolver o problema sem usar a violência. A única solução foi pegar em arma para defender-se do inimigo que não aceitava trégua. Os Limões de início deram uma grande surra em Lucas, irmão de Jesuíno, mataram José Ferreira Calado, outro irmão alienado mental, cortaram o cabelo de sua esposa com uma faca peixeira, fizeram o maior destroço na Fazenda Tuiuiú e Jesuíno foi jurado de morte, não tendo para quem apelar, respondeu com imprudência fatal com a boca do bacamarte, depois de tantas humilhações e perseguições imposta pelos Limões. Os negros eram protegidos dos chefes políticos e dos Lobos, de quem os seus ancestrais haviam sido escravos. Contam que a residência dos

Limões era uma espécie de aldeia no Sítio Camucá, onde hoje ficam as fazendas: Arvoredo, Colina e Jenipapeiro. Ficava também perto do povoado da Conceição da Miséria do Município de Catolé do Rocha na Paraíba. Jesuíno morava na Fazenda Tuiuiú Município de Patu – RN. A distância entre Camucá e Tuiuiú era de uns seis quilômetros mais ou menos. Jesuíno Brilhante nunca foi preso, morreu lutando com a Polícia, numa emboscada inesperada que lhe armaram num estreito de serras, município de Brejo do Cruz – PB, em dezembro de 1879.

Jesuíno foi cangaceiro, mas nunca matou para roubar, nem exigiu dinheiro à força, de ninguém, não ofendia a quem não lhe traísse ou ofendesse; seus companheiros tinham a mesma disciplina e respeitavam a honra, a moral do povo e em particular das famílias. Eram fiscalizados pelo chefe a quem prestavam contas dos seus feitos. Não era covarde e nem tinha medo de pouca coisa. Os amigos dele faziam ofertas materiais e até econômicas para a sua sobrevivência. Quem ler os livros já escritos sobre Jesuíno Brilhante acha nossa história parecida com a do meio Oeste dos Estados Unidos no século passado, onde a figura do "cow-boy" aparece como dominante e agressivo do meio. Jesuíno poderá ser comparado com um "cow-boy" sertanejo do Nordeste. Por coincidência Patu está localizado no médio oeste do Rio Grande do Norte, Jesuíno levava uma vida de lutas, cangaceirismo, só que ele não era saqueador, agia sempre defendendo seus familiares e a si mesmo. Ele tinha um princípio de ajudar a plebe e aos mais fracos, demonstrou o seu comportamento fraternal, por ocasião da grande seca de 1877, quando distribuía aos famintos, os cereais e alimentos vindos da capital para o interior, mandados pelo Imperador Pedro II. Ele fazia distribuição ao longo das estradas ao pessoal que ia se mudando e alguns deles morriam de fome durante a viagem para Mossoró ou outros centros. Os víveres eram transportados em lombo de burros. O Cangaceiro Romântico tomava os comboios, reunia os flagelados e distribuía os gêneros alimentícios. Este gesto generoso, valeu para que os habitantes desta região o elogiassem e até lhe defendesse, o chamavam de bom cangaceiro, era uma espécie de "Robin Hood" matuto adorado pela pobreza, era um cavaleiro andante, sem medo e sem mácula a serviço do direito comum.

Jesuíno sempre ia a Mossoró, rever os amigos e conhecidos, pessoas importantes da terra de Santa Luzia, e também negociava a produção da Fazenda Tuiuiú, providenciava a compra de víveres e munição. Numa dessas

andanças, em meados de 1879, passou em frente à casa do Juiz de Direito Dr. Manuel Hemetério Raposo de Melo, o magistrado ficou furioso e achou que era uma afronta a Justiça, correu ao quartel de polícia e deu ordem para iniciar uma perseguição ao cangaceiro. Iniciou-se um tiroteio às margens do Rio, chamando atenção da população, que assistia ao "bang-bang" como se fosse um divertimento. Jesuíno preocupado com a multidão, atirava mais para o alto preservando a vida dos mossoroenses. Neste tiroteio seu cunhado Lúcio saiu ferido, sendo medicado fora da cidade, enquanto Jesuíno nada sofreu, dizem que ele tinha uma oração muito forte e o corpo fechado. Parece que seu primo, o Padre Antônio Brilhante abençoava as suas orações. Conduzindo e manuseando o seu bacamarte boca de sino, atirava com as duas mãos e não errava a pontaria. Nunca respeitou as forças inimigas, nem mesmo as volantes. Mas nem por isso deixou de ser respeitado, admirado e acolhido pelo povo da cidade.

Só a Justiça não via com bons olhos os atos de Jesuíno, tanto é que seu conterrâneo, o magistrado Almino Álvares Afonso, que o censurava por fazer parte da justiça, e por isso teve que se mudar para Mossoró e depois para Fortaleza, devido a esta divergência.

Sua fama ainda existe indelével, num clima de simpatia irrestrito. Os mais velhos assim diziam: "Certas injustiças ainda acontecem porque Jesuíno não vive mais". Eis algumas cenas de fraternidade:

Maria de Góis foi uma moça faminta que Jesuíno encontrou desmaiada na beira da estrada a 3 km de distância da casa de Pedra na trágica seca de 1877, a jovem foi tragada pela fome, estava caída e Jesuíno levou-a nos braços até a caverna. Lá com muito sacrifício conseguiu que a moça se alimentasse e recuperasse a vida. Certo dia a Maria após haver recobrado os sentidos, perguntou onde estava e ele respondeu, na casa de Jesuíno Brilhante. Ela ficou assustada e com muito medo, mas ele disse, não tema que garanto a sua vida e sua virgindade, ninguém tocará num fio do seu cabelo, sou incapaz de ofender a quem não me ofendeu. Depois conversava com ela sobre sua origem, descobriu que a moça era filha de um inimigo e perdoou-a pela sua inocência, mas com todas as garantias foi deixá-la no caminho da casa de sua família, mas fez um pedido para a donzela interferir junto aos familiares para deixá-lo em paz. (Do romance "Os Brilhantes", de Rodolfo Teófilo).

Em Assu, Jesuíno arrebentou as portas do Depósito de gênero alimentício do Governo, para dar de comer aos flagelados da seca (1877/1879). Era grande a multidão de famintos que tentavam invadir o armazém, mas Jesuíno bradando em voz alta, deu a seguinte ordem: Calma que dá para todos! Seu bando distribuiu igualmente as mercadorias para todos que estavam presentes. Sempre agiu assim dando de comer a quem tinha fome e de beber a quem tinha sede, por isso foi chamado de bom cangaceiro.

"Exalação" era o nome do cavalo de Jesuíno Brilhante. Era adestrado para todos os fins. Andava sutil e se agachava como um gato, saltava qualquer obstáculo, corria igual a uma bala, farejava o chão e pressentia onde tinha as tocaias. Era bravo, ninguém se aproximava quando seu dono estivesse montado, porque o animal dava patadas, coices e partia para morder. Só acalmava quando Jesuíno dava sinal de parada. Passava sobre equilíbrio num abismo da serra do cajueiro que se chamava "titela".

Certa vez, quando Jesuíno trazia a retirante desmaiada nos braços, o cavalo fez recorde passando no abismo com carga dupla, tão silencioso que nem o dono notou. Parecia ter os pés e a rapidez de um gato quando embosca um pássaro.

Hoje se vê no cinema os cavalos árabes que se assemelham ao famoso cavalo "Exalação" de Jesuíno Brilhante do século XIX, na terra patuense. No cinema nacional, o nosso cangaceiro teve nos anos setenta o seu filme, cuja criação foi do cineasta William Colbert. Por falecimento do cineasta, está sendo produzido uma filmagem pela equipe do Ator e Diretor Buzza Ferraz.

Será que o cangaceiro virou um mito? Ou foi endeusado pela mera coincidência de informações pesquisada da tradição histórica, social e documental, registrada pelos mais diversos autores. E como seria a outra face da moeda? Será que os bons atos e as boas virtudes foram em proporções maiores que encobriram os indicadores negativos, embora em alguns pontos ele estivesse à margem da lei. Porém a crítica ainda não discordou do ponto de vista defendido pela maioria dos escritores e historiadores, em suas diversas obras publicadas.

*Capa do livro "**Jesuíno Brilhante – O Cangaceiro Romântico**" de Raimundo Nonato da Silva.*

INFORMAÇÕES SOBRE O CORONEL JOÃO DANTAS DE OLIVEIRA E COMO ELE CHEGOU AO SÍTIO PATU DE FORA, NESTE MUNICÍPIO

Há uma versão que foi através da amizade que tinha com Jesuíno Brilhante, a 1ª vez veio refugiado, depois veio de morada e aqui comprou a propriedade Patu de Fora.

O Chefe da Polícia do Estado da Paraíba, Major Antônio Aranha Chacon, no inquérito que fez contra os responsáveis pelo assalto à cadeia da cidade de Pombal – PB, em seu relatório ao Governo do Estado da Paraíba, acusou dois oficiais da Polícia do destacamento local como coniventes com o atentado, por terem facilitado o acesso de Jesuíno Brilhante àquele presídio, onde fez o que quis e soltou mais os presos. Diz o Inquérito que o Coronel João Dantas de Oliveira foi responsável pelo êxito do atentado porque sabia tudo e ao invés de preparar a resistência, relaxou o policiamento da cidade na noite do assalto. Continuou o Chefe de Polícia em seu relatório ao Governador que havia prendido o Alferes Eustáquio, mas não conseguira prender o Coronel João Dantas, que se evadira para fora da província, talvez dessa carreira ele tenha vindo se ocultar no Patu de Fora. Como disse o Chefe da Polícia da Paraíba, que o Coronel João Dantas era perverso, sempre vivia rodeado de um grande séqüito de pessoas armadas e talvez criminosas. Major Chacon, frisou mais que o Coronel João Dantas, se não foi o autor, ou mesmo cúmplice do atentado, mas estava noutro lugar bem protegido dos amigos e Políticos da época, e o próprio Coronel queria ter preponderância política em todos os negócios Públicos da Comarca. Certamente o Coronel João Dantas tornou-se amigo íntimo de Jesuíno Brilhante pela oportunidade que lhe proporcionou, facilitando o ataque à cadeia Pública de Pombal, por Jesuíno e seus Cabras, dizem até que o Coronel João Dantas comprou a propriedade Patu de Fora por indicação do amigo do Tuiuiú. Tudo não passou de um absurdo, os bandidos ficaram impunes e diante desse fato grave e impressionante, o Professor Juvêncio da Costa Volpis Alba, denunciou o fato pelos jornais "O Publicador" e o "Diário de Pernambuco". O referido Professor chamava a atenção das autoridades da Província, as quais não deveriam se fazer esquecidas na

apreciação da atitude comprometedora do comandante João Dantas de Oliveira daquele revoltante atentado.

O Coronel João Dantas era prepotente e não admitia oposições à sua pessoa. Seria grande temeridade acusar ou criticá-lo. O artigo do Professor Juvêncio só podia ferir em cheio a sensibilidade do Coronel Dantas. Ao ler o artigo denunciante do jornal ficou irritadíssimo com o fato e mandou chamar Jesuíno Brilhante e lhe propôs ir matar o Professor Juvêncio, ao que este se negou, alegando que o referido Professor certa vez defendera seu pai como advogado. O Coronel não desistira de seu intento, mandou seus dois filhos Alpiniano e José sacrificar a vida do Professor e os dois irmãos com um escravo chegaram à casa do escritor com um jornal na mão. O Professor Juvêncio estava deitado lendo quando ouviu Alpiniano pronunciar esta frase: "Pombal precisa ser respeitado. Não é assim que se desmoralizam os homens". Nisso dispararam três tiros de uma vez e o Professor Juvêncio mal se levantava da rede caiu morto, este homem que tivera coragem de divulgar pela imprensa a verdade. O Governo do Estado mandou o Dr. Manoel Caldas Barreto. Chefe de Polícia, ir à cidade de Pombal capturar os criminosos e punir os responsáveis pela morte do Benemérito Professor Juvêncio, amigo e admirado do Governador. Esta foi a causa principal da fuga do Coronel João Dantas para vir residir no Sítio Patu de Fora deste Município. Tudo conforme o escritor Raimundo Nonato narrava em seu livro "O Cangaceiro Romântico". Alfredo Alves Leite, atual proprietário do Sítio Patu de Fora, diz que ainda existem as ruínas da casa do Coronel João Dantas de Oliveira. A versão da grande amizade existente entre Jesuíno Brilhante e o Coronel João Dantas foi contada pelo citado proprietário, ele ouviu seu avô contar a estória da grande intimidade de Brilhante com o Coronel Dantas, dizendo que eles almoçavam juntos e às vezes passavam dias na casa um do outro. Certa vez Jesuíno vinha com o graduado, mas houve neste dia um conflito de palavras, chegaram a se desentenderem e tiveram uma conversá reservada dentro de um quarto escuro da Fortaleza do Coronel, não sendo revelado o teor da discussão entre ambos. A mesma fonte informou que quando Jesuíno saiu, foi emboscado na cajazeira da beira da estrada, pouco mais de um quilômetro de distância. Desse dia em diante de bons amigos passaram a ser inimigos, um procurando eliminar o outro.

A casa do Coronel Dantas no Sítio Patu de Fora, após a sua morte, tornou-se mal-assombrada, ninguém conseguia morar lá. Era pavoroso

permanecer no recinto por algum tempo, saía atemorizado com tanta coisa esquisitas que acontecia ou caía nas suas dependências. É um castelo abandonado. Aqui ainda existe a família Dantas, é estimada e pacata. (Extraído do texto do livro de Raimundo Nonato o "Jesuíno Brilhante – O Cangaceiro Romântico").

ALFREDO ALVES LEITE EM CONVERSA COM O PESQUISADOR CONTOU A ESTÓRIA QUE OUVIU O ANCIÃO SEVERINO MOÇO FALAR SOBRE A GRANDE AMIZADE DE JESUÍNO BRILHANTE COM O CORONEL JOÃO DANTAS DE OLIVEIRA

Jesuíno Brilhante tinha uma pousada certa na casa grande, no sítio Patu de Fora, residência do Coronel João Dantas, onde passava dias e mais dias palestrando. Certa vez Jesuíno, numa palestra com seu amigo (Coronel João Dantas), disse como era seu temperamento, que gostava de respeitar a honra das famílias, os poderes dos amigos, dar razão aos desprotegidos quando estes estavam sendo oprimidos pelos potentados, mas também gostava de ser respeitado, e seu séqüito obedecia às suas ordens cegamente.

O Coronel João Dantas confirmou dizendo: gosto muito de sua atitude, por ser homem valente e de força moral para seus comparsas.

E prosseguiu o diálogo com essas palavras ditas pelo Coronel da Guarda Nacional Paraibana: eu também gosto de ser respeitado e não admito crítica; a coisa que fere mais a minha sensibilidade é ver um cabra dos meus ferido ou morto, mesmo que ele não tenha razão. Ao autor desse tipo de tragédia para com os meus, se for preciso eu mesmo dou-lhe o castigo.

Jesuíno riu por entre os dentes, sorriso de quem não tem medo de nada e disse para o Coronel: seus cabras, fora de sua vista fazem o que é preciso e o que não se pode fazer, desrespeitando a quem quer que seja e praticam o mal porque são desobedientes.

O Coronel respondeu: mesmo assim quem matar um deles eu tenho que vingar ou perseguir o criminoso dê no que der. Nesta hora a palestra foi interrompida, porque a criada entrou na sala e chamou para o jantar. Após a refeição ainda conversaram muito sobre assuntos diversos e depois Jesuíno despediu-se e viajou para a sua casa, satisfeito por ter passado o dia na casa do grande amigo do Sítio Patu de Fora.

Certo dia Jesuíno encontrou-se com um amigo e este o convidou para participar de uma festa de casamento. Ele confirmou a sua presença e no dia marcado foi para a festa, chegando lá foi bem recebido pelos amigos, pelo dono da casa e os convidados que lhe entregaram a responsabilidade de mestre-sala.

Ele mandou um dos seus secretários cobrar a "cota" e os outros receberam ordens para manter o ambiente da festa tranqüilo e sem desordem. O forró estava animado e todos se divertindo ao som do fole de oito baixos.

Pela madrugada surgiu uma arruaça lá no aceiro do terreiro. Um dos cabras do Coronel João Dantas, já "puxando fogo" sacou de uma faca e começou a desacatar a um e a outro. Os comandados de Jesuíno foram acalmar a algazarra para tranqüilizar a festa. Os desordeiros não aceitaram a paz, procurando desafiar os cabras de Jesuíno e jurando □ata-los.

Jesuíno não deu ordem, porém um de seus cabras sentindo-se humilhado com a ameaça ficou descontrolado e matou um jagunço do Coronel João Dantas. Os outros correram, e chegando na casa do Coronel, fizeram grande "fuxico", mentindo, dizendo que foram provocados.

O graduado ficou furioso, esperando que Jesuíno retornasse a sua casa.

Um certo dia de tarde, Jesuíno surgiu no pátio da casa grande da fazenda do Coronel. Ele estava sentado na calçada e foi vendo Brilhante e seu grupo se aproximando, todos a cavalo em passos lentos riscando ao pé da calçada. Pularam dos cavalos todos de uma vez, com os bacamartes apontados para o chão, apoiados sobre a bota do pé direito em sinal de respeito ao Coronel, como era de praxe naquela época. Jesuíno deu três passos à frente e saudou o Coronel Dantas com todo respeito. O Coronel respondeu com voz de quem estava indignado dizendo: Jesuíno há dias que eu o esperava. Você me desconsiderou, porque há muito fora avisado de que quem bulisse com meus cabras mesmo que estando errados, eu vingaria. Ainda mais que eles me contaram não haver desacatado ninguém, foram insultados e inesperadamente assassinado um deles, os outros correram para não morrer. Assim eles me disseram e eu acredito.

Jesuíno se desculpou, eu não mandei Coronel, quando saí da sala foi que tomei conhecimento do fato e em atenção a nossa amizade não cheguei nem perto, achei que fosse uma simples querela entre eles.

O Coronel falou com uma voz irritada dizendo que não aceitava desculpas e se julgava hostilizado.

Jesuíno retrucou: Coronel, a verdade é essa, os meus comandados foram apaziguar as arruaças e desacatos dos seus comparsas e não conseguiram, foram recebidos à faca, a pauladas e para não morrerem foram obrigados a se defenderem, atingindo um dos seus, mas não foi de propósito.

O Coronel gaguejando com voz de quem estava irado disse: você é responsável pelo absurdo cometido, uma vez que já sabia disso.

Foi uma troca de palavras inesperadas e desagradáveis, porque como era de costume Jesuíno disse ao Coronel: eu vinha jantar em sua casa. E nesta hora já desentendidos o cangaceiro sem querer disse ao Coronel: "cuidado se não eu lhe janto".

O Coronel levantou-se da cadeira, bateu no ombro de Jesuíno e disse: antes de você me jantar eu lhe almoço e só via cabra botar cabeça nas janelas e nas portas do casarão.

O velho Coronel pensando que Jesuíno tinha medo de entrar em sua casa, chamou para uma conversa dentro de um quarto da fortaleza, mesmo desentendidos.

Jesuíno aceitou e entraram os dois, emparelhados ombro a ombro, passaram nas portas largas do casarão e lá no quarto escuro tiveram uma conversa sigilosa não se sabendo o teor da mesma, presume-se que era para dar tempo aos capangas do Coronel se entrincheirarem para esperar Jesuíno, quando dali saísse.

Não houve despedida amistosa, apenas resmungaram.

Montaram os cavalos e foram embora. Mais adiante encontraram um piquete já montado pelos capangas do Coronel. Porém foi em vão essa tentativa de atacarem Jesuíno. O Coronel do Patu de Fora mandou fazer outras tentativas, mas sem sucesso.

Desse dia em diante o Coronel João Dantas, que era um bom amigo de Jesuíno Brilhante, tornou-se um grande inimigo. Surgiu até uma versão lendária, conforme descrevemos abaixo:

Dizem que para desvendar o mistério ou o "patuá" das orações de Jesuíno, o Coronel Dantas conseguiu arranjar uma camisa do cangaceiro e mandou celebrar uma missa de corpo presente, fazendo de conta que Jesuíno estava vestido nela.

De volta a sua fazenda mandou vestir a camisa num carneiro e mandou atirar no mesmo. Quando dispararam, o chumbo de um dos bacamartes só fez encostar na camisa, não atingindo o corpo do carneiro. Era ainda o poder das orações que neutralizava a ação dos projéteis da arma de fogo.

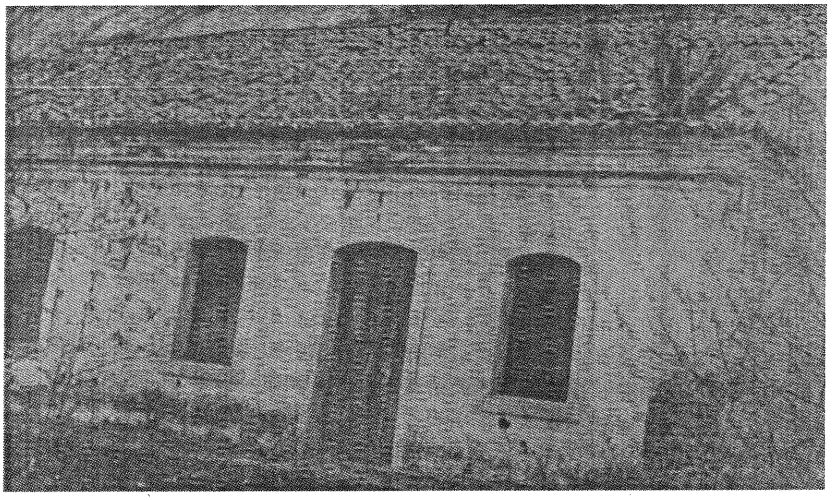
O velho Coronel ficou surpreendido com o fato e passou muitos dias, perturbado com o fracasso, mas não desistira do seu intento. Repetindo a celebração da missa, de volta à sua fazenda carregou o bacamarte, desta feita

com uma ponta de chifre de uma novilha, repetindo a mesma cena com o carneiro, mandando atirar no mesmo. Quando a arma disparou a ponta do chifre atravessou o animal de um lado para outro e ele caiu morrendo.

O Coronel estava sentado levantou-se e sorriu, dizendo: agora as andarelas de Jesuíno terão fim.

Pouco tempo depois Jesuíno foi atingido por um tiro desse mesmo bacamarte, carregado com uma ponta de chifre de novilha, pelo dito Coronel, e conduzido pelo cabo de polícia Preto Limão (José Limão), que após fazer o disparo, Jesuíno ficou ferido de morte, numa emboscada em dezembro de 1879.

Esta estória foi contada em 1982 por Alfredo Leite (50 anos) e que ouviu de Severino Moço (86 anos) e seu avô, todos do Sítio Patu de Fora, onde morou o Coronel João Dantas de Oliveira.



Casa do Coronel João Dantas no Sítio Patu de Fora, em estilo colonial. (1980)

A REVOLUÇÃO DE 1930 EM PATU
"REVOLUÇÃO PENTE FINO"

A Revolução de 1930, também chamado Revolução Liberal, tinha por objetivo levar Getúlio Vargas ao poder. Uma caravana chegou à Vila de Patu às 15:00h do dia 8 de outubro de 1930. As colunas revolucionárias também tinham apelido "pente fino", ou colunas de Jaime Carneiro e Sá Cavalcante. Jaime Carneiro eram um paraibano da cidade de Pombal – PB. Integravam a caravana PRO-PATU os chefes do Partido Liberal e outros chefes revolucionários...

Os caravaneiros passaram na Fazenda Cajueiro que nessa época estava arrendada ao Sr. Messias Targino da Cruz, que foi avisado por um operário do Sítio Escondido, que correu a pé por dentro do saco da serra do Brejinho e deu a notícia. O Sr. Messias Targino e seu irmão fugiram, foram se esconder na casa de pedra. Os jagunços não os encontraram em casa, maltrataram os animais, incendiaram os paióis de rapadura e atearam fogo nos armazéns de algodão, fizeram o maior destroço.

Os Revolucionários invadiram e saquearam a Vila, onde houve vários episódios: o primeiro foi a derrubada do Prefeito Rafael Godeiro da Silva, que era do Partido Popular, adversário dos liberais e por este motivo teve de capitular e fugir para não ser assassinado, indo esconder-se no Sítio João Pereira na casa de Lucas Matias e a esposa refugiou-se na casa de André Avelino no Sítio Recreio.

O pai do Prefeito, o Sr. Joaquim Godeiro, juntamente com o outro filho Miguel Godeiro, foram esconder-se no Sítio Boa Vista, na casa de Cariolando Andrade (Cosim). Muitas famílias deixaram a Vila, fugindo apavoradas com o massacre e a estupidez dos saqueadores. O segundo episódio foi na cadeia. Os invasores pediram as chaves ao Sr. Manoel Severiano de Moura, que era carcereiro, ele respondeu que dava com ordem do Prefeito Rafael Godeiro. Então os cabras tomaram-lhe as chaves e bateram injustamente na roupa do Manuquinha, em seguida soltaram os presos. Daí foram para a Prefeitura, onde invadiram revirando tudo, inclusive incendiaram os documentos velhos da Intendência e os livros de Conta do Prefeito Rafael Godeiro, todos foram extraviados para que não

prestasse contas e fosse preso por crime de peculato. Foi uma onda de violência, espancamento e terror. Pegaram o automóvel Chevrolet 29 de Francisco Dutra e corriam em toda sua velocidade de marcha a ré. Os Liberais foram ao cartório, onde destruíram diversos processos civis e criminais, tudo por causa do Tabelião pertencer à corrente política de Rafael Godeiro. Após o saqueamento das repartições públicas, os chefes da caravana empossaram no cargo de Prefeito Provisório o Sr. Ascendino de Almeida, que iniciou uma administração revolucionária cheia de divergências e radicalismo político "aos perrés". O terceiro episódio foi a invasão das casas comerciais de Francisco Dutra, Rafael Godeiro e Avelino Cunha, de onde os invasores levaram quantidade de tecidos, chapéus, calçados e mercadorias diversas, e o que não puderam carregar molharam com bebidas e vinagre e jogaram potassa em cima. As peças de tecidos eram furadas a punhal pelos jagunços e ficavam inutilizadas, foi um prejuízo incalculável, deixado pela nefasta revolução liberal de 1930 na Vila de Patu. As conseqüências foram piores do que a devastação do lugar, mas graças a Deus os patuenses conseguiram se recuperar, mas demorou muitos anos após essa revolução tão prejudicial à nossa cidade. Rafael Godeiro foi emboscado quatro vezes, mas pelos milagres de N.ª Sr.ª dos Impossíveis não conseguiram assassina-lo e ele atemorizado refugiou-se na Sítio Logradouro, de José Carlos de Andrade, hoje Município de Almino Afonso, juntamente com seu irmão Miguel Godeiro e o cunhado José Godeiro da Silva.

Em 1936, Rafael Godeiro voltou à vida pública, reassumindo a Prefeitura com mais prestígio, durante o Governo Rafael Fernandes Gurjão, restaurando assim a vida social e política do município, onde a paz voltou a reinar nos lares patuenses. Entre as conseqüências da Revolução de 1930, uma das piores foi o assassinato do Tabelião João Carlos por motivo de encrencas políticas, no dia 7 de agosto de 1932, pela manhã, no Cartório; a violência vitimou um Tabelião tão inteligente e de grande valor para a comunidade, este episódio abalou toda a região e foi uma grande perda para a justiça do Rio Grande do Norte. O terceiro decreto revolucionário foi um decreto mudando a denominação do Grupo Escolar João Godeiro (ver pág. De Leis e Decretos), onde cheio de incentivos surgiram três nomes: Desembargador Manoel Moreira Dias, Oito de Outubro e João Pessoa, isso dentro de quatro meses, e, por parecer do Dr. Café Filho, colocou a data da Revolução na Vila de Patu (8 de outubro). Apesar da animosidade na

administração de Ascendino de Almeida houve uma virtude, construiu cemitério novo, onde ainda estão sendo sepultados os mortos graças a uma ampliação feita pelo Prefeito Aderson Dutra e outra por José Tavares de Holanda e agora está sendo realizada a terceira ampliação deste cemitério pelo Prefeito Possidônio Queiroga da Silva Neto. Dizia minha genitora que o Sr. Ascendino era bom farmacêutico.

Os Liberais voltaram a Patu em 1934, por ocasião da eleição para Governador. O candidato da Aliança Liberal era Mário Câmara, e os jagunços vieram forçar o povo para votar no Partido Liberal, cujo símbolo era um lenço vermelho envolto ao pescoço e preso com uma aliança. Desta feita, empiquetaram as estradas e só passavam eleitores do Partido Liberal. Os do Partido Popular, que tinham o apelido de "perrepistas", eram encourados na peia. Abdias Pereira de Pontes foi uma das vítimas. Quando vinha para a cidade, foi interceptado pelos cabras do piquete, perguntaram para onde ia. Respondeu: vou cozinhar a festa dos eleitores de Rafael Godeiro. Com quem vai votar? Respondeu: sou uma banda "perré" e outra liberal. Os bandidos disseram-lhe, bote a banda "perré" para apanhar e meteram-lhe a chibata. Ora, o pobre quase não soube explicar que tinha dois votos na casa dele, que eram repartidos um para o Liberal e o outro para o Popular e por isto sofreu as conseqüências da ira dos bandoleiros do Liberal injustamente.

A minha genitora contava que em 1934 foi a primeira vez que as mulheres tiveram direito de votar aqui no Brasil. Os meus pais para chegar à cidade tiveram de vir por dentro da mata do Baixio do Paulista, porque pela estrada havia dois piquetes e como eles eram eleitores do Partido Popular, atravessaram a mata com medo dos jagunços. Minha mãe Jovelina sofreu uma estrepada na perna e mostrava a cicatriz, dizendo que era uma lembrança da eleição de 1934.

O certo é que não houve a votação, a coação aos eleitores do Partido Popular foi comprovada e por isso a eleição foi suspensa no Patu.

Os dados informativos foram fornecidos por Raimundo Ayres, ex-Tabelião; João Inácio de Oliveira, Fiscal e ex-Secretário da Prefeitura local; e Antônio Alves de Oliveira.

A REVOLUÇÃO QUEBRA KILO – 1874

Houve um movimento contra a implantação do sistema métrico decimal aqui no Nordeste do Brasil, quando D. Pedro II fez o Decreto oficializando o novo sistema de pesos e medidas de acordo com o sistema métrico decimal adotado por quase todas as nações do mundo. As novas unidades de medidas seriam: o metro, o quilômetro, o quilograma, o litro, etc. Não foi aceito pela população, que vinha habituada com as velhas medidas. Houve uma revolução chamada "Quebra-Kilos" em vários Estados. Os rebeldes chegavam nas vilas no dia da feira livre e faziam um quebra-quebra danado, tomavam os pesos e as medidas novas e destruíam; dizem que metro era quebrado nas costas do dono da loja de tecido, os pesos eram jogados nos fundos dos poços. Esta revolução passou duas vezes no povoado de Patu nos fins de 1874 e em meados de 1875. Aproveitando-se de reboliço na feira, os chefes rebeldes iam assaltar os comerciantes, levavam o dinheiro dos negociantes, roubavam até as mercadorias mais caras, passaram a abusar à força da rebelião e se constituíram verdadeiros ladrões de feiras. O Governo teve de organizar uma força volante para exterminar os quebra-quilos, muitos deles eram cangaceiros ou criminosos que, se aproveitando do movimento, roubaram, mataram e saíram ricos com o fruto dos assaltos.

Este assunto foi pesquisado no Livro de Câmara Cascudo "História do Rio Grande do Norte", págs. 182 e 183 do livro "Solos de Avena" e do livro de Raimundo Soares de Brito.

Os Limões eram aproveitadores do movimento do Quebra-Quilo. Por ocasião da passagem dos revoltosos por Patu, eles com sua ousadia, agressividade e desacato, costumavam chegar no açougue e levar mantas de carne sem pagar, contou João Inácio que ouviu seu bisavô e pai adotivo Raimundo Basílio contar o episódio: José Severino Moço, chefe do povoado, certo dia de feira, juntou uns homens armados e barrou os mestiços, havendo uma confusão danada. Os Limões se viram obrigados a pagar tudo. O chefe do povoado impôs uma condição a eles, que só baixariam as armas com garantia de nunca mais haver esse tipo de procedimento semelhante aos dos rebeldes Quebra-Quilo. Houve a confirmação verbal das exigências por parte dos suplicantes que nunca mais se atreveriam a burlar o compromisso firmado com o mandatário do lugar. Da refrega na feira saíram feridos: Neo Limão e João Libânio, mas não morreram.

A GUERRA DOS ÍNDIOS (BÁRBAROS)

A Guerra dos Bárbaros foi um movimento entre índios e povoadores, na expansão da colonização das Capitanias do Rio Grande do Norte. No interior com a chegada do homem branco trazendo o gado, aquela época era o ciclo dos currais, os índios se revoltaram, declararam guerra aos proprietários de sesmaria e datas de terras, começando a matar o gado e os vaqueiros nas Várzeas do Açu e do Apodi. Os índios Janduis, Paiacus e Cariris chegaram até a fazer aliança. A luta durou aproximadamente meio século e durante este período não foi diferente com os primeiros proprietários das terras da região de Patu, tendo que combater os Janduis – "Paains" para garantir a posse de suas fazendas de gado e suas plantações. Naturalmente, o Capitão Leandro Saraiva de Moura, Geraldo Saraiva de Moura e o Coronel Antônio de Lima, tiveram que eliminar o gentio, para desbravar a terra patuense. Alguns escritores fazem essa acusação aos capitães mas certamente a eliminação dos índios tinha o aval da Coroa Portuguesa, que contratou um terço paulista sob o Comando do Bandeirante Domingos Jorge Velho para fazer o extermínio dos indígenas na nossa região e do Vale do Açu, com o uso do cavalo, a brigada montada surpreendeu os índios que foram derrotados, presos e mortos. (Pesquisado no livro "História do Rio Grande do Norte", de Câmara Cascudo). Nonato Mota conta esse acontecimento com a chacina de índios em Portalegre.

Esse episódio da história do Rio Grande do Norte, também, é conhecido como Confederação dos Cariris.

OS PATUENSES TAMBÉM PREPARARAM A RESISTÊNCIA CONTRA O ATAQUE DE LAMPIÃO A ESTA "VILA"

Em junho 1927, o Prefeito Rafael Godeiro mais uma vez defende a cidade de Patu, desta feita preparando a resistência do lugar contra o ataque de Lampião e seus cangaceiros.

Eram trincheiras organizadas com homens fortemente armados, de fuzil, rifle, revólver e arma branca; graças a N. Srª dos Impossíveis, o rei do cangaço desviou a sua trajetória, passando em outros lugares onde fez misérias e grande destroço. Dizem que Lampião temeu passar por Patu, porque só tinha uma entrada e uma saída. Além dos civis também havia militares dentro das trincheiras, assim distribuídos:

A primeira trincheira da entrada ficava no cemitério velho, estava composta dos seguintes voluntários: Tenente José Rosa e o soldado Abdon, João Inácio de Oliveira, Cândido Ferreira da Silva, Cícero Rezende da Silva (Cícero Criança), Nicolau Lobo Maia (Bado), Cidrônio Alves da Silva, José Ricarte da Silva, João Cambute, João Cândido da Silva, João Águida e Pedro Benevides.

A segunda trincheira ficava em cima da casa do Prefeito, onde estavam na vigilância os voluntários: Rafael Godeiro da Silva (Chefe), Raimundo Ayres, Sebastião Benevides, Samuel Benevides, Daniel Sinésio Benevides e Manoel Sinésio Benevides.

A terceira trincheira ficava na saída da cidade onde hoje é o Mercadinho Real; cavaram valeta com início na ponta da calçada do último prédio até chegar à cerca de arame, onde atualmente é o beco do Fórum Municipal. A valeta era funda e os vigilantes ficavam de pé fazendo posição de alvo pelo buraco de duas telhas, podendo se deslocar de um canto para outro sem que fossem vistos pelos que estavam nas ruas. Esta trincheira estava composta dos seguintes homens (10): José Godeiro da Silva (no comando), Nicolino Cortez Filho, Braz Cortez, Antônio Benevides, José Cândido da Silva, Almino Bento da Silva, Joaquim Godeiro da Silva, Horácio Lopes da Silva, Antônio Godeiro da Silva e João Rodrigues da Silva.

A quarta trincheira ficava na mesa de rendas (coletoria), e a quinta estava localizada na farmácia de Ascendino de Almeida. Os patuenses tiveram sorte, Lampião respeitou a Padroeira N. Sª das Dores; dizem que ela era a santa da devoção de seu padrinho, Padre Cícero de Juazeiro.

SÃO CONTOS – A primeira versão quanto a segunda.

Os patuenses estavam coesos, de armas na mão para combater Lampião por todos os lados e lutar até o último cartucho em defesa da terra natal, contra o bando de cangaceiros de Virgulino Ferreira; foi uma demonstração de nativismo e de união em defesa da terra comum. Valeu aquela cena de heroísmo que se transformou em história. Este acontecimento foi semelhante à cena de guerra da Independência dos Estados Unidos, em que os soldados voluntários estavam prontos num minuto para o ataque ou a defesa. Rafael Godeiro estava no comando, assim como Jorge Washington nos EUA, tal acontecimento em Patu aconteceu em junho de 1827, na preparação da resistência contra Lampião, o terror do sertão.

JUSTIFICAÇÃO

A título de esclarecimento faço chegar ao público que a má fama de Patu sobre ser terra de pistoleiro, sobre homicídios, se explica como sendo muitos deles praticados em outros lugares e registrados como se tivesse sido aqui. Isto acontecia porque a sede da terceira companhia de policiamento fica em nossa cidade e tem abrangência policial em 11 Municípios desta região. Por exemplo, um crime cometido nas cidades de Umarizal, Antônio Martins, Caraúbas e Janduís, vinha ser registrado em Patu por ser uma centralizadora dos destacamentos policiais, onde há serviços de rádio da própria polícia, que anuncia diariamente as ocorrências policiais e os jornais se aproveitam para denegrir a imagem de Patu, mas não há nada disto, o povo de Patu é uma gente hospitaleira e gosta de fazer o bem aos que aqui chegam a acolher com paz e bondade os visitantes. Aqui fica o meu convite para visitarem o Santuário do Lima e comprovar a hospitalidade da nossa gente.

DOIS ACIDENTES ACONTECERAM NA SERRA DO PATU

O primeiro foi na seca de 1919 – o acidentado foi o Sr. José Lulu, residente no sítio Gameleira. Estava tirando macambira e capim para escapar uma vaca e ele escapuliu no lajedo liso (talhado da serra) para o lado do nascente e alojou-se dentro de uma grota que tem umas árvores e alarmou com gritos tão estridentes que pessoas do Sítio Patu-de-Fora ouviram e vieram tirá-lo. Com umas cordas compridas, desceram um cassoar (uru) de couro e a vítima se colocou dentro dele e foi puxado, salvando-se assim esta vida.

O segundo caso foi em 10 de outubro de 1975 – pelas 11 horas do dia. O acidente foi fatal na serra do Patu. O jovem João Bosco, natural de Campina Grande-PB, veio visitar a noiva que era uma moça patuense, e foram a um piquenique lá em cima da montanha. Após um banho no Olho D'água do Pinga o jovem foi olhar a cidade lá da beira do abismo e escorregou. Tentou se salvar agarrando-se num pé de xique-xique, mas o espinheiro não agüentou, e ele desceu rolando no desfiladeiro até a mata do pé da serra, onde foi encontrado pelas pessoas: Joaquim Coriolano de Andrade e dois soldados da Polícia Militar, que retiraram o corpo sem vida e todo chagado e com partes até esmagadas, mas sem deformação. Foi um dia de grande alvoroço nesta cidade onde a comunidade toda se reuniu para ver na sua angústia essa desgraça.

Os familiares da vítima chegaram à meia noite para levar o corpo de João Bosco, que foi sepultado em Campina Grande, sua terra natal. No local do sinistro foi colocada uma bandeira de luto em sinal de pesar pelo falecimento de um jovem incauto e desavisado.

O ASSASSINATO DE UM MÉDICO...

Dr. Edino Jales de Almeida, nascido no dia 12 de agosto de 1941, filho de Jenuíno Jales de Almeida e Dª Basílica Jales, no Sítio Salobro, que naquela época pertencia ao município de Patu, atualmente Município de Messias Targino.

Dr. Edino era formado em medicina pela Universidade Federal de Pernambuco, concluinte de 1969, aos 28 anos de idade. Após a sua formatura veio trabalhar no hospital de Patu. Era muito popular, conceituado e inteligente, na sua vida profissional foi um grande médico cirurgião. Certa vez ele operou um paciente de nome Rui Suassuna. Fez uma cirurgia de apendicite, porém o operado sofria das faculdades mentais e se impressionou de que ia morrer da operação. Criou uma psicose que não ficava mais bom e por isto andava dizendo a alguém que ia matar o médico que o operou. Transcorridos uns cinco meses da operação, aumentava cada dia a tensão nervosa psíquica do paciente e ele continuava com o intento perverso de matar o cirurgião. Alguém avisou ao Dr. Edino da má intenção do Sr. Rui, mas o Dr. Edino não ligou para o caso e sempre confiava e respondia que era ilusão do paciente.

O louco não desistia de seu mal intento e no dia 19 de março de 1974, pelas 10:30 horas da manhã, esperou a saída do médico na porta do Hospital, onde traiçoeiramente fez três disparos com uma "pistola bereta" à queima roupa, nas costas do médico, que tombou debaixo de uma castanhola, já agonizante. Após os disparos, o assassino correu dizendo a alguém com que se encontrara: Matei Dr. Edino, e correu pelo pé da serra, indo parar na residência do Sr. Antônio Suassuna Barreto Filho, no Sítio Manuê. Mais ou menos às 12:30 horas foi entregue à polícia local.

O povo parou as suas atividades, a cidade ficou aflita e todos se juntaram para procurar o assassino. Depois de encontrado ele já seguia para o quartel de polícia, onde mais de mil pessoas se concentraram em frente ao presídio para ver se era verdade a prisão do criminoso, cada um murmurando e cada qual que pedia às autoridades a condenação do réu, pelo ato nefasto que cometera, vitimando o médico da pobreza desta cidade.

Os patuenses choraram todos de sentimento pela morte de Dr. Edino Jales. Foi um dia de horrores e melancolia. Não houve julgamento do crime

por que o indivíduo que matou também morreu no mesmo dia, com apenas três horas de diferença, o louco enforcou-se com a perna da calça na grade da cadeia. Duas vidas foram sacrificadas por causa de uma loucura desenfreada. O Dr. Edino morreu inocente e o seu corpo foi sepultado na cidade de Messias Targino e o assassino foi sepultado em Patu. Duas esposas ficaram na viuvez e os filhos na orfandade, por causa de uma arma na mão tirana de um débil mental. Servirá de exemplo para que não se confie em deixar que um louco porte uma arma de qualquer espécie, porque põe em perigo a vida de qualquer pessoa.

Foi feita uma crônica, por uma enfermeira auxiliar, testemunha de tantas cirurgias, em que foram salvas tantas vidas. A autora foi Maria Salete da Silva, que descreve a vida profissional e social do Dr. Edino Jales, intitulando-se a crônica; "Carta do Adeus".

CRÔNICA - CARTA DO ADEUS

"SILÊNCIO"
EU PEÇO UM MINUTO DE SILÊNCIO

Eu peço um minuto de silêncio, no entanto é necessário não pedi-lo, pois sinto a tristeza, que se apoderou de todos nós. Neste momento, até os pássaros calarão e deixarão de cantar para ouvir esta prece a Deus... por que a criatura de quem falo neste momento era querida por todos desta terra. Jamais poderia fugir da responsabilidade e de prestar esta homenagem do Hospital Maternidade. Dr. Edino, foi sua simples enfermeira, seu diretor e seus amigos, que o consideravam tanto, como se fosse um próprio irmão. Dr. Edino, esta prece deveria ter sido feita no dia de sua partida para junto de Deus, mas só soube da cruel notícia quando você já habitava na terra dos mortos. Hoje vim trazer a minha palavra de saudade, saudade dos dias de festa em que você sempre se destacou, por seu comportamento exemplar, por sua simplicidade, por seu gesto meigo e menino-moço. Parece-me ainda vê-lo vestido de branco, seguir rumo ao Hospital, todos os dias, para o trabalho em favor dos pobres. Dr. Edino, até as crianças sentem a falta de seu sorriso simples que surgia de seus lábios morenos e fazia transparecer e expressão de sua bondade e simpatia. Seguia rumo aos apartamentos, às enfermarias, com passos lentos e olhar firme no futuro, que lhe parecia tão promissor, e que se tornou tão trágico.

Dr. Edino deixou tudo, para morar junto de Deus. Deixou todas as delícias que lhe ofereciam a vida na sua mocidade. Teve que deixar cedo demais os seus trabalhos. O homem tem sua primeira vitória na vida quando se realiza pela sua formatura. Esta vitória foi realizada, mas tão cedo você deixou o Hospital e seus funcionários, você renunciou tudo na vida de jovem e hoje você deixou sua esposa e seu filhinho, o fruto de um grande amor...

Silêncio por favor,...

Mas que cruel foi o destino para com você, Dr. Edino, moreno inesquecível. Digo assim, pois sempre foi bom médico, bom filho e seria sem dúvida bom esposo. Dr. Edino, você infelizmente morreu, deixou um filho que ficou como símbolo da sua pessoa, você partiu e não teve direito de terminar de criar seu filho. Dr. Edino, foi Deus quem quis assim. Afinal, seu filhinho está sendo tão bem cuidado como se ele estivesse ao seu lado. Quem

ficou com ele foi sua esposa, os braços são os mesmos que os de sua mãe que o embalou quando era pequenino e que agora chora com a sua partida. Resta agora, Dr. Edino você ajudá-lo a transpor as barreiras dificultosas da vida, implorando à Virgem das Dores que olhe seu filhinho e sua esposa, sua mãe, seu pai, e seus irmãos que sentem sua falta; falta de seu sorriso e de sua voz que cantava nas noites enluaradas do nosso sertão, voz limpa e suave que toda vizinhança parava para ouvir. Dr. Edino, que saudade sentem seus colegas de medicina, e suas enfermeiras, daquelas operações tão tranqüilas que você fazia, salvando tantas mães de família. Hoje perdemos você para sempre. Sentimos profundamente sua partida. Adeus pronto-socorro, vê-lo consultando graciosamente, sala de parto, sala de operações, em que cada vez que trabalhamos vemos a sua imagem. Tudo isso é lembrado com lágrimas nos olhos. Afinal Dr. Edino, você continuará sendo motivo de saudades eternas, como bom Médico que era.

Você que está junto da Rainha das Mães, peça para ela mandar paz e amor para este mundo. Deus lhe dê o descanso eterno no Céu.

Maria Salete da Silva

A MORTE DE DR. EDINO – EM VERSOS

I

Sagrado Eolo me inspira
E me conduza a Eloim
Jesus que morreu na cruz
Vinde aqui, profeta Amim
Para que eu diga ao mundo
Que a morte é perversa e ruim.

II

Deus eterno e Celestial
Supremo trono Divino
Faça com que eu escreva
A morte de Dr. Edino
Morto por um revólver
Das mãos de um assassino.

III

Samuel Colt inventou
Um revólver traidor
E o assassino rebelde
De mal-assombro e terror
Deixou Patu com saudade
De um magnífico Doutor.

IV

No dia vinte de junho
Doutor Edino nasceu
Do ano quarenta e um
Estudou formou-se e viveu
E a 19 de março
De 74 morreu.

V

Lá na cidade do Junco
Do Rio Grande do Norte
Dr. Edino nasceu
Capricho, honesto e forte
E nunca pensou, que tão jovem
Sofresse o golpe da morte

VI

Basílica Almeida Jales
À sua mamãe querida
Seu pai Jenuíno Jales
Choram lamentando a lida
Nunca pensara que a morte
Do filho, roubasse à vida

VII

Seus irmãos estão chorando
Eduardo e Emetério
Epitácio e Edmilson
Acham ser um caso sério
E, Enoc chora por vê-lo
No campo do cemitério.

VIII

Edinardo e Antônio Breno
Choram com grande aflição
E, Hélio diz: ah que saudade!
De Edino nosso Irmão
Tanto que fez caridade
E hoje dorme no chão.

IX

Maria e Elza dizem
Aqui está diferente
Nós víamos nosso irmãozinho
Alegre, brincar com a gente
Tão caridoso e bondoso
E o mataram cruelmente.

X

Ericina e Erinete
Lamentam todo momento
Edino, querido irmão
Deixou o nosso aposento
E, quando olham o seu retrato
Choram com mais sentimento.

XI

Elizení e Edite
Combinam com Jenuíno
Junto à Dona Basílica
Pedem ao Deus divino
Para conservar no Céu
Alma de Doutor Edino

XII

Tanto que fez caridade
O nosso querido mano
Estudou em Mossoró
No Colégio Diocesano
E formou-se na Faculdade
Do Estado Pernambucano

XIII

Seu berço querido, Junco
À voz da tristeza, escuto
Em cada esquina da rua
Vê-se um pavilhão de luto
E, na medicina dizem
Perdemos o melhor fruto.

XIV

Deixamos os sentimentos
Dos seus irmãos e seus pais
Vamos falar em dona Wilma
Sua esposa nova demais
Que ficou triste e viúva
Em prantos sentimentais.

XV

Junto ao seu filhinho Wilson
Uma criancinha bela
Tão inocente, não viu
Seu pai receber a vela
Nos braços da mãe querida
Por ser companheiro dela.

XVI

Dona Maria das Dores
Dando suspiros e ais
Minha filha, escute na igreja
Tristes hinos funerais
Como diz para a gente
Edino não volta mais

XVII

Lamenta, Vera Regina
Wilca e Francisco Marinho
Dizendo Wilson de Freitas
Ainda tão pequenino
Ficou sem pai na orfandade
Nosso querido sobrinho.

XVIII

Hoje se vê em Recife
Em frente à Universidade
O luto representado
As dores da faculdade
Chorando porque perdeu
O médico da Caridade.

XIX

Nos meus versos digo Edino
Foste um dos dignos doutores
Caritativo e social
Apoiava os cantadores
Fazia amizade com os ricos
E abraçava os sofredores.

XX

Colégio Diocesano
Patrono dos estudos seus
Os irmãos e os sacerdotes
Grandes professores teus
Desejam que sua alma
Fique no trono de Deus.

XXI

Uma morte como esta
Para novo a dor é estranha
Em Patu, carros e povos
Ao luto preto acompanha
E até mesmo a natureza
Cobriu de luto a montanha.

XXII

Com 33 anos morreu
Jesus Cristo de Belém
Idade que Doutor Edino
Chegou a morrer também
Está com os anjos abraçados
No Paraíso Sagrado
Pra séculos sem fim, Amém.

RELATÓRIO PUBLICADO NO "DIÁRIO DE NATAL" EM DATA DE 20-3-74. LOUCO MATOU MÉDICO NA PORTA DO HOSPITAL E SUICIDOU-SE

Um bárbaro crime de morte e um suicídio. Ontem no Oeste do Estado na cidade de Patu, o Médico Edino de Almeida Jales, casado, 32 anos, foi morto por três tiros de revolver, quando saía do Hospital Maternidade Dr. Aderson Dutra onde trabalhava. O assassino Sargento Rui Suassuna foi preso em flagrante e logo em seguida desesperado – suicidou-se no Xadrez, enforcou-se com suas próprias roupas.

LOUCURA

De Patu informa-se que o Sargento Rui Suassuna, reformado da Aeronáutica, por motivo de debilidade mental, 38 anos, casado, residente e domiciliado naquela cidade, havia sido operado de apendicite, há cerca de 3 meses pelo Dr. Edino de Almeida Jales. Passava bem o militar, mas ontem disse que sua doença anterior apareceu de novo – e mais grave – procurando então o médico. Este na porta do Hospital, explicou-lhe que ia comprar uns remédios e retornando logo para lhe atender. Inconformado, Rui Suassuna sacou de uma arma de fogo e desfechou os três tiros a queima-roupa, instantaneamente morria o Médico.

SUICÍDIO

Sob o comando do Subtenente Edmilson de Holanda Campos, subdelegado de Polícia de Patu. Substituto do Capitão Francisco Pereira do Nascimento que não estava na cidade – O Sargento Rui Suassuna foi preso no flagrante, sendo levado para o Quartel e recolhido numa das suas celas. O crime ocorreu por volta das 11:00h. Cerca de meia hora depois de ser colocado no xadrez, o autor da morte do Médico resolveu dar fim à sua própria vida. Tirou a calça que vestia, amarrou-a num caibro do teto da cela, subiu num tamborete e saltou para a morte. Quando a polícia deu pelos fatos, o suicídio estava consumado e o Sargento não mais respirava.

MÉDICO

O Médico Edino de Almeida Jales era um dos cirurgiões mais procurados na sua cidade, seu irmão segundo-tenente Enock de Almeida Jales, está servindo atualmente no Quartel da Polícia Militar em Natal, e antes esteve trabalhando em Patu-RN. O crime abalou a população em Patu, bem como de Mossoró.

O RALI DA INTEGRAÇÃO

O primeiro Rali da Integração do Rio Grande do Norte, promovido pelo Governador Cortez Pereira, passou em Patu pelas 15:00 horas do dia 19-9-1971. O Rali nada mais era do que uma corrida de automóvel que partiu de Natal, dando uma volta ao Estado. O povo de Patu parou para ver essa grande novidade e também assistir à inauguração da Casa do Agricultor neste mesmo dia, com a presença do Governador que assistiu aqui a passagem dos carros. O percurso foi assim: Natal, Mossoró, Pau dos Ferros, Patu, Caicó, Currais Novos, Santa Cruz e Natal. O vencedor da competição foi um patuense, Dr. Osni Valmir Freitas Targino, que ganhou um automóvel zero quilômetro. Passaram por aqui 70 veículos, que numa longa jornada simbolizaram a integração da Capital com 152 municípios, patrocinado pelo Governador, cujo percurso fora feito por estradas esburacadas e empoeiradas naquele mês de verão. Patu registrou nos anais de sua Prefeitura a passagem dos craques do volante e a disposição do Governador em melhorar as estradas para depois fazer outro rali com estradas pavimentadas, e assim disse o Dr. Cortez Pereira no ato inaugural do órgão que se transformou na CIDA posteriormente.

PÁGINA DA DESCONTRAÇÃO

ANEDOTA PARLAMENTAR – POTIGUAR

O patuense Almino Álvares Afonso, Senador do Império da República, faleceu em 13 de dezembro de 1899, na vaga assumiu "Chico Gordo" homem simples de um Estado pobre, chegou a ser criticado por um Senador do Sul, lá de um estado grande, rico em produção, nas glórias como nas dívidas. Perguntou ao simples colega vindo do Nordeste.

O colega é o do Rio Grande do Norte? Sim! Não se vá magoar, mas diga se é verdade que se paga o funcionalismo público de sua terra com abóboras?

Chico Gordo, impassível respondeu: é verdade, pagamos com jerimum, com melancia, com tomate, com quiabos, com maxixes. Pagamos de qualquer forma... E com o ar mais inocente do mundo disse: - nós temos

muita vergonha de ficar devendo... Derredor todos os Senadores riam. Nunca mais perguntaram a Chico Gordo de que espécie era a divisa com que se saldavam às dividas norte-rio-grandenses. (Câmara Cascudo)

ESTÓRIA 1

As estórias contadas no sertão são, muitas delas, até engraçadas, nos adjuntos (mutirão) de trabalhadores da lavoura é onde contam mais e enfeitam bastante o personagem com vestes românticas.

Na minha adolescência eu ficava misturado com os peões só para ouvir estórias. Uma delas eu vou contar, veja como é engraçada: havia um casal residente num sítio do outro lado da serra do Patu, neste município. No dia do eclipse em 1940, a esposa estava só em casa e o marido tinha ido para o roçado. Quando começou a escurecer, ela ficou pensando que o mundo ia se acabar; nesta hora chegou o esposo, vinha correndo com medo do eclipse, assustado e dizendo que era um castigo do Céu. A mulher, na aflição e descontrolada pelo nervosismo, abraçou-se com o marido e pediu perdão de um grande pecado que cometera, descobriu que tinha "botado chifre" no marido e ele perguntou se tinha sido muitas vezes; ela respondeu em pranto que não. Só tinha sido 15 (quinze) vezinhas...

ESTÓRIA 2

Um jovem agricultor que morava no sítio, certo dia foi para a cidade e resolveu se confessar: O Padre perguntou: - você sabe que cristo morreu por nós? O penitente respondeu que não sabia, porque morava no mato e lá não tinha notícia de nada. Porém garantiu: - Se eu soubesse disso, tinha ido fazer ao menos uma visita.

ESTÓRIA MAL CONTADA, PARECE COM A NARRAÇÃO ABAIXO:

O Mudo disse, que um cego viu um defunto coxo, correndo atrás de uma grande cobra, que engoliu os chifres de uma vaca môcha...

O ECLESIÁSTICO EM PATU

— A ANTIGA ESCRITURA DE DOAÇÃO DO PATRIMÔNIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES, A NOSSA PADROEIRA

— A FREGUESIA DE N. Sª DAS DORES DO PATU

— DA CAPELA À IGREJA MATRIZ – A PARÓQUIA E OS PADRES

— O SANTUÁRIO DO "LIMA": N. Sª DOS IMPOSSÍVEIS, A PADROEIRA DO SANTUÁRIO

— A IGREJA EVANGÉLICA – "ASSEMBLÉIA DE DEUS"

O DOCUMENTO OFICIAL DA FUNDAÇÃO DE PATU

Cópia da escritura de doação do patrimônio a Nossa Senhora das Dores do Patu de Dentro.

Dizem o Capitão Regente Geraldo Saraiva de Moura e o Capitão Ignácio de Azevedo Falcão e sua mulher, Dona Cosma Leitão de Carvalho, que eles suplicantes, fizeram Patrimônio a Capela que pretendem erigir de Nossa Senhora das Dores no Sítio do Patu de Dentro e como a escritura do dito Patrimônio e sentença nela proferida submetem para a câmara Eclesiástica aonde pertencem se lhe for preciso para bem de sua justiça o teor da dita escritura e sentença de patrimônio por onde foi julgada por firme e valioso a qual Nossa Reverendíssima foi servido proferir por título. Pede a Vossa Reverendíssima e mui Reverendo Senhor Doutor Visitador Geral seja servido mandar que o Reverendo Secretário da Visita passe por certidão ao que desde o teor das escrituras e sentença de dito Patrimônio em modos que faça fé. Embora mercê diga-lhe na forma que requer. Vila de Pombal, dez de outubro de 1779 – Monteiro – Visitador Bartolomeu Monteiro Presbítero Senhor e Secretário da Visita baixa do Norte por Sua Excelência Reverendíssima que Deus guarde Vossa Mercê. Certifico que revendo os autos de Patrimônio da Capela de Nossa Senhora das Dores do Sítio do Patu de Dentro que é do teor seguinte: das escrituras auto de posse e sentença de que trata a petição supra, o que tudo é do teor seguinte:

Traslado da escritura de doação que fazem de um pedaço de terra neste lugar do Patu o Capitão Ignácio de Azevedo Falcão e sua mulher Cosma de Carvalho a Nossa Senhora das Dores – "SAIBAM quanto este público instrumento de escritura de doação, ou como por sua validade melhor nome e lugar haja dizer se possa, virem que sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e setenta e sete aos sete dias do mês de julho do dito ano neste lugar do Patu de Dentro termos da vila de Portalegre, Capitania do Rio Grande do Norte, Comarca de Paraíba, em casa de morada do Capitão Ignácio de Azevedo Falcão, aonde eu, Tabelião adiante nomeado, fui vindo e sendo aí perante mim aparecem parte presente e contraentes havidas concertadas a saber de uma como doadores o dito Capitão Ignácio de Azevedo Falcão e sua mulher Cosma

Leitão de Carvalho, moradores neste sítio lugar do Patu, e da outra como aceitante o Capitão Geraldo Saraiva de Moura na Fazenda das Maniçobas, conhecidas de mim, Tabelião, pelos próprios de que se trata e de que dou minha fé, e logo pelos ditos doadores me foi dito, na minha presença e das testemunhas adiante nomeadas e assinadas que, eles entre os mais bens que possuem de mansa e pacífica posse, de bem assim uma parte de terra no sítio do Patu, que houveram por dote dos defuntos pais da doadora, Leandro Saraiva de Moura e Maria José de Jesus, da qual parte de terra aqui declarada deverão os ditos doadores Doação como de fato logo doarão deste dia para todo e sempre a Nossa Senhora das Dores Quarenta Braças pegando do lugar onde está determinado a fazer a capela da dita senhora as ditas quarenta braças pegando do fundo da capela para parte do Norte com outras quarenta de largura para a parte do poente cujas braças de terra já declaradas disseram eles doadores Doarão a Nossa Senhora das Dores de suas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma no caso que haja desfazer a dita capela e não ter efeito dada dita doação por não feita com condição porém que autuada a dita capela terão eles doadores faculdades para dentro das ditas quarenta braças de terra doadas fazerem suas casas de vivenda e sem pensão alguma e assim de maneira já declarada já de hoje mediante si toda a posse e domínio que na dita terra doada tinham para que nela se faça a dita capela e poderá o Administrador da dita Senhora Tomar posse dela por si e ou por autoridade de Justiça. O que a tome que não desde logo a hão por empossado nela com posse real e atual fiel corporal e natural pela cláusula constitui o que contra esta escritura não virão em tempo algum com dúvidas e nem embargos e remido não quererão ser ouvidos em juízo ou fora dele antes serão conteste se fosse denegado todo o tempo coação que eles foram alegar que faça e daí de valioso o que faz favor da mulher que doada querão haver se não ter e manter esta escritura e doação por eles feita assim da maneira se contem e declara e assim desaforarão de todas as Leis Liberdades expansão e da Justiça infra e foro a ter e manter esta doação e se obriga por sua pessoa e bem presentes efetuam e fazem esta escritura boa firma e valiosa em todos os termos que o tem por dominado e logo pelo dito assistente e administrador o Capitão Geraldo Saraiva de Moura foi dito que ele aceitava esta escritura como administrador de Nossa Senhora das Dores a doação por ele feita assim e da maneira que nela se contém e declara em cujo impedimento abrigam sua pessoa e bens presentes efetuaram de como assim

disseram outorgaram pediram e aceitaram mandaram fazer o presente instrumento nesta nota em que se assinaram e a doadora por não saber escrever a seu rogo o Capitão Francisco Saraiva de Moura que eu tabelião a tomei em nome da pessoa ausente a favor desta tomar posse sendo a todos presentes por testemunhas Antônio de Melo – José Gomes dos Santos – José Vale Monteiro – pessoas todas reconhecidas de mim tabelião que todas assinaram eu Lecy Gomes Barros tabelião a quem foi distribuída o escrevi (A) as.

Ignácio de Azevedo Falcão As. A rogo da Doadora Cosma Leitão de Carvalho Francisco Saraiva de Moura – Geraldo Saraiva de Moura – Antônio Pereira de Melo – José Gomes dos Santos e José do Valle Monteiro e não se continha mais nem menos a dita escritura de doação que bem e finalmente aqui transladei do próprio que fica em meu poder e Cartório no livro quinto dela ao qual me reporto assino na verdade sem coisa que duvida faço por mim próprio tabelião conferido do meu todo escrito e assino do meu sinal público e razo sinal de que uso dia e hora reporto dou fé de verdade assino Lecy Gomes Barros conferido e concertado por mim assino Tabelião Lecy Gomes Barros. (Copiado do original – Arquivo da Paróquia).

SEGUNDA ESCRITURA DE DOAÇÃO QUE FAZ O CAPITÃO REGENTE "GERALDO SARAIVA DE MOURA"

Escritura de Doação que faz o Capitão Regente Geraldo Saraiva de Moura a Nossa Senhora das Dores no lugar do Patu de Dentro de um pedaço de terra no mesmo lugar do Patu – Saibam quantos este público instrumento de escritura de doação de um pedaço de terra ou como para sua realidade melhor nome haja a dizer se possa virem que sendo no ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e setenta e nove aos onze dias do mês de agosto do dito ano nesta terra do Martins termo da vila de Portalegre da Capitania do Rio Grande do Norte Comarca da Paraíba onde em Tabelião adiante nomeado fui vindo sendo ai perante mim apareceu o Capitão Geraldo Saraiva de Moura – morador da Fazenda Patu de Dentro. Termo da Vila de Portalegre pessoa de mim Tabelião conhecido pelo próprio do que se trata homem solteiro e por ele me foi dito em minha presença e das testemunhas adiante nomeadas e assinadas que ele entre os mais bens que possui de mansa e pacífica posse de bem assim uma parte da terra do sítio do Patu que houve por compra ao Capitão Antônio Batista Fialho e cuja parte de terra disse o dito Capitão doa de como de fato doada tem deste dia para sempre a Nossa Senhora das Dores para o patrimônio de sua capela quarenta braças pegando da terra que doou a mesma senhora o Capitão Ignácio Azevedo Falcão e sua mulher Cosma Leitão de Carvalho para a parte do Norte e para parte do poente outras quarenta braças em terrenos assim declarada e doada o dito doador cedia transpaçava toda posse e domínio que nela tinha e pedia ter e cedia e transpaçava a ela dava para o patrimônio de sua capela como fica dito e dela tomar posse e quer a tome quer não desde logo empossado nela como posse e real e atual direito e natural corporal pela cláusula constituti e que contra esta dita escritura ela em tempo algum com dúvidas e nem embargos e sendo não queira ser ouvido em juízo nem fora dele antes era conteste lhe fosse negado todo tempo e ação que a seu favor alegar possa pois só queria ter e manter esta escritura de doação por ele feita e assim e da maneira que nela se contém para que o que se deu a favor de qualquer Lei liberdade isenção e do juízo de seu foro ainda Lei "De Neliano" que for a favor da mulher e quando nesta escritura lhe faltasse alguma

cláusula ou cláusulas para o seu valimento o que assina por expressa e declaradas como se doada e firme expressa e declarada menção para que se abrigam sua pessoa de bem pertencentes e futuras a favor da dita escritura boa firme e valiosa em todo tempo dominado e domínio assim o disse e outorgou pediu porém por presente instrumento nesta nota em que assino e sendo a tudo presente por testemunhas Antônio Monteiro de Barros Cabral o Capitão Luiz Pedro dos Santos o Capitão Comandante Francisco Xavier da Costa que todos assinaram e eu Lecy Gomes de Barros a que fui distribuída e a escrevi-as, Geraldo Saraiva de Moura – Antônio Monteiro de Barros Cabral – Luiz Pedro dos Santos – Francisco Xavier da Costa – nada não se continha mais nem menos em dita escritura que bem e fielmente aqui transladei do próprio o que se acha em meu poder e cartório no livro de Lei o que me reporto sinal da verdade que faço por mim próprio conferido e concertado escrito e assinado e meu sinal público e razo seguintes de que tomo dia e hora aceito. Dou fé eu Lecy Gomes de Barros tudo conferido por mim próprio – Lecy Gomes de Barros. (Copiado do original – Arquivo da Paróquia).

AUTO DE POSSE DE TERRA

Saibam quantos este público instrumento de auto de posse virem que sendo no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1779 mil setecentos e setenta e nove aos 28 dias do mês de setembro do dito ano lugar do Patu em Tabelião adiante nomeado fui vindo e sendo aí apareceu o Rvm° Padre Cura das Várzeas do Apodi Jerônimo Teixeira Ribeiro pessoa de mim reconhecida e que dou minha fé pelo qual me foi apresentado duas escrituras de doação feitas a N. Sª das Dores das terras doadas para nela se erigir a sua capela e para patrimônio desta requerendo com ele na presença das testemunhas adiantes nomeadas que me disse como das ditas terras por bem do que em tabelião satisfazendo do seu requerimento em comparecimento das ditas escrituras entrei pelas ditas terras mencionadas nas escrituras como o dito Reverendo Cura em presença das testemunhas nas quais ele dito andou passando revendo determina para outra parte e logo eu tabelião e em alta e inteligente voz uma escrita nomes se havia alguma pessoa ou pessoas que tivesse embargos a dita posse que das ditas terras daria ao dito Reverendo Cura perante mim alegou que estava pronto para vender os seus

embargos e pelos não houveram outro impedimento algum Eu Tabelião lhe dei a dita posse das ditas terras na forma que pertenceu a Mãe de Deus pelos seus títulos que o dito Cura cortou e deu real como se for empossado dela tanto quanto de direito possa e por razão do meu ofício sou obrigado a qual terra atrás declarada ao dito Reverendo Cura andou por dentro dela fazendo todas as diligências do estilo roçando e arrancando paus e atirando terra para o ar e cortando árvores e assim teve por empossado do que de tudo foi este auto em que assinou o dito Reverendo Cura sendo a tudo presente por testemunhas. Inácio de Assunção – João Rodrigues Batista e Manoel do Nascimento Albuquerque todos também assinarão e eu Lecy Gomes de Barros Tabelião a escrevi a assino em Público e Raso dos meus sinais seguintes do que uso – dia e hora eu Secretário em fé da verdade - Lecy Gomes de Barros – Jerônimo Teixeira Ribeiro – Cura – Inácio de Assunção – João Rodrigues Batista – Manoel do Nascimento Albuquerque.

SENTENÇA

Vistos estes autos de patrimônio da capela de Nossa Senhora das Dores do sítio do Patu de Dentro Freguesia da Várzea do Apodi e como dela se prova pelas escrituras juntas Auto de Posse depoimentos dos doadores do Capitão Geraldo Saraiva de Moura e o Capitão Ignácio de Azevedo Falcão - Doação de conta Vinte e Oito Mil Réis de principal que dão de rendimentos Seis Mil Réis cada e poderão fazer a dita doação sem prejuízo de terceiros estarem de mansa posse do dito sítio do Patu de Dentro nela não houver dolo algum portanto o julgo port: título e o nomeio e nele interponho minha autoridade Decreto Judicial e paguem os custos dos autos.(*)

Vila do Pombal freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso – Dez de Outubro de Mil Setecentos e Setenta e Nove – (a.a.) Joaquim Monteiro da Rocha – e não selos tinha mais em dita escritura auto de posse e sentença a qual foi translado bem fielmente dos próprios autos a que me reporto e vai sem coisas que dúvida faço. Vila do Pombal Dez de Outubro de Mil Setecentos e Setenta e Nove – Eu Padre Bartolomeu Monteiro Secretário – da visita o foi assinado e subscrevi em fé da verdade Secretário – Bartolomeu Monteiro.

E não se continha mais em ditas escrituras auto de posse e sentença tudo aqui copiado que eu José Henrique de Almeida escrivão da Proveduria da Capela e Jurídica em toda Comarca da Paraíba do Norte bem fielmente fiz transladar dos próprios que se acham no seu competente livro ao qual me reporto e vai o presente na verdade sem coisa que dúvida faço. Conferido e concertado na forma do estilo nesta Serra de Martins termo da Vila de Porto Alegre aos Dezessete de Janeiro de mil oitocentos e dezesseis anos fez. Subscrevo e assino José Henrique de Almeida. E nada mais se continha das referidas Escrituras. (Cópia do original manuscrito que se encontra no Arquivo da Paróquia).

Na 1ª Edição do Livro História do Município de Patu, o Dr. Marlio Dantas Forte, estudioso da Historiografia das Américas, levantou uma dúvida sobre o Capitão Geraldo Saraiva de Moura ter sido o fundador e ter construído a Capela de Nossa Senhora das Dores de Patu. Os manuscritos das duas escrituras de doação que fizeram o Capitão Ignácio de Azevedo Falcão e sua mulher Cosma Leitão de Carvalho e o Capitão Regente Geraldo Saraiva de Moura, na primeira escritura este último foi nomeado de administrador "aceitante" pelos primeiros doadores com a missão de erigir uma capela no lugar por eles determinados. Pela lógica, no ano da primeira doação foi lançada a pedra fundamental no local exigido pelos doadores, porém o grande desafio feito ao administrador do patrimônio era construir a igrejinha ou devolver o terreno. No referido documento, disseram por duas vezes que a capela seria construída no local determinado, onde após a sua construção surgiu o povoado. Embora tenha nomes de outros povoadores nos arredores do Patu de Dentro, porém não foi encontrado documento antigo onde conste por escrito, ações com a fundação do povoado. Geraldo Saraiva de Moura foi a pessoa que assumiu oficialmente o mandato de administrador do patrimônio doado, para nele construir a capela de Nossa Senhora das Dores do Patu de Dentro.

Sem nenhuma sombra de dúvida não havia ainda a construção dessa capela. Portanto o administrador "aceitante" cumpriu a determinação do casal de doadores.

Se alguém ou algum escritor tiver documentos antigos que mudem as narrações contidas nestes originais que fundamentaram as nossas pesquisas, eu convido estas pessoas para nos juntarmos e modificar algum item que porventura seja passível de correção.

NARRAÇÃO DA FUNDAÇÃO DA CAPELA
– A IGREJA MATRIZ –

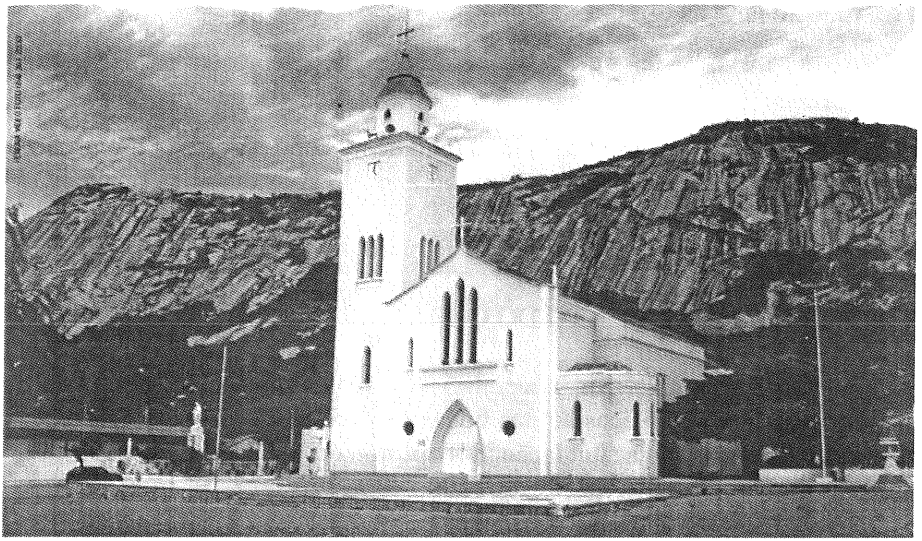
1777 – Ainda não havia a capela, apesar de ter sido iniciada a sua construção entre os anos 1778/79, sua construção era a mais antiga da nossa cidade, tendo sido remodelada três vezes deste a sua fundação até os nossos dias. Em sete de julho de mil setecentos e setenta e sete (1777), foi feita a primeira doação de uma gleba de terra medindo 40 braças de frente por 80 de fundos, cuja doação foi feita pelo Capitão Ignácio de Azevedo Falcão e sua mulher, para a construção da Capela, pois com a doação teve início o Patrimônio de N. Sª das Dores, como recebedor foi o Capitão Geraldo Saraiva de Moura, fazendeiro local, que se fez encarregado do dito patrimônio da Mãe de Deus no Patu de Dentro. Dois anos depois, em agosto de 1779, ele, o administrador do patrimônio, fez a segunda doação de mais 40 braças por 80 para aumentar a área do patrimônio. O administrador naturalmente teve uma visão do crescimento do futuro povoado, que surgiu com a construção das primeiras casas, após a conclusão das obras da capelinha.

Entre os anos de 1780 a 1826, o desenvolvimento do povoado foi muito lento, foram surgindo as primeiras ruas em ambos os lados e em frente à igreja. E neste último ano foram criados o ferro, o sinal e a ribeira do patrimônio, e depois, em 1852 passou a ser a ribeira da freguesia de Nossa Senhora das Dores, e ainda está sendo usado em nossos dias. (Dados extraídos do livro Escrituras da Paróquia).

1852 – A Assembléia Legislativa da Província do Rio Grande do Norte, pela Lei nº 260, de 3 de abril de 1852, criou oficialmente a Freguesia de N. Sª das Dores do Patu, ao mesmo tempo a capela foi elevada a Igreja da Freguesia e o Governo da Província foi autorizado, pela Lei n.º 413, de 4-9-1858, a despender até a quantia de 400$000 (quatrocentos mil réis) com a ampliação e conclusão das obras da igreja matriz desta povoação de Patu, isso porque a sede da Freguesia desse ano em diante passou a ter um padre residente. ("Uma História da Assembléia Legislativa do RN", de Câmara Cascudo).

1936 – A antiga Freguesia de N. Sª das Dores fora transformada na Paróquia de Patu, ato consignado com a elevação da Vila à categoria de Cidade, e conseqüentemente a criação da Diocese de Mossoró. Então precisava de uma igreja mais ampla, uma nova construção em estilo atualizado, que oferecesse aos paroquianos mais conforto e uma capacidade de receber maior número de fiéis que procuravam participar das cerimônias e atos litúrgicos. Foi quando, em 1946, houve a demolição da igreja velha e construída uma nova, em estilo moderno, com *status* de matriz, sede da paróquia, que está assim jurisdicionada: Patu, Almino Afonso, Messias Targino, Rafael Godeiro, Olho D'água do Borges e mais as capelas de Bela Flor, Coroatá, Cajueiro e Santa Terezinha. A construção da moderna igreja teve início em 1946 pelo Padre Luiz Klur e foi terminada em 1952 pelo Padre Agostinho Bolhem, depois de seis anos ininterruptos de intensivos trabalhos. Em 1954 é colocado na torre da igreja um relógio do tipo carrilhão, para orientação dos habitantes da cidade e até dos sítios mais próximos, de onde se escutam as batidas do sino informando a hora do relógio. Este relógio foi doado pelo Prefeito Petronilo Augusto de Paiva, e que custou naquela época o valor de Cr$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros) aos cofres da municipalidade.

O dia da nossa Padroeira é comemorado com grande festa, que se inicia no dia 7 e termina no dia 15 de setembro, sendo que o último dia é feriado municipal em homenagem a Nª Sª das Dores.



Igreja Nossa Senhora das Dores *(Pereira Video Foto)*

COISAS ANTIGAS

Existia um grande cruzeiro de madeira em frente à igreja. Era costume dos portugueses erguer uma cruz em frente às capelas das povoações por eles fundadas e que simbolizava a fé cristã do Reino. Patu foi fundado ainda no período colonial e, por isso, seguia os mesmos costumes dos portugueses. O cruzeiro da frente da igreja foi demolido juntamente com a capela-igreja em 1946. Há também outras obras: Casa Paroquial, 1936; Salão Paroquial, 1976, tudo ao lado da igreja.

COISAS ATUAIS

1959 – Foi construído um monumento ao lado da igreja em homenagem ao coração de Jesus, pelos 50 anos do apostolado da oração. Os participantes desta Associação Religiosa angariaram donativos e construíram esta obra secular, conforme está escrito na placa descerrada no ato inaugural.

MONUMENTO DO CORAÇÃO DE JESUS

Inaugurado em 27 de dezembro de 1959, construído pelo Padre Agostinho Bolhem, por ocasião das bodas de ouro do apostolado da oração da matriz de Patu, cuja fundação do apostolado foi em 11-6-1909. Os membros da Diretoria do Apostolado são:

Diretora – Clotilde Carlos Godeiro
Presidente – Maria Carmelita Rocha
Secretária – Maria Tavares de Holanda
Tesoureira – Maria Virgília Dutra

ZELADORAS

Maria Lina da Silva, Maria Severiana de Moura, Maria Henrique Godeiro, Alexandrina Josina de Moura. E muitas outras que já substituíram as fundadoras.

DADOS DA PLACA DE COMEMORAÇÃO DO BICENTENÁRIO

Patu – No período de 1777 a 1977, neste último ano foi comemorado o bicentenário do lançamento da pedra fundamental da Capela de N. Sª das Dores, a Padroeira de nosso Município. A primeira reunião para programação da festa do bicentenário, foi marcada par ao dia 7 de novembro de 1976, pelo vigário da paróquia Padre José Kruza, que era um grande entusiasta dessa comemoração. Nesse dia o padre adoeceu, foi internado no hospital local, onde três dias depois faleceu. O padre José Kruza morreu e não viu a sonhada festa do bicentenário; o seu sucessor Padre Eurico Franke celebrou a missa solene no dia sete de julho de 1977, com a presença das autoridades e o povo em geral, e logo após a missa foi invocado o nome do Padre José Kruza, idealista dessa comemoração do bicentenário. Em seguida foi descerrada a placa alusiva ao bicentenário que se encontra colocada ao lado direito na parede da frente da igreja, onde se lê: NESTE LOCAL FOI CONSTRUÍDA A 1ª CAPELA EM 7-7-1777, PATU COMEMORA FESTIVAMENTE OS 200 ANOS EM 7-7-1977. Acredito que o Padre José Kruza estava presente em espírito a tão almejada festa.

OS LIMITES DA FREGUESIA DE N. Sª DAS DORES

Com a criação da Freguesia, logo depois foi feito um mapa do seu território contendo os limites. O Padre Estolano Xavier Bezerra e seu colega Padre Antônio de Souza Martins – vigário da freguesia de Martins, convencionaram os pontos de referência por onde passaria a linha divisória marcando os limites, que somente anos depois foram aprovados pela Resolução nº 374 de 8 de agosto de 1885, confirmando-se assim definitivamente os limites que se seguem: O ponto de referência foi a fazenda Jacu, e determinou que o rio Umari servisse de divisão entre elas, pertencendo o terreno que fica à esquerda do mesmo rio ao Patu e o que fica à direita a Martins. A linha divisória, começando do lugar, Passagem da Onça correrá pelo rio acima até o serrote Alagoa e daí seguirá pelo caminho do Sítio Fechado até o Sítio Latão, donde continuará pela estrada e que segue o Sítio Retiro até limitar-se com a Província da Paraíba (extraído do antigo livro de escritura da freguesia, fls. 12 Res. 374). Após a mudança de Freguesia para Paróquia em 1936, os limites foram permanecidos. Com o desmembramento dos municípios de Almino Afonso, Messias Targino, Olho D'Água do Borges e Rafael Godeiro os limites sofreram alterações, visto que cada município tem sua própria igreja.

OUTRAS CAPELAS DE PATU

A Capela de BELA FLOR foi fundada em 1953 pela graça alcançada por Helena Leite Rocha com promessa de construção de uma capela em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Foi construída por seu filho Antônio Rocha (Seu Tonho) e fica na zona rural do Município.

A Capela do Cajueiro foi fundada por Francisco Avelino de Queiroz em 1956, sua Padroeira é Nossa Senhora de Fátima. Localizada na Zona rural do município de Patu.

A Capela da Comunidade Negra do Jatobá tem como Padroeiro São Benedito e foi construída graças aos esforços do candidato a Vereador Joaquim Hemetério de Moura Filho, no ano de 1992.

OS PRIMEIROS ATOS APÓS A FUNDAÇÃO DA FREGUESIA

O primeiro batizado:

Celebrado em 17 de julho de 1855, livro I, fls. 01 consta; - João – Nascido em 24 de junho de 1855.

Filho do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura.

Padrinhos: Raimundo Nonato de Melo e Antônia Francelina de Moura.

Celebrante: Padre Estolano Xavier Bezerra.

O primeiro casamento religioso:

Celebrado em 14 de julho de 1855, livro I, fls. 01.

Noivos: Vitalino Dantas, com 22 anos de idade, e Maria Francelina do Amor Divino, ela com 19 anos de idade.

Testemunhas: João Teixeira de Lira e Francisco Teixeira de Lira.

Celebrante: Padre Estolano Xavier Bezerra.

OUTROS ATOS

Existe um livro de registro de óbitos nos arquivos da Paróquia de Patu contendo o nome de muitas pessoas que foram sepultadas ao redor do altar, pois como se sabe era costume dos colonizadores portugueses, sepultar os mortos nas igrejas dos povoados. Aqui, por ocasião da demolição da Igreja Velha para construção da Igreja Matriz, foram encontrados restos mortais que foram transladados para o Cemitério Público desta Cidade.

A CAPELA DE SANTA TEREZINHA

A Capela de Santa Terezinha foi fundada em 11 de março de 1976 na gestão do Padre José Kruza, sendo a construção iniciada em 1975, sob a responsabilidade do Sr. José Godeiro da Silva.

O histórico da construção desta capela tem duas versões: a primeira teria sido uma promessa feita por Dona Maria Lina, de construir uma capela no local onde por duas vezes foi emboscado seu esposo Rafael Godeiro. Em agradecimento à graça alcançada, por ter saído ileso, o Prefeito Rafael Godeiro, foi construída no local, a referida Capela.

Na segunda se diz, ter a falecida Maria Lina "aparecido" a uma sobrinha – Maria Dantas Godeiro, pedindo que ela cumprisse um desejo que tinha em vida, de construir uma capela em honra de Santa Terezinha. Teria a falecida "se apresentado" à sobrinha, em sonho ou visão, manifestando o desejo de construir a capela através de esmolas. Foi feita a campanha: de donativos, esmolas e contribuições, até que se concluiu a obra, sendo uma das igrejas mais freqüentadas na cidade.

Fica no bairro de Santa Terezinha, antiga propriedade de Rafael Godeiro.

No dia de sua festa, reúnem-se cerca de duas mil pessoas, para festejar a Santa e reverenciar a memória de Dona Maria Lina.

Estes dados foram informados por Terezinha Godeiro "Tetê", Raimundo Aires, José Godeiro e Outros.

A FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DAS DORES – DE PATU

Desde a sua criação até os nossos dias, foi administrada pelos seguintes vigários:

1° Padre Estolano Xavier Bezerra ..... 1852 a 1856
Padre Pedro Leite Pinto..... 1856 a 1859
Padre Francisco de Souza Martins – substituto..... 1859 a 1860
Padre Domingos Pereira de Oliveira ..... 1860 a 1872
Padre Pedro Soares de Freitas ..... 1873 a 1891
Padre Vicente Ginffone ..... 1891 a 1895
Padre Tertuliano de Queiroz..... 1895 a 1902
Padre Abdon Lima..... 1902 a 1903

Padre José Antônio da Silva Pinto.....1903 a 1909
Padre José Alfredo da Cruz .....1910 a 1912
Padre José Soares de Albuquerque.....1912 a 1913
Padre Emydio Cardoso.....1913 a 1914
Padre Misael de Carvalho.....1914 a 1919
Padre Arão Andrade .....1919 a 1921

A partir de 1921, a Paróquia foi administrada pelos Missionários da Sagrada Família (MSF), sendo quase todos de origem alemã:

Padre Jorge Annakem – MSF.....1921 a 1922
Padre José Schol.....1922 a 1926
Padre Francisco Scholz.....1926 a 1935

Em 1936 foi criada oficialmente por Dom Jaime de Barros Câmara, primeiro Bispo de Mossoró, a Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Patu, cujos vigários a partir desta data foram:

Padre Frederico Pastors .....1936 a 1942
Padre Luiz Klur .....1942 a 1946
Padre Henrique Hlffner .....1946 a 1947
Padre Agostinho Bohlem.....1947 a 1960
Padre Jacó Sllee.....1960 a 1968
Padre José Kruza .....1968 a 1976
Padre Eurico Franke .....1976 a 1980
Padre Silvano Shoemberg .....1981 a 1992
Padre Tarcísio José Weber.....1992 a 1997
Padre Franscisco Carlos de Araújo.....1997 a 2002
Padre Pedro Alves Pinto..... 2002 até nossos dias.

Existe a Matriz na Cidade, com Casa Paroquial, e um Padre Residente na sede da Paróquia. No Santuário do Lima, sempre se encontra um ou mais sacerdote, em geral de idade avançada, à disposição dos Romeiros a qualquer momento. A Paróquia e Santuário estão subordinados ou jurisdicionados à Diocese de Mossoró, cujo bispo Diocesano é Dom José Freire de Oliveira Neto, que sempre visita o Santuário do Lima, principalmente por ocasião dos retiros do Clero ou da Festa da Paróquia.

Estas informações foram colhidas dos Livros da Paróquia, com a colaboração das Missionárias da Fé.

VERSÃO DO PADRE EVALDO

Dúvida não há – Padre Evaldo Bette não consta como Vigário do Lima empossado, esteve aqui de passagem mais ou menos em 1948, e no seu relatório escreveu uma versão infundada dizendo que a Capela do Pé da Serra de Patu tinha sido construída pelo Padre Bartholomeu Monteiro em 1779 e que o Capitão Geraldo Saraiva de Moura já era falecido. Não é verdade, por que em 1785 o Capitão Geraldo Saraiva, tomou posse no Comando do Regimento de Cavalaria e Ordenanças das Várzeas do Apodi.

Vejam bem, o Padre Bartholomeu Monteiro veio de Pombal-PB, secretariar uma visita que foi chefiada pelo Cura – Padre Jorge Teixeira, de Apodi, com a missão de receber as duas Escrituras de Doação do Patrimônio de Nossa Senhora das Dores do Patu. Os referidos Sacerdotes em companhia do Administrador – Capitão Geraldo Saraiva de Moura, tomaram Posse da Terra, lavraram a Sentença de Posse, que mandaram registrar em Cartório, deixando tudo oficializado, para dar início a construção da Capela. Ora o Padre Bartholomeu Monteiro após a visita foi embora para sua Freguesia em Pombal-PB, não mais veio a Patu (pesquisado no Livro de Visita da Capela), deixando o Administrador Capitão Geraldo Saraiva encarregado da Construção da Igreja, que após haver erigido a dita Capela, ausentou-se de Patu em 1785, indo para Apodi, onde tomou posse no Comando do Regimento de Cavalaria e Ordenanças das Várzeas do Apodi, em substituição ao Coronel Antônio de Lima exonerado do cargo por ofício datado de 6-7-1785.

Câmara Cascudo diz que Antônio de Lima foi exonerado por causa de um crime cometido pelo Coronel, todavia não detalhou qual foi esse crime. Sabe-se que o poderoso Coronel Lima ficou amargurado em ver seu rival ocupar seu lugar.

Quem tiver manuscrito daquela época falando neste assunto, traga para ser analisado, pois colocaremos os fatos mais corretos desde que haja prova documental.

A CRÔNICA UM ALEMÃO NA PARÓQUIA

No dia 29 de março de 1947, chegou a Patu mais um alemão. Era Padre pertencente a Congregação da Sagrada Família. O nome do novo Padre era Agostinho Bohlem. Não era totalmente desconhecido, pois em 1932, com um ano de ordenado veio trabalhar na paróquia. Seu destino, porém era "Patu".

Há 13 anos vive o Pe. Agostinho no Sertão. Sem fugir à regra geral, Agostinho era igual a qualquer alemão, tem o "sangue quente", qualidade natural que ele soube bem disciplinar e aproveitar para imprimir em sua matriz e capelas, o calor do Amor de Deus, ordem, respeito e disciplina. Dotado de bom coração, está sempre bem humorado e só em casos raros perde a paciência e se preciso torna-se rigoroso. Padre Agostinho tornou-se brasileiro, gostou do povo, do clima, dos costumes, das músicas, das canções.

Agostinho nasceu em Aschbah, na Diocese de Treveres, em 8 de junho de 1907. Estudou na Alemanha e Holanda onde foi ordenado em 1931. Veio para.o Brasil em 1932 e quer ficar aqui até morrer.

Quando chegou a Patu encontrou a igreja em construção faltando muito para terminar. O trabalho era gigantesco e tinha sido iniciado pelo Pe. Luiz Klur. O novo vigário, auxiliado pelo povo meteu-se na luta. Hoje, a matriz de linhas góticas, a uma das mais belas do Estado, mostrando aos visitantes o que pode fazer um povo tendo à frente um sacerdote dedicado.

Além da Matriz, foram várias capelas construídas: Junco, Santo Antônio, Cajueiro e Bela Flor. O Pe. Agostinho soube reunir o trabalho material ao trabalho espiritual, cuidou das obras espirituais da paróquia, fez o dever de vigário, pregou, confessou, casou, deu sacramento aos doentes, deu o catecismo as crianças, chamou missionários para pregar as missões, percorreu a paróquia em peregrinação com a imagem da Padroeira, rezou o terço com o povo, finalmente cumpriu o dever de sacerdote.

Assim é natural, e já se pode compreender que "arranjou" também algumas pessoas que não gostassem dele. Dizia D. Jaime Câmara o padre que não tem inimigos não cumpriu bem o seu dever. O grande Bispo queria dizer, que no cumprimento do dever é coisa honrosa desgostar alguém e Pe. Agostinho foi um desses, mas tudo porque ele soube cumprir o dever mesmo

com sacrifícios. Esta reportagem irá para a Alemanha, onde se encontra atualmente o Pe. Agostinho. Os alemães da família Bohlem irão saber: quem é ele e o que fez no Brasil, para merecer tanta estima. Sua dedicação ao Brasil tem lhe custado muitos dissabores e muitos sofrimentos, pois durante sua ausência da Alemanha, faleceram dois irmãos e o pai, restando-lhe irmãs e a mãe velhinha e saudosa. Mas Deus conservou-lhe a vida até o dia da chegada do filho há longos anos esperado. O Padre Agostinho chegou às 21:00 horas do dia 9 de maio de 1960 e às 2:00 horas da madrugada do dia seguinte, sua mãe falecia olhando para o filho, a última imagem gravada em sua retina foi a fisionomia do seu querido Padre Agostinho (Copiado do original , extraído do Livro da Paróquia).

O PADRE ESTOLANO

O Padre Estolano Xavier Bezerra foi o primeiro vigário da Freguesia de Nossa Senhora das Dores do Patu. Podemos dizer que foi ele o implantador desta Freguesia, porque veio para aqui na época da sua fundação. Foi ele e seu colega Padre Francisco de Souza Martins que fizeram a demarcação dos limites entre as Freguesias de Patu e Martins.

Durante a administração Pastoral desta Freguesia pelo Padre Estolano, houve um grande desenvolvimento na propagação da fé cristã na terra patuense, porque o vigário era dinâmico e popular. Surgiram também problemas que envolveram o Padre em episódios marcantes. Por exemplo: o Padre Estolano foi acusado de ter conquistado uma moça e ter gerado uma filha. Como conseqüência, duas famílias patuenses foram envolvidas no caso e pediram a transferência do Padre Estolano da Freguesia de Patu. Anos depois ele voltou a mandado do seu superior.

Joaquim de Paiva Menezes, ancião octogenário, residente no povoado de Várzea da Caatinga, antes de falecer deixou uma carta escrita, mas não foi assinada por ele, narrando o fato dizendo que ele sabia da traição ao vigário que culminou com seu envenenamento no vinho do cálice; todavia não foi encontrado o registro do óbito nos arquivos da paróquia, dando como causa da morte do Padre por envenenamento, nem outros documentos foram encontrados que comprovassem o fato. Não passou de uma versão falada pelos antepassados que, se traduziu de geração a geração.

Acho que foi uma mera censura dos habitantes do povoado às famílias: Moura e Cavalcante, porque até o presente não foi encontrada a prova real. Nossa Senhora das Dores nos ajude, que não haja mais desses casos aqui.

Em fins do século XX, houve duas novidades: pois não é que uma viúva se apaixonou por um padre e acabou tirando a sua batina. A outra foi um acontecimento melancólico: um padre suicidou-se no banheiro da casa pastoral do Santuário do Lima (Padre Célio).

Por aqui passou também um padre descontraído, que conseguia mobilizar os fiéis com a maior facilidade, porém, era cheio de artimanhas, infelizmente a Congregação da Sagrada Família o transferiu para Recife.

HOMENAGEM PÓSTUMA AO PADRE JOSÉ KRUZA

Padre José Kruza era polonês, pertencente à Congregação da Sagrada Família, chegou a nossa cidade no dia primeiro de abril de 1968, veio substituir o Padre Jacob. Assumiu o cargo de Vigário Canônico de nossa Paróquia no dia 03 de abril de 1968, era muito preocupado com os afazeres, atencioso e tratava bem os paroquianos. Foi um dos melhores vigários desta paróquia, costumava fazer as coisas rápidas e sem burocracia, parecia incansável.

Depois chegou o seu irmão que também era padre. Zacarias Kruza veio passear e ficou colaborando por mais de um ano aqui na paróquia, ajudou o Padre José e construiu o salão paroquial. Esta obra foi o último feito da administração do Padre José, que apesar do seu dinamismo, já contava com 65 anos, mais de 40 anos de sacerdote. Inesperadamente adoeceu na hora em que celebrava a missa do dia sete de novembro de 1976, e foi sua última celebração como vigário desta paróquia três dias depois faleceu. Foi internado no apartamento nº 3 do Hospital Maternidade Dr. Aderson Dutra, onde passou três dias em coma, foi medicado e cuidadosamente assistido pelos médicos Ednardo Benigno de Moura, Gladstone Dutra e Dr. Aderson Dutra, Diretor do Hospital, cada um procurando salvar a vida do padre, porém o mal era de morte e não tinha cura.

Na madrugada do dia 10 de novembro daquele ano faleceu o Reverendíssimo padre José Kruza, assistido nos seus últimos momentos pelo médico Ednardo Benigno de Moura e enfermeira Antônia Henrique Azevedo, ao lado do leito também estava seu irmão Zacarias, que pediu permissão para celebrar a santa missa dentro do apartamento do hospital pela alma do saudoso Padre José, que acabara de falecer. Às oito horas da manhã seu corpo foi levado para a igreja matriz desta cidade, onde foi velado pelos paroquianos, com preces fervorosas, lágrimas e o eterno adeus da família católica patuense. Às 16:00 horas do mesmo dia seu corpo baixou a sepultura no cemitério desta cidade, após haver solene concelebração pelo Bispo Diocesano Dom Gentil Diniz Barreto e diversos sacerdotes.

Rendemos a nossa homenagem póstuma ao extinto Sacerdote pelo seu bom serviço de pastor de almas prestado com dedicação e amor, sem data e nem hora marcada para atender os fies. Recordemos as suas palavras todos os dias na hora do "ângelus" às 18 horas, com entusiasmo ele dizia pela voz da paróquia "Salve: Mãe Santíssima das Dores".

Padre José Kruza (1976)

O SANTUÁRIO DO LIMA

O Santuário do Lima tem sua posição geográfica definida: Latitude Sul 6 graus, 6 minutos e 34 segundos, fica no lado norte, num côncavo que acolhe o Santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, bem próximo ao poente fica o Morro do Pelado, que se assemelha à Torre de Davi. Neste granito careca fica a melhor rampa de decolagem de Asa Delta. Antigamente ao redor deste local tão difícil, se via o verde dos catoleseiros e as veredas dos tatus, e se ouvia o assovio dos macacos, os esturros das onças e o gorjeio dos pássaros enfeitando ou alegrando o jubiloso santuário, que se completa com a "Salve Rainha – Mãe de Misericórdia", declamada por romeiros e romeiras. A vista em direção de Patu à Mossoró é deslumbrante, oferece tão linda paisagem com o verde da vegetação e a água dos açudes que se perdem de vista, durante a estação chuvosa.

PRIMEIRA ESCRITURA PÚBLICA DE DOAÇÃO DAS TERRAS DO LIMA

A primeira escritura pública foi lavrada no dia 3 de dezembro de 1839. Nesse tempo Patu era freguesia e Município da Vila de Apodi, Comarca de Açu, Província do Rio Grande do Norte.

Doador: Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira e sua mulher, D. Paula Moreira Brito Pessoa, que reconheceu pelos próprios de que se tratam e logo por eles ditos transpassam ter e doavam foi dito em minha presença e das testemunhas adiante mencionadas e asseguradas eles entre os melhores que eram senhores e possuidores de que estavam diante de mansa e pacífica a posse e bem assim a meia légua de terras nesta serra do Patu de Nossa Senhora dos Impossíveis. Com suas casas de vivendas e aviamentos de fazer farinhas, na meia légua de terra. Erigiram e, edificaram uma capela com a invocação de Nossa Senhora. (aqui, pelo estrago do papel do original, há umas frases ilegíveis e depois se lê)... de sua fazenda para patrimônio da qual doavam a dita meia légua de terra, ficando aos ditos doadores a administração dela, a qual meia légua de terras houveram eles transpassantes e doadores por data e sesmarias da Capitania do Rio Grande do Norte. E estas possuindo sem contradição alguma, as quais terras, casas de vivendas e aviamentos de fazer farinha e ajuntamento administração da capela e mais porque nela tem por se acharem eles transpassantes e doavam com idade crescida e sem herdeiro sem necessidade por haverem criado Antônio Fernandes de Lima e Abreu Pereira e por amor eles cediam, transpassavam e doavam todo senhoril e domínio real e útil júris e administração que nas ditas terras e capela tem como efeito deste dia para sempre doavam, cediam e transpassavam na pessoa do dito Antônio Fernandes de Lima e Abreu Pereira, para que de tudo tome posse por falecimento dos ditos doadores e então as fique gozando com suas em suscitude deste instrumento, no caso porém que de alguma sorte aconteçam o dito doador por morrer sem ter herdeiros ou por qualquer impedimento que o prive da administração das terras, capela, ou outra doação ou substitua-o na pessoa de Diogo Necho Cardoso, casado com Angela Garcia Soares, Sobrinha do Coronel.

Vila do Patu, 27 de novembro de 1914.

SEGUNDA ESCRITURA PARTICULAR DAS TERRAS DO LIMA COM UMA PARTE DOADA POR JUSTINO LEITE E RAIMUNDO LOPES BRASIL

A segunda: Escritura particular de Doação – De um pedaço de terra no Sítio Manuê antigo Sítio Mombaça "Residência dos Padres".

Saibam quanto esta particular escritura de Doação de uma parte de terra virem, como em direito melhor num lugar haja dizer-se passa a ser na data do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1868, aos 15 dias do mês de Maio do dito ano nesta fazenda Olho D'água do Borges do termo da cidade de Imperatriz (Martins), em casa de residência do Senhor Justino Leite da Costa onde nós doadores abaixo assinados nos achamos as testemunhas igualmente assinadas: Justino Leite da Costa e Raimundo Lopes Brasil declaramos nós doadores que adiante os bens que possuímos e pacífica posse as terras desembargadas de qualquer hipoteca ou obrigação particular, e bem assim temos uma parte de terra de criar e de plantar de boagua no Sítio denominado Mombaça havia por título de compra que dela fizemos a Antônio Barbosa de Oliveira e sua mulher Raimunda Maria do Espírito Santo, por preço de 10$00 (dez mil réis) cuja parte de terra assim havida e possuída doamos de hoje para sempre de nossa livre e espontânea vontade possessões da capela da serra do Lima pelo seu procurador sob a administração do seu procurador Manoel da Cunha Camelo que poderá tomar conta da dita parte de terra e tomar posse em qualquer lugar e tempo que lhe convier, pois que tome posse que não considere com posse atual e cruel e corporal; pois o nosso gosto é termos e mantermos a apresentar e em seus termos concebidos e estipulados e declarados mais que na mencionada parte de terra doada nós desposamos de todo o domínio e senhoril, que nela tenhamos e transferimos ao patrimônio da Mencionada Nossa Senhora dos Impossíveis a que doamos e renunciamos todo e qualquer direito que em nosso favor alegar passamos quanto para desfazer a presente doação até mesmo direito que prescreve a favor das mulheres: e antes prometemos nunca opor contra a presente e se opor algum incidente a parecermos com alguma espécie de embargos; denominada contra a supra dita doação pagamos à justiça de nossa constituição Imperial mas digo qualquer direito

que em nosso favor haja, e assim observarão todos nossos herdeiros. Declaramos mais que se nos faltar aqui alguma cláusula que possa dar presente escritura e doação não a consideramos com expressa e estipulada, como se de cada um fizéssemos especial menção. Em firmeza do que damos a este papel em forma de escritura, todo o inteiro vigor como seja escritura pública. E por estarmos conforme passamos a presente em que asseguramos de nossos próprios punhos com as testemunhas acima mencionadas. (*)

Ass.: 15 de Maio de 1868.
Manoel do Nascimento Borges
Maria José do Nascimento e Oliveira
Raimundo Lopes Brasil
Justino Leite da Costa

Padre Antônio Brilhante de Alencar era patuense, filho de Firmino Brilhante de Alencar e Benvinda Alves Feitosa, nasceu no Sítio Cajueiro neste Município, era o encarregado da administração do Santuário do Lima, entre os anos de 1917 a 1920, quando foi criada a Congregação da Sagrada Família, è entregou ao seu sucessor Padre José Scholl, que era de nacionalidade Alemã; contam os seus parentes que o Pe. Brilhante fez uma ótima administração no Lima e ajudou muito em Patu, basta dizer que ele era filho da terra e por ela se interessou bastante enquanto por aqui esteve.

Notas:

A 1ª escritura foi passada por Lecy Gomes Barros da Silva, da Vila de Porto Alegre, passado no dia 28 de setembro de 1775.

Copiado dos originais em 1975 (Crônica) pelo Pe. José Kruza e dado para o pesquisador.

O SANTUÁRIO DO LIMA

Em 29 de janeiro de 1758, o Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira e sua esposa Paula Moreira Braga Pessoa, moradores de Apodi e proprietário da serra, construíram uma capela e trouxeram a estátua de Nossa Senhora dos Impossíveis, de Portugal. Cerca de 30 anos depois o mesmo coronel doou a capela ao Bispado, passando-se a desenvolver as romarias celebrando-se a festa no dia 21 de novembro e 1° de janeiro. Vale acrescentar que os doadores passaram, por escritura, meia légua quadrada de terra para a Sagrada Família. Administravam o encargo os missionários da referida congregação, os quais receberam o encargo em administração perpétua há cinqüenta anos. Para ficarem com a administração do Santuário, os missionários teriam que construir um novo templo, fazer estradas de acesso e ampliar a estrutura do local. Em todo esse tempo os serviços foram se seguindo e hoje o Santuário pode ser considerado como a 13ª Basílica do Brasil, título honorífico que recebeu. Segundo seu Administrador Padre Henrique Spitz, a estética para a forma arquitetônica do Santuário foi tirada de algumas plantas de igrejas Européias. Os americanos fizeram cápsulas para levar gente à lua e nós levaremos gente ao Céu. Estas informações foram dadas pelo Padre Henrique Spitz em suas prosas rotineiras.

O Santuário fica numa posição privilegiada da Serra, descortina imensa panorâmica da região. Em 7 de fevereiro de 1921, Dom Antônio dos Santos Cabral, então Bispo da Diocese de Natal, nomeia Padre José Scholl para primeiro administrador do Santuário, e em 22 de julho de 1923 é feita a assinatura do contrato para construção do Santuário.

VERSÕES LENDÁRIAS

Não existe nenhum documento ou fato histórico que comprove a motivação da construção da Capela de Nossa Senhora dos Impossíveis que se transformou no atual e suntuoso Santuário do Lima. A tradição oral no entanto, cita como motivação principal o seguinte fato: teria o Coronel Antônio de Lima saído para caçar nas imediações do local onde hoje se encontra o Santuário. Com o passar das horas esquecido de que a noite se aproximava, o Coronel quis voltar, não acertou o local por onde subira, passavam-se as horas e o mesmo verificou que de maneira alguma acertaria

voltar. Foi quando lembrou-se de fazer uma promessa a Nossa Senhora dos Impossíveis, se acertasse voltar, e saísse dali sem ser molestado por animais ferozes existentes na serra. Logo após as suas orações, não encontrou dificuldades para encontrar o caminho de volta. Foi quando resolveu doar o local onde se perdera para que ali se erguesse uma capela em honra a Nossa Senhora dos Impossíveis como tal aconteceu.

MILAGRES

São inúmeras as estórias sobre milagres acontecidos por intercessão de Nossa Senhora dos Impossíveis. Os mais recentes foram: a mãe do Dr. Mosinho (de Alexandria), conforme ele contou numa reunião do Rotary no hotel do Santuário do Lima do dia 28-7-80. O informante é médico e ex-Prefeito de Alexandria; disse que a mesma era acometida de um câncer, tendo sido desenganada por todas as clínicas médicas do Recife. Ela resolveu fazer uma promessa a Nossa Senhora dos Impossíveis e ficou completamente curada. Também o patuense Antônio Edilson Godeiro, Vereador na cidade de Natal, era possuidor de uma ferida crônica na perna, viu-se curado em razão de sua fé e prece a Nossa Senhora dos Impossíveis.

O Comerciante e ex-Prefeito Lourival Rocha conta de um grande milagre segundo sua fé o qual em visível precariedade financeira e, fazendo votos e preces à referida Santa, para que a mesma iluminasse a sua vida no sentido econômico, e consequentemente lhe desse meios de manter sua família e educar seus filhos viu e sentiu, que de repente, com sua fé em Deus e em Nossa Senhora dos Impossíveis, seus trabalhos e negócios melhoraram e levava uma vida feliz.

HISTÓRIAS E HISTORIADORES

Dando uma busca e pesquisando a história e historiadores do Século passado, encontramos os fatos históricos a seguir:

Para dar mais autenticidade à história do Lima, prefiro citar anotações do famoso historiador Riograndense Luiz da Câmara Cascudo:

As tradições locais pesquisadas, por mim em 1935 pouco conservaram sobre a origem do caráter histórico da devoção à Nossa Senhora dos Impossíveis. Vimos que, Nonato Mota, sabia apenas dizer: "O Lima" quando se referia ao Coronel Antônio de Lima Abreu Pereira.

Em Patú disseram-me, que, um caçador encontrara no local onde fora construída a capela de Nossa Senhora dos Impossíveis, um vulto de uma santa e trouxera carinhosamente para a povoação que começava a sua existência. Na manhã seguinte a Santa desaparecera. Nas buscas repetidas foi deparada no sítio primitivo no cimo da serra. Conduzida pela segunda vez à povoação do Patu, novamente fugiu e se foi colocar no sítio, onde o caçador a viu pela primeira vez. Terceira condução da Santa para Patú e terceira fuga, apesar dos cuidados de conservá-la na iniciante capelinha bem fechada...

Nonato Mota conta de uma viagem de Antônio de Lima (que ele chama apenas de Lima) a Lisboa, onde sua eloqüência e maneiras conquista o Príncipe Dom João VI. Lenda ou verdade? No Patú a tradição é que ele fora buscar a imagem; como a capela é de 1758, deduz-se que a jornada verificou-se nesta época e não depois. (Câmara Cascudo).

Nonato Mota liga Antônio de Lima Abreu Pereira a uma divisão de fronteiras entre as capitanias do Rio Grande do Norte e da Paraíba: O Lima e o Capitão Geraldo Saraiva disputaram-se por causa de terras no Patú, onde ambos residiam. Saraiva ganha a questão e o Lima apelou para o El-Rei e viajou para acompanhar o feito. O Lima era um dos advogados mais notáveis naquele tempo, informa Nonato Mota. Obtida a audiência é recebido pelo El-Rei João VI e fez com tão bela eloqüência a defesa que o soberano o nomeou Capitão Geral do Brasil. A própria Rainha Mãe, Dona Maria Primeira, aconselhou ao filho distinguir o Lima com maiores honrarias. O Capitão Geral Lima voltando à presença do Rei disse apenas, que desejava a divisão do Rio Grande do Norte com a Paraíba, ao invés da honraria. E tudo se fez

como o Lima desejava. Para vingar-se do Capitão Geraldo Saraiva, deixou as fazendas dele e da família dele em Riacho dos Porcos (Brejo do Cruz e Catolé do Rocha) para Paraíba. Expulsara do Rio Grande do Norte o adversário mor, presenteando a Capitania vizinha com uma excelente faixa de terra. Por isso, era necessário dar alguma tortuosidade à linha divisória, ficando os limites sinuosos como se vê. Nonato Mota publica este ensaio na revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Norte em 1920 a 1921. (Versões de Nonato Mota)

O historiador Desembargador Luis Fernandes de 1865 a 1935, nascido em Caraúbas, grande sabedor da região, ainda pôde colher na então vila de Patú as lendas que estavam mais vivas na memória do povo. Publicou na "República" as lendas em 20 de dezembro de 1906 evocando a origem devocionaria. Não somente encontrou a lenda do caçador como a do fundador da capela: Antonio de Lima. Os dois proprietários mais abastados daquelas terras eram Antônio de Lima e o capitão Geraldo Saraiva. Eram inimigos pessoais irreconciliáveis. Ambos disputavam lugares diversos para a construção de uma capela. O Coronel Antônio de Lima, ouvindo dizer que o seu planq era impossível, respondera que não haveria impossível para ele e construiu a capela no alto da serra indicando-a com uma frase de orgulhosa suficiência: Aí está a igreja dos Impossíveis!! Colocou na capela uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, mas a evocação popular fixou nome: Nossa Senhora dos Impossíveis, difundindo-se rapidamente a evocação e devoção.

O Desembargador Luis Fernando, em setembro de 1906, ainda viu um ex-voto, contando de um quadro representando uma cura milagrosa operada por Nossa Senhora, na pessoa de um Filipe Néri Cardoso no ano de 1760. A capela é de dois anos anteriores, mas sua fama taumaturgica já se espalhou de serra em serra por todo Oeste, ganhando as capitanias vizinhas. Esta é a origem do que se conserva viva na fé, confiança e amor à Nossa Senhora dos Impossíveis... (versão lendária do Desembargador Luis Fernando)

E mais adiante escreve o grande Luis da Câmara Cascudo:

...A Serra maciça, clara, com nódoas de vegetação, apruma-se numa verticalidade impressionante. Durante a noite ainda brilham os olhos verdes e magnéticos das onças famintas. De um alcantilado, um homem despencou-

se, gritando por Nossa Senhora e ficou rente à rocha, inexplicavelmente suspenso até que o retirassem do abismo. Mostram o lugar assustador. Quando em 1758, o coronel Antônio de Lima apontou o cimo da Serra onde a capelinha ia erguer-se, disseram: impossível!... Pois é possível à Nossa Senhora dos Impossíveis! E construiu o Santuário cuja fama santificadora se espalhou em duzentas léguas ao redor.

As citações acima estão epigrafadas para lembrar que são citações. Câmara Cascudo nos dá um ótimo resumo de tudo o que se fala, inventa e conta do famoso Santuário do Lima. Cascudo cita, opina e relata. Não quer ser tudo histórico o que compilou, porém não podemos ter histórico melhor do que este acima citado de Luiz Câmara Cascudo.

"A divergência dos 2 coronéis, ocasionou no aumento da fé e da demonstração de coragem e desafio um ao outro no século XVIII".

Tanto é que Antônio de Lima fez a capela em cima da Serra em 1758 e pouco depois, em 1777 Geraldo Saraiva de Moura construiu a Capela onde se desenvolveu o povoado de Patú de Dentro.

Ora esta animosidade entre Lima e Saraiva, fez com que a Capela do Lima tivesse a imagem de Nossa Senhora dos Impossíveis e a Capela do Povoado a de Nossa Senhora das Dores, hoje a Padroeira da Paróquia. Então eram dois coronéis (Lima e Saraiva) medindo forças de patente e de propriedades que no futuro serviu para concretizar a fé cristã e originar o perfeito monumento de arquitetura que é o Santuário do Lima e por outro lado, a Capela do pé da serra que se transformou na bela cidade de Patu. Quer dizer que, com os desentendimentos dos Coronéis, surgiram as construções de dois templos, um no alto da serra e o outro no local onde se iniciou o povoado. Com as novas casas de orações, houve o aumento na peregrinação da Santa Milagrosa – Nossa Senhora dos Impossíveis, e também a devoção à santa padroeira do povoado, aumentando assim a religiosidade, como era costume dos Portugueses na época da colonização.

O NOVO SANTUÁRIO DO LIMA

Situado a 325 quilômetros de Natal, com estrada asfaltada via Açu, 352 quilômetros de estrada asfaltada via Caicó; ergue-se o monumental Santuário do Lima, ou de Nossa Senhora dos Impossíveis, encravado na Serra do Lima, contraforte da Serra de Patu, a poucos quilômetros da cidade. É hoje o ponto mais pitoresco e atraente do município de Patu, pelo seu clima, pelas suas belezas naturais. Os que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer o Santuário, e por motivo qualquer o visitam, ficam realmente extasiados pelo que viram de belo, naquele recanto aprazível e de fé.

O visitante, depois de subir a pequena ladeira de acesso ao Santuário, a qual dá passagem para dois carros pequenos, transposto o grande arco de granito, tem logo diante de si toda a panorâmica do Grande Templo, em forma cônica, de azulejos multicores, com sua base toda montada em blocos de granito bem trabalhados e encimado por um carrilhão de sinos que só funcionam nos dias de grandes festas.

O Santuário é constituído, propriamente de duas Igrejas, uma térrea, circular, com pia batismal e altar em granito trabalhado e piso de mármore, onde são celebrados os atos litúrgicos diariamente. A outra no primeiro andar, circular e cônica, com uma acústica maravilhosa, com iluminação solar indireta, deixando o visitante extasiado.

Na Igreja térrea, na parte externa, existem várias urnas funerárias, colocadas em torno das paredes azulejadas, onde repousam os restos mortais dos padres falecidos, ex-administradores ou vigários do Santuário, desde 1920 entregue à Congregação dos Missionários da Sagrada Família (MSF).

Há no alto, a poucos metros do Templo, a grande casa, residência dos Padres que cuidam do Santuário, um lindo jardim e várias árvores frutíferas. Nesta casa se hospedam os colegas da Congregação quando visitam o Lima. O abastecimento d'água é feito através de fontes perenes no alto da Serra e de uma barragem construída há vários anos a 300 metros da casa.

Antigamente havia a "casa dos milagres" ao lado da capela constando de peças de madeira talhada, representando partes do corpo humano que eram expostos na sala, simbolizando a parte infectada do corpo da pessoa, que teria sido curada por um milagre da Santa Senhora dos Impossíveis. Nos dias de hoje o sistema mudou e os devotos trazem fotografias que são colocadas em grandes murais na Sala dos Milagres, como demonstração de

sua fé nos poderes de Deus através dos Santos e da Santa Mãe dos Impossíveis.

Quanto ao histórico do início do Santuário sabe-se que passou por quatro etapas. A primeira Capelinha surgiu bem perto da residência de inverno do Cel. Antônio de Lima, tendo a dita casa, sido habitada por várias famílias que residiam em cima da Serra, no terreno do Santuário. Mais tarde foi construída outra Igreja, um pouco mais ampla, com a casa dos "Milagres" logo ao lado. Com o correr dos tempos, as romarias aumentaram em torno da Santa Milagrosa e passou-se a construir uma terceira Igreja, desta feita iniciando-se dentro da Igreja, uma capela que ficou conhecida como "Capela de Zé da Alma". A origem é essa: uma pessoa devia uma promessa e faleceu sem poder cumpri-la. Sua alma "apareceu" a um José do Belém do Brejo do Cruz na Paraíba, pedindo que tirasse esmolas e fizesse uma capela no Lima. O rapaz assim o fez ficando a Capela com o cognome de "Capela de José da Alma", erigida dentro da grande Igreja projetada e já com os alicerces feitos. Então, com o retorno do Pe. Henrique ao Lima, como Administrador, mudou a planta da Igreja, demoliu tudo, até o velho cemitério colonial, e deu início à nova e monumental obra que é o atual Santuário em estilo gótico, com três altares, pois o terceiro fica voltado para a praça, em granito, destinado às missas campais, nos dias de Festas da Padroeira. Construiu a estrada toda pavimentada de Patu ao Lima, inclusive a ladeira que teria no seu percurso as Estações da Via Sacra, ficando construída apenas a última estação com a imagem do Cristo Crucificado, em tamanho natural, já bem perto do arco de entrada da Praça do Santuário. Com grandes sacrifícios, conseguiu o Pe. Henrique com o então Governador do Estado, Monsenhor Walfredo Gurgel, a construção da rede elétrica de Patu até o Lima.

As obras continuaram com a construção de um moderno hotel, com 12 bons apartamentos, ao longo da praça, com vistas à demanda de romeiros de cidades distantes. Obra para durar séculos, toda ela feita com pedras de granito lapidado, abundante em toda região. Apesar de ser um lugar de silêncio e oração, deverá ser explorado como ponto de Romarias constantes e também de turismo, com já vem acontecendo.

Vale ressaltar alguns detalhes do Santuário. As duas Igrejas já citadas têm capacidade de acolherem cerca de 2.000 pessoas quando cheias. A igreja do 1° andar guarda, em lindo e seguro altar, uma imagem da Virgem dos

Impossíveis, trabalhada em ouro, vinda de Portugal por volta do Século XVIII.

Até mesmo, celebrações litúrgicas de Colação de Grau já se realizaram no Templo, como a que se deu com a turma de concluintes do Curso Logos II, onde participaram 200 concluintes dos municípios da região contando com a presença do Governador do Estado, Secretário de Educação, Deputados e Prefeitos.

As duas grandes festas, 21 de novembro e Dia de Ano, 1° de Janeiro, já atraíram peregrinos em número superior a vinte mil pessoas procedentes das mais variadas regiões do Nordeste e do Brasil, pois são festas tradicionais.

É sobremodo interessante visitar o grande armário, bem confeccionado, que serve de exposições dos "Milagres" – esculturas em madeira ou gesso, fotografias, ou outros tipos, que retratam muito bem, o espírito de fé dos romeiros. Promessas se faziam de todos os tipos, e até mesmo, de se sepultarem no Lima. Havia ali, um cemitério antigo, na entrada do portão principal, mas foi demolido, com as obras do novo Templo.

Os visitantes poderão acompanhar todo histórico das várias etapas de construção das obras, em descrições resumidas que se encontram ao longo dos murais da praça, com grande destaque.

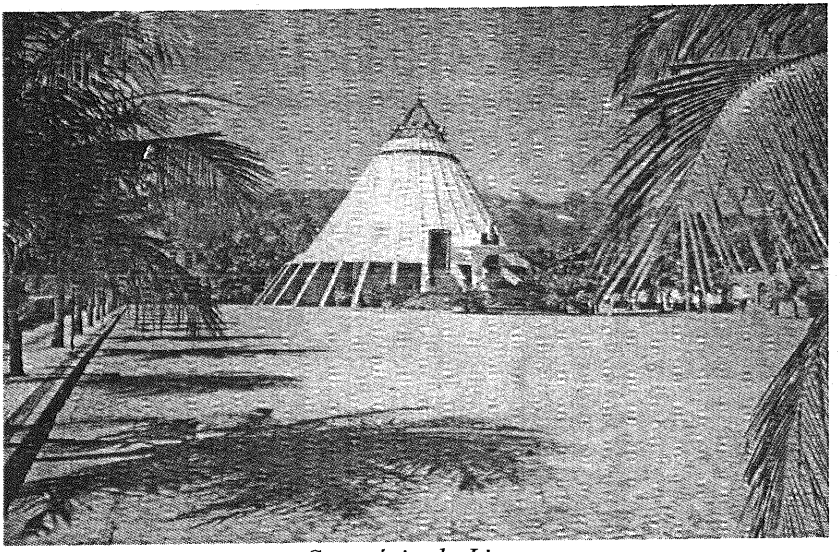
Na construção do Novo Santuário, foram investidas quantias fabulosas no correr dos anos, em grande parte obtidas de esmolas e donativos, de vários dos romeiros ou pessoas piedosas. Mas a ajuda poderosa sabe-se, veio da Alemanha, dos parentes do Pe. Henrique Spitz, em boa parte, e de outros padres que lá trabalhavam. Foi, realmente, o peso do "Marco", das organizações católicas da Alemanha, com a "Miséreor" e outras, que com a solicitação dos Padres, sempre atendiam aos apelos, e a obra está aí feita, pedra sobre pedra, "ad perpetuam rei memoriam".

Tudo isso foi óbra do trabalho tenaz do Padre Spitz, que erigiu um grande monumento arquitetônico que é a Igreja e para a posteridade. Imortalizou-se no Lima, mesmo antes de terminar a obra, ou melhor, no coroamento da obra: adoeceu e com 90 dias, faleceu. Como diziam os antigos: "Finis corónat opus" – o coroamento daquela obra, foi o seu fim, foi a sua morte. Assim são as coisas de Deus, os desígnios de Deus. Parece até que pressentia sua morte, pois mandou construir em vida o seu túmulo, num

bloco único de granito, bem ao pé da escada que dá acesso à Igreja do 1º Andar. O mal de que foi acometido, ceifou sua vida em 3 meses apenas. Faleceu no Recife, aos 17 de fevereiro de 1979, cercado de seus irmãos sacerdotes da Sagrada Família, longe de sua Pátria, amando o Brasil como sua segunda Pátria, dormindo o sono da paz nos sagrados lugares abençoados pela Virgem dos Impossíveis, ao pé do seu Santuário como seu servo fiel. Um dia hão de lhe fazer justiça, perenizado o seu nome, com a designação de "Praça Padre Henrique Spitz" à bonita praça que rodeia o Santuário, toda bem arborizada, obra-prima do inesquecível Padre Henrique.

EIS ALGUNS PADRES QUE ADMINISTRARAM O SANTUÁRIO DO LIMA

Padre Henrique Spitz – de 1950 a 1978
Padre Edmundo Endres – de 1978 a 1981
Padre Alcídes Cericatto – de 1981 a 1982
Padre Paulo Winter – de 1982 a 1985
Padre Silvano Schoemberg – de 1985 a 1992
Padre Orester Oro – de 1992 a 1993
Padre Célio – de 1993 a 1994
Padre Silvano Schoemberg – de 1995 a 1996
Padre Irismar Faria de Figueiredo – de 1996 a 1998
Padre Tarcísio José Wober – de 1999 até hoje (2004)



Santuário do Lima

AS IGREJAS EVANGÉLICAS

Assembléia de Deus em Patu

Em 7 de julho de 1947, foi iniciado o trabalho de Evangelização nesta cidade, tendo como primeiros crentes, Milton Mendes e sua esposa Maria Barbosa Mendes, Rossival Sabóia, que foram visitados pelo Pastor Regional das Assembléias de Deus no Rio Grande do Norte, José Batista.

Depois veio de Mossoró o Pastor Antônio Petronilo dos Santos supervisionando o trabalho que tinha como dirigente o auxiliar Rossival Sabóia. Nesta época não havia templo evangélico e os trabalhos eram realizados em casa dos primeiros crentes.

O trabalho foi crescendo e os crentes sentiram a necessidade de construir um templo evangélico. Com muita dificuldade naquela época reuniu-se o resumido número de crentes que construiu o seu templo inaugurado no dia 26 de outubro de 1952 com a presença do Pastor José Batista, Presidente das Assembléias de Deus no Rio Grande do Norte.

Então, Francisco Taveira, vindo de Mossoró, e com a cooperação de vários crentes de outras cidades fizeram com que o trabalho progredisse. Depois ficou vindo da cidade de Caraúbas o Pastor João Vieira que serviu no ministério até 1958.

Desde a fundação deste Templo, até os nossos dias foram administrados os trabalhos pelos seguintes Pastores:

1° – João Fernandes Praxedes ..... 1959 a 1964
2° – João Gomes da Silva..... 1964 a 1971
3° – José Juvêncio da Silva ..... 1971 a 1975
4° – Jocelino Cavalcante da Silva ..... 1975 a 1980

Seus sucessores foram Josino Maciel Bezerra, José de Anchieta, João Batista da Silva Filho (atual).

Daí por diante o trabalho foi crescendo e Patu tem uma Congregação com dois Templos subordinados à Igreja Central, além das Congregações nas cidades circunvizinhas, como sejam:

1° – Congregação de Almino Afonso, tendo como primeiro Pastor Francisco Viana, seguido por Virgílio de Moura Sobrinho;

2° – Congregação de Frutuoso Gomes, tendo Alcino Pereira, primeiro Pastor e Josino Marciel Bezerra como segundo, sendo José Segundo da Rocha o atual. Logo surgiram também as Congregações de Antônio Martins, Rafael Godeiro, Lucrécia e João Dias, tendo como Superintendente o supervisor destas Congregações, Jocelino Cavalcante da Silva, ex-pastor da cidade de Patu.

Existem outras seitas: Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista, Presbiteriana, Igreja do Reino de Deus e Avivamento Bíblico.

Dados fornecidos pelo Pastor Jocelino e a estudante Rita Regis. Nesta segunda edição da **História do Município de Patu**, as informações foram cedidas por Genival Torres de Moura – Secretário da Assembléia de Deus.

SETOR DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA MÉDICA

— OS PRIMEIROS MÉDICOS

— OS CURIOSOS E CURANDEIROS

— OS ENFERMEIROS

— OS POSTOS DE SAÚDE E AS FARMÁCIAS

— OS HOSPITAIS

— OS LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

— AS CLÍNICAS MÉDICAS E ODONTOLÓGICAS

SETOR DE SAÚDE

Patu era uma cidade sem hospital, antes de 1967; não havia nem sequer posto de saúde. Só havia a farmácia do homeopático e curioso João Inácio de Oliveira. Quando os casos eram mais graves os doentes eram transportados para Mossoró, Natal, Fortaleza ou Recife. Anos depois passou a ter mais duas farmácias; a de Ascendino de Almeida e José Roulim. Na década de 1930 surgiu o primeiro médico filho da terra, o Dr. Aderson Dutra, fundador do primeiro hospital nesta cidade, cuja construção teve início no ano de 1950 e a inauguração ocorreu em 7 de setembro de 1967. É um hospital bem aparelhado de âmbito regional, que vem atendendo aos pacientes do município de Patu e circunvizinhos. Os antigos contavam que para se levar um doente para fazer tratamento em Natal ou Recife, ia-se em lombo de burro, numa liteira levada por uma parelha de burros possantes. Acredito que demorava muito a chegar, se fosse um caso grave ou de urgência morria a mingua no caminho. Existia naquela época a medicina caseira, os curandeiros, os homeopáticos, os curiosos e rezadores. Tudo era difícil, havia um grande atraso, basta dizer que não havia os antibióticos. Os médicos se formavam na Faculdade do Rio de Janeiro, porque não havia outra mais próxima. Não havia laboratórios de análises clínicas. O médico era um verdadeiro adivinhão e para chegar a um diagnóstico se baseava em exames que ele mesmo fazia. O Patu de hoje tem tudo no setor de saúde: um grande Hospital-Maternidade e um Hospital Municipal, totalizando 56 leitos, um Centro de Saúde e vários postos espalhados na zona urbana e rural, dois laboratórios de análises clínicas, cinco farmácias, um serviço de atendimento de urgência para os pacientes acidentados de males súbitos. Existem atualmente em nossa comunidade seis médicos, três analistas, três dentistas formados e dois práticos e mais de vinte atendentes de enfermagem, todos exercendo o cargo e trabalhando em benefício do povo desta região.

Depois surgiram muitos outros médicos que prestaram ou ainda prestam relevantes serviços à comunidade de Patu, como por exemplo: Dr. Gladstone Godeiro Dutra, Ednardo Benigno de Moura, Edino Jales de Almeida e outros. São muitos patuenses formados em medicina que se especializaram em diversas clínicas e hoje trabalham nas grandes cidades brasileiras, onde dignificam o nome de sua terra natal, como é o caso do Dr

Arnaldo Bernardino Alves, que trabalha em Brasília-DF, ocupou vários cargos como Presidente do Sindicato dos Médicos no DF e hoje é Secretário de Saúde do Distrito Federal.

No passado existiam poucos médicos nesta região: era o Dr. Lavoisier Maia, clínico geral, consultava na zona rural e na cidade de Mossoró; era afamado pelos seus conhecimentos no campo da medicina. Dr. Raul Alencar, na Serra do Martins, era conhecido como bom médico, andava pelos sítios receitando e medicando os doentes. Nesta época o médico andava com a caixa de remédios dentro do carro ou nos bolsos da carona porque ao consultar um doente medicava logo. As farmácias eram distantes e não tinham muitos remédios. Em casos de urgência o médico fazia os primeiros socorros. O Dr. Cleodon Carlos de Andrade também atuou nesta região e foi bem-sucedido. O Dr. Onézimo Fernandes Maia trabalhou na região de Caraúbas e Patu. O Dr. Aderson Dutra fez tudo para melhorar as condições de saúde do povo patuense. O Dr. Cândido Nóbrega de Holanda foi um médico esforçado e trabalhou numa clínica particular nesta cidade durante seis a oito anos. O Dr. Ivanir Saldanha passou dois anos trabalhando com um consultório montado na cidade de Patu. A fase mais difícil foi no século passado, porque não havia sequer uma farmácia, nem estradas, tudo era mata virgem e as doenças eram curadas com raízes e casca de árvores medicinais, usadas como chá. Aqui no pé da serra, onde hoje é a cidade, os habitantes eram fortes e quase não adoeciam. Era conhecida só a medicina caseira e a homeopatia. Nas décadas de 1930 e 1950 havia um farmacêutico chamado José Roulim, que vendia remédios, fazia curativo, aplicava injeções e fazia até pequenas cirurgias, era curioso nos tratamentos das doenças. Isso era no tempo da lanceta. Não havia médico no lugar, atualmente tudo mudou e se modernizou, lanceta virou bisturi. Hoje está faltando lugar para os formados em medicina trabalharem, tão grande é o número de médicos no Brasil. Em Patu sobra doutor que precisa ir procurar emprego em outros lugares.

O médico mais velho daqui é o Dr. Aderson Dutra. Formou-se em 1933 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; daí por diante a região ficou servida de médico, ele era clínico, parteiro e cirurgião. Era inteligente e ousado na medicina; fazia muita caridade ao povo e por isto era elogiado, muitos pacientes só tinham fé no remédio que ele passava, parecia até Ambroise Parré, com se dizia nos sítios e na cidade: paciente medicado por Aderson Dutra, era doente curado, parecia que ele obrava milagre na

medicina. Houve outra pequena casa de saúde nesta cidade: foi a Casa de Saúde Napoleão Laureano, fundada pelo Dr. Juarez Saraiva Maia, em 1967. Ficava em frente a Igreja Matriz, o médico fundador era de Brejo do Cruz: não conseguiu êxito econômico no seu empreendimento, por isso não prosperou. O proprietário desistiu, foi embora para João Pessoa na Paraíba. No local, depois funcionou a agência do Banco do Nordeste e atualmente é um depósito de mercadorias do Armazém "Cerealista São Francisco".

O Hospital Municipal Dr. Henderson Josino Bandeira de Moura, foi construído na gestão do Prefeito Dr. Ednardo Benigno de Moura, o secretário de obras era o Sr. Petronilo Hemetério Filho, que juntamente com o mestre de obras José Pinto da Silva executaram a construção do prédio deste hospital em tempo récorde porque tinha data marcada para a entrega ao público. O hospital foi inaugurado pelo então Governador Geraldo José de Melo em dezembro de 1990, daí em diante a comunidade patuense passou a receber assistência médica no novo hospital do município, que contava com cinco médicos, doze atendentes de enfermagem, enfim, tinha um serviço de assistência completa, contava com a farmácia interna do hospital, serviço ambulatorial, internação hospitalar, centro cirúrgico, mais de vinte leitos, atendimento de urgência, duas ambulâncias prontas para deslocamentos em caso de urgência para transferência de pacientes. O Dr. Ednardo era Diretor, cirurgião, clínico geral, neste hospital se fazia de tudo. O Hospital era de Nível Regional, dava assistência à população de Patu e atendia a alguns casos dos Municípios vizinhos.

Dr. Ednardo quando saiu da Prefeitura, no término do seu segundo mandato, ele e a Dra. Maria de Fátima Lúcio de Souza Godeiro, foram impedidos pela nova administração que assumiu em 2001, de darem atendimento no HMP, onde prestaram relevantes serviços, indo trabalhar em outros Municípios. Vejam bem quanto mal pode causar a qualquer instituição, uma política mal orientada, ainda nos tempo de hoje, principalmente junto a populações carentes que sofrem discriminação. É realmente uma pobreza de espírito humanitário o que aconteceu. Doença não tem partido político. É mesmo como diz o ditado: O tempo constrói e o tempo destrói e tudo será resolvido com o tempo.

Existe um Posto de Saúde no bairro da Estação, cujo nome é do homeopata curioso João Inácio de Oliveira e o Centro de Saúde "Padre João Maria", ambos atendendo aos doentes de nossa cidade.Contamos com três

clínicas odontológicas, um atendimento odontológico no Centro de Saúde, uma clínica de Ultra-Imagem e várias farmácias espalhadas por nossa cidade.

ATA DE INAUGURAÇÃO DO HOSPITAL MATERNIDADE "DR. ADERSON DUTRA"

O hospital é mantido pela Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de Patu – APAMI, órgão fundado em 15 de setembro de 1948.

Aos 7 dias do mês de setembro de 1967, em ato público solene, com a presença do Representante do Governador Monsenhor Walfredo Gurgel, Dr José Daniel Diniz, às 16:00 horas, o Presidente da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância de Patu deu por inaugurado o Hospital-Maternidade "Dr. Aderson Dutra", que a partir desta data entrou em funcionamento. Falaram na oportunidade: Dr. José Daniel Diniz, expressando sua satisfação em nome do Governo Estadual em assistir a tão importante ato para a coletividade patuense; José Godeiro da Silva, Presidente da Câmara Municipal de Natal, que como filho desta terra não podia deixar de solidarizar-se com o grande acontecimento, pois este representa o marco de progresso para esta terra; Dr. Aderson Dutra em brilhante oração fez um relato completo de toda luta no decorrer de vários anos com o objetivo de proporcionar a Patu este grande empreendimento de inestimável repercussão, não somente para o presente, mas principalmente para o futuro; agradeceu a colaboração de todos; Dr. Leônidas Ferreira Pinto frisou que a sua colaboração foi exclusivamente com o intuito de dar assistência médica aos menos favorecidos, e esperava que a boa vontade fosse um exemplo e um incentivo para a continuidade dos serviços que o Hospital-Maternidade há de prestar à população. Falaram ainda o Dr. Rafael Godeiro Sobrinho, Antônio Francelino de Almeida, Maria Solano Freire, em nome das mães patuenses, e o jornalista Paulo Macedo. O Reverendo Padre Henrique Spitz, superior do Santuário do Lima, invocando a proteção de Deus, abençoou o Hospital-Maternidade recém inaugurado e pediu a providência divina que esteja sempre, ao lado dos que sofrem, cobertos com suas bênçãos e graças. Para constar, lavrei a presente ata, a pedido do Sr. Presidente, a qual depois de lida e aprovada será por mim assinada e pelos presentes que desejarem.

Assinaram:

Alvanir Maria de Moura (Secretária)
Aderson Dutra de Almeida (Fundador e Diretor)
Gladstone Godeiro Dutra (Vice-Diretor)
José Daniel Diniz (Rep. do Governador e Sec. de Finanças)
Rafael Godeiro Sobrinho (Juiz de Direito)
Pe. Henrique Spitz (Vigário do Santuário do Lima)
José Godeiro da Silva (Patuense – Vereador em Natal)
Paulo Macedo (Cronista do "Diário de Natal")
Petronilo Hemetério Filho (Vereador local)
Edino Jales de Almeida (Acadêmico de Medicina)
Leônidas Ferreira Pinto (Médico Organizador – hoje Secretário de Saúde e muitos outros).

Tudo começou com a fundação da Associação de Proteção à Maternidade e à infância de Patu, Instituição criada em 15-9-1948.

ATO DE FUNCIONAMENTO

Após o ato inaugural houve o funcionamento do Hospital-Maternidade "Dr. Aderson Dutra", realizado à tarde do dia 7 de setembro de 1967. Foi transportada pela ambulância, doada pelo Ministério da Saúde ao referido hospital, a Sra. Áurea Custódio da Silva, esposa do Sr. João Ferreira Gomes, com 15 anos de idade, tendo sido a primeira paciente internada nesta Maternidade, a qual foi examinada pelo Dr. Leônidas Ferreira Pinto e atendida pela parteira Elita Matias, às 19:00 horas. Como prêmio, ela foi recebida no primeiro apartamento, e por intermédio da Sra. Nadir Godeiro Dutra, que merecidamente exercia o cargo de Diretora, o recém-nascido recebeu um lindo enxoval completo, ofertado por várias pessoas que muito se rejubilaram por tão importante acontecimento, destacando-se, entre as ofertas, uma correntinha de ouro entregue à referida mãe, na presença do cronista Paulo Macedo, da Sra. Miriam Ferreira Pinto, Ana Maria Ferreira, Srtª Ezanira Dutra Targino e demais ofertantes. A paciente Áurea Custódio da Silva, em seu leito recebendo em seus braços materno seu filhinho, ao lado do esforçado médico Dr. Leônidas Ferreira Pinto, da parteira Elita Matias e Sra. Nadir Godeiro Dutra, os quais foram fotografados pelo repórter do *Diário de Natal,* cujas fotos serão provas e lembranças indeléveis de tão grata ocorrência em nossa cidade. Em homenagem especial ao Deputado Aderson Dutra, médico incansável e ilustre filho de Patu, que construiu o Hospital-Maternidade, o recém-nascido recebeu na pia batismal o nome de Aderson. A paciente após ter sido cuidadosamente atendida durante três dias pelas enfermeiras, estando passando bem, teve alta às 16:00 horas, regressando ao seu humilde lar, acompanhada do seu esposo, radiante de alegria. Continua, assim, o Hospital-Maternidade de Patu a atender a quantos necessitam de assistência médica. A construção do prédio do hospital teve início em 1949 e parou em 1950 por falta de verba. Porém, o prédio ficou coberto, no período de 1950 a 1963, serviu de abrigo a esmoleiros e mesmo pessoas pobres do lugar, que não possuíam casas. No censo de 1960, feito por Petronilo Hemetério Filho, foram recenseadas 76 pessoas pertencentes a 26 grupos familiares de diversos Estados, fazendo do prédio em construção, então paralisada, sua moradia provisória. Após incessantes pedidos do Deputado Aderson Dutra, conhecido na Assembléia como o Deputado que

mais pede para o seu município, foi pelo mesmo conseguida em 1964, do Governador Aluízio Alves, a doação de verbas para a conclusão do prédio, que tomou o estilo arquitetônico moderno. Foi concluída a obra que servirá para gerações presentes e futuras, onde todos receberão assistência médico-hospitalar, pois é um hospital de nível regional, bem instalado, com duas salas de parto, uma sala de recuperação, plantão médico e pronto-socorro, um centro cirúrgico e 45 leitos para atender aos habitantes de Patu e municípios circunvizinhos. O hospital manteve convênios com o FUNRURAL, INPS, IPE, LBA e, depois, com a unificação da previdência, atendia pelo INAMPS e agora atende pelo SUS. Tem um laboratório de análises clínicas com o nome de "Maria Dutra", em homenagem à genitora do fundador do hospital. O centro cirúrgico tem o nome de Dr. Edino Jales, mártir da profissão.

O Hospital-Maternidade "Dr. Aderson Dutra" era um dos mais bem equipados do interior do nosso Estado, vem prestando serviços assistenciais pelo SUS, com sejam: consultas, curativos, partos normais e cirúrgicos, pequenas e médias cirurgias, internamentos para tratamento clínico ou cirúrgico pela AIH. Quando o caso é grave ou se trata de grande cirurgia, o paciente é transportado pela ambulância para Mossoró ou Natal. Recebe o hospital, pacientes de outros municípios, como sejam: Almino Afonso, Messias Targino, Rafael Godeiro, Olho D'água do Borges e Belém do Brejo do Cruz.

Várias autoridades visitaram o hospital, deixando a sua impressão registrada em livro próprio: Frei Damião do Bozzano, Monsenhor Walfredo Gurgel, Dinarte Mariz, João Faustino Ferreira Neto e muitos outros, destacando-se o Frei Damião. Eis o termo de visita:

A bênção de Deus e de Nossa Senhora desça e permaneça sempre sobre esta maternidade e sobre todos os que nela trabalham.

Patu, 30 de julho de 1974. – Frei Damião de Bozzano.

DIRETORIA
Dr. Aderson Dutra de Almeida – Diretor
Dr. Gladstone Godeiro Dutra – Vice-Diretor
Dr. Ednardo Benigno de Moura – Médico
Avanir Maria de Moura – Secretária
Nadir Godeiro Dutra – Diretora Executiva

OS MÉDICOS QUE JÁ TRABALHARAM NO HOSPITAL DE PATU

Dr. Aderson Dutra de Almeida - Fundador
Dr. Leônidas Ferreira Pinto
Dr. Osmar Rego
Dra. Ivone França
Dr. José Pinheiro
Dra. Maria de Lourdes Bezerra
Dr. Gladstone Dutra
Dr. Edino Jales de Almeida
Dr. Ednardo Benigno de Moura
Dr. Nazareno de Deus Costa
Dr. Germano Lacerda Cunha
Dr. Abel Belarmino de Amorim
Dr. Francisco Carlos e muitos outros

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL

Ofício n.º 565/77

Natal, 17 de junho de 1977.

Ilmo. Sr.
Dr. Gladstone Godeiro Dutra
D.D. Diretor do Laboratório de Análises Clínicas Maria Dutra
59770 – Patu – RN

Senhor Diretor:

Levo ao conhecimento de V. Sª que nessa sessão desta Câmara, de 15 de corrente, foi aprovado o Requerimento de n.º 219/77, de autoria do Vereador Antônio Edilson Godeiro, cujo teor é o seguinte:

"Que seja consignado, na Ata dos trabalhos desta Casa, voto de congratulações pela inauguração, dia 19(dezembro) vindouro, na cidade de Patu, do moderno Laboratório de Análises Clínicas Maria Dutra, da Maternidade daquela cidade oestana".

Expressão primorosa da bondade, ternura e humanismo patuenses, a saudosa Sr.ª Maria Dutra deixou um marco imperecível de qualidades morais e cristãs que a história regional há de perpetuá-la através do tempo.

A denominação em apreço àquele nascente laboratório representa justa e merecida homenagem a quem, em vida, foi uma das mais nobres damas de todo o nosso oeste, pelas peregrinas virtudes tão características de sua generosidade e grandeza moral.

Parabenizando o Corpo Diretor da Maternidade de Patu por tão importante e próspero evento, no setor assistencial daquela importante cidade, o fazemos nas pessoas de seus ilustres Presidente e Diretor, respectivamente, Drs. Aderson Dutra de Almeida e Gladstone Godeiro Dutra, competentes e renomados médicos em toda referida região.

Prevaleço-me da oportunidade para apresentar-lhes os meus protestos de especial apreço e consideração.

Atenciosamente,
LOURIVAL BEZERRA DA SILVA
Presidente

A SOCIEDADE PATUENSE

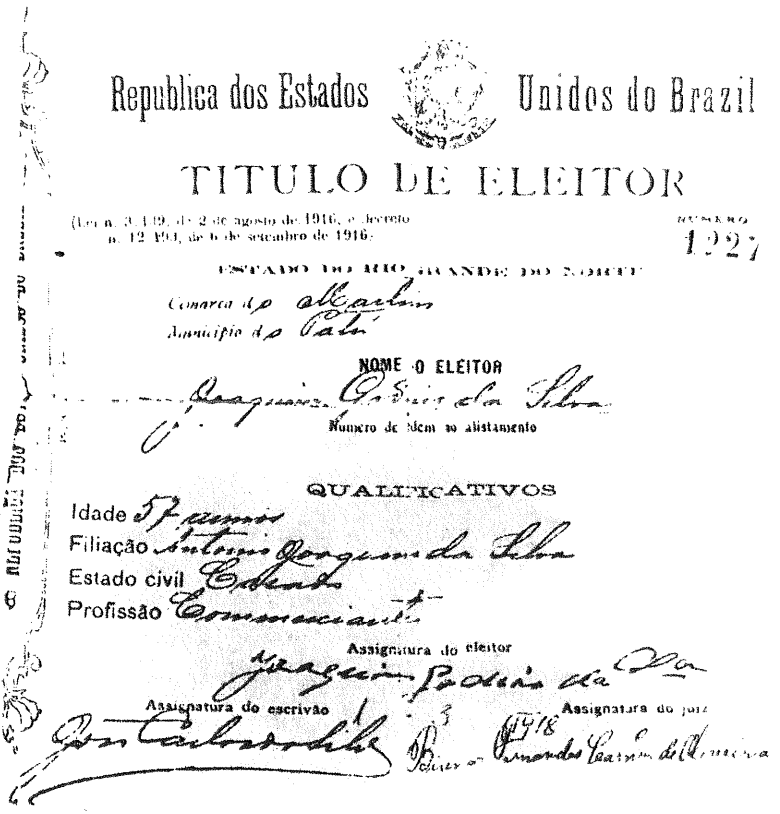
— AS FAMÍLIAS TRADICIONAIS DE PATU:

— "OS GODEIROS E OS MOURAS"

— APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS E GENEALÓGICOS

— HOMENAGENS PÓSTUMAS

Cópia Título de Eleitor de Joaquim Godeiro da Silva



Republica dos Estados Unidos do Brazil

TITULO DE ELEITOR

(Lei n. 3.139, de 2 de agosto de 1916, e decreto n. 12.391, de 6 de setembro de 1916)

NUMERO 1927

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Comarca de Macaiba

Municipio de Natal

NOME DO ELEITOR

Joaquim Godeiro da Silva

Numero de ordem no alistamento

QUALIFICATIVOS

Idade 57 annos

Filiação Antonio Gonçalves da Silva

Estado civil Casado

Profissão Commerciante

Assignatura do eleitor

Joaquim Godeiro da Silva

Assignatura do escrivão

Assignatura do juiz

Natal 1918

Fernando Soares de Almeida

Joaquim Godeiro da Silva

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Há uma grande desigualdade econômica e social, poucos são ricos, alguns sobrevivem em condições razoáveis e a maioria vive em estado de pobreza e uma parte vive abaixo do IDH. Existe muita gente desempregada, passando necessidade, outra parte vive na pior, não tem teto, vive de esmola do Governo e dos políticos que se dizem representantes do povo, porém, usam artimanhas para ganhar o voto da pobreza, se elegerem para continuar tudo do mesmo jeito. É o sistema paternalista. A sociedade rural vive de teimosa, o proprietário rural que é chamado de patrão está descapitalizado por causa das secas e dos juros altos cobrados pelos bancos, é uma situação difícil e cada dia vem piorando mais por causa da inadimplência com os bancos; a ponto de o patrão ficar economicamente igual ao morador. Tudo isto faz com que o rurícula fique desencantado com a vida no campo, gerando assim, o êxodo rural onde as famílias migram para a periferia das cidades, sem condições de sobrevivência, passando a viver economicamente abaixo da linha de pobreza (IDH).

Do outro lado, a classe jovem em que muitos não dão valor às escolas e outros entram para o mundo das drogas, que é o mundo cão. Assim, surgem roubos, assaltos, seqüestros, assassinatos, porque não trabalham e precisam de dinheiro para farrear e comprar drogas. Tudo isto acontece porque o Governo se torna impotente e as gangues dos traficantes de drogas se tornaram poderosas. Completando o descaso, as televisões fazem insinuações de prostituição de menores e assaltos através das novelas e seriados.

Além do mais ainda existem as discriminações políticas que é a pior praga dentro da sociedade. Hoje é inaceitável, porém, existe na sociedade patuense. Há também a fuxicaria que é costume velho e vem delongo passado, gerando intrigas e animosidades, principalmente na politicagem com suas picuinhas e suas mesquinharias ideológicas, que acabam dividindo a sociedade criando diferenças de grupos políticos e ideológicos, que só geram o enfraquecimento social.

AS FAMÍLIAS TRADICIONAIS DE PATU

As famílias que constituem a Sociedade Patuense e que habitam em nosso Município: Os Almeida, Os Alves, Os Andrade, Os Azevedo, Os Bandeira, Os Belarmino, Os Brasiliano, Os Brilhantes, Os Calixta, Os Cândido, Os Cardoso, Os Clemente, Os Dantas, Os Dutra, Os Ernesto, Os Feitosa, Os Felipe, Os Ferreira, Os Freitas, Os Godeiros, Os Hemetério, Os Inácio, Os Jacó, Os Juvino, Os Leite, Os Linhares, Os Lira, Os Luiz, Os Maia, Os Martins, Os Matias, Os Mouras, Os Nascimento, Os Nogueira, Os Pereira, Os Praxedes, Os Queiroz, Os Rafael, Os Rocha, Os Rodrigues, Os Solano, Os Suassuna, Os Tavares, Forte, Gomes, Oliveira, Souza, e Silva, etc.

ORIGEM DOS GODEIROS

O Sr. ANTÔNIO JOAQUIM DA SILVA, natural de Jardim de Piranhas, nascido no Sítio Pilões, Barra de Santa Rosa (beira do Rio Piranhas), sendo que a data do nascimento e filiação não foi encontrada, veio para Patu aproximadamente em 1850. Aqui chegando fixou residência, depois se casou com Francisca Rosa de Moura, filha de João Saraiva de Moura e Rosa Telis Maria de Moura, sendo ela sobrinha do Capitão José Severino de Moura e irmã de Raimundo Basílio de Moura. São seus avós maternos: João Saraiva de Moura e Rosa Felismino de Moura.

O texto sobre a versão histórica da origem dos Godeiros, foi extinto nesta 2ª edição, a pedido do Dr. Rafael Godeiro Sobrinho – Desembargador.

Os nomes dos filhos do Sr. Antônio Joaquim da Silva se tornaram diferentes por causa do cognome GODEIRO, pelo simples fato do seu filho Joaquim ter passado a assinar como Joaquim Godeiro. Depois seus irmãos também aderiram ao mesmo cognome.

Do casal houve os seguintes filhos:

- Joaquim Godeiro da Silva, casado com Maria Virgília da Trindade;
- Manoel Godeiro da Silva, casou-se 4 vezes: com Lina Joaquina de Moura, Maria Cassiana de Moura, Maria das Neves Santana e Francisca Maria da Conceição;
- Pedro Godeiro da Silva, casado com Luzia de Moura, são os pais de: Luzia Godeiro de Oliveira casada com João Inácio de Oliveira; e Belarmino Godeiro da Silva casado com Firmina Brilhante de Alencar (irmã de Padre Brilhante). Os filhos de Belarmino são: Adonias Godeiro da Silva e Zélia Godeiro Brilhante de Alencar;
- Josefa Godeiro da Silva, casada com Manoel Inácio da Silva;
- Francisca Godeiro da Silva, casada com Cândido Ferreira da Silva;
- Ana Godeiro da Silva, casada com Damião Jacob Pereira;
- Luzia Godeiro da Silva, casada com José Rodrigues de Oliveira;
- Isabel Godeiro da Silva, casada com Francisco Pio de Moura;
- Francisco Godeiro da Silva, casado, faleceu no Estado do Amazonas;

- Benvenuto Godeiro da Silva, casado com Alvina Noronha Dantas (de Apodi).

O Sr. Antônio Joaquim da Silva ficou viúvo por falecimento de Dª Francisca Rosa de Moura e casou-se pela 2ª vez com Felismina Joaquina de Moura (filha de Leandro Xique-Xique); ela também já era viúva por falecimento de Manoel Severiano de Moura. Do 2° matrimônio não houve filhos.

O lugar de origem do Sr. Antônio Joaquim da Silva era Jardim de Piranhas no Seridó e o lugar de destino foi Patu-RN, onde fundou a família Godeiro. De início, Godeiro era só apelido da família e depois passou a ser o nome oficial, porém a família Godeiro é uma ramificação da família Moura.

O filho mais velho Joaquim Godeiro da Silva também foi chefe político na Vila de Patu. Era vinculado 'ao Partido "Perré", Partido Popular e era leal nos compromissos políticos; certa vez ele deu esta resposta ao Dr. José Augusto e outros políticos: sou tinta que não desbota. Queria dizer com isso que estando num partido não mudava para outro. Na eleição de 1934, o candidato do Governo, Mário Câmara, de quem ele era opositor, só teve três votos em Patu. Nasceu em Patu a 7 de novembro de 1861, casou-se com Maria Virgília da Trindade, sendo ela filha do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura. São seus avós paternos: o Capitão José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição. Do casal houve os seguintes filhos:

- Miguel Godeiro da Silva, casado com Clotildes Carlos Godeiro;
- João Godeiro da Silva, solteiro;
- Rafael Godeiro da Silva, casado com Maria Lina Godeiro;
- Sebastião Godeiro da Silva, solteiro;
- Gabriel Godeiro da Silva, casado com Maria Lúcia de Moura;
- Helena Godeiro da Silva, casada com Antônio Carlos de Andrade;
- Cristina Godeiro Andrade, casada com Cariolano de Andrade;
- Francelina Godeiro da Silva, casada com Manoel Basílio de Moura;
- Ana Constância da Silva, casada com José Godeiro da Silva;
- Maria Virgília Dutra, casada com Francisco Dutra de Almeida.

Joaquim Godeiro da Silva faleceu em 10-7-1947, nesta cidade, aos 86 anos de idade, deixando uma lacuna na sociedade patuense, era um homem prudente. A família Godeiro misturou-se com a família Moura, pela união

dos matrimônios que se fazem sucessivamente, uns aos outros, sendo que estas duas famílias GODEIRO E MOURA são as maiores famílias de Patu.

Os Godeiros prestaram relevantes serviços ao Município de Patu, desde o início deste século, pela sua coragem e dedicação de fazer o bem sem olhar a quem. Desde o passado até os nossos dias foi uma família respeitada pelos bons costumes que pratica, pela conduta exemplar que mantém e pelo progresso que trouxeram para esta cidade. Na família Godeiro, apareceram pessoas como Rafael Godeiro da Silva que trabalhou muito pelo desenvolvimento do Município de Patu, desde quando era Vila e também quando passou a Cidade. Líder político há mais de 30 anos, promotor do desenvolvimento da cidade, Prefeito por 4 vezes, Deputado Estadual no triênio de 1926 / 1927 e 1928. Era muito católico e gostava de fazer o bem a seus munícipes.

João Godeiro da Silva – Encarregado do Serviço do Correio e incentivador do ensino primário em Patu;

Miguel Godeiro da Silva foi Juiz de Paz, Delegado e Presidente da Cooperativa de Crédito Rural. Seus Filhos são: Antônio Edílson Godeiro, José Godeiro da Silva, Francisco Godeiro da Silva, Maria Godeiro Fernandes (Biia), Nadir Godeiro Dutra, Aldenora Godeiro Costa, Miguel Godeiro Júnior, Raimundo Godeiro Carlos, Sebastião Godeiro Carlos, Vanda Godeiro Carlos dos Santos e Rafael Godeiro Sobrinho

Aderson Dutra de Almeida – Líder político, trabalhador incansável do progresso de Patu; durante 40 anos lutou pela grandeza de sua terra natal, foi Prefeito 2 vezes e Deputado Federal (1ª Suplência assumindo na vaga do titular em 1952); Deputado Estadual Constituinte em 1946, autor projeto de Lei que criou a Comarca de Patu e o Grupo Escolar Dr. Xavier Fernandes, doando o terreno para construção. Defensor do projeto de criação da Escola Estadual de 2º Grau em Patu; Deputado Estadual eleito em 2 vezes em 1962 e em 1966, cujo mandato terminou em 1972. Fundador do Hospital-Maternidade de Patu; e muitas outras coisas que veremos no curriculum.

Dr. Rafael Godeiro Sobrinho – Fundador da Escola de 2º Grau de Patu, Juiz de Direito da 3ª Vara de Natal, atualmente Desembargador, Vice-Presidente do Tribunal de Justiça e Presidente do Tribunal Regional Eleitoral.

Antônio Edilson Godeiro – Vereador na capital do Estado em dois mandatos; Presidente do Legislativo Natalense; Tendo sido substituído por seu filho Américo Godeiro, que também exerceu o mandato de Vereador em duas Legislaturas.

José Godeiro Carlos da Silva – Vereador em Natal, por três Legislaturas, de 1962 a 1972, sendo eleito 1° Vice-presidente em 4 períodos legislativos, tendo assumido por várias vezes a Vice-Prefeitura e uma delas assumiu o cargo de Prefeito de Natal na ausência do titular. Seu filho Carlos Magno se elegeu Vereador em Patu por um mandato.

Gladstone Godeiro Dutra – Médico Clínico e Cirurgião, foi Administrador do Hospital-Maternidade Dr. Aderson nesta cidade.

Além de outros que também contribuíram para o desenvolvimento de Patu;

Escrito pelo professor Petronilo, com base nas declarações dos anciões José Godeiro da Silva (86 anos), Miguel Godeiro Primo (84 anos), João Inácio de Oliveira (82 anos), Maria Helena Ribeiro (84 anos), Raimundo Ayres e outros. Também foram consultados os documentos velhos dos arquivos dos Cartórios, da Igreja e outras fontes, incluindo o Desembargador Dr. Rafael Godeiro Sobrinho.

RAFAEL GODEIRO DA SILVA

Dados Biográficos

RAFAEL GODEIRO DA SILVA, brasileiro, natural de Patu, Rio Grande do Norte, nascido aos 14 dias do mês de dezembro de 1886, filho de Joaquim Godeiro da Silva e Maria Virgília da Trindade. Casou-se com Dª Maria Lina da Silva, do matrimônio não houve filhos, tendo adotado duas filhas: Raimunda Godeiro Ayres, casada com Raimundo Ayres (Tabelião aposentado - falecido); Anaíza Godeiro de Souza, casada com Francisco Câncio de Souza (falecido).

Iniciou a sua vida profissional como (empregado) comerciário na loja de um tio de nome José Leão, na cidade de Mossoró-RN. Depois instalou uma loja de tecidos, secos e molhados, nesta cidade onde foi comerciante durante quase toda sua vida. Gostava de fazer o bem aos conterrâneos, por essa postura amigável, ganhou a simpatia de quase todos os patuenses. Valeu a sua capacidade de trabalho.

Em 1912 foi nomeado Juiz de Paz, cargo que ocupou por duas vezes neste município.

Em 1920 transferiu a feira da Praça João Carlos, para outro local onde até o presente ainda permanece o Centro Comercial, ou Mercado Público de Patu, construído em 1920 e reformado em 1970. Ajudou a organizar a Vila de Olho D'água do Borges, fazendo a sua inauguração com Missa e uma feira campal onde hoje é o Mercado daquela cidade.

Em 1923, foi nomeado Intendente para reger os destinos do Município de Patu, tendo sido o último intendente do período, que naquela época passou o cargo a denominação de Prefeito, foi um grande administrador. Ele recebeu uma espada, cuja origem vem dos primeiros chefes de Patu e simbolizava o poder do chefe do município. Foi um legado do Capitão José Severino de Moura (bisavô de Rafael Godeiro), que se transferiu aos novos chefes do Patu por sucessão hereditária dos descendentes que substituíram o velho Capitão no cargo de chefe do lugar. O primeiro foi seu filho José Severino de Moura Júnior, o segundo foi seu genro Raimundo Basílio de Moura, depois passou para Joaquim Godeiro, casado com uma neta do Capitão, depois foi a vez de Rafael Godeiro seu bisneto. As informações foram prestadas por João Inácio de Oliveira, que diz ter visto muitas vezes aquela arma branca guardada dentro de uma mala na casa de Dª Leandra

Saraiva de Moura, esposa de Raimundo Basílio, filha do dito Capitão e bisavô do declarante de quem era também mãe adotiva. Embora não haja documento escrito sobre o fato, permanecem as informações do ancião até que haja um documento escrito que prove o contrário; essa espada pertenceu em primeira mão ao Capitão José Severino e remonta ao tempo do coronelismo sertanejo. Foi doada por Rafael Godeiro ao Dr. Rafael Godeiro Sobrinho, hoje Desembargador com quem permanece esta espada.

Rafael Godeiro, em 1926 foi eleito Deputado Estadual, mandato que ocupou durante três anos, exerceu o cargo de Secretário da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, depois voltou à Prefeitura como chefe do município até o dia 18-10-1930, data em que a Revolução Liberal devastou a Vila de Patu e deportou o seu Prefeito.

Em 1927 Rafael Godeiro, fundou o Grupo Escolar João Godeiro, iniciado por seu irmão que deu o nome ao estabelecimento de ensino; neste ano ele comprou o sobrado de Francisco Vicente, e fez uma reconstrução. Fundou o Serviço de Alistamento Militar que hoje é a Junta de Serviço Militar. No mesmo ano ele fez a sede da Prefeitura Municipal, onde funcionou a Edilidade no período de 1929 a 1965, servindo também para a Cadeia Pública. Depois foi instalado o Quartel da 3ª Companhia de Polícia Militar. Mas anteriormente funcionaram várias Repartições: CORREIOS, IBGE, CÂMARA MUNICIPAL, CIDA, MOBRAL, etc. Este prédio tinha a denominação de Edifício Castelo Branco e atualmente está sendo reformado para abrigar o Teatro Municipal. Defendeu a cidade contra o ataque de Lampião, fazendo cinco trincheiras: uma na entrada da cidade, uma em sua casa residencial, outra na saída e mais duas em pontos estratégicos.

Em 1930 era Prefeito mas teve que sair do cargo e fugir da Revolução Liberal, tendo sido substituído naquele ano por Ascendino de Almeida.

Em 1933 houve a eleição à Constituinte, Rafael Godeiro era chefe político do Partido Popular, fazia oposição ao Governo da Interventoria e apoiou o candidato Francisco Martins Veras (Dr. Chiquito Veras). Foi a eleição mais disputada de Patu. O candidato por Rafael Godeiro obteve a extraordinária votação de 64 votos, enquanto que o candidato do Governo só obteve 3 sufrágios, sendo o total de votantes, apenas 67.

Em 1934 conseguiu com o engenheiro Sabóia Filho, chefe da estrada de ferro de Mossoró e Souza, desviar o roteiro da estrada para fazer a sua estação mais próxima da cidade, porque no primeiro estudo se localizava no

Sítio Boa Vista a 4 Km de distância do local atual. Neste mesmo ano, ainda houve a eleição para Governador e Mário Câmara era candidato do Partido Liberal. Os eleitores do Partido Popular, chefiados por Rafael Godeiro não votaram por motivo de coação dos elementos do Governo que "piquetaram" as estradas e os Perrés não puderam sufragar o nome do candidato Rafael Fernandes Gurjão e por este motivo foi nula a eleição no Patu, porém, Rafael Fernandes assumiu o Governo. Rafael Godeiro foi coagido, muito perseguido pelos Liberais, foi emboscado 4 vezes, seus inimigos políticos foram a sua casa açoitá-lo e desmoralizar a sua família, mas não conseguiram, ele não abriu a porta e não se rendeu, porque Deus protege os inocentes. Informou Raimundo Ayres, que um tal de Zuza Paulino, chefe da guarda civil do Estado, destacado em Patu comandava a coação e os desacatos aos chefes perrepistas desta cidade, principalmente ao Tabelião do 2º Cartório.

Em 1935 surgiu a Intentona Comunista, e atendendo às solicitações do Prefeito de Mossoró: Francisco Queiroz e Aproniano Sá, seguiram de Patu com aproximadamente 47 pessoas entre Militares e Civis, armados e bem municiados para ajudar na defesa daquela cidade contra o ataque dos comunistas. Chefiava a caravana: Rafael Godeiro e Antônio Suassuna que foram reforçar o contingente daquela cidade oestana, onde permaneceram 3 dias, mas graças a Deus não houve luta, porque os "Vermelhos" foram abatidos na Serra do Doutor.

Em 1936 Rafael Godeiro voltou à Prefeitura, por sufrágio de votos dados em seu favor, pelos eleitores do Partido Popular, tendo tomado posse no dia 26-11-1936, conforme Ata e foi muito aplaudido pelos patuenses que participaram da solenidade.

Em 1941 transmitiu o cargo de Prefeito ao seu sobrinho Dr. Aderson Dutra e continuou a sua vida de comerciante e político.

Em 1946 foi nomeado Prefeito para um mandato de dois anos, transmitindo em seguida ao Sr. Antônio Suassuna. Neste mesmo ano, ele foi grande cooperador nos trabalhos da demolição e reconstrução da Igreja Matriz de Nª Sª das Dores, nesta cidade, ladeado de seus colegas lingüistas da Congregação JESUS, MARIA, JOSÉ, da qual era Presidente, tendo à frente o então vigário Padre Luiz Klur. Juntamente com a sua esposa Maria Lina da Silva, trabalhou incansavelmente em prol das festas religiosas

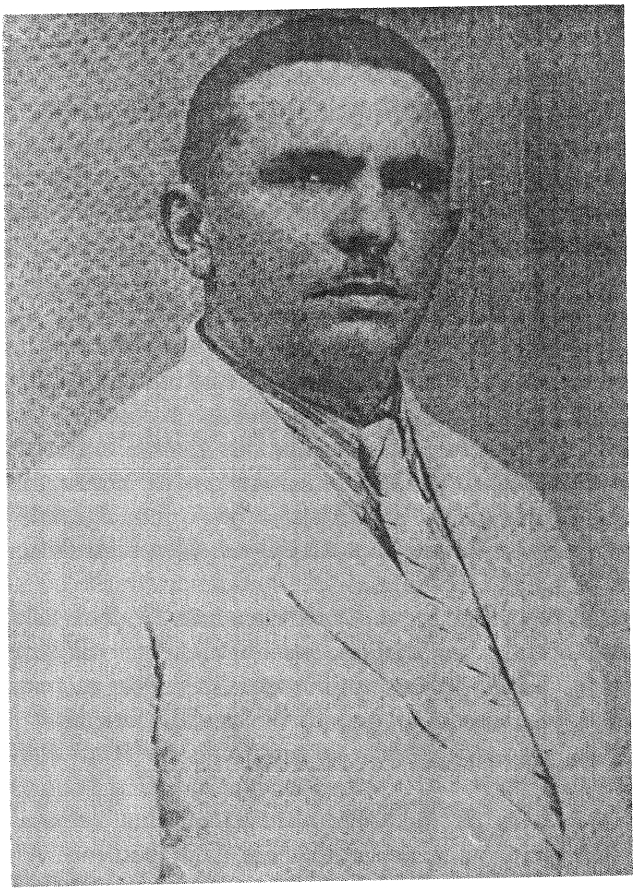
durante muitos anos de sua existência, testemunhando a sua fé em Deus e amor a sua terra.

Em 1947 foi acometido de diabete e se achando doente abandonou a vida política continuando no comércio.

Em 1948 incentivou os amigos de Várzea da Caatinga e o Padre Agostinho Bohlem, para fundarem a capela daquele distrito, que passou a denominação de Várzea de Santo Antônio em homenagem ao seu Padroeiro. Em 1949 houve a consagração do Padroeiro com Missa Campal, festa e feira livre, no dia 13 de junho daquele ano. Com o incentivo os habitantes criaram gosto e começaram a desenvolver o lugarejo que se transformou mais tarde em Município com a denominação de: "MUNICÍPIO DE RAFAEL GODEIRO, CIDADE DO MESMO NOME, cujo projeto foi do Deputado Aderson Dutra".

Em 1952 em sua nova residência, conviveu com familiares e amigos na cidade, voltando depois a morar no Sítio Poço da Pedra no subúrbio desta cidade, onde após longo tratamento médico, veio a falecer no dia 16-3-1967. Seu corpo baixou a sepultura 5 dias após haver falecido também a sua esposa; houve uma solenidade fúnebre começando por Missa, discursos e muitas lágrimas dos seus familiares, conterrâneos e amigos.

Em 1974 graças à idéia de seu sobrinho Dr. Aderson Dutra, Sr.ª Clotilde Carlos e demais membros da família, foram transladados os restos mortais do ex-Prefeito RAFAEL GODEIRO, para o Santuário do Lima onde os patuenses reverenciam a sua memória. Assim descrevemos a vida de um patuense ilustre que muito trabalhou pelo progresso deste município e dedicou a sua vida à causa pública patuense.



Prefeito Rafael Godeiro da Silva

BIOGRAFIA DE JOÃO GODEIRO

JOÃO GODEIRO DA SILVA nasceu no dia 23 de outubro de 1885, filho de Joaquim Godeiro da Silva e Dona Maria Virgília da Trindade. Estudou as primeiras letras na então Vila de Patu e apesar de ter revelado, desde a mais terna idade, uma inteligência penetrante, e muita aplicação às letras, não pode continuar seus estudos. Muito moço entregou-se às lides do comércio, colocando-se em Areia Branca no seu estabelecimento comercial de Monte e Cia., dando então provas irrefutáveis de sua capacidade de trabalho, de sua honestidade e de seu comportamento. Por suas belas qualidades conquistou dentro de pouco tempo a confiança de seus chefes, a amizade e simpatia de seus colegas de trabalho.

Por esse tempo foi acometido de terrível dor ciática, rebelde a todo tratamento. Depois de longos e cruéis sofrimentos e de dolorosas operações, João Godeiro ficou paralítico, sendo forçado a voltar com grandes dificuldades para Patu. Os carinhos da família e a salubridade do clima da terra que lhe serviu de berço fizeram que ele conseguisse alguma melhora, embora continuasse paralítico. Pôde com grande esforço trabalhar encarregando-se de escrituração da casa comercial de seu pai. Graças ao seu grande tino comercial a casa teve grande progresso e satisfatórios lucros. As horas que lhe sobravam de suas lides, João Godeiro as empregava na leitura de bons livros, conseguindo assim aumentar os poucos conhecimentos adquiridos na sua infância. Suas atividades não se restringiam somente em trabalhar pelo desenvolvimento do estabelecimento comercial do seu pai. Muito se preocupava com o progresso de Patu. Particularmente com o ensino.

Desejoso de melhorar o nível cultural de sua terra, fundou uma sociedade com o fim de combater o analfabetismo. A sessão inaugural foi muito solene, contou com a presença de numerosa assistência e com o apoio de todos os patuenses. Essa associação tinha a finalidade principal de angariar meios para construção de um Grupo Escolar. Conseguiu levantar empréstimo entre particulares para a realização de tão notável empreendimento, adquiriu grande parte de material, não chegando, porém, a concretizar sua elevada idéia por motivos imprevistos: seu esforço não foi perdido. Alguns anos depois de seu falecimento, seu irmão Rafael Godeiro

da Silva, achando-se à frente do Governo Municipal de Patu, utilizando-se do material adquirido por ele e conservado cuidadosamente, construiu o prédio do Grupo Escolar.

João Godeiro da Silva possuía nobres sentimentos cristãos. Compadecia-se muito dos sofrimentos de seus semelhantes nas grandes secas de 1915 e de 1919, prestou grandes serviços à pobreza de sua terra, esforçando-se por todos os meios ao seu alcance para minorar os padecimentos das vítimas do flagelo. Além da distribuição de auxílios adquiridos por seus esforços, escrevia a parentes e amigos das referidas vítimas residentes em outros Estados que se encontravam em boas condições financeiras e desta forma conseguiu saciar a fome e vestir a nudez de numerosas famílias. Amava extremamente a sua terra e sua gente e a maior satisfação que experimentava era ser útil aos seus conterrâneos. Assim tornou-se estimadíssimo de todos os Patuenses. Cercado dos cuidados e caridades de sua família, faleceu João Godeiro da Silva em Patu no dia 25 de julho de 1920, sendo sua morte sentidíssima por toda população do município. O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, pelo Decreto n.° 321, de 28 de fevereiro de 1927, criou o Grupo Escolar de Patu, dando-lhe a denominação de "João Godeiro". Desta forma seu nome jamais será esquecido na terra onde ele nasceu, viveu e morreu e por cujo progresso muito se esforçou. Do que para constar e servir a todas as gerações futuras, esta biografia de João Godeiro, transcrita por Laureniza Godeiro Alves, foi entregue a Wanda Godeiro Carlos dos Santos, que na época era a Diretora do Colégio, adquirida de um jornal sem data, muito antigo, que se achava no poder do Sr. Rafael Godeiro da Silva.

(Esta biografia foi copiada do original do livro de Ata s/n° - fls. 17v e 18v, arquivado no Grupo Escolar João Godeiro)

WELLINGTON GODEIRO FERNANDES
Major Brigadeiro do Ar

Natural de Patu, filho de Liberalino Fernandes da Costa e Dona Maria Godeiro Fernandes, nascido em 16 de novembro de 1943, ingressando na Aeronáutica em 30 de março de 1959.

PROMOÇÕES: Aspirante em 22 de dezembro de 1964; Brigadeiro do Ar em 25 de novembro de 1993 e Major Brigadeiro do Ar em 31 de julho de 1998.

Como Aspirante e Tenente: Foi declarado Aspirante, com média final de 8,75, em 6° lugar de 49 componentes de sua turma. Após a conclusão do estágio em Natal-RN, foi selecionado para Instrutor do 5° GAv., permanecendo nessa unidade até 12 de janeiro de 1972. Em 1968 integrou, como Piloto, a 2ª Esquadrilha de Aeronaves B-26, que foi trasladada para Tucson, no Estado do Arizona–USA, a fim de realizar reforços nas asas e revitalizações no sistema da aeronave; Na aeronave TC-45 T foi qualificado 1° Piloto, Instrutor e Líder de Esquadrilha; Na aeronave B-26, foi qualificado 1° Piloto Operacional em Bombardeio e Ataque, Instrutor, Líder de Elemento e de Esquadrilha; Naquele grupo exerceu as seguintes funções: Auxiliar do Oficial de Operações do 2°/5° GAv., Oficial de Armamento, Navegação, Ajudante e Material do 1°/5° GAv. e Oficial de Material Bélico do 5° GAv.; Como Oficial de Material do 1°/5° GAv., participou da transferência dessa Unidade da Base Aérea de Natal para a Base Aérea de Recife, em 1971. Nesse Período concluiu o Curso de Tática Aérea com menção "MB".

Como Capitão: Neste posto desempenhou as funções de: Comandante dos Esquadrões de Comando e de Pessoal da BARF (cargos de Major-Aviador); Realizou cursos operacionais em Busca e Salvamento e Reconhecimento Fotometeorológico em aeronave RC-130 E, atingindo a qualificação de 1° Piloto Operacional. No mês de Janeiro de 1974, realizou missão do Governo Brasileiro de levantamento aerofotogramétrico no Equador, cumprindo com sucesso, mais de 50% do projeto de aerolevantamento previsto, necessário à construção da estrada ligando a Cordilheira dos Andes ao litoral do Pacífico (Imbabura- San Lorenzo). Nesse

período concluiu o Curso de Aperfeiçoamento da EAOAR, com menção "B".

Como Oficial Superior: No posto de Major desempenhou o cargo de Comandante do Esquadrão de Suprimento e Manutenção da BARF, onde realizou a Primeira Expedição Fásica de Aeronaves RC-130 E do 1°/6° GAv., que até então era efetuado no PAMA-GL. Nessa época, acumulou o Cargo de Comandante do ESM com a função de Oficial de Mobilidade da BARF. Ao ser transferido para a Academia de Força Aérea, foi designado para exercer a Chefia da Seção de Instrução Militar do Corpo de Cadetes da Aeronáutica, acumulando a função de Oficial Supervisor do Clube de Vôo a Vela. Posteriormente, desempenhou o cargo de Chefe da Divisão de Infra-Estrutura da AFA (cargo de Ten-Cel.). Ainda nesse período foi Dirigente dos Atletas daquela Academia na XIV NAVAMAER. Chefiou também a Delegação da AFA no 22° Campeonato Brasileiro de Vôo a Vela. Concluiu o Curso de Estado-Maior da Aeronáutica, com média 8,69, classificação 15° em 51 e menção "B", sendo selecionado para Instrutor daquela escola, onde realizou o Curso de Preparação de Instrutores – Nível IV, em 10 de dezembro de 1980; Após o término do Curso de Estado- Maior, em 1980, foi classificado no EMAER, onde exerceu a função de Adjunto da Seção de Planejamento Geral da 2ª Subchefia até maio de 1984, quando foi transferido para Comissão de Coordenação do Programa de Aeronaves de Combate – COPAC. Nesse período representou o EMAER no Grupo de Desenvolvimento, Implantação e Acompanhamento da Aeronave T-27 (GDIA T-27); Representou ainda o Ministério da Aeronáutica junto ao EMFA nos Trabalhos Interforças (TIF) 11.178 (Operações Anfíbias) e 11.278 (Operações Ribeirinhas), desde 1° de março de 1981 até a conclusão dos Manuais de Operações Ribeirinhas e Anfíbias, que tratam da Doutrina de Emprego das Forças Armadas nessas Operações Combinadas; Como Ten-Cel., compôs o Grupo Operacional, constituído por ordem do Exmo. Sr. Chefe do Estado-Maior, a partir de 13 de março de 1981, com a finalidade de coordenar exercícios independentes, combinados e conjuntos da FAB.; Em outubro de 1982, foi designado para viajar a Israel, afim de constituir uma Comissão de Avaliação para compra de Equipamentos para a FAB.; Após ter sido transferido para COPAC desempenhou as seguintes funções/cargos: Assessor da Comissão do Programa Aeronave de Combate; Chefe da Assessoria de Implantação da Comissão Coordenadora do

Programa Aeronave de Combate; Membro da Representação do Ministério da Aeronáutica do Brasil, na Itália, no Programa Conjunto AMX.; Vice-Diretor do "Grupo Di Lavoro" do Programa Conjunto AMX (Itália); Membro do Destacamento do "Grupo Di Lavoro" e Membro da Comissão Permanente de Segurança do Programa Conjunto AMX;

Como Coronel Aviador, após ter concluído o Curso de Política e Estratégia Aeroespaciais(CPEA), foi classificado no Comando-Geral do Ar, onde desempenhou os cargos de Chefe das Seções de Pessoal e, posteriormente, de Chefe da Seção de Recursos Humanos, no período de 18 de fevereiro de 91 a 1° de março de 94. A partir de 4 de junho de 1993, chefiou a Subchefia de Apoio do Comando Geral.; Realizou em 1982, a Complementação do Curso de Estado-Maior (COMCEM).

Como Oficial General: Após a promoção a Brigadeiro-do-Ar, em 25 de novembro de 1993, foi matriculado no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, da Escola Superior de Guerra; Concluiu o Curso na ESG, em 1994, foi designado para chefiar a recém-ativada Terceira Subchefia do EMAER (3SC), permanecendo neste cargo de 13 de fevereiro de 1995 a 21 de agosto de 1998; Como Chefe da 3SC representou o Ministério da Aeronáutica em diversos trabalhos externos, a saber: Comissão de Interforças de Estudo da Legislação das Forças Armadas (CIELFA); Comissão de Assessoramento de Alto Nível do Conselho Nacional de Amazônia Legal (CONAMAZ); e Grupo Técnico junto ao Estado-Maior das Forças Armadas para a criação do Ministério da Defesa; Além disso, coordenou, como dirigente, os seguintes trabalhos no âmbito do Ministério da Aeronáutica: Grupo de Trabalho no EMAER constituído com a finalidade de proceder estudos sobre a criação do Ministério da Defesa, bem como analisar as conseqüências de sua implantação para a Aeronáutica; GT para realizar estudos quanto à convivência e oportunidade de mudanças de subordinação das Organizações Militares constantes do Aviso 001/GM3/C-001, de 27 de janeiro de 95; GT para realizar estudos visando a reestruturação do Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento; GT constituído para apresentar proposta de equivalência entre os diversos cursos militares, no âmbito do Ministério da Aeronáutica, inerentes à progressão na carreira militar, para fins de percepção da Gratificação de Habilitação Militar; GT para estudar e propor medidas quanto à contratação de Auxiliar Local nas organizações e representações do Ministério da Aeronáutica no exterior; GT

para formular e apresentar propostas de medidas a serem implementadas pelo MAER para manutenção dos serviços de salvamento e contra-incêndio nos Aeroportos de Congonhas-São Paulo e Viracopos – Campinas; GT para definir quais bens ou serviços, fornecidos por terceiros, em áreas de jurisdição do Ministério da Aeronáutica, são úteis ou necessários à consecução dos objetivos da Administração, bem como os seus padrões de qualidade, condições de fornecimento e contrapartida mais adequados; e GT para reavaliar a IMA 21-10 Estrutura e Funcionamento das Manutenções Níveis Orgânico e Base.; Participou ainda do GT que realizou estudos visando à adoção de medidas para o incremento da segurança do efetivo e do patrimônio do Ministério da Aeronáutica; Após ter sido promovido ao posto de Major-Brigadeiro, foi designado para o cargo de Diretor de Administração do Pessoal da Aeronáutica, onde permaneceu de 1° de dezembro de 1998 a 27 de julho de 2001. Em sua gestão como Diretor da DIRAP destacam-se os seguintes fatos relevantes: Revisão de toda a legislação de pessoal em uso pela DIRAP; Edição dos primeiros Almanaques Anuais de Cabos e Taifeiros (ACA 39-2 E 39-5); Atualização do Sistema de Documentação da DIRAP, com a implantação do SIDOC-2001, possibilitando melhor controle da documentação; Presidência do Grupo de Trabalho do Sistema de Informações Gerenciais de Pessoal (GT SIGPES), dando prosseguimento no desenvolvimento dessa moderna ferramenta para dinamizar a Administração do Pessoal na Aeronáutica; Implementação de nova cédula de Identidade para o pessoal da Aeronáutica; Recorde de Promoções 4.194 graduados, em uma mesma data (1° de abril de 2001), em face do novo RCPGAER; e Inaugurações de novas instalações das Divisões, do Gabinete, da Assessoria Jurídica, Comissão de promoção de Graduados (CPG) e início das obras de Secretaria-Geral, otimizando o espaço físico, com melhoria do ambiente de trabalho e dotação de equipamentos de informática e mobiliário adequados. Nessa época realizou, no período noturno, o Curso de Atualização da Escola Superior de Guerra (CAESG-1999); Ao término de sua Comissão na DIRAP, foi designado para Vice-Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, tendo assumido esse cargo em 7 de agosto de 2001. Como Vice-Chefe do EMAER coordenou diversos trabalhos, dentre os quais, destacam-se: GT para estudo da proposta do Projeto de Lei Substituto do Deputado Leur Lomanto sobre a criação da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC); GT para estudo da Proposta de

Projeto de Lei sobre a Gratificação do Grupo DACTA; GT para tratar de novas orientações sobre a Opção de Licença Especial, citada na Portaria 672, de 19 de julho de 2001; GT para estudo da proposta de Modificação no Regulamento e no Regimento Interno do EMAER; Elaboração da Portaria para Ativação do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (DECEA) e desativação da Diretoria de Eletrônica e Proteção ao Vôo; Estudo para reformulação de Portaria sobre as atribuições do Conselho de Vice-Chefes; Estudo para elaboração dos Atos Legais necessários à modificação do nome da Instituição de Aeronáutica para a Força Aérea Brasileira (Proposta de Emenda à Constituição, Proposta de Alteração de Lei Complementar e Respectivas Exposições de Motivos); Estudo sobre Proposta de Decreto da Estrutura Organizacional Básica da Força Aérea Brasileira; GT sobre a Adequação e Modernização da Administração de Pessoal da Aeronáutica (GT-AMAPA); GT para desenvolvimento do conceito de Base Aérea Projetável e ao estabelecimento das ações necessárias à sua implantação; GT constituído pelo EMAER / SEFA para estudar o cenário provável para a Aeronáutica em 2003, visando à adoção de medidas pertinentes e orientação para realização do Trabalho de Grupo sobre alterações na Estrutura Organizacional Complementar da Aeronáutica aos Oficiais-Generais e aos Oficiais do CPEA-2002; Ainda como Vice-Chefe do EMAER, foi designado para representar o Exmº Sr. Comandante da Aeronáutica na XLII CONJEFAMER (Conferência dos Chefes das Forças Armadas Americanas), realizada de 26 a 30 de maio de 2002, na cidade de Guatemala, Guatemala.

Cursos Civis: é formado em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Natal.

Trabalho Publicado: "A Importância do Vôo a Vela para a FAB", na Revista "A Defesa Nacional", em 1982.

Experiência de Vôo: mais de 5.210 horas voadas, em aeronaves tipo: T-21, T-22, T-6, TC-45 T, B-26, RC-130E, R-95, VU-9, C-95 e TZ-13.

Elogios Recebidos: Individuais: 31 e Coletivos: 8

Condecorações: Ordem do Mérito Aeronáutico – Grau Grande oficial; Ordem do Mérito das Forças Armadas – Grau Comendador; Ordem do Mérito Militar – Grau Comendador; Ordem do Mérito Naval – Grau Comendador; Medalha Militar de Ouro com passador de Platina; Medalha Mérito Santos Dumont; Medalha de Pacificador; Mérito Tamandaré. (Copiado do original).

A FAMÍLIA DUTRA

Francisco Dutra de Almeida, natural de Brejo do Cruz – PB, era filho de Francisco Dutra de Almeida e Maria Senhorinha Dutra, veio para Patu e, em 1909, aqui casou-se com Dª Maria Virgília Dutra, sendo ela filha de Joaquim Godeiro da Silva e Maria Virgília da Trindade, neta do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, do casal houve os seguintes filhos:

1) Aderson Dutra de Almeida
2) Tércio Dutra de Almeida
3) Francisco Dutra Filho (faleceu ainda jovem)
4) Celso Dutra de Almeida
5) Eudésia Fernandes Dutra
6) Adelgizio Dutra de Almeida
7) José de Deus Dutra
8) Ivo Dutra de Almeida
9) Lair Dutra de Almeida
10) Enderson Dutra de Almeida.

Houve mais três filhos, mas faleceram ainda crianças. Esta família deveria ser Godeiro-Dutra, porque Dutra casou-se com uma moça dos Godeiros, não sei o motivo de só usar o sobrenome paterno, nas leis portuguesas só o filho primogênito podia ter o sobrenome paterno, os demais usavam o nome materno. Na sua residência à Rua Dr. José Augusto, n.º 126, nesta cidade, a família Dutra foi uma semente de boa qualidade que germinou no solo patuense, ocupou um espaço promissor, porque a dedicação e a boa vontade, valeu o esforço do seu chefe, Francisco Dutra, que conseguiu formar seus filhos, dois médicos: Aderson e Ivo; um veterinário: Tércio. José Dutra tinha duas formaturas: Odontologia e Bacharelado em Direito, um Agrônomo, sendo este Enderson, e um Farmacêutico: Lair. Estes profissionais liberais serviram a nossa comunidade com trabalhos prestados à coletividade e depois se espalharam por outras regiões do Estado e do País, onde prestaram ou ainda prestam trabalhos importantes. O Dr. Aderson Dutra foi um chefe político autêntico do Município de Patu, onde foi Prefeito e Deputado, batalhador incansável do

progresso desta cidade, dedicou toda sua vida à causa patuense, ora cuidando da saúde de seu povo, ora resolvendo os problemas do lugar. Patu precisa ter filhos da terra dedicados e preparados para levar à frente o seu progresso, a exemplo do Dr. Aderson Dutra, que iniciou uma obra de preparação de infra-estrutura da nossa cidade e ela tem de ser continuada com coragem e com trabalho por filho desta terra com uma mentalidade de jovem que em qualquer tempo venha surgir, seja Moura, ou seja, Godeiro, ou outro qualquer, que venha trabalhar pelo engrandecimento deste Município.

DR. ADERSON DUTRA DE ALMEIDA

Filho de Francisco Dutra de Almeida e Maria Virgília Dutra, natural de Patu, nascido em 17-5-1911, formado em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 2-2-1933, sua primeira atuação como médico foi na cidade de São Pedro do Itabacoano – ES, até 1937. Depois, em 1938, veio para Patu, em 24 de novembro do mesmo ano, foi nomeado pelo Prefeito Rafael Godeiro para integrar o Conselho de Geografia e Estatística do Município de Patu. Em 1942 foi nomeado Prefeito, tendo criado a Escola primária do sítio Cajazeira no Distrito de Olho D'água do Borges. Em seguida deixou a Prefeitura e foi nomeado Médico Legista do Estado, em 1943, sendo designado Chefe do Serviço Especial de Mobilização dos Trabalhadores para a Amazônia (Soldado da Borracha), com sede na cidade de Mossoró.

Novamente ingressou na vida pública em 1945, sendo um dos fundadores do PSD ao lado dos industriais João Câmara, Georgino Avelino, José Varela e Teodorico Bezerra, todos defendendo a candidatura do Marechal Eurico Gaspar Dutra, eleito então à Presidência da República.

Em 1946, candidatou-se e elegeu-se Deputado Estadual pela legenda do PSD, juntamente com o candidato eleito a Governador José Varela. Na Assembléia teve a oportunidade de criar a Comarca de Patu, com a Emenda nas Disposições Transitórias da Constituição de 1947. Vale acrescentar que foi um dos Deputados constituintes da época. Fundou ainda em 1948 a Associação de Proteção a Assistência à Maternidade e à Infância de Patu, tendo sido eleito seu primeiro presidente, cargo que exerceu até próximo a sua morte. Iniciou-se a construção do hospital que hoje tem o seu nome, cuja construção foi concluída no Governo Aluísio Alves.

No Governo de José Varela, conseguiu para Patu entre outros o primeiro motor de luz elétrica, equipado com gerador, bem como as construções dos seguintes grupos: João Godeiro em Patu, e Grupos para Vila do Junco, Rafael Godeiro e Olho D'água do Borges, então pertencentes a este município. Na zona rural construiu os seguintes grupos: Gameleira, Patu de Fora, Caraúba Torta e Riacho do Cunha.

Em 1950, candidatou-se a Deputado Federal, tendo ficado na primeira suplência, assumindo quatro períodos. Neste mesmo ano, foi nomeado pelo

Governador José Varela, representante do Estado junto à Conferência Médica no Rio de Janeiro, promovida pelo Ministério de Educação e Saúde.

Em 1952, elegeu seu candidato a Prefeito do município de Patu, Sr. Lauro Maia (em memória).

Em 1958, candidatou-se e elegeu-se ao cargo de Prefeito, em 5-1-58, numa das eleições mais disputadas neste município. Criou a frente de serviços para os flagelados da seca, na construção da estrada central Patu/ Olho D'água do Borges, a qual depois passou para responsabilidade do DNOCS. Em 1961, renunciou a prefeitura para candidatar-se a Deputado Estadual. O vice-Prefeito também renunciou por motivos pessoais, tendo assumido o cargo, o vereador Presidente da Câmara, José Belarmino de Azevedo, que terminou o mandato. Destacou-se na administração de Aderson Dutra o calçamento das principais ruas, substituições dos postes de madeira por outros de cimento, fundou várias escolas municipais, construiu, às custas da prefeitura três grupos escolares na zona rural, Morada Nova, Passagem dos Cardosos e Lages. Ampliou o Cemitério Público e o Matadouro Municipal, concluiu a Lavanderia e aumentou a área da Cacimba do Povo, em terreno doado por seu pai. Instalou pela primeira vez o Serviço Telefônico da cidade, urbano e interurbano e em 6 de julho de 1959, fundou o Ginásio Comercial sob os auspícios da prefeitura.

Em 1962, elegeu-se Deputado Estadual pela Cruzada da Esperança, reelegendo-se em 1966 pela ARENA. Criou os municípios de Rafael Godeiro e Viçosa. Conseguiu com o Governador Walfredo Gurgel, a criação de uma agência do BANDERN, tendo sido o terreno doado uma parte pela Sociedade Educadora Patuense e outra pelo Prefeito Lourival Rocha. Conseguiu ainda, no Governo Walfredo Gurgel, o Grupo Escolar Dr. Xavier Fernandes, onde hoje funciona o Campus Universitário, com área de 10.000m^2, doado pelo então Deputado.

Em 1967, foi inaugurado o Hospital-Maternidade que tem o seu nome. Também a ele se deve, a criação e instalação da 3ª Cia. de P.M. de Patu.

Em 1970, fundou e instalou o Sindicato Rural de Patu. Em 1973, conseguiu um convênio com o FUNRURAL para dar assistência odontológica aos trabalhadores rurais.

Em 1977, inaugurou um moderno Laboratório de Análises Clínicas com a denominação de "MARIA DUTRA" que era a sua genitora, que tem como analista o Dr. Maurício Cortez.

Homenagem Póstuma
ao Dr. ADERSON DUTRA

Dr. Aderson Dutra a tristeza tomou conta de Patu com a notícia do seu falecimento, infelizmente você morreu longe de nós, sem o carinho dos amigos e sem a despedida do povo patuense.

Dr. Aderson você ficou distante de nós durante os três últimos anos de sua vida, sofrendo com a doença e torturado pela solidão, e hoje partiu para a eternidade, para habitar junto a Deus na terra dos mortos deixando eternas saudades. Os Patuenses sentem a sua falta e exclamam dizendo: você foi o médico da pobreza; o Prefeito que procurou trazer melhores condições de vida e bem estar social das famílias patuenses; foi o Deputado preocupado com os problemas carenciais de seu povo; foi o representante do povo que batia às portas dos gabinetes governamentais para conseguir recursos e executar os projetos que engrandeciam a sua terra: na área da educação, saúde e desenvolvimento do lugar.

Recebemos com angústia a notícia de seu falecimento, mas cruel foi saber que negaram o seu sepultamento aqui em Patu, pois os amigos, parentes, pacientes e o povão desejavam prestar a sua última homenagem e dar o último adeus pela sua partida para a eternidade.

Oferecemos lágrimas e sentimentos em nossos corações, pois prometemos conservar acesa a chama de sua memória, pelos seus feitos, pelo seu trabalho, pela sua generosidade de homem público, jamais esqueceremos que você foi o bem feitor da terra patuense.

Patu sua terra natal, a qual viu nascer, crescer e trabalhar pela grandeza deste município, por ironia do destino e de homens ingratos foi negada a vinda do seu esquife do Rio de Janeiro onde falecera no dia 22 de junho de 1993, para ser sepultado aqui onde nasceu, como era o desejo de seus conterrâneos.

Seus amigos e a sociedade em peso reclamam com ansiedade por não o visitar no velório, com saudades e melancolia reverenciam a sua memória e hoje prestam esta homenagem póstuma para relembrar os dias em que viveu conosco na terra patuense. Seu nome ficará gravado para sempre nas mentes e nos corações dos patuenses.

Reverenciamos a sua presença tão desejada por todos nós. Seu nome será imortalizado no edifício da Prefeitura onde você cumpriu dois mandatos de Prefeito, sua presença estará na Galeria das Fotografias dos Homens ilustres que governaram o Município de Patu. Onde você ocupa dois lugares como maior chefe da edilidade patuense.

Esta homenagem ficará escrita numa página da nossa história, para que nunca se apague e as gerações futuras tomem conhecimento dos homens inteligentes, de capacidade e valores morais, sociais e administrativos, como foi a sua personalidade de médico e político, que de tudo fez pelo nosso município para alcançar a melhoria do lugar onde nasceu e da sociedade onde viveu.

Aderson, prometemos transladar os seus restos mortais para descanso eterno numa urna funerária no Santuário do Lima, onde seu lugar está reservado.

Oh! Deus, pedimos que coloqueis a alma de Aderson Dutra ao vosso lado e como benfeitor que foi aqui na terra, dai-lhe o reino do céu por descanso.

E agora pedimos um minuto de silêncio como nossa homenagem de gratidão ao extinto.

Dr. Aderson Dutra de Almeida

OS MOURAS VÊM DOS ÁRABES – "MOUROS"

VERSÃO HISTÓRICA

Os Mouros eram os habitantes da Mauritânia na África, que foi invadida pelos povos bárbaros. A partir do século III ao século V, os vândalos, os romanos, os visigodos e os árabes dominaram toda região, inclusive a Península Ibérica (Portugal e Espanha). Os Reis Visigodos, Ataúlfo e Leovigildo, os mouros – árabes comandados pelo General Taric em 711, venceram os Visigodos na região ibérica e se apoderaram da península, onde fundaram o califado de Córdoba.

Os Mouros ou muçulmanos eram bons e acessíveis aos povos dominados da região peninsular onde se localizava Portugal; por isso os vencidos não se opunham ao seu domínio.

O Rei Pelágio venceu os Mouros nas montanhas das Astúrias e fundou o Reino Católico das Astúrias. Assim começou a reconquista da Península Ibérica, que aos poucos foi aumentando e se tornou numa grande reação contra os Mouros.

Depois foram fundados pequenos reinos em partes diferentes e foi assim que surgiu o reino de Portugal e D. Afonso Henrique conseguiu com interferência do Papa Inocêncio III, pelo tratado de Somora, a independência do Condado de Portugal que passou a ser reino em 1143.

D. Afonso Henrique com a ajuda dos Cruzados expulsou os mouros do sul de Portugal e fez grandes conquistas militares. D. Sancho, o povoador, atraiu muitos colonos para a região a fim de garantir as conquistas e povoar o território tomado dos árabes (mouros). D. Afonso III (1248 a 1279) expulsou definitivamente os mouros de Portugal.

Contudo, ainda permaneceram muitos dos mouros que aceitaram a dominação portuguesa.

Os descendentes de árabes, nascidos em Portugal eram muitos e conservavam os usos e costumes dos mouros. Principalmente a cultura, plantas, animais e as tradições comerciais e industriais, foram legados que os mouros (árabes) deixaram na Península Ibérica.

Pelo desenvolvimento da história poderemos chegar a uma conclusão os "Mouras" atuais são descendentes dos Mouros (árabes) porque na época da reconquista da Península Ibérica, principalmente na parte onde ficava

Portugal, permaneceram os mestiços "Mouçarabes" oriundos do cruzamento dos Mouros com os habitantes da terra. Essa mestiçagem ficou famosa em Portugal com a denominação de "Os Mouras" que eram homens inteligentes, trabalhadores e de grande habilidade comercial.

Mantiveram as tradições dos antigos invasores, tanto no comércio como na indústria, tornaram-se ricos e famosos no Reino de Portugal, chegando a participar dos cargos de confiança do Imperador. Eles foram até fidalgos da Corte Portuguesa, por merecimento e capacidade, por exemplo, D. Francisco de Moura foi Governador-Geral do Brasil e das Ilhas do Cabo Verde.

Os Mouras foram se expandindo: emigraram para outras possessões portuguesas da África e Brasil, aqui chegando primeiro em Pernambuco, Salvador e Rio de Janeiro.

No Nordeste fixaram-se em Pernambuco de onde se espalharam para outras províncias do Império. Alexandre Moura fez parte da expedição para a colonização do Rio Grande do Norte. Foi um dos chefes da força terrestre com Jerônimo de Albuquerque, no final de 1597. Em 1606 Alexandre Moura concedeu sesmaria ao Capitão José Barbosa Leal e Cel. Estêvam Bezerril no lugar denominado Catu (ou Patu), com três léguas de terra (livro de sesmaria do IHG – RN).

Houve um núcleo migratório dos Mouras em Apodi, no Rio Grande do Norte, onde os colonos se fixaram e iniciaram as atividades agrícola e pastoril. Com a evolução do ciclo dos currais, o Capitão Leandro Saraiva de Moura, obteve uma sesmaria no Patu de Fora, em 1742, e depois no sítio Boqueirão, em 1755, dando início à colonização na região de Patu.

O Capitão Geraldo Saraiva de Moura, provavelmente um dos irmãos ou filho do Capitão Leandro, estabeleceu-se com uma fazenda de gado no pé da serra de Patu, em 1777. Logo depois iniciou-se a construção da Capela de Nª Sª das Dores e consequentemente o desenvolvimento do povoado do Patu de Dentro, atraiu para esta região muitos membros de sua família a fim de facilitar o povoamento e a colonização do Patu.

Em 1785, o Capitão Geraldo Saraiva de Moura substituiu o Coronel Antônio de Lima no comando do Regimento de Ordenanças das Várzeas do Apodi – RN, conforme consta do ofício do Governador de Pernambuco - D. Tomas José de Melo em data de 6-7-1785. Antes ele era Capitão Regente nesta região. O Capitão Geraldo Saraiva de Moura foi o verdadeiro fundador

de Patu, conforme consta nos anais da paróquia local. Nos livros manuscritos datados de 1777 e 1779.

Aqui os Mouras constituíram a população inicial do lugar e atualmente é a família mais numerosa deste Município. Durante mais de um século administraram o povoado e na época da criação do Município, ainda estavam no poder. Foram os Mouras os organizadores do Povoado, Distrito, Vila e Cidade do Patu.

Houve miscigenação das famílias Moura e Godeiro. Foi uma semente que germinou no mesmo solo e vem da mesma árvore genealógica, donde surgiram muitos filhos ilustres, inteligentes e dedicados à causa da terra patuense. Por exemplo: o Capitão Geraldo Saraiva de Moura, Capitão José Severino de Moura, Leandro Bandeira de Moura Júnior, Aderaldo José de Moura e Raimundo Basílio de Moura – "Moura/Godeiro: Joaquim Godeiro, Rafael Godeiro, Aderson Dutra e outros, que com suas inteligências, capacidades e dedicações, dignificaram a nossa terra e a nossa história".

No final do século XX, Os Mouras voltaram ao poder elegendo o Dr. Ednardo Benigno de Moura para Prefeito de Patu, que administrou o lugar por dois mandatos. Tendo sido substituído por outro descendente da família Moura pelo lado paterno – Dr. Lair Solano Vale.

ORIGENS DA FAMÍLIA MOURA

Desde os seus primeiros imigrantes até os nossos dias.

Não nos foi possível localizar precisamente seus primeiros troncos genealógicos, por inexistência de documentos comprobatórios que elucidassem o nosso trabalho informativo. Contudo, pelas pesquisas que conseguimos realizar, prestamos as informações seguintes:

Através de informes de pessoas idosas, ainda lúcidas, documentação encontrada em arquivos de igrejas, cartórios, de propriedade de intelectuais e outros, chegamos à conclusão de que os Moura, vieram de Portugal o Brasil, desembarcando primeiro em Pernambuco, e, depois, emigraram para os Estados da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, talvez em missões de colonização do interior no Nordeste Brasileiro. Os Moura vieram com destino ao Apodi, depois para Patu, com a missão de colonizar e povoar a terra patuense e conseguiram fundar o Povoado, segundo as escrituras do Patrimônio de Nossa Senhora das Dores.

São os seguintes os nomes encontrados nos arquivos citados, através de registro de inventário, óbitos, casamentos, nascimentos, testamentos e outros assentos, encontrados em Patu, Martins, Portalegre, Caraúbas e Apodi, a partir dos quais descobrimos as nossas origens.

Apontamentos genealógicos da família Moura, a partir dos componentes da relação abaixo:

Leandro Saraiva de Moura (Capitão – 1742), Geraldo Saraiva de Moura (Capitão – 1777), Antônio Dias de Carvalho, José Severino de Moura (Capitão), João Saraiva de Moura, Joaquim José Bandeira de Moura, Leandro Bandeira de Moura (Capitão), Ignácio Saraiva de Moura, José Maria Bandeira de Moura, José Felipe Bandeira de Moura, Joaquim Cyrino de Moura, Sebastião Bandeira de Moura, Raimundo Nonato de Mello, João Francisco da Silva Moura, José Cyrino da Silva, Francelino José de Almeida, Sebastião José Sampaio, Joaquim Bandeira de Moura e Januário Saraiva de Moura.

Observação: nada foi encontrado que nos possibilitasse esclarecer sobre a paternidade das pessoas cujos nomes compõem a presente relação.

JOSÉ FELIPE BANDEIRA DE MOURA, casado com Anna Felícia de Moura, são os pais de: Luiz Honório Bandeira de Moura, Joaquim Fideralino Bandeira de Moura, Hermilo Bandeira de Moura, Jesuino Bandeira de Moura.

JOAQUIM CYRINO DE MOURA, casado com Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Izidro Cyrino de Moura, Juviano Cyrino de Moura, Inocêncio Cyrino de Moura, Idalino José de Moura, Josino Cyrino de Moura, Anna Luzia de Moura, Joaquina Luzia de Moura, Cydalina Luzia de Moura e Maria Luzia de Moura.

SEBASTIÃO BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Liandro Francisco Bandeira de Moura, Leonidas Bandeira de Moura, Joaquim Bandeira de Moura, Sebastião Bandeira de Moura Filho, Francisco Bandeira de Moura, Maria Francisca de Moura, Luzia Joaquina de Moura, Francisca Luzia de Moura e Anna Thereza de Moura.

RAIMUNDO NONATO DE MELLO, casado com Antonia Maria da Conceição, são os pais de: Francelina Joaquina de Moura, Raimundo Basílio de Moura, Vicente Lucas de Moura, João Basílio de Moura, Joaquim Felício de Moura, Honorata Maria de Moura e Anna Maria de Moura.

JOÃO FRANCISCO DA SILVA MOURA, também conhecido por João Cyrino de Moura, casado com Guilhermina Maria de Moura, são os pais de: Prudêncio José de Moura, Antônio Cyrino de Moura, Maria Joaquina de Moura, Joaquina Maria de Moura, Ignácia Maria de Moura e Matilde Maria de Moura.

JOSÉ CYRINO DA SILVA, casado com Maria Joaquina de Mello, são os pais de: Francisco Telles de Menezes, Cyrino José da Silva Menezes, Rosa Maria da Conceição e Anna Maria de Jesus.

FRANCELINO JOSÉ DE ALMEIDA, casado com Anna Francelina de Moura, são os pais de: José Francelino de Moura, João Francisco de Moura, Maria Thereza de Moura, Guilhermina Maria da Natividade e Maria Francelina de Moura.

SEBASTIÃO JOSÉ SAMPAIO, casado com Mariana Thereza de Moura, são os pais de: Maria José Bandeira de Moura.

JOAQUIM BANDEIRA DE MOURA, casado com Anna Tereza de Moura, são os pais de: Luzia Felismina de Moura, Maria Tranquilina de Moura, Vicentina Felismina de Moura e Liandra Bandeira de Moura.

JANUÁRIO SARAIVA DE MOURA, casado com Maria Thereza de Jesus, são os pais de: Joaquim Saraiva de Moura, José Nobre de Oliveira, Vicente Saraiva de Moura, Bernardino Saraiva de Moura, Antonia Thereza de Jesus, Maria Custódia de Jesus, Alexandre Saraiva de Moura.

LEANDRO SARAIVA DE MOURA (Capitão), casado com Maria José de Jesus, são os pais de: Cosma Leitão de Carvalho (filha adotiva), doadora do patrimônio de N. Sª das Dores do Patu.

GERALDO SARAIVA DE MOURA, não foi encontrado o casamento, todavia na escritura de doação do terreno onde foi erguida a capela de N. Sª das Dores. Consta como homem solteiro.

ANTÔNIO DIAS DE CARVALHO, casado com Tereza Maria de Jesus, são os pais de: Bento José de Bessa Carvalho, casado com Marianna Moura (Alferes).

FELIPE BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Tranquilina de Moura, filha de Joaquim Bandeira de Moura e Anna Tereza de Moura, são os pais de: Bento Bandeira de Moura (Capitão), Leandro Bandeira de Moura Júnior – 1° Tabelião de Patu, Francisco Bandeira de Moura, Antônio Firmino Bandeira de Moura, Luzia Francisca Bandeira de Moura Joaquina Maria de Moura e Marianna Felismina de Moura.

JOSÉ SEVERINO DE MOURA (Capitão), casado com Maria Ignácia da Conceição, filha de João Saraiva de Moura e Rosa Felismina de Moura, são os pais de: Aderaldo José de Moura – 1° Professor de Patu, Galdino José de Moura, José Severino de Moura Júnior, Antônio José de Moura e Anna Francelina de Moura.

JOÃO SARAIVA DE MOURA, casado com Rosa Felismina de Moura, são os seus filhos: Antonia Maria da Conceição, Maria Ignácia da Conceição e Francisca Rosa de Moura (esposa de Godeiro).

JOAQUIM JOSÉ BANDEIRA DE MOURA, casado com Luzia Saraiva de Moura, são os pais de: Sebastião José de Moura, Felipe José Bandeira de Moura, Leandro José Bandeira de Moura, Antônio José

Bandeira de Moura, Marianna Joaquina de Moura e Antonia Luzia de Moura.

LEANDRO BANDEIRA DE MOURA (Capitão), casado com Marianna Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Landelino Bandeira de Moura, Levino Bandeira de Moura, Laurindo Bandeira de Moura, Laurentino Antônio Bandeira de Moura, Leobino Bandeira de Moura, Luduvino Bandeira de Moura, Francisca Luzia de Moura, Anna Joaquina de Moura, Luzia Joaquina de Moura, Josefa Catarina de Moura, Maria Thereza de Moura, Joaquina Luzia Bandeira de Moura e Catarina Maria Bandeira de Moura.

IGNÁCIO SARAIVA DE MOURA, casado com Maria José Bandeira de Moura, são os pais de: Joaquim Saraiva de Moura, Felipe Saraiva de Moura, José Saraiva de Moura, Antônio Felipe Bandeira de Moura, Germino Saraiva de Moura, Tranquilino Saraiva de Moura, Maximino Saraiva de Moura, Callecino Saraiva de Moura, Leandro Saraiva de Moura, Maria Maximina de Moura, Ana Catharina de Moura, Ignácia Saraiva de Moura e Mariana Felismina de Moura.

Observação: Desta somente Alexandre Saraiva de Moura aparece nos documentos encontrados em Patu. Era casado com Anna Maria do Sacramento, morador no sítio João Pereira.

LEANDRO SARAIVA DE MOURA, casado com Vicentina Felismina de Moura, ele filho de Ignácio Saraiva de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha de Joaquim Bandeira de Moura e Ana Thereza de Moura, são os pais de: Joaquim Saraiva de Moura, Antônio Felipe Saraiva de Moura, João Saraiva de Moura, Anna Thereza de Moura, Sebastião Saraiva de Moura, Francisco Saraiva de Moura e Maria Saraiva de Moura.

LANDELINO BANDEIRA DE MOURA, casado com Francelina Joaquina Bandeira de Moura, filho de Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquim Bandeira de Moura, são os pais de: Antônio Benigno Bandeira de Moura, Marianna Joaquina Bandeira de Moura (Neta). Casou-se aos 18 de novembro de 1856, e faleceu a 4 de julho de 1863.

CLEMENTINO JOSÉ DO NASCIMENTO, casado com Alexandrina Francelina de Moura, no dia 25 de novembro de 1856. Nada encontramos sobre a prole do casal.

MAXIMINO SARAIVA DE MOURA, casado com Anna Joaquina Bandeira de Moura, no dia 25 de novembro de 1856, ele filho de Ignácio de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha de Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquina de Moura, são os pais de: Victalina Joaquina de Moura, Antonia Joaquina de Moura e Maria Joaquina Bandeira de Moura.

ANTÔNIO FELIPE BANDEIRA DE MOURA, casado com Leandra Bandeira de Moura, ele filho de Ignácio Saraiva de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha de Joaquim Bandeira de Moura e Anna Thereza de Moura, são os pais de: Hermino Bandeira de Moura, Bellina Bandeira de Moura, Anna Josefa de Moura, Joaquina Luzia Saraiva de Moura, Maria Beatriz Bandeira de Moura, Antonia Bandeira de Moura e Marcelina Francisca Bandeira de Moura.

BENTO BANDEIRA DE MOURA, casado com Francisca Luzia de Moura, no dia 25 de novembro de 1856, criador, Capitão da Guarda Nacional, filho de Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Leandro Bandeira de Moura, Francisco Gabriel de Moura, Manoel Thomé de Moura, Marianna Bandeira de Moura e Maria Francisca de Moura.

JOÃO SARAIVA DE MOURA, casado com Anna Silvana de Moura, no dia 22 de outubro de 1857. Nada foi encontrado sobre a prole do casal.

ANTÔNIO JOAQUIM DA SILVA, casado com Francisca Rosa de Moura, ele da Freguesia de Caicó, não sabendo do nome de seus pais, ela filha de João Saraiva de Moura e Rosa Felismina de Moura, são os pais de: Cândida Maria da Conceição, Joaquim José da Silva (Joaquim Godeiro), Maria Joaquina de Moura, Moanoel Joaquim da Silva (Manoel Godeiro), Francisca Rosa de Moura (Chiquinha de Cândido), Pedro Antônio da Silva (Pedro Godeiro), Izabel Alexandrina de Moura, e Bevenuto Godeiro da Silva.

IZIDRO BANDEIRA DE MOURA, casado com Joaquina Bandeira de Moura, ele filho de José Bandeira de Moura, e Maria José Bandeira de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Alexandrino Bandeira de Moura, José

Maria Bandeira de Moura, João Izidro de Moura, Francisco Izidro de Moura, Marianna Izidro de Moura e Maria Joaquina de Moura. Em tempo: Izidro Bandeira de Moura, casou-se no dia 14 de fevereiro de 1859.

MANOEL SEVERIANO DE MOURA, casado com Felismina Joaquina de Moura, são os pais de: Lina Joaquina de Moura, Gabriel Severiano de Moura, Joaquim Severiano de Moura (faleceu solteiro) e Francisco Severiano de Moura.

CALLECINO SARAIVA DE MOURA, casado com Maria Thereza de Moura, no dia 13 de outubro de 1859, ele filho de Ignácio Saraiva de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Anna Thereza de Moura, Marianna Thereza de Moura, Maria Thereza de Moura Filha, Matilde Maria de Moura, João Calecino de Moura, Leandro Saraiva de Moura Sobrinho e Josefa Thereza de Moura.

RAIMUNDO BASILIO DE MOURA, casado com Leandra Maria de Moura, ele filho de Raimundo Nonato de Mello e Antonia Maria da Conceição, são os pais de: Otaviano Basilio de Moura, Antonia Maria de Moura, Raulino Gabriel de Moura, Guilhermina Maria da Conceição e Joaquina Maria da Conceição.

JOAQUIM FELÍCIO DE MOURA, casado com Francisca Justina da Conceição, ele filho de Raimundo Nonato de Mello e Antonia Maria da Conceição, ela filha de João Batista de Moraes e Francisca Justina da Encarnação, são os pais de: Francisco Felício de Moura, Francisco Leão de Moura, Maria Lúcia de Moura, Sebastiana Jesumira de Moura, João Nigeras de Moraes, Lourêncio Felício de Moura, José Jaime Felício de Moura, Joaquim Felício de Moura (Quincas Moura) e Boaventura Felício de Moura.

ANTÔNIO JOSÉ DE MOURA, casado com Maria Ignácia da Conceição. Nada encontramos sobre seus filhos.

GALDINO JOSÉ DE MOURA, casado com Anna Maria de Jesus em 6 de março de 1863, ele filho do Capitão José Severino de Moura e de Maria Ignácia da Conceição, ela filha de José Serino da Silva e Maria Joaquina de Mello. Nada encontramos sobre a prole do casal.

VICENTE LUCAS DE MOURA, casado com Jardilina Maria da Conceição, em 26 de novembro de 1863, ele filho de Raimundo Nonato de Mello e Antonia Francelina de Moura, ou Antonia Maria de Moura (1ª), ela filha de Felipe Benício de Moura e Ignácia Maria da Conceição. Nada

sabemos se houve filhos nem encontramos qualquer documento constando testamento que nos possibilitasse informar sobre seus ascendentes.

JOAQUIM FIDERALINO BANDEIRA DE MOURA, casado com Juvina Silvana de Moura, ele filho de José Felipe Bandeira de Moura e Anna Felícia de Moura, ela filha de Antônio Pereira da Costa Patolla e Antonia Silvana de Moura, são os pais de: Clea Silvana de Moura, Joaquina Silvana de Moura e Júlia Silvana de Moura.

ANTONIA FRANCELINA DE MOURA, aparece com três nomes: Antonia Maria da Conceição, Antonia de Moura e Antonia Francelina de Moura. Todos estes nomes, foram encontrados nos anais da paróquia e cartórios de Patu, pertencentes à esposa de Raimundo Nonato de Mello. Todavia, era comum, naquela época, a mesma pessoa usar mais de um nome, conforme constatamos nessas pesquisas realizadas durante a execução deste trabalho.

LEANDRO JOSÉ BANDEIRA DE MOURA, casado com Luiza Joaquina Bandeira de Moura, em 10 de janeiro de 1865, ele filho de Joaquim José Bandeira de Moura e Luiza Saraiva de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Bandeira de Moura, são os pais de: Maria Luiza de Moura, Marianna Luiza de Moura de Moura, Anna Luiza de Moura, Francisca Luiza de Moura e Manoel Leandro de Moura.

Leandro José Bandeira de Moura, professor, homeopata, escrivão e tabelião, público. Era homem moderado, gostava de ler diariamente, dialogava com qualquer pessoa, fosse adulta ou criança; conduzia seus familiares sempre para o bem; só prestava informações sobre as pessoas que o procuravam, quando estas (informações) não prejudicassem o elemento informado; promovia acordos entre amigos e familiares que precisassem de sua orientação, mas quando isso resultasse em benefício para todas as partes. Foi ele quem preparou e juntamente com seus irmãos assinou uma escritura pública de compra e venda de um sítio de terras de plantar, denominado "Serraria" sítio no município de Vitória – Pernambuco, passando-o de seu pai Joaquim José Bandeira de Moura, ao Sr. Ignácio de Queiroz, pagando uma letra do primeiro devido ao dito comprador. (Livro A-2, fls. 14 e seguintes), 1° Cartório, Patu-RN.

LEANDRO BANDEIRA DE MOURA JÚNIOR, casado com Mariana Thereza Bandeira de Moura, em 22 de julho de 1861, ele filho de Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, ela filha do

Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura. Não houve filhos do casal, não deixou testamento nem foi encontrado qualquer inventário. Foi o primeiro Tabelião do Distrito de Paz de Patu. Empreendedor, responsável prudente, capaz e pacato. Era também professor e orientador da família; e, sob sua orientação, conduzia todos a praticarem o bem. As situações difíceis eram por ele contornadas, de maneira hábil e sob um clima de pura compreensão distribuindo justiça e promovendo o bem-estar entre os familiares. Gostava de ouvir pacientemente as pessoas que o procuravam, emitindo seu parecer sobre os assuntos tratados. Segundo informações de pessoas, sua casa convertera-se num ambiente salutar, pois, apesar de não ter filhos, a convivência com a esposa era modelar, sendo por ela fielmente retribuído, fortalecendo assim os propósitos de bem-viver, indispensável a um lar feliz.

MODESTO SARAIVA DA CUNHA, casado com Maria José de Jesus, são os pais de: Abdias Saraiva Torres, Conrado Saraiva Torres, Maria Saraiva Torres, João Saraiva Torres, Elesbão Saraiva Torres, Silvestre Saraiva Torres, Paschoal Saraiva Torres e Rita Saraiva Torres.

HERMÍNIO BANDEIRA DE MOURA, casado com Josepha Catharina Bandeira de Moura, no dia 29 de julho de 1861, ele filho de Antônio Felipe Bandeira de Moura e Leandra Bandeira de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Josepha Bandeira de Moura, Gervázio Antônio de Moura e Antonia Cezerina de Moura.

LUIZ HONÓRIO BANDEIRA DE MOURA, casado com Luzia Francelina de Moura, ele filho de José Felipe Bandeira de Moura e Anna Felícia de Moura, ela filha de pais ignorados, pertencentes à família Francelino, do município de Martins (RN), são os pais de: Manoel Luiz de Moura, Joaquim Luiz de Moura, Anna Felícia de Moura e Maria Francelina de Moura.

LUIZ CRISTINO DE MELLO, casado com Cândida Maria da Conceição, no dia 29 de novembro de 1862, ele filho de Manoel Raimundo de Melo e Joaquina Maria de Jesus, ela filha de Antônio Joaquim (velho Godeiro) e Francisca Rosa de Moura. Nada foi encontrado nos arquivos, sobre os filhos do casal.

GERMINO SARAIVA DE MOURA, casado com Catharina Maria de Moura, em 23 de abril de 1863, ele filho de Ignácio Saraiva de Moura e

Maria José Bandeira de Moura, ela filha de Maria José Bandeira de Moura. Ninguém informou sobre seus descendentes, e nem foi encontrado nos arquivos consultados sobre a prole do casal.

ALEXANDRE SARAIVA DE MOURA, casado com Antonia Raimunda da Silva, em 27 de setembro de 1865, ele filho de Alexandre Saraiva de Moura e Anna Maria do Sacramento, ela filha de Antônio Raimundo da Silva e Anna Maria da Luz. Obs.: Nada foi encontrado nem informado sobre sua prole.

LAURINDO BANDEIRA DE MOURA, casado com Anna Luiza Bandeira de Moura, em 18 de outubro de 1865, ele filho do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura, ela filha de José Maria Bandeira de Moura e Maria José Bandeira de Moura, são os pais de: Antônio Laurindo Bandeira de Moura, João Laurindo Bandeira de Moura (Janeiro), Porfírio Laurindo Bandeira de Moura, Anna Laurinda Bandeira de Moura, Maria José Bandeira de Moura, Petronila Laurinda Bandeira de Moura, Manoel Laurindo Bandeira de Moura, Josepha Maria de Moura e Mariana Laurinda de Moura.

ANTÔNIO JOSÉ BANDEIRA DE MOURA, casado com Antonia Bandeira de Moura, em 10 de fevereiro de 1866, ele filho de Joaquim Bandeira de Moura e Luiza Saraiva de Moura, ela filha de Antônio Felipe Bandeira de Moura e Leandra Bandeira de Moura.

ANTÔNIO IGNÁCIO DE OLIVEIRA ou Antônio José de Oliveira, casado com Joaquina Maria da Conceição, em 6 de setembro de 1866, ele filho de Manoel Ignácio de Oliveira e Izabel Maria da Conceição, ela filha de Raimundo Basílio de Moura e Leandra Joaquina de Moura, são os pais de: Sebastião Ignácio de Oliveira, Manoel de Oliveira, Antônio Ignácio de Oliveira Filho, José Ignácio de Oliveira, Miguel Ignácio de Oliveira, Pedro Ignácio de Oliveira, Raimunda Ignácia de Oliveira, Herculano Ignácia de Oliveira, Herculana de Oliveira, Francisca Ignácia de Oliveira, Maria Ignácia de Oliveira e Joaquina Ignácia de Oliveira.

FRANCISCO SARAIVA DE MOURA, casado com Maria Francisca do Espírito Santo, em 10 de fevereiro de 1868, ele filho de Miguel dos Anjos Cavalcanti e Vicencia Maria da Conceição e ela de Manoel Batista da Silva e Teodória Maria da Conceição. Nada encontramos referente à prole do casal.

FRANCISCO CORIOLANO DE MOURA, casado com Antonia Maria de Jesus, em 15 de fevereiro de 1868, ele filho natural de Rita Maria

da Conceição, ela filha de Gonçalo José de Araújo e Gregoria Maria da Conceição. Nada foi encontrado sobre seus filhos.

JOSÉ MARIA BANDEIRA DE MOURA FILHO, casado em primeiras núpcias com Catharina Maria Bandeira de Moura, em 23 de junho de 1868, ele filho de José Maria de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Maria Catharina Bandeira de Moura.

JOSÉ MARIA DE MOURA FILHO, casado em segundas núpcias com Josepha Pereira da Silva, ela filha de Manoel Pereira da Rocha e Maria Delfino do Nascimento. Nas pesquisas realizadas, nada encontramos a respeito de sua prole.

CYRINO JOSÉ DA SILVA MENEZES, casado com Anna Luzia de Moura, em 16 de setembro de 1868, ele filho de José Cyrino da Silva e Maria Joaquina de Mello, ela filha de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Antonia Luzia de Mura, Maria Luzia de Moura, Henrique Cyrino de Menezes, Luzia Felismina de Moura, Joaquim Cyrino de Moura, Pedro Cyrino de Moura, Anna Luzia de Moura Filha e Francisca Luzia de Moura.

Cyrino José da Silva Menezes, professor, agricultor, escrivão de Paz e Oficial do Registro do Distrito de Paz de Patu/RN. Este último cargo exercido com todos os méritos até à morte, aos 49 anos de idade, cujo óbito foi registrado aos 19 dias do mês de fevereiro de 1891. Era natural da freguesia de Apodi/RN.

JOÃO SARAIVA DE MOURA, casado com Rosália Maria da Conceição, em 2 de novembro de 1868, ele filho de Alexandre Saraiva de Moura e Anna Maria do Sacramento, ela filha de Manoel Joaquim de Almeida e Joanna Maria da Conceição, são os pais de: Vicencia Rosalina de Almeida.

FELIPE JOSÉ BANDEIRA DE MOURA, casado com Joaquina Bandeira de Moura, em 26 de novembro de 1868, ele filho de Joaquim José Bandeira de Moura e Luzia Saraiva de Moura, ela filha de Antônio Bandeira de Moura e Leandra Bandeira de Moura, são os pais de: Luzia Francelina de Moura, Luiz Cyrino de Moura, Landelino Cyrino de Moura, Maria Thereza de Moura, Joaquim Cyrino de Moura, Anna Thereza de Moura Filha, João Damasceno de Moura (Jean Joca), Izidro Cyrino de Moura Filho (Izidrinho), Marianna Thereza de Moura, José Cyrino de Moura e Florêncio Cyrino de

Moura. Em segunda núpcias, com Antonia Cyrina de Moura, filha de Leônidas Bandeira de Moura e Anna Maria de Jesus (Anna Joaquina de Moura), são os pais de: Jardelina Cyrina de Moura, Idalina Cyrina de Moura, Maria Cyrina de Moura, Antônio Quintino de Moura, Cyrino José de Moura, José Leônidas de Moura, Victor Cyrino de Moura e Francisca Cyrina de Moura.

ANTÔNIO BELCHIOR BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Francisca de Moura, ele filho de José Maria Bandeira de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela filha de Sebastião Bandeira de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: José Belchior Bandeira de Moura, Anna Maria de Moura, Antônio Belchior Bandeira de Moura e Manoel Belchior Bandeira de Moura.

SEBASTIÃO JOSÉ BANDEIRA DE MOURA, casado com Bellina Bandeira de Moura, ele filho de Joaquim José Bandeira de Moura e Luzia Saraiva de Moura, ela filha de Antônio Felipe Bandeira e Leandra Bandeira de Moura, são os pais de: Anna Humbelina de Moura, Luzia Maria de Moura, Maria Luzia de Moura, Antônio Sebastião de Moura e Lúcia Bellina de Moura.

FRANCISCO ANTÔNIO BANDEIRA DE MOURA, casado com Sidalina Luzia de Moura, em 27 de novembro de 1869, ele filho de Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, ela filha de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Maria Bandeira de Moura e Felipe Bandeira de Moura Neto (Felipe Chico).

LEÔNIDAS BANDEIRA DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Anna Joaquina de Moura (ou Anna Maria de Jesus), em 15 de outubro de 1870, ele filho de Sebastião Bandeira de Moura e Maria Joaquina Bandeira de Moura, ela viúva por falecimento de Galdino José de Moura, filha de José Cyrino da Silva e Maria Joaquina de Mello, são os pais de: Francisco José de Moura, Antonia Cyrina de Moura, Maria Cyrino de Moura e João Sabino de Moura. Em segundas núpcias com Maria Thereza de Moura, filha de Francelino José de Almeida e Anna Francelina de Moura, são os pais de: Anna Thereza de Moura, João Leônidas de Moura, Sebastião Bandeira de Moura, Francisco Bandeira de Moura e Maria Thereza de Moura Filha.

MANOEL PEREIRA DA ROCHA, casado com Francisca Romana de Moura, aos 27 de junho de 1871, ele filho de Manoel Pereira da Rocha e

Maria Delfina do Nascimento, ela filha de José Leite de Amorim e Rosa Joaquina de Moura. Nada encontramos, nem nos foi informado sobre a prole do casal.

JUVÊNCIO HEMETÉRIO DE MOURA, casado com Guilhermina Joaquina de Moura ou Guilhermina Maria da Conceição, aos 19 de fevereiro de 1873, ele filho do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, ela filha de Raimundo Basílio de Moura e Leandra Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Guilhermina de Moura, Francelina Guilhermina de Moura, Romoaldo José de Moura, Ana Guilhermina de Moura, Auta Guilhermina de Moura, Antonia Guilhermina de Moura, Virgínia Guilhermina de Moura, Maria Theodoro de Moura, Miguel Hemetério de Moura, Petronilo Hemetério de Moura, Rafael Hemetério de Moura, José Hemetério de Moura, Jeremias Lázaro de Moura e Leandra de Moura Netta.

JUVIANO CYRINO DE MOURA, casado com Maria Ignácia (Joaquina) de Moura, aos 24 de janeiro de 1874, ele filho de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela filha de João Francisco da Silva, também conhecido por João Cyrino de Moura e Guilhermina Maria de Moura, são os pais de: Benedito Cyrino de Moura.

LUDUVINO BANDEIRA DE MOURA, casado com Joaquina Bandeira de Moura, aos 28 de janeiro de 1874, ele filho do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura, ela filha do Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, são os pais de: Joaquim Luduvino de Moura, Manoel Luduvino de Moura, José Luduvino de Moura, Mariana Joaquina de Moura, Josepha Joaquina de Moura, Maria Joaquina de Moura e Anna Maria de Moura.

ADELINO PEREIRA PONTES, casado com Rosa Maria da Conceição, em 2 de julho de 1874, ele filho de Antônio Pereira da Costa Patolla e Antonia Silvana de Moura, ela filha de José Cyrino da Silva e Maria Joaquina de Mello, são os pais de: Adelina Leonória de Moura, Joaquina Rosa de Moura, Antônio Pereira de Pontes, Justina Silva de Moura, Abdias Pereira de Pontes, Antonia Silvana de Moura e Carolina Rosa de Moura.

PRUDÊNCIO JOSÉ DE MOURA, casado com Francisca Luzia de Moura, ele filho de João Francisco da Silva Moura, também conhecido por João Cyrino de Moura e Guilhermina Maria de Moura, ela filha de Sebastião

Bandeira de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Sebastião Prudêncio de Moura, João Prudêncio de Moura, Maria Francisca de Moura, Joaquim Prudêncio de Moura, Cycero Prudêncio de Moura, Luzia Francisca de Moura, Raimundo Prudêncio de Moura ou Raimundo José de Moura e Anna Francisca de Moura.

FRANCISCO TELLES DE MENEZES, casado com Luzia Joaquina de Moura, no dia 28 de janeiro de 1874, ele de José Cyrino da Silva e Maria Joaquina de Mello, ela filha do Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura são os pais de: Maria Teles de Moura.

Francisco Telles de Menezes, viajou a Mossoró, em 1888, em busca de recursos para sua família, por motivo de uma grande seca que se abateu sobre o sertão, àquela época. Não mais voltou por ter falecido de um surto epidêmico que assolou Mossoró, deixando a viúva e a filha menor de 3 anos de idade.

ANTÔNIO PEREIRA DA COSTA PATOLLA, casado em primeiras núpcias com Ignácia Saraiva de Moura, seus pais desconhecidos, ela filha de Ignácio Saraiva de Moura e Maria José Bandeira de Moura, são os pais de: Marianna Ignácia de Moura. Em segundas núpcias com Antonia Silvana de Moura, são os pais de: Catharina Silvana de Moura, Adelino Pereira de Pontes e Juvina Silvana de Moura. Em terceiras núpcias com Anna Thereza de Moura, em 15 de setembro de 1875, ela filha de Leandro Saraiva de Moura e Vicentina Felismina de Moura. Anna faleceu aos 16 de julho de 1916, viúva, sem deixar filhos.

ANTÔNIO FELIPE SARAIVA DE MOURA, casado com Mariana Ignácia de Moura, aos 10 de agosto de outubro de 1876, ele, filho de Leandro Saraiva de Moura, e Vicentina Felismino de Moura, ela, filha de Antônio Pereira da Costa e Ignácia Saraiva de Moura, são os pais de: Antônio Felipe de Moura, Maria Ignácia de Moura, Abdias Felipe de Moura, Virgolino Felipe de Moura, Valdivino Felipe de Moura, Lydia Saraiva de Moura, Pedro Felipe de Moura e Joaquim Felipe de Moura.

LAURENTINO ANTÔNIO BANDEIRA DE MOURA, casado com Marianna Joaquina Bandeira de Moura Neta, aos 16 de julho de 1879, ele filho do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Marianna Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Landelino Bandeira de Moura e Francelina Joaquina Bandeira de Moura. Por ouvir dizer, sabemos que houve filhos do casal, mas não soubemos informar seus nomes.

ANTÔNIO BENIGNO BANDEIRA DE MOURA, casado com Joaquina Luzia de Moura, aos 13 de setembro de 1879, ele, filho de Landelino Bandeira de Moura e Francelina Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismino de Moura, são os pais de: Francelina Benigna de Moura, Landelino Benigno de Moura, Joaquim Antônio de Moura, Luzia Benigna de Moura, Ana Benigna de Moura, Marianna Benigna de Moura, Sebastião Benigno de Moura e Joaquina Benigna (ou Joaquina Luzia) de Moura.

JOAQUIM SARAIVA DE MOURA (Filho), casado com Francisca Bandeira de Moura, ou Luzia Joaquina, viúva por falecimento de Francisco Teles Menezes, ele filho de Leandro Saraiva de Moura e Vicentina Felismina de Moura, ela filha do Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, são os pais de: Felipe Saraiva de Moura, Antônio Saraiva de Moura e Vicentina de Moura.

JOSÉ MARIA BANDEIRA DE MOURA (Filho), casado em segundas núpcias com Josefa Pereira da Silva, aos 13 de setembro de 1880, ele, filho de José Maria Bandeira de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela, filha de Manoel Pereira da Rocha e Maria Delfina do Nascimento, são os pais de: Maria Bandeira Pereira de Moura.

IDALINO JOSÉ DE MOURA, casado com Luzia Joaquina de Moura, aos 10 de julho de 1881, ele, filho de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela, filha de Sebastião Bandeira de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Joaquina Luzia de Moura, Maria Luzia de Moura e Francisca Luzia de Moura.

Idalino José de Moura, emigrou para Monte Azul, São Paulo, e poucas notícias recebemos a seu respeito.

ANTERO BRASILIANO DE MOURA, casado com Antonia Maria de Moura, ou Antonia Alexandrina de Moura, aos 26 de novembro de 1881, ele, filho do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, ela, filha de Raimundo Basílio de Moura e Leandra Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Aurélia de Moura, Rachel Evarista de Moura e Edson Brasiliano de Moura.

JOSINO CYRINO DE MOURA, casado com Mariana Joaquina de Moura, aos 26 de novembro de 1881, ele, filho de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela filha de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Luzia Bandeira de Moura, são os pais de: Izidro Bandeira de

Moura (Neto), Maria Josina de Moura, Antônio Josino de Moura, Francisco Josino de Moura, Anna Josina de Moura, Manoel Josino de Moura, Luzia Felismina de Moura, Luiz Josino de Moura, José Josino de Moura, Francisca Joaquina de Moura, Petronila Joaquina de Moura, Joaquina Josina de Moura, Firmina Josina de Moura, Alexandrina Josina de Moura, Maria Josina de Moura e Joaquim Josino de Moura.

FELIPE JOSÉ SARAIVA, casado com Rosa Maria de Jesus, ele, filho de Rosa de Tal (filho natural), ela, filho de Maximino Lopes de Lima e Maria Gertrudes do Espírito Santo, são os pais de: João José Saraiva e Francisco José Saraiva.

PRUDÊNCIO JOSÉ DE MOURA, casado com Francisca Luzia de Moura, ele filho de João Francisco da Silva Moura (João Cyrino de Moura) e Guilhermina Maria de Moura, ela, filha de Sebastião Bandeira de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Sebastião Prudêncio de Moura, João Prudêncio de Moura, Maria Francisca de Moura, Joaquim Prudêncio de Moura, Cícero Prudêncio de Moura, Luzia Francisca de Moura e Raimundo Prudêncio de Moura (Raimundo José de Moura).

INOCÊNCIO CYRINO DE MOURA, casado com Antonia Luzia de Moura, ele, filho de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela, filha de Cyrino José da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Joaquim Cyrino de Moura, Anna Luzia de Moura, Miguel Cyrino de Moura, Maria Luzia de Moura Antônio Cyrino de Moura (Antônio Inocêncio).

MANOEL THOMÉ DE MOURA, casado com Anna Maria de Moura, ele, filho do Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela, filha de Luduvino Bandeira de Moura e Joaquina Maria de Moura, são os pais de: Bento Bandeira de Moura Neto, Maria Bandeira de Moura, Rosa Joaquina de Moura e Felipe Thomé de Moura.

JOÃO SARAIVA DE MOURA, casado com Marianna Joaquina Bandeira de Moura, ele, filho de Leandro Saraiva de Moura e Vicentina Felismina de Moura, ela, filha de Calecino Saraiva de Moura e Maria Thereza de Moura, são os pais de: Anna Joaquina de Moura e Josefa Joaquina de Moura.

ALEXANDRINO BANDEIRA DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Josepha Maria de Moura, ele, filho de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Luzia de Moura (ou Joaquina Luzia Bandeira de Moura).

ela filha de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia Bandeira de Moura, são os pais de: Antonia Maria de Moura (Caboclinha), Philomena Maria de Moura (Branquinha), João Alexandrino de Moura (João Bandeira de Moura) e Joaquina Luzia de Moura. Em segundas núpcias, com Anna Maria de Moura, filha de Luduvino Bandeira de Moura e Joaquina Maria de Moura, viúva de Manoel Thomé de Moura. Não deixou filho deste segundo matrimônio. Em terceiras núpcias, com Anna Luzia de Moura, filha de Cyrino José da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Maria Alexandrina de Moura, Therezinha Alexandrino de Moura e José Raimundo de Moura.

JOSÉ FRANCELINO DE ALMEIDA, casado com Sancha Francelina de Moura, ele, filho de Francisco José de Almeida e Anna Francelina de Moura, ele, filho de Francisco José de Almeida e Anna Francelina de Moura, são os pais de: Moysés Messias de Moura, Anna Joaquina de Moura, Maria Salomé de Moura, Jonas José de Moura, Ezequias Constantino de Moura, Philomena Josefina das Dores, Francelina Jesumira de Almeida, Margarida Maria de Moura, Antonia Odília de Almeida, Maria Alvina de Moura e Sancha Francelina de Almeida.

JOSÉ MARIA BANDEIRA DE MOURA (Zé de Cristo); casado em primeiras núpcias com Maria José Bandeira de Moura, ele, filho de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia Bandeira de Moura, são os pais de: Antônio Bandeira de Moura, Anna Maria do Nascimento, Maria Theodora de Moura, Sebastião José de Moura e Maria José de Moura. Em segundas núpcias com Maria Ignácia de Moura, filha de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Marianna Ignácia de Moura, são os pais de: Laura Maria de Moura, Maria José de Moura, Zózimo José de Moura e Eliseu José de Moura.

GERVÁSIO ANTÔNIO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Maria Saraiva de Moura, ele, filho de Hermino Bandeira de Moura e Josepha Catharina Bandeira de Moura, ela, filha de Leandro Saraiva de Moura e Vicentina Felismina de Moura, são os pais de: Francisca Saraiva de Moura, Miguel Gervasio de Moura, Maria Saraiva de Mura Filha e Joaquim Gervásio de Moura. Em segundas núpcias com Joaquina Maria da Silva, dos quais não houve filhos.

JOÃO FRANCELINO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Maria Joaquina de Moura, ele, filho de Francelino José de Almeida e

Anna Francelina de Moura, ela, filha de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Luzia Bandeira de Moura, são os pais de: Antônio Francelino de Moura, Francisco Francelino de Moura, José Francelino de Moura, Joaquim Francelino de Moura, Anna Francelino de Moura, Sebastião Francelino de Moura, Francisca Maria de Moura, Maria Joaquina Filha (gêmea com Manoel Francelino de Almeida). Em segundas núpcias com Joaquina Francelina de Moura, ou Joaquina Maria de Oliveira, filha de João Vicente Melquiades e Maria de Tal, são os pais de: Severino Xavier de Oliveira, Fabiano Francelino de Moura.

ANTÔNIO LAURINDO DE MOURA, casado com Maria Francisca de Moura, ele, filho de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia de Moura, ela, filha de Francisco Antônio Bandeira de Moura e Sydalina Luzia de Moura, são os pais de: Francisco Antônio de Assis, Francisco Antônio Neto, Manoel Laurindo de Moura, Maria Francisca de Moura, Luzia Maria de Moura (ou Luzia Maria Torres), Rita Maria de Moura e Domingos Laurindo de Moura.

JOÃO LAURINDO BANDEIRA DE MOURA, casado com Luzia Francelina de Moura, ele, filho de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia de Moura, ela, filha de Cyrino da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Anna Laurinda de Moura, Francisco Laurindo de Moura, Luzia Felismina de Moura, Joana Felismina de Moura, Severina de Moura, Ester Laurinda de Moura, Guilherme Laurindo de Moura, e Manoel Laurindo de Moura.

FELIPE BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Tellis de Moura, ele, filho de Francisco Antônio Bandeira de Moura e Sydalina Luzia de Moura, ela, filha de Francisco Tellis Menezes e Luzia Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Anna Tellis de Moura e José Bandeira de Moura.

JOSÉ LUDUVINO DE MOURA, casado com Francisca Luzia de Moura, ele, filho de Luduvino Bandeira de Moura e Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Leandro José de Moura e Luzia Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco José de Moura, Joaquim José de Moura, Manoel José de Moura, Maria Francisca de Moura, Emídio José de Moura e Helena Francisca de Moura.

MANOEL GODEIRO DA SILVA, também chamado Manoel Antônio da Silva, casado em primeiras núpcias com Lina Joaquina de Moura, ele, filho de Antônio Joaquim da Silva (Velho Godeiro) e Francisca Rosa de

Moura, ela, filha de Manoel Severiano de Moura e Felismina Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Lina da Silva, José Godeiro da Silva, Miguel Godeiro Primo, Antônio Godeiro da Silva, Joaquim Godeiro da Silva (Quinca Godeiro), Lucas Godeiro da Silva e Manoel Severiano de Moura (Manuquinha). Casado em segundas núpcias com Maria Cassiana de Moura que morreu de parto juntamente com o filho. Em terceira núpcias se casou com Maria das Neves Santana que teve uma filha: Maria das Neves Alves. Em quarta núpcias casou-se com Francisca Maria da Conceição, tiveram os seguintes filhos: Luzia Godeiro da Silva casada com Severino Sidrônio; e Rita Godeiro da Silva casada com Jonas Godeiro de Moura.

SEBASTIÃO BANDEIRA DE MOURA FILHO, casado com Maria Luzia de Moura; ele, filho de Sebastião Bandeira de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Joaquim Cyrino de Moura e Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Cícero Cyrino de Moura e Anna Thereza de Jesus.

TRANQUILINO SARAIVA DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Francisca Maria Pereira da Silva, ele, filho de Ignácio Saraiva de Moura e Maria José Bandeira de Moura, ela, filha de Manoel Pereira de Rocha e Maria Delfina do Nascimento. Não houve filhos do casal, deixando testamento aberto firmado pela esposa. Em segundas núpcias com Águida Jesumira de Morais, ela, filha de João Batista de Morais e Francisca Justina da Encarnação. Deste segundo matrimônio também não houve filhos, mas adotaram uma sobrinha, de nome Sebastiana Jesumira de Moura, também conhecida pela alcunha de Dona Neném.

ANTÔNIO IGNÁCIO DE OLIVEIRA FILHO, casado três vezes. Em primeiras núpcias, com Francelina Guilhermina de Moura, ele, filho de Antônio Ignácio de Oliveira e Joaquina Maria da Conceição, e ela, filha de Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Joaquina de Moura, são os pais de: João Ignácio de Oliveira, Antônio Antunes de Oliveira, Aristides Aurélio de Oliveira, Maria de Moura Sobrinha, Raimundo Nonato de Oliveira, Francisca Áurea de Moura e Cecília Francelina de Moura. Em Segundas Núpcias, casado com Rufina Gomes de Oliveira, filha de Antônio Gomes da Silva e são os pais de: Ambrósio Ignácio de Oliveira, José Ignácio de Oliveira, Paulo Ignácio de Oliveira, Alzira Gomes de Oliveira e Leonor Gomes de Oliveira. Em terceiras núpcias, com Maria Gomes de Oliveira, filha de Fausto Gomes da Silva e mãe não-identificada, são seus filhos:

Raimundo Gomes de Oliveira, Floro Gomes de Oliveira, Beatriz Gomes de Oliveira e Luzia Gomes de Oliveira.

MANOEL LAURINDO DE MOURA, casado com Marianna Luzia de Moura, ele, filho de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Maria de Moura, ela, filha de Leandro Bandeira de Moura e Luzia Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco Laurindo de Moura, José Laurindo de Moura e Luzia Laurinda de Moura.

JOÃO SABINO DE MOURA, casado com Antonia Cezarina de Moura, ele, filho de Leônidas Bandeira de Moura e Anna Maria de Jesus, ela, filha de Herminio Bandeira de Moura e Josepha Catharina Bandeira de Moura, são os pais de: Seledon Sabino de Moura, Manoel Sabino de Moura, José Sabino de Moura, Joaquim Sabino de Moura (Roseno) e Anna Antonia de Moura. Em segundas núpcias, com Francisca Saraiva de Moura, ela, filha de Gervásio Antônio de Moura e Maria Saraiva de Moura, são os pais de: Francisco Sabino de Moura, Francisco de Assis de Moura, Maria Francisca de Oliveira, Francisco Paulo de Moura e Sebastiana Francisca de Moura.

LUIZ CYRINO DE MOURA, casado com Anna Laurinda de Moura, ele, filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Teresa de Moura, ela, filha de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Gabriel Luiz de Moura, Manoel Izidro de Moura, Joanna Cyrina de Moura, João Luiz de Moura, Antônio Luiz de Moura, Afonso Luiz de Moura, Luzia Anna de Moura, Alexandrina Laurinda de Moura, Francisco Luiz de Moura, Francisca Anna de Moura, Fernando Luiz de Moura e Maria dos Anjos de Moura.

HENRIQUE CYRINO DE MOURA, casado com Maria Felismina de Moura, ele, filho de Cyrino José da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, ela, filha de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, são os pais de: Thomaz Cyrino de Menezes, Luzia Maria de Moura, Cyrino Henrique de Menezes, Elyzia Maria de Moura, Maria Dionizia de Moura, Esther Maria de Menezes; José Henrique de Menezes, Anna Maria de Moura, Izabel Maria de Menezes, Clotildes Maria de Menezes e João Henrique de Menezes.

PEDRO CASSIANO DE MATTOS, casado com Ignácia Maria da Conceição, de pais não identificados, ela, filha de João Cyrino de Moura e Guilhermina Maria da Conceição, são os pais de: Manoel Cassiano de Mattos, João Cassiano de Mattos.

MANOEL LUDUVINO DE MOURA, casado com Marianna Laurinda de Moura, ele, filho de Luduvino Bandeira de Moura e Joaquina Maria de Moura, ela, filha de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia Bandeira de Moura, São os pais de: Pedro Manoel de Moura, Anna Marianna de Moura, Francisca Mariana de Moura e José Luduvino de Moura.

ANTÔNIO FIRMINO BANDEIRA DE MOURA, casado com Marianna Francisca de Moura, ele, filho de Alferes Felipe Bandeira de Moura e Maria Tranquilina de Moura, ela, filha do Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, são os pais de: Bento Bandeira de Moura (ou Bento Antônio de Moura), Antônio Francisco de Moura e Francisco Antônio de Moura, Maria Firmina de Moura, Anna Firmina de Moura e Luzia Firmina de Moura.

ANTÔNIO SEBASTIÃO DE MOURA, casado com Anna Felícia de Moura, ele, filho de Sebastião José de Moura e Belina Bandeira de Moura, ela, filha de Luiz Honório Bandeira de Moura e Luzia Francelina de Moura, são os pais de: Luiz Antônio de Moura.

HERMILO BANDEIRA DE MOURA, casado com Anna Joaquina Bezerra, ele, filho de José Felipe Bandeira de Moura e Anna Felícia de Moura, ela filha de José Bezerra da Silva e Vicentina Maria da Conceição, são os pais de: Anna Joaquina Bezerra de Moura e Francisco Bandeira de Moura.

LEOBINO BANDEIRA DE MOURA, casado com Antonia Maria de Moura, ele, filho do Capitão Leandro Bandeira de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Maximino Saraiva de Moura e Anna Joaquina de Moura, são os pais de: Joaquim Bandeira de Moura, Marianna Antonia de Moura, Landelino Bandeira de Moura (Landelino Saraiva de Moura) e Luzia Joaquina de Moura.

MANOEL LUIZ DE MOURA, casado com Matilde Maria de Moura, ele, filho de Luiz Honório Bandeira de Moura e Luzia Francelina de Moura, ela, filha de Calecino Saraiva de Moura e Maria Thereza de Moura, são os pais de: Maria Saraiva de Moura, Francisca Saraiva de Moura, Maria Matilde de Moura e Marianna Verônica de Moura.

FRANCISCO SOLANO DE MOURA, casado com Maria Francelina de Moura, ele, filho do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, ela filha de Francisco José de Almeida e Anna

Francelina de Moura, são os pais de: Antônio Solano de Moura, Lourenço Leão de Moura, João Crisóstomo de Moura, Amélia Fausta da Trindade, Florentino Solano de Moura, Isabel de Almeida Moura, Francisco Solano Filho, Luzia Solano de Moura e Joaquim Solano de Moura. Os Solano é uma ramificação da família Moura.

OTAVIANO BASÍLIO DE MOURA, casado com Anna Severiana de Moura, ele, filho de Raimundo Basílio de Moura e Leandra Maria de Moura, ela, filha do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, são os pais de: Raimundo Basílio de Moura Neto, Zacarias Otaviano de Moura, Antônio Américo de Moura, João Otaviano de Moura, Maria Severiana de Moura, Francelina Etelvina de Moura, Clara Jovelina de Moura, Joaquina Maria de Moura, Filomena Severiana de Moura, André Avelino de Moura, Pedro Otaviano de Moura e Luiz Otaviano de Moura.

GABRIEL SEVERIANO DE MOURA, casado com Maria Joaquina de Moura, ele, filho de Manoel Severiano de Moura e Felismina Joaquina de Moura, ela filha de Antônio Joaquim da Silva (velho Godeiro) e Francisca Rosa de Moura, são os pais de: Joaquim Gabriel de Moura (primeiras núpcias). Em segundas núpcias, casado com Maria das Dores de Moura, são os pais de: Nelson Gabriel de Moura, Gabriel Severiano de Moura Filho, Celeste Moura e Dr.ª Lúcia Maria de Moura.

Obs.: não conseguimos saber da filiação de D. Maria das Dores de Moura, nem da área de formatura de Lúcia Maria de Moura, conforme diz o Sr. João Inácio de Oliveira, que nos prestou estas informações.

MANOEL JOÃO DE PAIVA, casado com Antonia Joaquina de Menezes, ele, filho de Pedro de Paiva, da mãe nada sabemos, ela, filha de José Cyrino da Silva e Maria Joaquina de Mello, são os pais de: Joaquim de Paiva Menezes, Sebastião Paiva de Menezes, José de Paiva Menezes, José de Paiva Menezes, Agostinha de Paiva Menezes e Luzia de Paiva Menezes.

JOAQUIM LUIZ DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Júlia Silvana de Moura, ele, filho de Luiz Honório Bandeira de Moura e Luzia Francelina de Moura, ela, filha de Joaquim Fideralino Bandeira de Moura e Juvina Bandeira, digo, Silvana de Moura, são os pais de: João Joaquim de Moura, Luzia Joaquina de Moura, Manoel Joaquim de Moura, Cândida Silvana de Moura, Petronila Silvana de Moura, Antônio Joaquim de Moura, João Batista de Moura e Antonia Silvana de Moura.

FRANCISCO IZIDRO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Maria Francisca de Moura, ele, filho de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Luzia Bandeira de Moura, ela, filha do Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, são os pais de: Francisca Luzia de Moura (filha), Joaquina Luzia de Moura e Luiz Francisco de Moura. Em segundas núpcias, com Anna Luzia de Moura, ela, filha de Leandro José Bandeira de Moura e Luzia Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Leandro José Bandeira de Moura (Segundo) e Luzia Joaquina Neta, ou Luzia Anna de Moura.

Francisco Izidro de Moura, homem extrovertido e bem-intencionado. Bom pai e bom amigo; era agricultor e comerciante ambulante, seu maior desejo era educar seus filhos num clima de honestidade absoluta, perseguindo esse objetivo com base nos bons princípios da prática do bem. Todavia teve seus planos frustados, por motivo de sua morte inesperada, durante uma viagem que empreendeu ao Ceará, juntamente com seus sócios, a fim de realizarem um negócio, quando, segundo informações destes, foi acometido de tifo, doença fatal que lhe ceifou a vida. Seus familiares receberam de volta somente a triste e desoladora notícia, deixando viúva a Sr.ª Anna Luzia de Moura (sua esposa em segundas núpcias), e, consequentemente, seus filhos na orfandade, ficando o mais velho dos homens com apenas 10 anos de idade, em 1908, o Sr. Luiz Francisco de Moura, pai deste colaborador.

FELIPE BANDEIRA DE MOURA, ou Felipe Bento de Moura, casado com Maria Luzia de Moura, ele, filho de Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela, filha de Leandro José Bandeira de Moura e Luzia Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: João Felipe de Moura, Luzia de Moura Neta, ou Luzia Maria de Moura Antônio Felipe de Moura, Elias Bandeira de Moura, Manoel Felipe de Moura, Mariana Joaquina de Moura, Francisco Felipe de Moura e Francisca Maria de Moura.

LEANDRO BANDEIRA DE MOURA, ou Leandro Bento de Moura, casado com Victalina Joaquina de Moura, ele, filho do Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela, filha de Maximino Saraiva de Moura e Anna Joaquina de Moura, são os pais de: Antônio Leandro de Moura, João Leandro de Moura, Pedro Leandro de Moura, Francisco Leandro de Moura, Anna Joaquina de Moura e Rita Joaquina de Moura.

FRANCISCO GABRIEL DE MOURA, ou Francisco Bento de Moura, casado com Maria Joaquina de Moura, ele, filho do Capitão Bento Bandeira de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela, filha de Maximino Saraiva de Moura e Antonia Joaquina de Moura, são os pais de: Antônio Alexandre de Moura, Manoel Gabriel de Moura, Enígio Bandeira de Moura.

FRANCISCO FELIPE DE MOURA, casado com Anna Humbelina de Moura, ele, filho de Felipe José Bandeira de Moura e Joaquina Bandeira de Moura, ela, filha de Sebastião José Bandeira de Moura e Bellina Bandeira de Moura, são os pais de: Antônio Francisco de Moura e Felipe Francisco de Moura.

ANTÔNIO CYRINO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Maria Francelina de Moura, ele, filho de João Francisco da Silva Moura e Guilhermina Maria de Moura, ela, filha de Luiz Honório Bandeira de Moura e Luzia Francelina de Moura, são os pais de: José Antônio Cyrino de Moura, Luzia Francelina Neta, Luiz Antônio de Moura, Francisco Cyrino de Moura, Maria da Paz de Moura, Joaquim Cyrino de Moura, Manoel Cyrino de Moura e Antônio Cyrino de Moura Filho. Em segundas núpcias, com Anna de Andrade Pereira, são os pais de: Expedito Moura de Andrade, José Moura de Andrade, Antonizete Moura de Andrade e Marizete Moura de Andrade.

RAULINO GABRIEL DE MOURA, casado com Monica Francelina de Moura, ele, filho de Raimundo Basílio de Moura e Leandra Joaquina ou Leandra Maria de Moura, ela, filha do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura, são os pais de: Luiz Franco de Moura e Silva, Honório Gabriel de Moura, Obdúlia Maria de Moura, Anna Jovelina de Moura e José Gabriel de Moura.

JOÃO BANDEIRA DE MOURA, casado com Luzia Maria de Moura, ele, filho de José Jácome de Araújo e Senhorinha Maria da Conceição, ela, filha de Sebastião Bandeira de Moura e Bellina Bandeira de Moura, são os pais de: Francisco Bandeira de Moura, Senhorinha Lúcia de Moura, Manoel Bandeira de Moura, Antônio Bandeira de Moura, José Bandeira de Moura, Luiz Bandeira de Moura, Aprício Bandeira de Moura, Anisia Bandeira de Moura e Maria Bandeira de Moura.

JESUÍNO BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Luzia de Moura, ele, filho de José Felipe Bandeira de Moura e Anna Felícia de

Moura, ela, filha de Sebastião José Bandeira de Moura e Bellina Bandeira de Moura, são os pais de: Manoel Jesuíno de Moura.

FRANCISCO SARAIVA DE MOURA, casado com Maria Luzia de Moura, ele, filho de Leandro Saraiva de Moura e de Vicentina Felismina de Moura, ela, filha de Cyrino José da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Leandro Saraiva de Moura.

JOÃO IZIDRO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias com Maria Josepha Bandeira de Moura, ele, filho de Izidro Bandeira de Moura e Joaquina Luzia Bandeira de Moura, ela, filha de Hermíno Bandeira de Moura e Josepha Catharina Bandeira de Moura, não houve filhos do casal. Em segundas núpcias, com Antonia Silvana de Moura, filha de Adelino Pereira Pontes e Rosa Maria da Conceição, são os pais de: Braz Cyrino de Moura, Francisca Rosa de Moura e Antônio Izidro de Moura.

João Izidro de Moura, homem moderado, inteligente, pensador, filósofo (empiricamente), ótimo pai de família e sincero amigo; era considerado o pai da nobreza (cognome consagrado pelos seus conterrâneos). Muito cuidadoso e precavido, chegando ao ponto de contratar professores para, lecionando em sua própria residência, atenderem as necessidades dos seus filhos e, bem assim, à demanda deste gênero aos demais vizinhos que desejassem estudar. O professor era mantido pelo contratante, inclusive com hospedaria na residência deste.

Agropecuarista bem-sucedido, conseguiu sua independência econômica honestamente, consoante à sua maneira de pensar e de agir, enfrentando corajosa e incansavelmente todos os obstáculos, sem perder o bom senso que lhe era peculiar; com o seu trabalho honesto e profícuo, adquiriu o patrimônio que ainda hoje existe em poder dos seus legítimos herdeiros.

Homem dotado de aguçado espírito público e humanitário, sempre encontrava uma saída para os impasses surgidos quando consultado e emitir parecer sobre cada caso "Conselheiro" e homeopata, atendia e "medicava" gratuitamente as pessoas carentes de recursos que o procuravam. Deixou uma prole digna de sua existência.

No campo político, chegou ser intendente (Vereador) de Patu, no tempo em que esta ainda era vila. No Judiciário, foi Juiz de Paz. Seu divertimento preferido era ouvir violeiros e sanfoneiros, chegando a trazê-lo para a sua residência.

MANOEL LEANDRO DE MOURA, casado com Petronila Laurinda de Moura, ele, filho de Leandro José Bandeira de Moura, e Luzia Joaquina de Moura, ela, filha de Laurindo Bandeira de Moura e Anna Luzia de Moura, são os pais de: Janúncio Manoel de Moura, Maria Petronila de Moura, Elpídio Manoel de Moura, João da Cruz de Moura, Aristídes Manoel de Moura, Glicério Manoel de Moura, Francisco Manoel de Moura e Luzia Petronila de Moura.

Manoel Leandro de Moura e Petronila Laurinda de Moura, por ocasião do casamento, parece haver combinado manter um relacionamento com base na consideração, afeto e respeito mútuo. Baseados nesse propósito, habituaram-se a viver um clima de total compreensão, comportamento esse que mantiveram até a sua posteridade, o exemplo de um casal feliz.

JOAQUIM CYRINO DE MENEZES, casado, em primeiras núpcias, com Luzia Benigna de Moura, ele, filho de Cyrino José da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, ela, filha de Antônio Benigno Bandeira de Moura e Joaquina Luzia de Moura, são os pais de: Antônio Benigno de Menezes, Maria Benigna de Menezes, José Benigno de Menezes, Lauro Benigno de Menezes, Laura Benigna de Menezes, Maria Benigna de Moura, Francisca Luzia de Moura, Severina Benigna dos Reis e Anacleto Benigno de Menezes. Em segundas núpcias, com Maria Júlia de Moura, filha de Joaquim Luiz de Moura e Júlia Silvana de Moura, são os pais de: João Cyrino de Moura.

ANTÔNIO SOLANO DE MOURA, casado com Leandra de Moura Neta, ele, filho de Francisco Solano de Moura e Maria Francelina de Moura, ela filha de Juvêncio Hemetério de Moura, ou Guilhermina Joaquina de Moura, são os pais de: Adauto Solano de Moura, Braz Solano de Moura, Sinval Solano de Moura, José Solano de Moura, Francisco Solano de Moura, Maria Solano de Moura, Ester Solano de Moura, Antonia Solano de Moura, Amélia Solano de Moura, Eulália Solano de Moura e Terezinha Solano de Moura.

JOÃO SOLANO DE MOURA, casado com Obdúlia Maria dos Anjos, ele, filho de Francisco Solano de Moura e Maria Francelina de Moura, ela, filha de Raulino Gabriel de Moura e Mônica Francelina de Moura, são os pais de: Carmélia Solano de Moura, Raimundo Solano de Moura, João Solano Filho, Mário Solano de Moura, Maria Zuila Solano de Andrade, Vicente Andrade Solano de Moura e Alvanir Solano de Moura.

FRANCISCO SOLANO FILHO, casado com Francisca Solano Soares, ele, filho de Francisco Solano de Moura e Francelina de Moura, ela, filha de Antônio Soares Silva e Maria Soares. Não houve filhos do casal.

LANDELINO BENIGNO DE MOURA, casado com Alexandrina Alzira de Oliveira, ele, filho de Antônio Benigno Bandeira de Moura e Joaquina Luzia de Moura, ela, filha de Alexandre José Fernandes e Rita Maria de Oliveira, são os pais de: Alexandre Benigno de Oliveira, Vicente Benigno de Moura, Sebastiana Benigna de Oliveira, José Benigno de Oliveira e Maria Benigna de Moura.

JOAQUIM IZIDRO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Anna Maria de Moura, ele, filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela, filha de Leônidas Bandeira de Moura e Maria Thereza de Moura, são os pais de: Joaquina Ana de Moura, Anna Thereza de Moura, João Belchior de Moura e Antônio Joaquim de Moura, em segundas núpcias, com Anna Thereza de Moura, ela, filha de Leônidas Bandeira de Moura e Maria Thereza de Moura, são os pais de: Maria Felismina de Moura, Josefa Anna de Moura e Francisco Joaquim de Moura.

LANDELINO CYRINO DE MOURA, casado com Maria Josina de Moura, ele, filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela, filha Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Izidro Cyrino de Moura Neto, Mariana Joaquina Neta, Anna Maria de Moura, José Landelino de Moura, Maria Margarida de Moura, Joaquina Maria de Moura, Francisca Maria de Moura, Adalgiza Maria de Moura e Júlia Maria de Moura.

JOAQUIM DE PAIVA MENEZES, casado com Maria do Carmo de Jesus, ele, filho de Manoel João de Paiva e Antonia Joaquina de Menezes, ela, filha de João de Paiva do Nascimento e Agostinha Augusta de Paiva, são os pais de: Antonia de Paiva Menezes, Luzia de Paiva Menezes, Manoel de Paiva Menezes, João Escolástico de Menezes e José de Paiva Menezes.

ANTÔNIO FRANCELINO DE MOURA, casado com Justina Silvana de Moura, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Adelino Pereira de Pontes e Rosa Maria da Conceição, são os pais de: Francisco Francelino de Almeida, Salvador Francelino de Moura, Maria Joaquina de Moura e Boaventura Francelino de Moura.

FRANCISCO FRANCELINO DE MOURA, casado com Luzia Joaquina de Moura, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Joaquim Luiz de Moura e Júlia Silvana de Moura, são os pais de: Victor Francelino de Moura, José Honorato de Moura, Joaquim Francelino Sobrinho, Júlia Francelino de Moura, Maria Luzia de Moura, Eurides Francelina de Moura, Francisca Francelina de Moura, João Francisco de Moura, Raimunda Francelina de Moura, Rita Francelina de Moura, Manoel Francelino de Moura, Terezinha Francelina de Moura, Severino Francelino de Moura, Maria Francelino de Moura e Izabel Francelino de Moura.

Francisco Francelino de Moura nasceu no sítio Boa Água, Município de Patu – RN, em 4 de fevereiro de 1887, e faleceu no dia 24 de setembro de 1969. Casou-se aos 25 anos de idade com Luzia Joaquina de Moura. Dessa união nasceram 19 filhos, criando apenas 14, cuja descendência já consta 139 netos e 126 bisnetos.

Desde cedo demonstrou ser uma criança frívola e segura, despertando muito jovem para a realidade da vida, enfrentando com entusiasmo todos os desafios que a vida lhe ofereceu. Tinha auto-espírito de caridade para com os pobres. Suas primeiras atividades foram na agricultura ajudando a seus pais. Exerceu com amor e perfeição todas as profissões, tornando-se um homem polivalente, trabalhando como costureiro, sapateiro, celeiro, pedreiro, carpinteiro, negociante, político etc. Por ser muito enérgico e perseverante nas suas atividades, tornou-se um Agropecuarista. Ficou conhecido na região pela sua firmeza de caráter e personalidade marcante. Com a experiência da vida aprendeu a ler e a escrever com 8 dias de aula. Era exímio conhecedor da Bíblia Sagrada, História do Brasil e de Lampião. Gostava de ler e contar romances. Tornou-se conselheiro e apaziguador das famílias amigas. Também era possuidor de grande psicologia inata, sendo o maior rastreador da região na sua época. Era uma pessoa alegre e gostava de dar festas e bailes às pessoas amigas em sua residência. Como era um homem entusiasmado pelos interesses de sua terra natal, fez parte ativa contra a rebelião comunista, fez parte do grupo de defesa do município. Despertando aí o desejo de lutar pela causa pública. Na política iniciou sendo cabo eleitoral de Joaquim Godeiro até a gestão de Dr. Aderson Dutra de Almeida, desaliando-se desse partido filiou-se a ARENA, chegando a ser Vice-prefeito, onde assumiu a 31 de março de 1963. Como Presidente da Câmara

Municipal de Patu, assinou os melhores projetos em benefício de sua terra natal.

JOSÉ FRANCELINO SOBRINHO, casado com Luzia Felismina de Moura, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Maria José de Moura, João Francelino Sobrinho, Francisca Luzia de Moura, Maria das Dores de Moura, Francisco Francelino Sobrinho, Maria do Socorro Moura, Antônio Francelino de Moura, José Francelino de Filho, Manoel Francelino de Moura e Maria da Salete Moura.

JOÃO FRANCELINO DE MOURA FILHO, casado com Petronila Joaquina de Moura, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Antônio João de Moura, Maria Petronila de Moura, Mariana Petronila de Moura de Moura, Francisca Petronila de Moura, Maria Margarida de Moura, João Francelino Filho (Advogado), Francisco João de Moura, Raimundo João de Moura.

JOAQUIM FRANCELINO DE MOURA, casado com Francisca Joaquina de Moura, ele filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco Francelino de Moura, Maria Francelina de Moura, José Carlos de Moura e Maria Salomé de Moura (Professora, formada em História).

SEBASTIÃO FRANCELINO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Maria Leonidas de Moura, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela, filha de Leonidas Bandeira de Moura, e Maria Thereza de Moura, são os pais de: Honor Francelino de Moura, José Francelino de Moura, Francisca Francelina de Moura, Pedro Francelino de Moura. Em segundas núpcias, com Francisca Martins de Moura, ela, filha de Samuel Martins de Sá, não se sabendo o nome da mãe, são seus filho: Lauro Martins de Moura, Leonardo Martins de Moura, Lucila Martins de Moura e Maria de Lourdes Martins de Moura.

LUIZ FRANCISCO DE MOURA, casado com Luzia Maria de Moura, ele, filho de Francisco Izidro de Moura e Maria Francisca de Moura, ela, filha de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, são os pais de: Felipe Francisco de Moura (Oficial do Exército), Francisco Luiz de Moura (Professor e cursando Teologia), Agostinho Luia de Moura

(Funcionário Civil do Ministério da Marinha), Maria Luzia de Moura, Sofia Luzia de Moura Lopes de Macedo e Gregório Luiz de Moura.

Luiz Francisco de Moura, ótimo pai, homem correto nas suas transações, dedicado ao trabalho de agricultura, trabalhar era a sua recreação preferida. Tinha o propósito de viver independente e nenhum vício ou hábito o dominava, a não ser de viver honestamente. Era caprichoso, e sua palavra seria cumprida a todo custo, até mesmo com sacrifício próprio, físico ou moral, e, desta maneira criou sua família.

LEANDRO BANDEIRA DE MOURA NETO, casado com Joaquina Mariana de Moura, ele, filho de Francisco Izidro de Moura e Anna Luzia de Moura, ela, filha de Profiro Laurindo de Moura e Marianna Joaquina de Moura, são os pais de: Elvira Joaquina de Moura e Francisco Izidro de Moura Neto.

IZIDRO BANDEIRA DE MOURA, casado com Anna Francelina de Moura, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, ela filha de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Antônio Olegário de Moura, Maria Anália de Moura, Francisco Izidro de Moura, João Francelino Neto, Mariana Joaquina de Moura, José Cyrino de Moura, Maria das Dores de Moura, João Izidro de Moura e Joaquim Izidro de Moura.

ANTÔNIO JOSINO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com, Anna Thereza de Jesus, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, ela, filha de Sebastião Bandeira de Moura Filho e Maria Luzia de Moura, são os pais de: Josino Antônio de Moura, José Antônio de Moura, Francisco Antônio de Moura, Sebastião Antônio de Moura, Raimundo Antônio de Moura e Maria Anna de Moura. Em Segundas núpcias, com Maria Tereza de Moura, são os pais de: Terezinha Maria de Moura, Rita Maria de Moura, João Antônio de Moura, Francisca Maria de Moura, Maria Thereza Filha e Francisco Antônio de Moura.

FRANCISCO JOSINO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Francisca Rosa de Moura, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Marianna Joaquina de Moura, ela, filha de João Izidro de Moura e Antonia Silvana de Moura, são os pais de: Francisco Josino de Moura, Maria Francisca de Moura, José Francisco de Moura, Maria Pequena de Moura, Júlia Francisca de Moura, João Francisco de Moura e Milton Josino de Moura. Em segundas núpcias, com Rosa Maria de Moura, filha de Abdias

Pereira de Pontes e Ana Luzia de Moura, são os pais de: Adonias Josino de Moura, Francisca Rosa de Moura e Aldenora Rosa de Moura.

MANOEL JOSINO DE MOURA, casado com Maria Joaquina de Moura, Filha, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, ela filha de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Mariana Joaquina de Moura, Josino Manoel de Moura, Maria Almeida de Moura, Júlia Almeida de Moura, Raimunda Almeida de Oliveira, João Manoel de Moura, Áurea Francelina de Almeida, Maria Helena de Moura e José Manoel de Moura.

LUIZ JOSINO DE MOURA, casado com Luzia Laurinda de Moura, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, ela, filha de Luiz Cyrino de Moura e Anna Laurinda de Moura, são os pais de: Francisco Luiz de Moura, Maria Luiza de Moura, Francisca Luzia de Moura, Maria Luiza de Moura, José Luiz de Moura, Antonia Luzia de Moura, Terezinha Luzia de Moura, Maria Salete de Moura, Luiz Josino de Moura.

JOSÉ JOSINO DE MOURA, casado com Sebastião Benigna de Oliveira, ele, filho de Josino Cyrino de Moura, e Mariana Joaquina de Moura, ela, filha de Landelino Benigno de Moura e Alexandrina Alzira de Oliveira, são os pais de: Wilson Josino de Oliveira, Edinar Benigno de Araújo, Ailton Josino de Moura, Aírton Josino de Moura, Armilton Josino de Oliveira, Dinorá Benigno de Carvalho, Diomar Benigno da Silva, Expedito Josino de Moura, Dalila Benigna de Oliveira e Hildo Josino de Moura.

JOAQUIM JOSINO DE MOURA, casado, em primeiras núpcias, com Alexandrina Laurinda de Moura, ele, filho de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, ela, filha de Luiz Cyrino de Moura e Anna Laurinda de Moura, são os pais de: Francisco Joaquim de Moura, e Anna Alexandrina de Moura. Em segundas núpcias, com Ester Laurinda de Moura, filha de João Laurindo Bandeira de Moura e Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Luzia Ester de Moura, Sebastiana Ester de Moura, Antônio Joaquim de Moura, José Joaquim de Moura, João Joaquim de Moura, Maria Zélia de Moura, Maria das Dores de Moura (Pedagoga – Supervisão), Ivo Josino Bandeira de Moura, Henderson Josino Bandeira (Médico), Hildefonso Josino de Moura.

JOSÉ CYRINO DE MOURA, casado com Joana Cyrina de Moura, ele, filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela, filha de

Luiz Cyrino de Moura e Anna Laurinda de Moura, são os pais de: Francisco Cyrino de Moura, Luiza Joanna de Moura, Luiz José de Moura, Maria Joana de Moura, Maria das Dores de Moura e Mário José de Moura.

GABRIEL LUIZ DE MOURA, casado com Alexandrina de Moura, ele, filho de Luiz Cyrino de Moura e Ana Laurinda de Moura, ela, filha de Josino Cyrino de Moura e Mariana Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco Gabriel de Moura, Maria Alexandrina de Moura Fontes, Maria das Neves de Moura, Maria de Lourdes de Moura, Maria Celina de Moura, José Gabriel de Moura e João Gabriel de Moura.

FLORENTINO SOLANO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com, Francisca Maria de Almeida, ele, filho de Francisco Solano de Moura Maria Francelina de Moura, ela, filha de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura. Não houve filhos do casal. Em segundas núpcias com Josefa Cândida de Oliveira, filha de Elizário Cândido e de Elizia Xavier, são os pais de: Francisco Solano de Oliveira, José Maria Solano de Oliveira, Antonia Solano de Moura, Elizia Maria de Moura, Eliziário Solano Neto e Maria de Fátima Solano de Oliveira.

MANOEL FRANCELINO DE ALMEIDA, casado com Mariana Joaquina Neta, ele, filho de João Francelino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela filha de Landelino Cyrino de Moura e Maria Josina de Moura, são os pais de: João Francelino de Almeida, José Francelino de Almeida, Antônio Francelino de Almeida, Esteves Francelino de Almeida, Maria de Lourdes Almeida, Tereza Neuma de Almeida, Maria Salete de Almeida (Assistente Social), Maria do Socorro Almeida e José Mariano de Almeida.

SELEDON HEMETÉRIO DE MOURA, casado com Maria Petronila de Moura, ele, filho de João Sabino de Moura e Antonia Cezária de Moura, ela filha de Manoel Leandro de Moura e Petronila Laurinda de Moura, são os pais de: Francisco Seledon de Moura, Severino Seledon de Moura, Frutuoso Sabino de Moura, Júlia Petronila de Moura, João Agripino de Moura, Terezinha Maria de Moura e Virgínia Maria de Moura.

ANDRÉ AVELINO DE MOURA, casado em primeiras núpcias, com Izabel de Almeida Moura, ele, filho de Otaviano Basílio de Moura e Anna Severina de Moura, ela filha de Francisco Solano de Moura e Maria Francelina de Moura, são os pais de: Francisco Otávio de Moura, Maria Anália das Mercês, Inês de Almeida Moura, Cecília de Almeida Moura, Raimundo Nonato de Moura (Professor), João Avelino de Moura (Militar da

Marinha). Em segundas núpcias, com Luzia Solano de Moura, não houve filhos deste matrimônio, mas adotaram uma sobrinha, Ana Andrade Moura.

PEDRO CYRINO DE MENEZES, casado com Carolina Rosa de Moura, ele, filho de Cyrino da Silva Menezes e Anna Luzia de Moura, ela filha de Adelino Pereira Pontes e Rosa Maria da Conceição, são os pais de: Maria Rosa de Moura, José Cyrino de Menezes, José Cyrino de Moura, Margarida Rosa de Moura, Francisca Rosa de Moura e Francisca Lídia de Moura.

PETRONILO HEMETÉRIO DE MOURA, casado com Jovelina Ernestina da Silva, ele, filho de Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria de Moura, ela filha de Ernesto Ferreira de Azevedo e Maria Francisca das Chagas, são os pais de: Francisco Petronilo de Moura, Valmir Petronilo de Moura, Noêmia Naume Solano, Sebastião Petronilo de Moura, Juvêncio Hemetério Neto, Manoel Petronilo de Moura, Joaquim Hemetério de Moura e Petronilo Hemetério Filho.

ROMOALDO JOSÉ DE MOURA, casado com Obdúlia Dantas de Noronha, ele, filho de Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria de Moura, ela filha de Benevenuto Godeiro da Silva e Alvina Dantas de Noronhas, são os pais de: Rita Dantas Pereira.

MIGUEL HEMETÉRIO DE MOURA, casado com Amélia Fausta da Trindade, ele, filho de Juvêncio Hemetério de Moura, e Guilhermina Maria de Moura, ela filha de Francisco Solano de Moura e Maria Francelina de Moura. Não houve filhos do casal, mas criaram um sobrinho, Mário Solano de Moura.

JOÃO DAMASCENO DE MOURA, (Jean Joca), casado com Ana Josina de Moura, ele, filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela filha de Josino Cyrino de Moura e Marianna Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco Damasceno de Moura, Manoel Damasceno de Moura, Pedro Damasceno de Moura, Maria Jovelina de Moura e Luzia Anna de Moura.

ANTÔNIO LUIZ DE MOURA, casado com Elizia Maria de Moura, ele, filho de Luiz Cyrino de Moura e Anna Laurinda de Moura, ela, filha de Henrique Cyrino de Moura e Maria Felismina de Moura, são os pais de: Francisco Luiz de Moura, João Luiz Sobrinho, Francisco Antônio de Moura, Rita Elizia de Moura, Paulo Antônio de Moura, Raimundo Antônio de Moura, Manoel Antônio de Moura e Anna Elízia de Moura.

JOÃO LUIZ DE MOURA, casado com Maria Josina de Moura, ele filho de Luiz Cyrino de Moura e Anna Laurinda de Moura, ela filha de Josino Cyrino de Moura e Marianna Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco João de Moura, Antônio Josino Sobrinho, Joaquim Josino Sobrinho, Maria Josina de Moura (filha), João Luiz de Moura Filho, Maria Josina de Moura, José João de Moura, Ana Maria de Moura e Terezinha Maria de Moura.

FRANCISCO LAURINDO DE MOURA, casado com Francisca Laurinda de Moura, ele filho de João Laurindo Bandeira de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela Filha de Luiz Cyrino de Moura e Ana Laurinda de Moura, são os pais de: José Laurindo de Moura, Regina Francisca de Moura, Antônio Laurindo de Moura, Francisco Laurindo Filho, Maria Laurinda de Moura, Cícero Laurindo de Moura, João Laurindo de Moura, Marieta Laurinda de Moura, Luiz Laurindo de Moura, Venceslau Quirino de Moura, Luzia Laurinda de Moura e Felício Laurindo de Moura.

ANTÔNIO FELIPE DE MOURA, casado com Anna Tereza de Moura, ele, filho de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Marianna Ignácia de Moura, ela filha de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, são os pais de: Maria Ana de Moura, Antonia Ana de Moura, Francisca Ana de Moura, Izidro Felipe de Moura e Agostinha Ana de Moura.

ABDIAS FELIPE DE MOURA, casado com Luzia Francelina de Moura, ele filho de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Mariana Ignácia de Moura, são os pais de: Pedro Abdias de Moura, José Abdias de Moura, Miguel Abdias de Moura, Maria Francelina de Moura e Rita Francelina de Moura.

VIRGOLINO FELIPE DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Josefa Joaquina de Moura, ele filho de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Marianna Ignácia de Moura, ela filha de João Saraiva de Moura e Mariana Joaquina Bandeira de Moura, são os pais de: Maria Josefa de Moura e Lídia Josefa de Moura. Em segundas núpcias, com Ana Maria de Moura, viúva por falecimento de Antônio Firmino de Moura Filho, filha de Manoel Belchior de Moura e Maria Belchior de Moura, são os pais de: Maria Ana de Moura e João Virgolino de Moura.

VALDIVINO FELIPE DE MOURA, casado com Rita Rosalina de Medeiros, ele filho de Antônio Felipe Saraiva de Mura e Maria Ignácia de Moura, ela filha de Joaquim Ventura de Medeiros e Guilhermina da

Conceição, são os pais de: Antônio Valdivino de Moura, Maria Rosalina de Medeiros e Júlia Rosalina de Moura.

PEDRO FELIPE DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Maria da Paz de Moura, ele, filho de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Marianna Ignácia de Moura, ela filha de Antônio Cyrino de Moura e Maria Francelina de Moura, são os pais de: Vicente Felipe de Moura, Antônio Felipe de Moura, Luiz Felipe de Moura e Maria Francelina de Moura. Em segundas núpcias, com Ana Pereira de Moura, viúva por falecimento de Antônio Cyrino de Moura e filha de José Constantino de Andrade e Francisca Pereira de Andrade, são os pais de: Marizonete Moura de Andrade, Francisco Felipe de Moura, Raimundo Moura de Andrade, João Pereira de Moura e Marilene de Andrade Moura.

LUIZ ANTÔNIO CYRINO DE MOURA, casado com Francisca Matilde de Moura, ele, filho de Antônio Cyrino de Moura e Maria Francelina de Moura, ela filha Manoel Luiz de Moura e Matilde Maria de Moura, são os pais de: Severino Luiz de Moura, Manoel Luiz de Moura e Maria Francisca de Moura.

JOÃO FELIPE DE MOURA, casado com Ana Laurinda de Moura, ele filho de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Mura, ela filha de João Laurindo de Moura e Luzia Felismina de Moura, são os pais de: Maria Ana de Moura, Felipe de Moura, Antônio João de Moura, Luzia Ana de Moura e Francisco João de Moura.

ELIAS BANDEIRA DE MOURA, casado com Mariana Victalina de Moura, ele filho de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, ela filha de Leandro Bandeira de Moura e Victalina de Moura, são os pais de: Maria Moura e Margarida Moura.

ANTÔNIO FELIPE DE MOURA, casado com Luzia Laurinda de Moura, ele filho de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, ela filha de Manoel Laurindo de Moura e Mariana Luzia de Moura, são os pais de: Olegária Luzia de Moura e Mariana Luzia de Moura.

MANOEL FELIPE DE MOURA, casado com Luzia Ana de Moura, ele filho de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, ela filha de Francisco Izidro de Moura e Ana Luzia de Moura, são os pais de: Epifânio Manoel de Moura, José Felipe de Moura, Anita Luzia de Moura, Lucinda Luzia de Moura, Adauto Manoel de Moura e Maria Luzia de Moura.

FRANCISCO FELIPE DE MOURA, casado com Luzia Petronila de Moura, ele filho de Felipe Bandeira de Moura, e Maria Luzia de Moura, ela filha de Manoel Leandro de Moura e Petronila Laurinda de Moura, são os pais de: Petronila Luzia de Moura, Felipe Francisco de Moura, José Francisco de Moura e Francisca Luzia de Medeiros.

JANÚNCIO MANOEL DE MOURA, casado com Mariana Joaquina de Moura, Marianna Luzia de Moura, ele filho de Manoel Leandro de Moura e Petronila Laurinda de Moura, ela filha de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, são os pais de: José Janúncio de Moura (Ministro Eucarístico), Maria Luzia de Moura, Paulina Mariana de Moura, João Janúncio de Moura (Pastor Protestante), Eugênio Janúncio de Moura e Rita Mariana de Moura.

JOÃO JOAQUIM DE MOURA, casado com Francisca Maria de Moura, ele filho de Joaquim Luduvino de Moura e Ana Victalina de Moura, ela filha de Felipe Bandeira de Moura e Maria Luzia de Moura, são os pais de: Maria Francisca de Moura.

AFONSO LUIZ DE MOURA, casado com Maria Jovelina de Moura, ele filho de Luiz Quirino de Moura e Ana Laurinda de Moura, ela filha de João Damasceno de Moura e Ana Josina de Moura, são os pais de: Maria Afonso de Moura, Francisca de Moura, Ana Afonso de Moura, Maria de Lourdes Moura e José Antônio de Moura.

IZIDRO CYRINO DE MOURA FILHO, casado com Maria Antonia de Menezes, ele filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela filha de Inocêncio Cyrino de Moura e Antonia Inocência de Menezes, são os pais de: Maria Antonia de Menezes Filha, Joaquim Izidro de Moura, Inocência Izidro de Moura, Maria das Mercês de Moura, Manoel Izidro de Moura, Francisco Izidro de Moura, José Izidro de Moura, Antônio Izidro de Moura e Gregório Izidro de Moura.

FLORÊNCIO CYRINO DE MOURA, casado com Joaquina Josina de Moura, ele filho de Izidro Cyrino de Moura e Anna Thereza de Moura, ela filha de Josino Cyrino de Moura e Marianna Joaquina de Moura. Não houve filhos do casal, mas adotaram uma sobrinha: Ana Alexandrina de Moura.

JOÃO LEÔNIDAS DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Idalina Cyrina de Moura, ele filho de Leônidas Bandeira de Moura e Maria Thereza de Moura, ela filha de Izidro Cyrino de Moura e Antonia Cyrino de Moura, são os pais de: José Leônidas de Moura, Sebastião Bandeira de

Moura, Severino Leônidas de Moura, Maria Idalina de Moura e Antônio Leônidas de Moura. Em segundas núpcias, com Joaquina Josina de Moura, viúva por falecimento de Florêncio Cyrino de Moura, filha de Josino Cyrino de Moura e Marianna Joaquina de Moura, dos quais não houve filhos.

SEBASTIÃO PRUDÊNCIO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Ana Maria do Nascimento, ele filho de Prudêncio José de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela filha de José Maria Bandeira de Moura e Maria José Bandeira de Moura, são os pais de: Izidro Sebastião de Moura. Em segundas núpcias com Francisca Joaquina de Moura, ela filha de Francisco Izidro de Moura e Maria Francisca de Moura, são os pais de: Vicente Venceslau de Moura, Maria Magdalena de Moura, Francisco Paulino de Moura, Jorge Demétrio de Moura, João Silverio de Moura, Margarida Francisca de Moura e Cícero Leonardo de Moura.

RAIMUNDO PRUDÊNCIO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Maria Theodora de Moura, ele filho de Prudêncio José de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela filha de José Maria Bandeira de Moura e Maria José Bandeira de Moura, são os pais de: Hermenegildo Raimundo de Moura, Júlia Maria de Moura e José Raimundo de Moura. Em segundas núpcias com Mariana Victalina de Moura, ela viúva por falecimento de Elias Bandeira de Moura, filha de Leandro Bandeira de Moura e Victalina Joaquina de Moura. Não houve filhos deste matrimônio.

JOAQUIM LUDUVINO DE MOURA, casado com Ana Victalina de Moura, ele filho de Luduvino Bandeira de Moura e Joaquina Bandeira de Moura, ela filha de Leandro Bandeira de Moura e Victalina Joaquina de Moura, são os pais de: João Joaquim de Moura, Salvador Joaquim de Moura, Júlia Ana de Moura e Crispim Luduvino de Moura.

JOAQUIM SOLANO DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Ana de Andrade Moura, ele filho de Francisco Solano de Moura e Maria Francelina de Moura, ela filha de Coriolando Alves de Andrade e Cristina de Andrade Silva, são os pais de: Maria Solano de Andrade Cyrino, Terezinha Solano de Andrade Felipe e Ana Andrade Moura, e em segundas núpcias, com Maria de Lourdes Freire Solano, filha de Francisco Freire Carvalho de Maria Martins Freire de Carvalho, são os pais de: Maria Solano Freire, Francisco Freire Solano, Joaquim Freire Solano, João Freire Solano e Judite Freire Solano Costa.

BRAZ CYRINO DE MOURA, casado em primeiras núpcias, com Maria Benigna de Moura, ele filho de João Izidro de Moura e Antonia Silva de Moura, ela filha de Landelino Benigno de Moura e Alexandrina Alzira de Oliveira, são os pais de: Maria Edite de Moura Menezes, Edmilson Benigno de Moura, Edmundo Benigno de Moura, Rita Benigna de Moura (formada em Pedagogia), Ednardo Benigno de Moura (formado em Medicina). Em segundas núpcias, com Maria Luzia de Moura, filha de Luiz Francisco de Moura e Luzia Maria de Moura, são os pais de: Ivo Cyrino de Moura (universitário, cursando Geografia), Ivone Maria de Moura, Ivan Cyrino de Moura, Paulo Ivécio Cyrino de Moura, Ivonice Maria de Moura, Ivoneide Maria de Moura, Ivonilde Maria de Moura, Paulo Ivaci Cyrino de Moura, Ivanusia Maria de Moura, Iverlucia Maria de Moura e Paulo Ivaédson Cyrino de Moura.

Braz Cyrino de Moura, homem inteligente, honesto e excelente amigo. Tudo o que fazia era precedido de planejamento. Organizado e precavido, vivia independente e prevenido para o imprevisto. De suas atitudes firmes e corretas, depreendia-se a boa formação de seu caráter. Sua presença era sempre útil a todos os familiares devido ao seu constante bom humor que, entre outras virtudes, inspirava bem-estar e confiança aos que com ele tratavam. Dotado de grande tino administrativo, revelou-se também um bom educador e chefe de família de elevado padrão, tendo-se como exemplo marcante o entrosamento entre duas famílias constituídas por elementos de idades diferentes, como se não houvesse enviuvado e adquirido um novo cônjuge com idade bem próxima à dos primeiros filhos vindos do primeiro matrimônio, mantendo assim um clima de compreensão e bem-estar durante todo o período de sua existência conjugal. Seu maior desejo seria o de bem educar seus filhos, para o que nunca lhe faltou recursos e total interesse, mas faleceu ainda moço, vítima de doença incurável, motivo por que não seu trabalho de grande expressão social e humana, que seria formar todos os seus filhos que quisessem se dedicar esse fim.

Sua casa era lugar agradável e salutar porque nela reinava a paz e a tranqüilidade, durante todos dois períodos de sua vida conjugal. Sua palavra convincente, era sempre necessária e indispensável nos momentos difíceis, seja aos familiares e também aos estranhos que o procuravam.

JOÃO IZIDRO DE MOURA NETO, casado com Maria Magdalena de Moura, ele filho de João Izidro de Moura e Antonia Silvana de Moura, ela

filha de Sebastião Prudêncio de Moura e Francisca Joaquina de Moura, são os pais de: Rita Maria de Moura, Antônio Izidro de Moura, Aldo Izidro de Moura, Ademar Izidro de Moura, Maria de Fátima Moura, Maria Gorete de Moura e Maria das Graças de Moura.

IZIDRO MOURA, casado com Adalgiza Maria de Moura, ele filho de João Izidro de Moura e Antonia Silvana de Moura, ela filha de Landelino Cyrino de Moura, e Maria Josina de Moura, são os pais de: Maria Suzete de Moura (universitária Professora), Maria Cacilda de Moura (universitária Professora), João Ismar de Moura (Farmacêutico Bioquímico), Tarcísio Moura (Professor), Maria Elizabete de Moura e Maria Lúcia de Moura (universitária e Professora).

VICENTE BENIGNO DE MOURA, casado com Maria Rosa de Moura, ele filho de Landelino Benigno de Moura e Alexandrina Alzira de Oliveira, ela filha de João Izidro de Moura e Antonia Silvana de Moura, são os pais de: Eurenice Benigno de Moura (Professora), Eláidio Benigno de Moura, Edval Benigno de Moura, Eudézia Benigna de Moura (Professora), Edilson Benigno de Moura, Elita Benigna de Moura, Edeládio Benigno de Moura, Evilásio Benigno de Moura e Maria Gorete de Moura (formada em Pedagogia).

ANTÔNIO IZIDRO DE MOURA, casado com Eurides Francelina de Moura, ele filho de João Izidro de Moura e Antonia Silvana de Moura, ela filha de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Vilani de Moura, Valda Francelino de Moura, Valdeci Francelino de Moura, Vanda Francelino de Moura, Vilma Francelino de Moura, Tarcísio Moura Primo, Verônica Francelina de Moura, Veralúcia Francelino de Moura, Vânia Maria das Dores, Vandelza Francelino de Moura, Francisco Tércio de Moura e José Tanio de Moura.

FRANCISCO ANTÔNIO NETO, casado com Ana Teles de Moura, ele filho de Antônio Bandeira de Moura e Maria Francisca de Moura ou Maria Bandeira de Moura, ela filha de Felipe Bandeira de Moura e Maria Telles de Moura, são os pais de: Damásio Francisco de Moura (Técnico em Comércio), Cícero Bandeira de Moura, Felipe Bandeira de Moura (bancário); Maria Tellis de Moura (funcionária do Ministério da Saúde), Pedro Bandeira de Moura (Advogado e Professor).

PASCHOAL SARAIVA TORRES, casado com Luzia Maria Torres, ele filho de Modesto Saraiva da Cunha e Maria José de Jesus, ela filha de

Antônio Laurindo de Moura e Maria Francisca de Moura e Maria Bandeira de Moura, são os pais de: João Domiciano Torres, Manoel Paschoal Torres, Júlio Saraiva Torres, Antonia Saraiva Torres e Maria Saraiva Torres.

JOAQUIM SARAIVA DE MOURA, casado com Adelina Leonória de Moura, ele filho de Leandro Saraiva de Moura e Vicentina Felismina de Moura, ele filha de Adelino Pereira de Pontes e Rosa Maria da Conceição, são os pais de: Domingos Saraiva de Moura, João Saraiva de Moura, Maria Saraiva de Moura e Patrocina Saraiva de Moura.

MANOEL PASCHOAL TORRES, casado com Gilseia Barreto Torres, ele filho de Paschoal Saraiva Torres e Luzia Maria Torres, ela filha de Eduardo Barretto e Orandina Borges Barretto, são os pais de: Inamar Torres (Médico), Jader Torres (Engenheiro Civil), Gilson Torres e Eduardo Paschoal Torres. Observação: 1 – Gilseia Barreto Torres, é formada em Odontologia. 2 – O nome é mesmo Barretto; não confundir com Barreto.

FERNANDO LUIZ DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Josefa Ana de Moura, ele filho de Luiz Cyrino de Moura e Ana Laurinda de Moura, ela filha de Joaquim Cyrino de Moura e Ana Tereza de Moura, são os pais de: José Fernandes de Moura, Antônio Fernandes de Moura, Joaquim Fernandes de Moura, Luiz Fernandes de Moura, Francisco Fernandes de Moura, Ana Josefa de Moura, Maria Josefa de Moura e Terezinha Josefa de Moura. Em segundas núpcias com Júlia Maria de moura, filha de Seledon Hemetério de Moura e Maria Petronila de Moura, são os pais de: José Nilton de Moura, João Fernandes de Moura, Francisco de Assis Moura, Gilberto Fernandes de Moura, Gilvan Fernandes de Moura, Creuza Moura, Neuza Moura e Neuma Moura.

ARISTIDES INÁCIO DE OLIVEIRA, nasceu em Patu no dia 25 de agosto de 1904, era filho de Antônio Inácio de Oliveira Fernandes e Francelina Guilhermina de Moura, eram seus avós paternos: Antônio Inácio e Joaquina Maria da Conceição – maternos: Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria de Moura, casou-se pela primeira vez com Maria Adelaide de Oliveira, só houve um filho, Raimundo Inácio de Oliveira e pela segunda vez com Dª Elvira Garcia de Oliveira, do consórcio houve cinco filhos: Abrailde Garcia de Oliveira, Maria do Céu Garcia de Oliveira, Pedro Garcia de Oliveira (falecido), Francisco das Chagas Oliveira e Álvares Garcia de Oliveira, este último foi assassinado pela polícia. Profissões: foi Fiscal da Prefeitura local (cobrado os impostos nas feiras), na gestão do

Prefeito Ascendino de Almeida. Em 10-10-1944, foi nomeado Oficial de Justiça, desta Comarca pelo Juiz Municipal de Caraúbas, Dr. José Deusdith Mendes, tendo sido o primeiro oficial desta cidade, conforme título de nomeação. Exerceu com zelo, dedicação e amor o cargo de justiça, gozava de grande prestígio dos Magistrados que serviam nesta Comarca. Era um entusiasta do trabalho da justiça. Nos dias das reuniões do Tribunal do Júri, ele vestia a sua toga preta, pegava a sineta e saía anunciando pelas ruas: "Está aberta a sessão do Tribunal do Júri, réu fulano de tal, Conselho tal e Juiz tal, Promotor sicrano...", isto bradando em voz alta. Em 1960 ele aposentou-se, deixando uma lacuna no Judiciário, faleceu em 23 de junho de 1970, deixando saudades aos seus familiares e amigos.

JOÃO INÁCIO DE OLIVEIRA, nasceu em Patu, a 1° de janeiro de 1898, filho de Antônio Inácio de Oliveira e Francelina Guilhermina de Moura, são seus avós paternos: Antônio Inácio de Oliveira e Joaquina Maria da Conceição – maternos: Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria de Moura, casou-se em 10-5-1927, com Luzia Godeiro da Silva, sendo ela filha de Pedro Godeiro da Silva e Luzia de Moura, do matrimônio houve os seguintes filhos: Francisco Assis Oliveira, Maria Luzia de Moura, Maria Vilani de Oliveira, Raimundo Nonato de Oliveira e Lúcia Brígida de Oliveira.

João Inácio de Oliveira ajudou na defesa da cidade com Lampeão no ano de 1927. No dia do seu casamento pegou com os companheiros nas armas para repelir o cangaço, Massilon que vinha atacar Patu. Profissões: Agricultor, Fiscal da Prefeitura local, nomeado pelo Intendente Tirbutino Lira de Oliveira, em 1922, exerceu o cargo até 1952, foi Secretário desta Prefeitura por incrível que pareça não foi aposentado como funcionário público municipal, deram uma pensão minguada. Foi homeopático com farmácia montada, fazia com seus conhecimentos empíricos o papel de farmacêutico. Receitava, aplicava medicamentos, fazia até pequenas cirurgias. Os pacientes acreditavam na cura do Dr. João Inácio, ele era dedicado ao trabalho de tratamento dos doentes, aplicava injeção, fazia curativos e medicava os enfermos, fazia exames cadavéricos, etc., era integrado no trabalho da comunidade, por isso foi prestigiado pelos liberais na Revolução de 1930 a 1934. Sempre soube orientar aos conterrâneos da zona rural que lhe procuravam para algumas explicações. Podemos dizer que ele dedicou quase toda sua vida em praticar o bem comum, dignificando com

seu trabalho a terra onde nasceu. Profundo conhecedor da nossa História, foi criado pelo bisavô Raimundo Basílio de Moura, um dos chefes de Patu no século XIX, de quem foi seguidor das suas orientações, habilidades de trabalho pelo bem comum em benefício da coletividade e da terra patuense. Ao ancião João Inácio com 85 anos de idade, eu dedico uma página deste livro com justa homenagem por ter prestado um trabalho perfeito de informações sobre a História de Patu, ainda mais, indicou o roteiro onde se encontraria a documentação velha da Prefeitura e de outras repartições, para completar a pesquisa fundamentar a prova documental da edição deste livro.

O Capitão Felipe Francisco de Moura, da reserva do Exército, um patuense e incansável pesquisador da Família Moura, nos mandou esta mensagem datada de 26/04/2005.

Estimado Professor Petronilo, por ter sido acometido de um AVCI, tive que imediatamente me submeter a tratamento rigoroso de saúde própria, implicando assim em afastamento das minhas atividades por tempo indeterminado, motivo pelo qual faltou também complementar o atendimento ao nosso compromisso de informar sobre mais uma geração da família Moura, pelo que lhe peço desculpas, mesmo assim, estou remetendo a V.Sa. o que nos foi possível coligir (30 páginas) para a 2ª edição do livro. Ass. Felipe Francisco de Moura - Capitão da Reserva do Exército.

MÁRIO SOLANO DE MOURA, casado com Neusa Vale Solano, ele filho de João Solano de Moura e Obdulia Maria dos Anjos, ela filha de Inácio Pereira Vale e Feliosbela de Freitas Vale, são os pais de: Nelson Solano Vale, Lair Solano Vale, Valter Solano Vale, Neuma Solano Vale Godeiro, Marcos Solano Vale, Neide Solano Vale, Nelita Solano Vale Queiroga.

FRANCISCO SOBRINHO DE MOURA, casado com Ana Luzia de Moura, ele filho de Joaquim Sabino de Moura e Francisca Benigna de Moura, ela filha de Luiz Josino de Moura e Luzia Laurinda de Moura, são os pais de: Maria Francineide de Moura, Francinilson Moura, Maria Francineide de Moura Melo, Francinaldo Moura, Francisvan Moura, Francisana Moura e Franciana Moura.

FRANCISCO LUIZ DE MOURA, casado com Maria Idalina de Moura, ele filho de Luiz Josino de Moura e Luzia Laurinda de Moura, ela filha de João Bandeira de Moura e Idalina Cirino de Moura, são os pais de: Maria Idalina de Moura Filha, João Francisco de Moura, Maria de Fátima

Moura Pereira, Francisco Luiz de Moura Filho, Raimundo Francisco de Moura, Maria de Lourdes Moura santos, Maria Gorete de Moura, Josimar Luiz de Moura, Luzia Maria de Moura Pereira, Ana Maria de Moura Nogueira e Terezinha Maria de Moura.

VICENTE FELIPE DE MOURA, casado com Maria Francisca de Moura, ele filho de Pedro Felipe de Moura e Maria da Paz de Moura, ela filha de Luiz Antônio Cirino de Moura e de Francisca Matilde de Moura, são os pais de: Francisca Maria Moura Dutra, Antônia Maria de Oliveira, Antônio Felipe Sobrinho, Anaisa Maria de Moura, Joaquim Felipe de Moura, José Eider de Moura, Josimar Felipe de Moura, Joselita Moura, Joana D'arc Moura, Maria de Fátima Moura e Ana Silene Moura.

FRANCISCA FERREIRA DE MOURA DANTAS (Marizete), casada com Dorian Dantas Pereira, ela filha de Antônio Cirino de Moura e Ana Pereira de Moura, ele filho de João Pereira de Lima e de Rita Dantas, são os pais de: Maria Dalva Dantas de Andrade Vale, Dalcilene Dantas de Andrade, José Dalcimar Dantas de Andrade e Maria Dalcineide Dantas de Andrade.

LUIZ FELIPE DE MOURA, casado com Joana Antônia de Moura, ele filho de Pedro Felipe de Moura e Maria da Paz de Moura, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e de Antônia Luzia de Moura, são os pais de: Maria Gorete de Souza Moura, José Felipe Sobrinho, Maria Neuza de Moura, José Felipe dos Santos, Maria Valda Moura de Souza e Geraldo Felipe de Moura.

FRANCISCO JOAQUIM DE MOURA, casado com Margarida Rosa de Moura, ele filho de Joaquim Cirino de Moura e de Antônia Luzia de Moura, ela filha de Pedro Cirino de Moura e de Carolina Rosa de Moura, são os pais de: Aurino Cirino de Moura, Arrilton Cirino de Moura, Erivam Cirino de Moura, Adailton Cirino de Moura, Antônia Rosa de Moura e Adailda Cirino de Moura.

ANTÔNIO JOAQUIM DE MOURA, casado com Ana Joaquina de Moura, ele filho de Joaquim Cirino de Moura e de Antônia Luzia de Moura, ela filha de Leandro Saraiva de Moura e Joaquina Saraiva de Moura, são os pais de: Joaquim Cirino de Moura Neto, Maria Gorete de Moura, Euda Moura, Edineide Moura, Antonete Moura, José Antônio de Moura e Luiz Antônio de Moura.

FRANCISCO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Olívia Antônia de Moura, ele filho de Antônio Luiz de Moura e de Francisca Maria de

Moura, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e Antônia Luzia de Moura, são os pais de: Edmilson Francisco de Moura e Neuma Maria de Moura.

JOSÉ MANOEL DE MOURA, casado com Josefa Antônia de Moura, ele filho de Manoel Joaquim de Moura e Isidra Saraiva de Moura, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e de Antônia Luzia de Moura, são os pais de: Joaquim José de Moura, Antônio José de Moura, Maria de Lourdes Moura, Zilene Josefa de Moura e Zeidelene Josefa de Moura.

JOSÉ JANÚNCIO DE MOURA, casado com Maria Zilda de Araújo, ele filho de Janúncio Manoel de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela filha de Manoel Guilherme Filho e Ernestina Almira de Araújo, são os pais de: Zeni Maria de Moura, Luzia Maria de Moura, Zélia Maria de Moura, Gilson José de Moura, Jonete Maria de Moura, Jonilson José de Moura e Kleana Maria de Moura.

JOÃO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Maria do Socorro Francelino de Moura, ele filho de Antônio Josino de Moura e Maria Tereza de Moura, ela filha de Manoel Laurindo de Moura e de Júlia Francelino de Moura, são os pais de: Emanoel Francelino de Moura e Maria das Graças Francelino de Moura.

JOSÉ FERNANDES DE MOURA, casado com Rita Benigna Fernandes de Moura, ele filho de Fernando Luiz de Moura e Josefa Ana de Moura, ela filha de Bráz Cirino de Moura e Maria Benigna de Moura, são os pais de: José Fernandes de Moura Júnior, Jane Regina Fernandes de Moura Lima, Janysmar Fernandes de Moura, Janniedson Fernandes de Moura e Jean Fernandes de Moura.

MARIA JOSÉ DE MOURA, casada com Francisco Nunes Dantas, ela filha de Antônio Manoel de Moura e Francisca Maria de Moura, ele filha de Vicente Clemente Nunes e Antônia Maria da Conceição, são os pais de: Maria Amélia Nunes de Moura e Bento Nunes de Moura. Do segundo matrimônio, casou-se com Roldão Ferreira, ele de pais ignorados, são os pais de: Maria Roldivânia de Moura e Roberlândia Maria de Moura. Em terceiras núpcias, casou-se com Gerlânio Marcos de Moura.

ABDIAS BERNARDINO ALVES, casado com Mariana Joaquina de Moura, ele filho de Manoel Bernardino Alves e Joaquina Maria da Conceição, ela filha de Manoel Josino de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Aldenosa Alves Moura da Rocha, Alvani Alves de Moura, Aguimar Bernardino Alves, Aldemar Bernardino Alves, Abel Bernardino

Alves, Fco. de Assis Bernardino Alves, José Bernardino Alves, Aguinaldo Bernardino Alves, Adalvani Alves de Moura, Adaisa Alves de Moura, Arnaldo Bernardino Alves (Médico no DF) e Albeni Alves de Moura.

FERNANDO LUIZ DE MOURA, casado em primeiras núpcias com Josefa Ana de Moura, ele filho de Luiz Cirino de Moura e Ana Laurinda de Moura, ela filha de Joaquim Izidio de Moura e de Leandra de Moura, são os pais de: José Fernandes de Moura, Antônio Fernandes de Moura, Ana Josefa de Moura, Joaquim Fernandes de Moura, Maria Josefa de Moura, Luiz Fernandes de Moura, Terezinha Josefa de Moura e Francisco Fernandes de Moura. Em segundas núpcias casadas com Júlia Petronila de Moura, ela filha de Seledon Hemetério de Moura e Maria Petronila de Moura, são os pais de: Josenilton de Moura, Francisco de Assis Moura, João Fernandes de Moura, Gilberto Fernandes de Moura, Gilvan Fernandes de Moura, Creuza Moura, Neuza Moura e Neuma Moura.

FRANCISCO JOÃO DE MOURA, casado com Lúcia Silvana de Moura, ele filho de João Luiz de Moura e Maria Josina de Moura, ela filha de Sebastião Benigno de Moura e de Cândida Silvana de Moura, são os pais de: Maria de Fátima Moura Torres, Lenilda Moura, Fábio Francisco de Moura, Maria Leilda de Moura Silva e Davi Francisco de Moura.

ELIZEU JOSÉ DE MOURA, casado com Maria Marciana de Souza, ele filho de José Maria Bandeira de Moura e de Maria Inácia de Moura, ela filha de Antônio Felipe Saraiva de Moura e Mariana Inácia de Moura, são os pais de: Maria de Souza Moura, Maurílio de Souza Moura, Mauri de Souza Moura, Moacir de Souza Moura, Maltez de Souza Moura, Mauro de Souza Moura, Marizete de Souza Moura, Marizonete de Souza Moura e Marlene de Souza Moura.

FRANCISCO CARLOS DE MOURA, casado com Lucineide Ramos de Moura, ele filho de José Raimundo de Moura e Adalzira Carlos de Moura, ela filha de Alba Torres da Silva Souza e de José Ramos de Souza Neto, são os pais de: Karla Ramos de Moura, Karlécia Ramos de Moura, Karlene Ramos de Moura e Klênio Ramos de Moura.

JOSÉ MANOEL DE MOURA, casado com Maria Enilda de Moura, ele filho de Manoel Josino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela filha de Guilherme Laurindo de Moura e de Francisca Luzia de Moura, são os pais de: Maria Eliane Moura, Maria Adriane Moura, Maria Geane Moura, José Emerson de Moura, Jaelson Moura, e Jadson Moura.

GUILHERME LAURINDO DE MOURA, casado com Francisca Luzia de Moura, ele filho de João Lurindo de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela filha de José Francelino Sobrinho e de Luzia F. de Moura, são os pais de: Maria Enilda de Moura, Guimar Laurindo de Moura, Maria Ezilda de Moura, Maria Elita de Moura, Maria Odete de Moura, Maria Edilma de Moura, João Laurindo de Moura, Gilberto Moura, Maria Helena de Moura, Maria Eliene de Moura e Maria das Graças de Moura.

ANA DE OLIVEIRA MOURA, casada com Evandro Dantas da Silva, ele filho de José Dantas da Silva e de Isaura Pautilha da Silva, ela filha de Pedro Inácio de Oliveira e de Sebastiana Olindina Moura, são os pais de Evana Maria Dantas e Sebastião Evanderson Dantas.

LUZIA DA NATIVIDADE OLIVEIRA, casada com Joaquim Tavares de Oliveira (Belu), ele filho de Pedro Clementino da Silva e Francisca Tavares de Oliveira, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e Antônia Luzia de Moura, são os pais de: Lucinete Tavares de Oliveira, Francisca Tavares de Oliveira, Cícera Tavares de Oliveira, Jailma Tavares de Oliveira, Alexandra Tavares de Oliveira, Jader Tavares de Oliveira, Jailson Tavares de Oliveira, Joaquim Tavares de Oliveira Filho, Aderson Tavares de Oliveira e Socorro Tavares de Oliveira.

JOAQUIM FRANCELINO SOBRINHO, casado com Albaniza de Freitas Vale, ele filho de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, ela filha de Inácio de Pereira Vale e de Felisbela de Freitas Vale, são os pais de: Joalba Vale, Gilberto Vale, Jerônimo Vale, Getúlio de Freitas Vale, Joarez de Freitas Vale, José Jaime Vale, John de Freitas Vale, Genivan de Freitas Vale, Felisbela de Freitas Oliveira, Maria Fabíola de Freitas Andrade, Maria de Fátima Vale Rebouças, Francineide Vale de Oliveira, Joaniza Vale Batista, Franceilde Vale Bell e Fides de Freitas Vale.

NAIR ROSALINA DA CONCEIÇÃO, casada com Manoel Alves de Oliveira, ele filho de Aureliano Alves de Oliveira e Delfina da Silva, ela filha de Francisco Francelino de Almeida e Florisa Rosalina da Conceição, são os pais de: Elza Alves de Oliveira, Edite Alves de Oliveira, Maria de Fátima Oliveira, Elzenir Alves de Oliveira, Edivalda Alves de Oliveira, Edineide Alves de Oliveira, Agostinho Alves de Oliveira e Edson Alves de Oliveira.

RAIMUNDA FRANCELINA, casada com Manoel Antônio de Oliveira (falecido), ele filho de Raimundo Antônio de Oliveira e Francisca

Maria da Conceição, ela filha de Manoel Josino de Moura e de Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Francisco Manoel de Moura, Raimundo Manoel de Oliveira, Lúcia de Fátima Oliveira Moura, Zuila Raimunda de Oliveira e Silva, Inácio Manoel de Oliveira, Maria das Graças de Oliveira, Raimunda Francisca de Oliveira, Manoel de Oliveira, Fransuelison de Oliveira e Franceildo Fernandes de Oliveira.

GREGÓRIO IZIDRO DE MOURA, casado com Maria do Socorro de Oliveira Moura, ele filho de Izidro Cirino de Moura Filho e de Maria Antônia de Menezes, ela filha de Raimundo Antônio de Oliveira e de Francisca Maria da Conceição, são os pais de: Francisca Maria de Moura, Edilson Gregório de Moura, Socorro Maria de Moura, Manoel Gregório de Moura, Ivonete Maria de Moura, Verônica Maria de Moura, Vilani Maria de Moura e Geraldo Gregório de Moura.

MANOEL LUIZ DE MOURA, casado com Maria Ferreira de Sousa, ele filho de Antônio Manoel de Moura e Francisca Maria de Moura, ela filha de Amâncio Ferreira de Sousa e Delmira Sinhá de Sousa, são os pais de: Maria do Socorro Ferreira, Francisco das Chagas Ferreira, José Ferreira de Sousa, Maria de Fátima Ferreira, Luzia Ferreira de Sousa, Maria das Dores Ferreira, Maria Vera Lúcia de Sousa, Marcos Ferreira de Sousa, Alzenira Ferreira de Sousa e Rita Ferreira de Sousa.

JOSÉ CIRINO DE MOURA (Jaime), casado com Júlia Francisca de Moura, ele filho de Pedro Cirno de Moura (Menezes) e Carolina Rosa de Moura, ela filha de Francisco Josino de Moura e Francisca Rosa de Moura, são os pais de: Maria Helena Moura, Moacir Cirino de Moura, Maria Eneide de Moura, Maurici Cirino de Moura, Francisco de Assis Moura, Maria do Socorro Moura e Maria Lúcia de Moura.

CELSO FRANCELINO DE ALMEIDA, casado com Isabel Francelino de Moura, ele filho de Francisco Francelino de Almeida e Florisa Rasalina da Conceição, ela filha de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, são os pais de: César Francelino de Almeida, Celsilene Francelino de Almeida, Cibelly Francelino de Almeida, Maria Célia de Almeida, Cide Francelino de Moura e Celso Francelino de Almeida Filho.

JOÃO LANDELINO, casado com Maria Fernandes de Araújo, ele filho de Landelino Leobino de Moura e de Rosa Maria da Conceição, ela filha de Francisco Ferreira de Araújo e Corina Maria de Oliveira, são os pais de: Teresinha Fernandes de Araújo, Domerinda Fernandes de Moura,

Francisco Ferreira de Araújo Neto e Benedito Fernandes de Moura. Em sugundas núpcias casou-se com Leonice Luzia dos Santos Landelino, ela filha de Sebastiana Francisca de Oliveira e José Vicente dos Santos, são os pais de: Joelma Santos Moura, Janiclea Santos Moura, Janaina Santos Landelino e Janaira Santos Landelino.

MANOEL LAURINDO DE MOURA, casado com Júlia Francelino Moura, ele filho de João Laurindo de Moura e Luzia Felismina de Moura, ela filha de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, são os pais de: Maria do Socorro Francelino de Moura, Jerônimo Laurindo de Moura, Luzia Francelina de Moura Melo, Lúcia de Fátima Moura, Francisco Gerôncio de Moura, Lindalva Francelino de Moura, Giovane Laurindo de Moura, João Deon de Moura e Josenilson Francelino de Moura.

JOSÉ ANTÔNIO DE MOURA, casado com Maria Joaquina de Moura, ele filho de Antônio Josino de Moura e Ana Teresa de Jesus, ela filha de Joaquim Josino de Moura e Alexandrina Laurinda de Moura, são os pais de: José Antônio Filho, Júlio Antônio de Moura, Júnior Antônio de Moura, Ana de Jesus Moura e Janduy Bandeira de Moura.

SANDOVAL FRANCELINO DE MOURA, casado com Maria José de Moura, ele filho de Salvador Francelino de Moura e Maria Anália de Moura, ela filha de José Landelino de Moura e de Maria Petronila de Moura, são os pais de: Sandomar Francelino de Moura, Sandoval Francelino de Moura Júnior, Sandra Maria Francelino de Moura, Sandilson Francelino de Moura, Sidney Francelino de Moura, Sandelson Francelino de Moura e sâmara Francelino de Moura.

ANTÔNIO MANOEL DE MOURA, casado com Maria Francelina de Moura, ele filho de Manoel Joaquim de Moura e Izidia Saraiva de Moura, ela filha de Pedro Felipe de Moura e Maria da Paz de Moura, são os pais de: Admilson Felipe de Moura, Adelita Maria de Moura, Aldeise Francelino de Moura Alves, Aldenora Francelino Moura da Silva, Aldemi Francelino de Moura, Aldeci Francelino de Moura, Adelivânia Felipe de Moura e Aurivânia Moura.

SEVERINO SELEDON DE MOURA, casado com Francisca Luiza de Moura, ele filho de Seledon Hemetério de Moura e Maria Petronila de Moura, ela filha de Luiz Josino de Moura e Luzia Laurinda de Moura, são os pais de: Deusdete Severino de Moura, Maria Francisca de Moura, Adailton Severino de Moura, Maria das Dores de Moura, Francisco de Assis Moura,

Maria Ângela de Moura, José Severino de Moura e Severino Seledon de Moura Filho.

AGILDO MOURA, casado com Maria das Graças Ferreira Moura, ele filho de Glicério Manoel de Moura e Maria Francisca de Moura, ela filha de Francisco Ferreira da Silva e Francisca Cosme Bezerra, são os pais de: Sheylla Maria Ferreira de Moura, Shirley Gabriela Ferreira de Moura e Agildo Moura Segundo.

EDILSON BENIGNO DE MOURA, casado com Adelita Maria de Moura, ele filho de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, ela filha de Antônio Manoel de Moura e Maria Francelina de Moura, são os pais de: Érica Katarinne Benigno de Moura e Adrielly Benigno de Moura.

ELAIDIO BENIGNO DE MOURA, casado com Maria Cacilda de Moura, ele filho de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, ela filha de Izidro Moura e Adalgisa Maria de Moura, são os pais de: Evandro Carlos de Oliveira Moura, Evanderli Maria de Oliveira Moura, Edvandro de Oliveira Moura, Adalgiza Maria de Oliveira Moura e Eleika Maria de Oliveira Moura.

MARIA ALMEIDA DE MOURA E MELO, casada com Francisco Vieira de Melo Filho, ele filho de Francisco Vieira de Melo e Maria Cristina de Melo, ela filha de Manoel Josino de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Francisca das Chagas Melo Coelho, Maria do Socorro Melo, João Francisco de Melo, José Vieira de Melo, Sebastião Vieira de Melo, Terezinha Vieira de Melo Moura, Antônio Vieira de Melo, Raimundo Vieira de Melo, Maria Cristina Neta, Rita Vieira de Melo, Manoel Vieira de Melo e Severino Vieira de Melo.

CORNÉLIO CIRINO DE MENEZES, casado com Benigna Silvana de Moura, ele filho de Cirino Menezes e Antônia Silvana de Moura, ela filha de Sebastião Benigno de Moura e de Cândida Silvana de Moura, são os pais de: Maria Aurineide Menezes Moura, José Humberto de Menezes, José Unilto de Menezes, José Welinton de Menezes, José Wilton de Menezes, José Wildo de Menezes, José Unildo de Menezes, José Wilson de Menezes, Paulo de Menezes, Maria Aurismar Menezes Moura, Maria Almira de Menezes e Maria José de Menezes.

JOSÉ FRANCISCO DE MOURA, casado com Aurisneide de Menezes Moura, ele filho de Francisco Felipe de Moura e Luzia Petronila de

Moura, ela filha de Cornélio Cirino de Menezes e Benigna Silvana de Moura, são os pais de: Josineide Menezes de Moura.

FRANCISCO CIRINO, casado com Genésia Lopes Cirino, ele filho de Cirino Menezes e de Antônia Silvana de Moura, ela filha de Almino Bento da Silva e de Elvira Lopes da Silva, são os pais de: Rita de Cássia Lopes Cirino, Ivone Lopes Cirino e Francisco de Assis Lopes Cirino.

FELÍCIO FRANCISCO DE MOURA, casado com Maria das Dores Gurgel de Moura, ele filho de Francisco Joaquim de Moura e Raimunda Francelina de Moura, ela filha de Manoel Maria da Costa e de Maria de Lourdes Gurgel, são os pais de: Nayana Gurgel de Moura, Nayara Gurgel de Moura.

MARIANA PETRONILA DE MOURA, casada com Josino Cirino Neto, ele filho de Izidro bandeira de Moura e Ana Francelina de Moura, ela filha de João Francelino Filho e de Petronila Josina de Moura, são os pais de: Maria da Soledade Moura, José Izidro Sobrinho, Cosme Francelino de Moura, Damião Francelino de Moura, Josimar Francelino de Moura, Júlia Maria Francelino de Moura, Joismar Francelino de Moura, Maria das Graças Moura, Marli Francelino de Moura e Jorge Francelino de Moura.

JOSÉ FRANCELINO DE ALMEIDA, casado com Maria Helena Alves, ele filho de Francisco Francelino de Almeida e Florisa Rosalina da Conceição, ela filha de Elza Alves, são os pais de: Jorge Marques de Oliveira e Taisa Alves de Oliveira.

SINVAL FRANCELINO DE MOURA, casado com Maria Batista Clemente, ele filho de Francisco Francelino de Almeida e de Florisa Rosalina da Conceição, ela filha de João Batista Clemente e Severina Maria da Conceição, são os pais de: Luiz Francelino de Oliveira, Luzinete Clemente de Moura, Luzivan Clemente de Moura, Luzenir Clemente de Moura, Leni Clemente de Moura, Lourival Clemente de Moura, Lindalva Clemente de Moura, Irene Clemente de Moura, Lucineide Clemente de Moura, Laércio Clemente de Moura e Laureniza Clemente de Moura.

SEBASTIÃO FRANCELINO DE MOURA, casado com Jardelina Clemente de Oliveira, ele filho de Francisco Francelino de Almeida e Florisa Rosalina da Conceição, ela filha de João batista Clemente e Severina Maria da Conceição, são os pais de: Maria das Graças Moura, Benedita Isa de Moura, Maria Delivânia de Moura, Maria Ilma de Moura e Maria do Céu de Moura.

JOSÉ FRANCELINO DE MOURA, casado com Francisca Freira de Moura, ele filho de Sebastião Francelino de Moura e Maria Leonida de Moura, ela filha de Manoel Ferreira de Carvalho e Rosamélia Freire de Carvalho, são os pais de: Rosa Maria Freire de Moura, Rosilda Freire de Moura, Roberto Freire de Moura e Rejane Freire de Moura.

JOSÉ SEVERINO DE MOURA, casado com Lúcia Maria Soares de Moura, ele filho de Severino Seledon de Moura e Francisca Luzia de Moura, ela filha de Cícero Soares de Sá e Francisca Ferreira da Costa, são os pais de: Joed Soares de Moura, Jobed Soares de Moura e Marie Soares de Moura.

JOSÉ INOCÊNCIO DE MOURA, casado com Maria Petronila de Moura, ele filho de Antônio Inocêncio de Moura e Luzia Maria de Menezes, ela filha de Francisco Cirino de Moura e Petronila Luzia de Moura, são os pais de: Severino José de Moura, Damião José de Moura, Raimundo José de Moura, Cícero Inocêncio de Moura, Ana Maria de Moura e Francimar José de Moura.

SALUSTINO FRANCELINO DE MOURA, casado com Eurenice Benigna de Oliveira Moura, ele filho de Salvador Francelino de Moura e Maria Anália de Moura, ela filha de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, são os pais de: Núbia das Graças Oliveira Moura, Naide Maria de Òliveira Moura, Salenice Maria de Oliveira Moura, Nivânia de Oliveira Moura, Neumar de Oliveira Moura de Andrade e Suetônio de Oliveira Moura.

JOSÉ BENIGNO DE MOURA, casado com Terezinha Silva de Moura, ele filho de Gernimo Benigno de Sousa e Severina Moura da Silva, ela filha de pais ignorados, são os pais de: José Heriberto Silva de Moura, Teresa Cristina Silva de Moura, Hermes Silva de Moura, Telma Silva de Moura e Maria das Dores Silva Moura.

SEVERINA MOURA DA SILVA, casada com Germino Benigno de Sousa, ele filho de Landelino Benigno de Moura e Severina de Sousa, ela filha de José Moura da Silva e Ana Silva de Moura, são os pais de: José Benigno de Moura, Maria Celeste de Moura, Gerildo Moura e Gilvan Benigno de Moura.

FRANCISCO IZIDRO DE MOURA, casado com Francisca Rodrigues de Moura, ele filho de Antônio Izidro de Moura e Joana Laurinda de Moura, ela filha de Pedro Alves Feitosa e Raimunda Rodrigues, são os

pais de: Raimundo Francisco de Moura, Cosme Francisco de Moura, Damião Francisco de Moura e Dalvirene Rodrigues de Moura.

MANOEL FRANCELINO DE MOURA, casado com Maria Nogueira de Moura, ele filho de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, ela filha de Lino Felipe Nogueira e Albertina Umbelina da Conceição, são os pais de: João Maria Nogueira.

AGOSTINHO LUIZ DE MOURA, casado com Maria Bernadete Meireles Moura, ele filho de Luiz Francisco de Moura e Luzia Maria de Moura, ela filha de Zacarias Meireles e Margarida Vieira Meireles, são os pais de: Elizabeth Meireles Moura, Luiz Carlos Meireles Moura, Elizeth Meireles Moura Nunes, Otávio Augusto Meireles Moura, Marcos Meireles Moura, Margareth de Meireles Moura, Adelson Augusto de Meireles Moura e Flávio de Meireles Moura.

FRANCISCO OTÁVIO MOURA, casado com Severina Saraiva de Moura, ele filho de André Avelino de Moura e Izabel de Almeida Moura, ela filha de Canuto Saraiva de Farias e Masria Tavares de Farias, são os pais de: Maria das Graças Saraiva de Moura, Izabel Saraiva Forte, Edmilson Otávio de Moura, José Avelino de Moura, Francisco Avelino Júnior e João Batista de Moura.

JOSÉ FRANCISCO DE MOURA, casado com Rosilda Saraiva de Moura, ele filho de Francisco Josino de Moura e Francisca Rosa de Moura, ela filha de João Saraiva Dantas e Adélia Saraiva Dantas, são os pais de: Adélia Saraiva de Moura, Rosangela Saraiva de Moura, João Saraiva de Moura, Louremberg Saraiva de Moura, Eduardo Saraiva de Moura, Elianne Saraiva de Moura, Limdemberg Saraiva de Moura e Humberto Saraiva de Moura.

PEDRO FERREIRA DE MEDEIROS (Pedrão), casado com Maria Victalina de Moura, ele filho de Tomaz Ferrreira de Medeiros e Maria Idalina da Conceição, ela filha de Leandro Bandeira de Moura e Victalina Joaquina de Moura, são os pais de: João Ferreira de Medeiros, Manoel Ferreira de Medeiros e Ana Ferreira de Madeiros.

RAIMUNDO FRANCELINO DE ALMEIDA, casado com Maria da Conceição Cunha de Almeida, ele filho de Manoel Francelino de Almeida e Mariana Joaquina de Moura Almeida, ela filha de Luiz Terlulino da Cunha e Esmeraldina Augusto de Souza, são os pais de: Raimar Francelino Cunha de

Almeida, Rairam Francelino Cunha de Almeida e Raiana Francelino Cunha de Almeida,

IVO CIRINO DE MOURA, casado com Maria Gorette de Moura, ele filho de Braz Cirino de Moura e Maria Luzia de Moura, ela filha de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, são os pais de: Werbert Benigno de Oliveira Moura, Walquiria Benigno de Oliveira Moura e Willen Benigno de Oliveira Moura.

PEDRO FRANCELINO DE MOURA, casado com Maria Luiza da Silva Barros (viúva por falecimento de Ilton de Barros), ele filho de Sebastião Francelino de Moura e Maria Leônidas de Moura, ela filha de Manoel Pereira da Silva e Antônia Pereira da Silva, são os pais (dos filhos da esposa por adoção): Lenilda Luiza de Barros, Marcos Antônio de Barros e Kátia Maria de Barros.

ANA FERREIRA DE MEDEIROS MELO, casada com Francisco Feliciano de Melo, ele filho de Sebastião Feliciano de Melo e Maria Isolina de Melo, ela filha de Pedro Ferreira de Medeiros e Maria Victalina de Moura, são os pais de: Damião Feliciano de Medeiros, Geraldo Feliciano de Medeiros e Rasalba Feliciano de Medeiros.

AURINO ELPÍDIO DE MOURA, casado com Maria de Fátima Rocha de Moura, ele filho de Elpídio Manoel de Moura e Laura Luzia de Moura, ela filha de João da Rocha Bezerra e Maria Leôncio Bezerra, são os pais de: Alcimar Rocha de Moura, Alcivan Rocha de Moura, Jailda Maria de Moura e Janete Maria de Moura.

RAIMUNDO NONATO DE MOURA, casado com Terezinha Miranda de Araújo Moura, ele filho de André Avelino de Moura e Izabel de Almeida Moura, ela filha de João Urbano de Araújo e Zilda Urbano de Araújo, são os pais de: Inês Regina de Araújo Moura, Isa Rejane de Araújo Moura e João Henrique de Araújo Moura.

JOSÉ RAIMUNDO DE MOURA, casado com Tereza Neuman Almeida de Moura, ele filho de Raimundo Prudêncio de Moura e Maria Teodora, ela filha de Manoel Fancilino de Almeida e Mariana Joaquina Neta, são os pais de: Francisco Almeida de Moura (Bibi), Antônio Almeida de Moura (Tony), José Raimundo de Moura Júnior, Manoel Francelino de Almeida Neto, Raimunda Joseany de Almeida Silva, Maria Joseneuma Almeida Silva e João Wantuilton Almeida Moura.

GILBERTO MEDEIROS, casado em primeiras núpcias com Maria Eurival Cortez Campelo, ele filho de Francisco Medeiros e Júlia Rosalina de Moura, ela filha de Cleodon Cortez e Zenaide Cortez Campelo, são os pais de: Gilbero Cortez de Medeiros, Gisleudo Cortez de Medeiros e Elisângela Cortez de Medeiros. Em segundas núpcias casou-se com Francisca Nildete Câmara, ela filha de Francisco Rosa Filho e Albaniza Salustiana Câmara, são os pais de: Mary Gildete Fabiane de Medeiros Câmara.

JOSÉ FELIPE DE MOURA, casado com Nilda Antônia de Moura, ele filho de Pedro Felipe de Moura e Maria da Paz de Moura, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e Luzia Saraiva de Moura, são os pais de: Genildo Felipe de Moura, Francisco Felipe de Moura, Núbia Felipe de Moura e Mônica Cristina de Moura.

FRANCISCO GABRIEL DE MOURA, casado com Maria Margarida de Moura, ele filho de Gabriel Luiz de Moura e Alexandrina Josina de Moura, ela filha de João Francelino Filho e Petronila Josina de Moura, são os pais de: José Gabriel Sobrinho (Bel), Delcio Francelino de Moura, Dimas Francelino de Moura, Dinarte Francelino de Moura, Dalva Francelino de Moura, Dalvaci Francelino de Moura e Djalma Francelino de Moura.

SEVERINO FRANCELINO DE MOURA, casado com Júlia Ana de Moura, ele filho de Francisco Francelino de Moura e Luzia Joaquina de Moura, ela filha de João Batista de Moura e Ana Maria de Moura, são os pais de: Rivaldo Francelino de Moura, Maria Verônica de Moura, Maria Verilda de Moura Nascimento, Maria Veroneide de Moura, Rivércio Francelino de Moura, Maria Vanusa de Moura, Maria de Moura, Maria Vercia de Moura, Rivelino Francelino de Moura, Antoni Rivadalvio de Moura, Maria Vânia de Moura, Maria Vanicléia de Moura e Ricardo Francelino de Moura.

FABIANO FRANCELINO DE MOURA, casado com Maria Ana de Moura, ele filho de João Francelino de Moura e Joaquina de Moura, ela filha de João Batista de Moura e Ana Maria de Moura, do casal não houve filhos.

JOÃO MANOEL DE MOURA, casado com Francisca Angelina Santos, ele filho de Manoel Josino de Moura e Maria Joaquina de Moura, ela filha de Pedro Bernardino Filho e Celestina Etelvina de Queiróz, são os pais de: Francisco Josivaldo Alves de Moura, Josineide Alves de Moura, Maria da Conceição Alves de Moura, Josilene Alves de Moura, Josivan Alves de

Moura, Gilvan Alves de Moura, Jocicleide Alves de Moura, Girlene Alves de Moura, Gilvanete Alves de Moura e Manoel Josino de Moura Neto.

MARIA ALEXANDRINA DE MOURA FONTES, casada com Valdecir Ferreira Fontes, ele filho de Pedro Ferreira de Fontes e Maria Francisca da Conceição Fontes, ela filha de Gabriel Luiz de Moura e Alexandrina Josina de Moura, são os pais de: Maria de Fátima de Moura Fontes, Fernando de Moura Fontes, Maristela de Moura Fontes, Fabiano de Moura Fontes, Marineida de Moura Fontes, Marilena de Moura Fontes e Valdecir Ferreira Fontes Júnior.

GLICÉRIO MANOEL DE MOURA, casado com Maria Francisca de Moura, ele filho de Manoel Leandro de Moura e Petronila Laurinda de Moura, ela filha de Francisco Josino de Moura e Francisca Rosa de Moura, são os pais de: Abgail Moura Rodrigues, Francisco de Assis Moura, Aluizio Moura, Agildo Moura, Almerinda Moura, Francisca Aldeiza Moura, Glicério Moura Júnior, Maria das Dores Moura, Lúcia de Fátima Moura e José Augusto Moura.

SOFIA LUIZA DE MOURA MACEDO, casada com Genival Lopes de Macedo, ele filho de Antônio Lopes de Macedo e Luiza Lopes Bezerra, ela filha de Luiz Francisco de Moura e Luzia Maria de Moura, são os pais de: Selma Lopes Macedo de Lucena, Genilval Lopes Filho, Maria Célia Lopes de Macedo, Gercival Lopes de Macedo, Gercivaldo Lopes de Macedo, Maria Sônia Lopes, Maria das Graças Lopes de Macedo, José Gileno Lopes de Macedo e Genivan Lopes de Macedo.

EDVAL BENIGNO DE MOURA, casado com Maria Salete Dantas de Moura, ele filho de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, ela filha de Antônio Assuero Pamplona e Fausta Dantas de Almeida, são os pais de: Wdares Dantas de Moura, Maria Marleide Dantas de Moura, Gildásio Dantas de Moura e Josineide Dantas de Moura.

JOÃO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Ruth Augusta Tavares, ele filho de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, ela filha de José Maria Carvalho Tavares e Maria das Dores Carvalho Tavares, são os pais de: Thelma Tavares Moura.

PEDRO MANOEL DE MOURA, casado com Luzia Ana de Moura, ele filho de Manoel Luduvino de Moura e Mariana Laurinda de Moura, ela filha de João Felipe de Moura e Ana Felismina de Moura, são os pais de:

Antônio Pedro de Moura, Maria Luiza de Moura, Francisco Pedro de Moura, José Pedro de Moura Joaquim Pedro de Moura e Raimundo Pedro de Moura.

CÍCERO ROMÃO DE MOURA, casado com Maria Júlia de Moura, ele filho de Domingos Saraiva de Moura e Maria Saraiva de Moura, ela filha de Francisco Joaquim de Moura e Júlia Francelina de Moura, são os pais de: Edwilson Saraiva de Moura, Myrlei Saraiva de Moura e Edywylker Saraiva de Moura.

SEBASTIÃO BENIGNO DE MOURA, casado com Cândida Silvana de Moura, ele filho de Antônio Benigno Bandeira de Moura e Joaquina Luzia de Moura, ela filha de Joaquim Luiz de Moura e Júlia Silvana de Moura, são os pais de: Rita Silvana de Moura, Lúcia Silvana de Moura, Patrício Silvano de Moura, Benigna Silvana de Moura e Regina Silvana de Moura.

FRANCISCO SELEDON DE MOURA, casado com Rita Silvana de Moura, ele filho de Seledon Hemetério de Moura e Maria Petronila de Moura, ela filha de Sebastião Benigno de Moura e Cândida Silvana de Moura, são os pais de: Almir Francisco de Moura, Audimiro Francisco de Moura, Almiro Francisco de Moura, Alny Francisco de Moura, Maria de Fátima Moura, Maria Francinete de Moura, Maria Francineide de Moura e Maria Francina de Moura.

MARIA FRANCINEIDE DE MOURA NASCIMENTO, casada com Carlos Alberto Santiago do Nascimento, ele filho de pais não informados, ela filha de Francisco Seledon de Moura e Rita Silvana de Moura, são os pais de: Daniel do Nascimento Moura, Carlos Alberto do Nascimento Filho e Priscila Moura do Nascimento.

JOAQUIM IZIDRO DE MOURA, casado com Terezinha Moura, ele filho de Izidro Bandeira de Moura e Ana Francelina de Moura, ela filha de João da Cruz de Moura e Maria das Virgens Moura, são os pais de: Ana Maria de Moura, Maria do Socorro Moura, Maria Josenilda de Moura, Jacilda Moura, Josilene Moura, Joseilton de Moura, Antônia Josivânia Moura, Josimeire Moura, Jaelton Moura e Terezinha Moura Filha.

EDMUNDO BENIGNO DE MOURA, casado com Maria Nazaré Nascimento de Moura, ele filho de Braz Cirino de Moura e Maria Benigna de Moura, ela filha de João Agemiro do Nascimento e Porcina Benvinda da Conceição, são os pais de: Maria Josineide Moura, Maria Jozileide Moura e Josiedson Nascimento de Moura.

DOMINGOS SARAIVA DE MOURA, casado com Maria Saraiva de Moura, ele filho de Joaquim Saraiva de Moura e Adelina Leonória de Moura, ela filha de Manoel Felipe Saraiva e Maria Olímpia da Câmara, são os pais de: Cícero Romão de Moura, Terezinha Saraiva de Moura e Maria Ilda de Moura.

ESTER SOLANO DE MOURA, casada com Américo Ferreira de Azevedo, ele filho de Lucas Ferreira de Azevedo e Maria Henrique da Silva, ela filha de Antônio Solano de Moura e Leandra de Moura Neta, são os pais de: Aluízio Ferreira de Azevedo, Adelaide Ferreira de Azevedo, José Américo Ferreira de Azevedo, José Maria Ferreira de Azevedo e Francisco de Assis.

SÉRGIO JOSÉ DE OLIVEIRA, casado com Maria Alzira de Oliveira, ele filho de José benigno de Oliveira e Luzia Joaquina de Moura Oliveira, ela filha de Alzira Maria da Conceição e Deoclécio Cirilo da Silva, são os pais de: Francisco de Assis Oliveira, Maria Dalvaci de Oliveira, Dalvanira Maria de Oliveira, Maria Dalvilene de Oliveira e Francimar de Oliveira.

ALMIR FRANCISCO DE MOURA, casado com Francisca Lenira da Silva Moura, ele filho de Francisco Seledon de Moura e Rita Silvana de Moura, ela filha de Gumercindo Vieira da Silva e Maria da Luz Firmino da Silva, são os pais de: Francisco Almivane de Moura, Patrícia Kelie de Moura, José Alvany de Moura e Maria Priscila de Moura.

ALMIRO FRANCISCO DE MOURA, casado com Adelina Amorim de Moura, ele filho de Francisco Seledon de Moura e Rita Silvana de Moura, ela filha de pais não informados, são os pais de: Audimiro Amorim de Moura.

ALBY FRANCISCO DE MOURA, casado com Gilvaneide Alves de Lima, ele filho de Francisco Seledon de Moura e Rira Silvana de Moura, ela filha de Cícero Alves de Lima e Maria das Dores de Lima, são os pais de: Tibério César Alves de Lima, Tércio César Alves de Lima e Talyta Alves Lima de Moura.

MARIA DE FÁTIMA MOURA, casada com Alcivan Januário da Silva, ele filho de pais não informados, ela filha de Francisco Seledon de Moura e Rita Silvana de Moura, são os pais de: Mateus Rumenning de Moura e Alny Francisco de Moura Sobrinho.

MARIA FRANCINETE DE MOURA, casada com Francisco Bezerra Gondim, ele filho de pais não informados, ela filha de Francisco Seledon de

Moura e Rita Silvana de Moura, são os pais de: Jefferson Magno de Moura Gondim e Jéssica Sinara de Moura Gondim.

MARIA FRANCINA DE MOURA, casada com José Moreira Braga, ele filho de pais não informados, ela filha de Francisco Seledon de Moura e Rita Silvana de Moura, são os pais de: Débora Viviany de Moura Braga, Juciel Diego de Moura Braga e Thiago Danilo de Moura Braga.

JOÃO SARIAVA DE MOURA, casado com Maria Nazaré de Moura, ele filho de Joaquim saraiva de Moura e Adelina Leonória de Moura, ela filha de Idelfonso Machado da Costa e Laura Barbosa da Costa, são os pais de: Francisco Saraiva de Moura e Nazareno Saraiva de Moura.

SALUSTINO FRANCELINO DE MOURA, casado com Eurenice Benigna de Oliveira, ele filho de Salvador Francelino de Moura e Maria Anália de Moura, ela filha de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, são os pais de: Núbia das Graças Oliveira Moura, Naide Francelino de Moura, Salenice Maria de Moura, Neumar Oliveira Moura de Andrade, Nivânia Oliveira Moura e Suetônio Oliveira Moura.

FELIPE FRANCISCO DE MOURA, casado com Elita Benigno de Moura, ele filho de Luiz Francisco de Moura e Luizia Maria de Moura, ela filha de Vicente Beningo de Moura e Maria Rosa de Moura, são os pais de: Hélder Oliveira Benigno de Moura, Heloísa Benigno de Oliveira Moura, Héldio Benigno de Oliveira Moura, Hilze Benigno de Oliveira Moura e Herder Oliveira Benigno de Moura.

JOSÉ SOBRINHO DE MOURA, casado com Edvalda Benigna de Moura, ele filho de Joaquim Sabino de Moura e Francisca Benigna de Moura, ela filha de Vicente Benigno de Moura e Maria Rosa de Moura, são os pais de: Gilberto Benigno de Moura, Gerlúcia Benigna de Moura, Jailson Benigno de Moura, Jaécio Benigno de Moura, Jecivan Benigno de Moura, Genivan Benigno de Moura e Genildo Benigno de Moura.

FRANCISCO JOÃO DE MOURA (Chico Joca), casado com Raimunda Alves de Moura, ele filho de João Felipe de Moura e Ana Felismina de Moura, ela filha de José Alves da Silva e Raimunda Alves da Silva, são os pais de: João Bosco de Moura, Antônia Alves de Moura, Antônio Alves de Moura, Lúcia Alves de Moura, José Francisco de Moura, Raimundo Francisco de Moura, Antonieta Alves de Moura, Maria Alves de Moura e Maria Aparecida de Moura.

SEBASTIÃO FELIPE DE MOURA, casado com Margarida Antônia de Moura, ele filho de Pedro Felipe de Moura e de Maria da Paz de Moura, ela filha de Joaquim Cirino de Moura e Antônia Luzia de Moura, são os pais de: Maria Lenilda de Moura Dutra, Maria Iunar de Moura, Joaquim Eldo de Moura, Moacir Felipe de Moura, Antônia Ivone de Moura e Ana Lúcia de Moura.

FABIANO DE MOURA FONTES, casado com Eliane Pereira Fontes, ele filho de Valdecir Ferreira Fontes e Maria Alexandrina de Moura Fontes, ela filha de pais não informados, são os pais de: Fabiele Ferreira Fontes, Gabriela Pereira Fontes e Tiago Pereira Fontes.

JOAQUIM JOSINO SOBRINHO, casado com Francisca Maria de Moura, ele filho de João Luiz de Moura e Maria Josina de Moura, ela filha de Francisco Tomaz de Araújo e Maria Cirina de Moura. Não houve filhos do casal.

FRANCISCO JOAQUIM DE MOURA, casado com Júlia Francelina de Moura, ele filho de Joaquim Josino de Moura e Alexandrina Laurinda de Moura, ela filha de Manoel Josino de Moura e Maria Joaquina de Moura, são os pais de: Maria Júlia de Moura, Francisca Júlia de Moura, Edvaldo Francisco de Moura, Maria Eliete de Moura, Maria Eudete de Moura, Evaldo Francisco de Moura, Evilásio Francisco de Moura, Maria Elismar de Moura, João Erisaldo de Moura, Edivan Francisco de Moura, Maria Erineide de Moura, Eriosmar Francisco de Moura, Maria Edione de Moura, Evanielson Francisco de Moura e Eilson Francisco de Moura.

JOÃO FRANCISCO DE MOURA, casado com Ana Alexandrina de Moura, ele filho de Francisco Francelino de Moura e de Luiza Joaquina de Moura, ela filha de Joaquim Josino de Moura e Alexandrina Laurinda de Moura, são os pais de: Maria Ana de Moura, José Francelino de Moura, Lourenço Francelino de Moura, Maria Elisabete de Moura, Maria Selma de Moura, Maria Celeste de Moura, Genival Francelino de Moura, Fábio Francelino de Moura, Dorgival Francelino de Moura, Ivanildo Francelino de Moura, Francisco Nerivaldo de Moura, Maria Aline de Moura, Maria Sheile de Moura, Wendel Francelino de Moura, Ariosvaldo Francelino de Moura e João Kleber de Moura.

PEDRO INÁCIO DE OLIVEIRA, casado com Sebastiana Olinda de Moura, ele filho de Antônio Inácio de Oliveira e de Joaquina Maria da Conceição, ela filha de Aderaldo José de Moura e Ana Maria de Moura, são

os pais de: Adércio de Oliveira Moura, Júlia de Oliveira Moura, Vicente de Oliveira Moura, José de Oliveira Moura, Maria de Oliveira Moura, Francisco de Oliveira Moura e Ana Oliveira de Moura.

MARIA PAULA DOS SANTOS, casada com Joaquim dos Santos, ele filho de Amaro Pessoa dos Santos e Joana Maria dos Santos, ela filha de Agostinho Batista do Nascimento e Margarina Almeida de Moura, são os pais de: Alaíde Maria dos Santos, Maria Aurineide dos Santos, Alaete Maria dos Santos, Aurivaneide Maria dos Santos, Aurilinda Maria dos Santos, Francisco Assis dos Santos, Auridete Maria dos Santos, Severina Maria dos Santos, João Evagelista dos Santos e Maria Helena dos Santos.

GUIOMAR BENIGNA DE MOURA, casada com Manoel Sinval da Silva, ele filho de João Antônio da Costa e Maria Emília Silva, ela filha de José Josino de Moura e Sebastiana Benigna de Oliveira, são os pais de: Maria das Dores da Silva, Margareth Benigna de Moura, Marlete Benigna de Moura, Marleide Maria da Silva, Manoel Valci da Silva, Valcineide Benigana da Silva, Francisco Ranieri da Silva, Pedro Marcondes da Costa e Francisco Bruno da Silva Ferreira.

CÍCERO BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Salete Neves de Moura, ele filho de Francisco Antônio Neto e Ana Teles de Moura, ela filha de Francisco Ferreira Neves e Alzira de Oliveira Neves, são os pais de: Cilzete Neves de Moura e Cillene de Moura Cristiano.

PEDRO BANDEIRA DE MOURA, casado com Rosa Maria Milanêz de Moura, ele filho de Francisco Antônio Neto e Ana Teles de Moura, ela filha de Abdon Milanêz e Maria Ribeiro Milanêz, são os pais de: Pedro Paulo Milanêz de Moura, Liz Milanêz de Moura e Bláudio Henrique Milanêz de Moura.

MARIA TELES DE MOURA, ela filha de Francisco Antônio Neto e Ana Teles de Moura, é a mãe de: José Alves de Andrade Filho.

FELIPE BANDEIRA DE MOURA, casado com Maria Ivanilde de Jesus, ele filho de Francisco Antônio Neto e Ana Teles de Moura, ela filha de Cícero Martins e Doralice Joana de Jesus, são os pais de: Ricardo de Jesus Bandeira de Moura.

GENIVAL TOMAZ DE MEDEIROS, casado com Bendita Maria Pereira de Medeiros, ele filho de Silvino Tomaz de Medeiros e Joana Rosa de Moura, ela filha de Francisco Antônio de Moura e Francisca Pereira da

Silva, são os pais de: Geilson Oereira de Medeiros e Gerlany Pereira de Medeiros.

JOSÉ FELIPE DE MOURA, casado com Emília Nunes dos Reis, ele filho de Manoel Felipe de Moura e Luzia Ana de Moura, ela filha de João Serafim Nunes e Ana Nunes, são os pais de: Antônia Neuma Nunes Moura da Silva, Elimar Nunes de Moura, Francisco Nunes de Moura e Maria Neura de Moura Nunes.

MARIA IZINIRA DE MOURA MARCELINO, casada com Nilton Marcelino da Silva, ela filha de Izidro Cirino de Moura Neto e Osarina Fernandes de Moura, ele filho de João Marcelino da Silva e Júlia Marcelino da Silva, são os pais de: Érica Kayenn de Moura, Antônio Wilker de Moura, Weldy de Moura Marcelino, Helba Kaleny de Moura Marcelino e Maria Hayla de Moura.

IZIDRO CIRINO DE MOURA NETO, casado com Ozanira Fernandes de Moura, ele filho de Landelino Cirino de Moura e Maria Josina de Moura, ela filha de Leonel Fernandes Carneiro e Maria José Fernandes Oliveira, são os pais de: Dionira Fernandes de Moura e Maria Izinira de Moura Marcelino.

JOÃO SOLANO FILHO, casado com Amélia Solano de Moura, ele filho de João Solano de Moura e Obdúlia Maria dos Anjos, ela filha de Anônio Solano de Moura e Leandra de Moura Neta, são os pais de: Edna Solano de Oliveira, Ednardo Solano, Agostinho Solano, Bento Solano, João Batista Solano e Ivanildo Solano.

FRANCISCO LUIZ DE MOURA, casado com Raimunda Mendonça de Moura, ele filho de Luiz Francisco de Moura e Luzia Maria de Moura, ela filha de Luiz Quirino da Silva e Francisca Freire de Mendonça e Silva, são os pais de: Gilcilene Mendonça de Moura Gondim, Gileno Francisco de Moura, Gicélia Mendonça de Moura e Gicelma Mendonça de Moura.

JÚLIO CIRINO DE MENEZES, casado com Nilma Martins, ele filho de Cirino Menezes e Antônia Silvana de Moura, ela filha de Manoel Martins de Melo e Elvira Luzia da Conceição, são os pais de: Jocenildo Cirino Martins, Jucineide Cirino Martins, Juliana Cirino Martins e Jocelito Cirino Martins.

ANTÔNIA BENIGNA OLIVEIRA DA SILVA, casada com Francisco Lúcio da Silva, ela filha de José Benigno de Oliveira e Luiza Benigna de Oliveira, ele filho de José Gomes da Silva e Josefa Lúcia da

Silva, são os pais de: Josefa Benigna da Silva, Joelma Benigna da Silva, Josineide Benigna da Silva e Joneide Oliveira da Silva.

FRANCISCO PETRONILO DE MOURA, casado com Lina Godeiro de Moura, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de Miguel Godeiro Primo e Eletícia Carlos da Câmara, são os pais de: Nilson Godeiro de Moura, Francisco das Chagas, Maria do Socorro Godeiro de Moura, Tarcísio Godeiro de Moura, César Augusto Godeiro de Moura, Petronilo Hemetério de Moura Neto, Eletícia Godeiro de Moura e Humberto Rosano Godeiro de Moura.

VALMIR PETRONILO DE MOURA, casado com Francisca Eudária de Moura, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de Porfírio Machado e Joana Santana da Rocha, são os pais de: Rita Rocha de Moura.

NOEME NAUME DE MOURA, casada com Sinval Solano de Moura, ele filho Antônio Solano de Moura e Leandra de Moura Neta, ela filha de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, são os pais de: Terezinha Naume Solano, Raimundo Solano Primo, Geraldo Solano de Moura, Maria das Graças Solano de Moura, Ivanildo Solano de Moura, João de Deus Solano e Ivaneide Solano de Moura.

SEBASTIÃO PETRONILO DE MOURA, casado com Francisca Tavares de Moura, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de Antônio Francisco de Oliveira e Firma Tavares da Conceição, são os pais de: João Evangelista Tavares de Moura, Joana Dárc Tavares de Moura, Maria Gorete Tavares de Moura, Maria Vilma Tavares de Moura e José Bonifácio Tavares de Moura.

JUVÊNCIO HEMETÉRIO NETO, casado em primeiras núpcias com Laureniza Godeiro Alves, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de Antônio Godeiro da Silva e Regina Alves Godeiro, são os pais de: Juvênia Godeiro, Carlos Godeiro, Sônia Maria Godeiro, Antônio Godeiro Neto, Juvêncio Hemetério Filho e Nazareno de Deus Godeiro. Em segundas núpcias casou-se com Francisca Cordeiro dos Reis, filha de Luiz Cordeiro dos Reis e Dolores Cordeiro dos Reis, são os pais de: Jefferson Hemetério Cordeiro dos Reis, Jeane Hemetério Cordeiro dos Reis, Jesley Hemetério Cordeiro dos Reis, José Nilson Hemetério Cordeiro dos Reis e Janaina Hemetério Cordeiro dos Reis.

*** Josely Hyder de Medeiros Hemetério, filho de Zuli Medeiros e Juvêncio Hemetério Neto.

MANOEL PETRONILO DE MOURA, casado com Maria Soares de Moura, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de João de Deus de Oliveira e de Isabel Soares de Oliveira, são os pais de: Tânia Soares de Moura, Telma Soares de Moura, Talvanes Soares de Moura, Tones Soares de Moura, Telúnio Soares de Moura e Tarcio Soares de Moura.

JOAQUIM HEMETÉRIO DE MOURA, casado com Terezinha Ferreira do Amaral, ele filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva, ela filha de José Ferreira do Amaral e Maria das Mercês Amaral de Paiva, são os pais de: Maria de Fátima Paiva Moura Nunes, Francisco Irio de Paiva Moura, Pedro Silvio de Paiva Moura, Paulo César de Paiva Moura, João Maria de Paiva Moura, Joaquim Hemetério de Moura Filho, Raimundo Nonato de Paiva Moura, José de Anchieta Paiva Moura, Luiz Gutemberg Paiva Moura (Jornalista), Simone Geisa de Paiva Moura.

PETRONILO HEMETÉRIO FILHO (veja Curriculum Vitae).

DOMINGOS ANTÔNIO DE MOURA, casado com Francisca Guilherme de Moura, ele filho de Antônio Laurindo Bandeira de Moura e de Maria Francisca de Moura, ela filha de Francisco Guilherme de Moura e de Marcelina Guilherme da Trindade, são os pais de: Francisco Antônio de Moura, João Antônio de Moura (Desembargador), Leonardo Antônio de Moura, Maria José Moura de Araújo, Francisca Moura de Morais e Maria Dalva de Moura (Advogada).

FRANCISCO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Edith Diniz de Moura, ele filho de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, ela filha de Teodorico Benjamim Diniz e Ubaldina Alves Diniz, são os pais de: Alexandre Diniz de Moura e Adriana Diniz de Moura Bezerra.

JOÃO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Ruth Augusta Tavares de Moura, ele filho de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, ela filha de José Maria Carvalho Tavares e Maria das Dores Carvalho Tavares, são os pais de: Telma Tavares de Moura.

LEONARDO ANTÔNIO DE MOURA, casado com Maria José de Jesus Vasconcelos Moura, ele filho de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, ela filha de José Inácio de Vasconcelos e Maria Neita Vasconcelos, são os pais de: Vânia Maria Vasconcelos de

Moura Viana, Leonardo Antônio de Moura Júnior, Marcos Vinicius Vasconcelos de Moura e Vanessa Maria Vasconcelos de Moura.

MARIA JOSÉ MOURA DE ARAÚJO, casada com Antônio Alberto de Araújo, ele filho de Francisco Pergentino de Araújo e de Antônia de Araújo, ela filha de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, são os pais de: Sandra Moura de Araújo Chaves, Sâmara Moura de Araújo e Salene Moura de Araújo Lira.

FRANCISCA MOURA DE MORAIS, casada com Inaldo de Souza Morais, ele filho de Inácio de Souza Morais e de Ilda Andrade de Morais, ela filha de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, são os pais de: Walfredo Moura de Lira, Elenira Moura Lira, Walternira Moura Lira Soares, Inácio de Souza Morais Neto, Ana Cristina Moura de Morais Ramalho e Inaldo de Souza Morais Filho.

MARIA DALVA DE MOURA, divorciada, ela filha de Domingos Antônio de Moura e Francisca Guilherme de Moura, são seus filhos: Adalberto Marques de Almeida Lima Filho, Egídio de Oliveira Lima Neto e Cláudia Judith Moura de Almeida Lima.

O PROFESSOR ADERALDO JOSÉ DE MOURA

Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento. (Provérbio de Salomão, cap. 3, V. 13)

ADERALDO JOSÉ DE MOURA – Natural de Patu (RN) nasceu em 1830, filho legítimo do Capitão José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição, presume-se que seus avós paternos eram: o Capitão Geraldo Saraiva de Moura e Maria Saraiva de Moura. Casou-se em primeiras núpcias com Francelina Joaquina de Moura, sendo ela filha de Raimundo Nonato de Melo e Antonia Maria da Conceição, o enlace matrimonial se deu em 1853. Do primeiro matrimônio houve os seguintes filhos:

Juvêncio Hemetério de Moura, casado com Guilhermina Maria da Conceição; Antero Brasiliano de Moura, casado com Antonia Moura da Conceição; Francisco Solano de Moura, nasceu em 24-7-1866, casado com Maria Francelina de Moura; José Avelino de Moura, nascido em 28-6-1871, não foram encontrados os dados de casamento; Mônica Francelina de Moura, nasceu em 9-4-1868, casada com Raulindo Gabriel de Moura; Maria Virgília da Trindade, casada com Joaquim Godeiro da Silva; Sancha Francelina de Moura, nascida em 14-3-1870, casou-se com José Francelino de Moura; Ana Francelina de Moura casada com Otávio Basílio de Moura, embora tenha havido filhos do casal, faleceram ainda crianças e por isso não constaram seus nomes.

Dona Francelina Joaquina de Moura faleceu em 24 de setembro de 1872, em Caraúbas-RN, conforme consta do livro da Paróquia de Caraúbas, com 36 anos de idade. O professor Aderaldo José de Moura, casou-se a segunda vez com uma cunhada de nome Ana Maria de Moura, em data de 13-1-1873, sendo ela natural de Patu. Filha de Raimundo Nonato de Melo e Antonia Maria da Conceição, o casamento foi celebrado em Caraúbas. Assim o Prof. Aderaldo casou com duas irmãs e primas suas, que também eram irmãs de Raimundo Basílio. Do segundo matrimônio houve os seguintes filhos:

José Leão Saraiva de Moura, nascido em 19-3-1874, casado com Eudócia Amélia Gomes da Cunha; Raimundo Leão de Moura, nascido em 22-8-1876, casado com Francisca Felício de Moura; Joaquim Leão de

Moura, nascido em 13-3-1884, casado com Honorata Jacó; Aderaldo de Moura Filho, nascido em 22-12-1882, casado com Ana de Almeida Moura; Francisco Aderaldo de Moura nascido em 8-6-1893, casado com Deolina Isidro; Pedro de Alcântara de Moura, nascido em 19-10-1896, casado com Nicássia Oliveira; Antonia Hosana de Moura, nascida em 18-6-1875, casada com Vicente Jacó Pereira; Maria Angélica de Moura, nascida em 13-3-1886, solteira; Rosa Felícia de Moura, nascida em 29-9-1879, casada com Lucas Carneiro; Sebastiana Olinda de Moura, nascida em 17-11-1887, casada com Pedro Inácio de Oliveira; Helena Maria de Moura, nascida em 30-9-1895, casada com Antônio Tomé Ribeiro. Houve outros filhos, porém faleceram ainda crianças e por isso não constavam os respectivos nomes. Sabendo-se, portanto, que houve 30 filhos das duas esposas.

O Professor Aderaldo estava sempre ao lado de seu pai ajudando a promover o Distrito de Paz de Patu, às vezes ensinando, às vezes procurando resolver os problemas da educação de sua terra. Naquela época, estudar era privilégio, mesmo assim ele promoveu os jovens pobres e ricos, elevando a educação da Sociedade Patuense, através de seus ensinamentos, ministrando com toda dedicação aos que desejavam aprender as primeiras letras. Com isso ele fez o alicerce cultural das primeiras gerações, na freguesia de N. Sr.ª das Dores do Patu de Dentro.

No ano de 1852, foi editada a Resolução Provincial nº 250, a qual aprovou a fundação do povoado. Juntamente com essa Resolução nasceu a cultura patuense do grão fértil da sabedoria da pessoa do Professor Aderaldo e esta semente veio se reproduzindo até o presente, nos seus descendentes, que a exemplo do velho mestre vêm exercendo o magistério, primário, secundário e superior, dignificando assim a cultura patuense e em geral a cultura brasileira. Os novos mestres vêm surgindo numa seqüência genealógica da qual passarei a enumerar, somente os que se dedicaram ao magistério:

Os filhos: Antero Brasiliano de Moura, Antonia Hosana de Moura, Mônica Francelino de Moura e Joaquim Leão de Moura, que lecionaram durante muitos anos no povoado de Patu, depois na Vila do Patu. Esses tiveram escolas organizadas por eles mesmos, nesta cidade.

Os netos: Solon Moura, que lecionava em Mossoró em todos os colégios da cidade e sabia matemática quase igual a Aristóteles, e seus irmãos: Mercês Leão de Moura, Raimundo Leão Júnior, que era padre e

professor, Ernestina Leão de Moura, Soror Tecla Leão de Moura, Abigail Leão de Moura (falecida), Sergina Leão de Moura, Vicente Leão, José Oriéftti Leão, Soror Euridice Leão de Moura, Alvanir Leão de Moura, Evilásio Leão (Vice-presidente da Fundação José Augusto), Heloísa Leão de Moura, Zélia Leão, Helena Leão de Moura, Ana Oliveira Moura e outros.

Os bisnetos: Petronilo Hemetério Filho, Raimundo Nonato de Moura, Solon Moura Filho (Juju) é professor de Matemática em Brasília-DF, Tarcísio Leão de Moura, Maria Leão de Moura, Vânia Leão de Moura, Maria Helena Leão Carlos, Aurenice Leão Carlos, Auri Leão Carlos, Rafael Godeiro Sobrinho (Desmbargador do Tribunal de Justiça e Presidente do TRE em Natal), Celso Leão, Vilma Leão, Vanda Godeiro Carlos, Elita Leão, Vera Lúcia Leão, Vânia Leão Godeiro, Maria Lourdes Leão, Eulália Andrade, Maria Solano Freire, Vera Leão Alves, Nilma Dias Leão, Luzia Neide, Maria José e outros.

Os tataranetos: Terezinha Naume Solano, Joana D'arc Tavares, Ivaneide Solano, Maria do Socorro Godeiro de Moura, Maria Vilani de Oliveira, Nelson Solano Vale, Maria do Céu Garcia de Oliveira, Maria das Graças Saraiva de Moura, José Avelino de Moura, Nilza de França Godeiro, Maria de Lourdes Leão, Maria das Graças Campos Godeiro, Miguel Ângelo Godeiro, Clotilde Holanda Godeiro, Zélia Solano de Andrade, João Tavares de Andrade, Gladstone Godeiro Dutra, José do Carmo Costa, José Américo de Azevedo, Lúcia de Fátima Solano, Maria de Lourdes Paiva Solano, Rita Rocha de Moura, Neide Solano de Azevedo e outros. Todos da relação supra foram ou ainda são professores lecionando com zelo e dedicação, espalhados por este Brasil afora, semeando a cultura e ajudando no desenvolvimento da educação. Tem mais: Maria Solange Hemetério de Freitas, Pedagoga, Antonia Telma Soares de Moura, e muitos outros.

VIDA CULTURAL

O Professor Aderaldo José de Moura iniciou sua carreira no Magistério como professor particular no Distrito de Paz de Patu onde lecionou vários anos. Viajou depois a Natal, capital da Província do Rio Grande do Norte e lá conseguiu ser nomeado para lecionar em Caraúbas (RN), como Professor Público. Só em Caraúbas é que o Governador da Província nomeou o Professor Aderaldo para prestar seus ensinamentos. Aí

ensinou durante 25 anos e depois da sua aposentadoria voltou para a sua terra natal, onde ainda continuou a ensinar no Distrito de Patu. Já velho, cansado, teve que abandonar a profissão de educador. Era Professor titular de ensino primário.

O Professor Aderaldo, homem simples e pacato, era da família do fundador de Patu. Naquela época, ser professor era um privilégio, ele com sua inteligência, conseguiu através de estudos, um título de professor que se chamava naquela época "Carta de Professor". Como era titular, conseguiu ser nomeado Professor Público, cargo muito raro na Província. Foi um educador autêntico, tendo lançado a semente da cultura através de seus descendentes. Na relação genealógica contamos mais de 60 professores espalhados pelo Estado do Rio Grande do Norte e em outros centros, onde lecionam diariamente transmitindo conhecimentos às novas gerações, a exemplo do Professor Aderaldo, que muito contribuiu para a educação desta e outras cidades, pelo seu elevado espírito de colaboração atuando na época das primeiras letras, alfabetizando milhares de pessoas que pela instrução recebida se tornaram doutores, professores, bancários etc. Assim descrevemos a larga folha de serviços prestados à comunidade de Patu e Caraúbas, no soerguimento da cultura e da educação na pessoa do Professor Aderaldo e seus descendentes. Dezenas deles ainda são professores que vem repetindo os seus ensinamentos, espalhando por toda região aulas e mais aulas, difundindo a cultura e a civilização. Muitos foram os discípulos do professor supra citado, que se transformaram em mestres para assegurar às crianças, adolescentes e adultos, o direito da educação. Do povo de Patu, muitos não conhecem os valores culturais do passado porque não foram deixados escritos os seus feitos, mas o velho Professor Aderaldo, 73 anos falecido, volta a ser reverenciado por nossa gente, por trazer ao cenário da cultura patuense, sua memória, na sua biografia escrita por um bisneto, Petronilo Hemetério Filho, que também é professor e defensor das letras, da educação e da cultura patuense, como foi no século passado defendida pelo Professor Aderaldo José de Moura. Ele presenciou a reunião extraordinária da Câmara Municipal de Caraúbas, realizada às 9:00 horas do dia 9-12-1889, sobre a comemoração da Proclamação da República, consta a sua assinatura na Ata como autoridade educacional daquela cidade. Naquela hora declamou: "Tomara que a República prospere".

VIDA PROFISSIONAL

Foi o primeiro professor de Patu, lecionava em caráter particular as primeiras letras a partir de 1852 a 1858, tendo sido o verdadeiro fundador do ensino no Distrito de Paz de Patu.

Foi nomeado pelo Decreto n.º 387, de 19-8-1858, ato do Governo Provincial, como um dos primeiros professores Públicos da Vila de Caraúbas no período de 1859 a 1884 (revista centenária de Caraúbas), onde prestou relevantes serviços à comunidade, tendo sido aposentado neste último ano.

Proventos: consta do livro de Qualificação Eleitoral de Caraúbas, referente ao ano de 1878, onde foi encontrado o valor de sua renda mensal como professor: 600$00 (seiscentos mil réis), naquele ano.

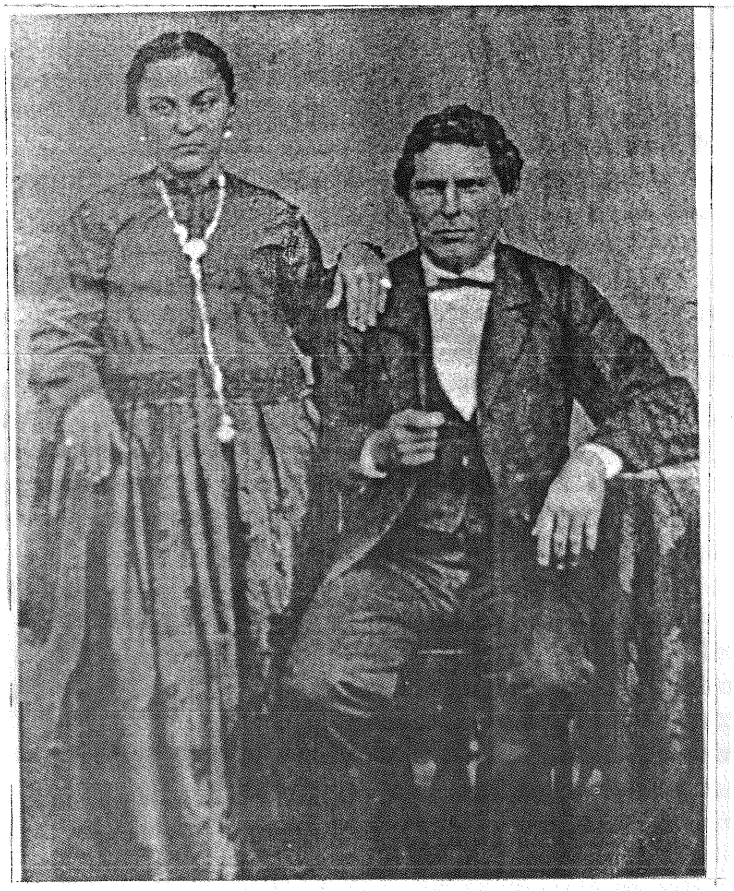
Foi Administrador de Rendas Provinciais da Povoação de Patu em 1860, conforme consta no livro de receitas e despesas às fls. Segundo verso onde foi transcrita a siza (bilhete) do escravo Herculano. (Pesquisado da escritura de venda do dito escravo, Livro A – 1º Cartório de Patu.)

Foi 1º Secretário da Intendência em Caraúbas, no processo de Instalação de 22-01-1869 a 01-07-1869.

Por ocasião da Guerra do Paraguai, ele contribuiu com 5% do seu ordenado alguns meses, como donativo para custeio das despesas pelo conflito. Havia várias modalidades de campanha para ajudar ao Império do Brasil na Guerra. Uns iam para o campo de batalha, outros mais ocupados em cargos úteis à comunidade, ajudavam com dinheiro ou outro tipo de contribuição. O Professor Aderaldo preferiu ajudar com numerário. (Consta no Livro Adauto Câmara, págs. 26 e 27. Arnaldo, mas justifica - Aderaldo.)

Foi homem culto, inteligente, honesto e moralista, um bom orador das solenidades cívicas, jurídicas e religiosas. Pelas tantas assinaturas encontradas no livro velho, ele estava presente em todas as solenidades como: casamentos, batizados, reuniões, audiências etc. era um intelectual desta região, que se dedicava a causa da educação na terra patuense. O Professor Aderaldo José de Moura conhecido na intimidade dos seus familiares ascendentes e descendentes como Padrinho "Moura". Faleceu a 10-1-1908, com 78 anos, na Vila de Patu – RN, conforme consta do termo de assentamento de óbito nº 02 do Livro de óbito nº 02 fls. 51, do Primeiro Cartório de Patu, cujo declarante foi o seu filho Raimundo Leão de Moura. Foi sepultado no cemitério velho desta cidade. Em reconhecimento pelo

mérito de 1º mestre, pelo muito esforço que fez na implantação da educação em Patu e Caraúbas, há uma rua com seu nome, fica no Bairro Nova Brasília, aprovada pela Câmara Municipal, Lei n.º 187, de 22-11-1979. Em Caraúbas há uma praça com o nome de Professor Aderaldo José de Moura, aprovada pela Lei nº 081, de 2 de setembro de 1978. Homenagem merecida pelo pioneirismo na Educação das duas comunidades.



Professor Aderaldo e sua 1ª esposa,
(1860)

RAIMUNDO BASÍLIO DE MOURA
Dados Biográficos

RAIMUNDO BASÍLIO DE MOURA, natural de Patu, ano de seu nascimento 1830, era filho de Raimundo Nonato de Melo e Antonia Maria da Conceição, sendo seus avós maternos: João Saraiva de Moura e Rosa Felismina de Moura, avós paternos: não encontrados, por serem de Apodi e não foram localizados, era casado com Dª Leandra Joaquina de Moura, do casal houve os seguintes filhos:

Raulino Gabriel de Moura, casado com Dª Mônica Francelina de Moura, Otaviano Basílio de Moura, casado com Dª Ana Francelina de Moura, Manoel Basílio de Moura, casado com Dª Francelina Godeiro da Silva, João Basílio de Moura, era casado com Antonia Rodrigues, Guilhermina Maria de Moura, casada com Juvêncio Hemetério de Moura, Antonia Maria de Moura, casada com Antero Brasiliano de Moura e Joaquina Maria de Moura, casada com Antônio Inácio de Oliveira (Raimundo Basílio era primo do Prof. Aderaldo, era da mesma família do fundador de Patu). Raimundo Basílio de Moura foi um baluarte da evolução do Distrito de Paz de Patu, foi até chefe do lugarejo, prestou relevantes serviços a esta boa terra. No início da formação do povoado, consta no livro n.° 1, fls. 6 da Paróquia de Patu, o aforamento do lote de terra, medindo 36 palmos de frente por 150 de fundos, do Patrimônio de Nossa Senhora das Dores, solicitado por Raimundo Basílio de Moura, para construção de sua casa, sendo ele considerado o 1° foreiro do lugar, ficando o dito lote em frente à capela. A casa ainda existe, mas foi reformada e hoje pertence aos herdeiros de Gutemberg Lira. Este aforamento foi feito em 25/04/1854 e logo se seguiram outros. Foram construídas casas nos dois lados da Capela e também em frente, surgindo assim as primeiras casas do Povoado de Patu, tendo como pioneiro Raimundo Basílio de Moura.

Foi assim que Raimundo Basílio ajudou na organização e alinhamento do povoado quando este se iniciava, foi quem mais trabalhou como chefe pela promoção do Patu, à categoria de Vila. Raimundo Basílio de Moura, foi um dos incentivadores do crescimento do povoado, e um dos organizadores da coisa pública no Patu, juntamente com seu primo José Severino de Moura

Júnior, mandaram que fosse feito um latadão para que a feira ficasse reunida num só local, ao lado da Igreja e os feirantes ficassem abrigados contra o sol e a chuva, mandaram também que fossem abertas novas ruas para promover o crescimento do lugar. Mais tarde o primo Zezinho afastou-se da administração do Distrito, passando somente para Raimundo Basílio, toda responsabilidade de chefiar o lugarejo, e este com coragem e trabalho enfrentou as dificuldades procurando extinguir o atraso. A partir da campanha abolicionista o Senador Almino Álvares Afonso, o Desembargador Manoel Moreira Dias e Raimundo Basílio eram entrosados na política do Distrito e de Martins, foi quando em 1890, com a Proclamação da República o Deputado Constituinte - Moreira Dias atendendo ao pedido de Raimundo Basílio, formulou um projeto criando o Município de Patu, desmembrando-o de Martins. Após a aprovação pela Assembléia, o Governador Pedro Velho, sancionou a Lei nº 53, de 25-9-1890, estava concretizado o sonho de Raimundo Basílio e outros Patuenses, que almejavam a autonomia política deste Município.

Raimundo Basílio foi chefe do Patu no período de 1883 a 1906, aproximadamente, deixou a vida política nos primeiros anos da República, porque não era do Partido Republicano. Ele pertencia ao Partido Liberal, e no Governo de Afonso Pena, houve eleições e ele foi derrotado pelo Capitão Justino Leite em 1907, anos depois o Capitão José da Penha, chefe do Partido Liberal no Rio Grande do Norte, fez uma visita à Vila do Patu, precisamente em 1913 e hospedou-se com sua comitiva na casa de Raimundo Basílio, por ocasião das eleições, esteve presente um grande número das mais destacadas figuras locais no banquete oferecido as autoridades por Raimundo Basílio.

Apesar das dificuldades para obter o desenvolvimento do lugar, isso porque não tínhamos ainda nossa autonomia política, éramos subordinados a Martins, tudo que era feito aqui tinha que receber autorização e dinheiro da Imperatriz, não havia automóvel, tudo era transportado a lombo de burro e carro-de-bois; imagine-se a demora para se ir a Martins a cavalo, buscar materiais e pouco dinheiro para fazer uma melhoria no povoado. Não havia segurança nem Bancos e corria-se o perigo dos ladrões, nas veredas assaltarem a ninharia de alguns mil réis que o chefe adquiria para um melhoramento do povoado, mesmo assim enfrentando todos os obstáculos, Raimundo Basílio, tinha a coragem de ir a metrópole reivindicar o que Patu

precisava para sua manutenção e desenvolvimento do pequeno lugar que era Distrito, nessa época, o seu povo confiava na coragem, na idoneidade e honestidade do seu chefe, que era um homem prudente.

Em 1928, aos 98 anos de idade, faleceu, em Patu, o Sr. Raimundo Basílio que tanto se esforçou pelo seu povo, pela sua família e pelo povoado, conseguiu a transformação do Distrito em Município, e consequentemente a elevação do nosso lugar a categoria da Vila. Foi um mérito que lhe consagrou como defensor dos patuenses no fim do século XIX e no início do XX. Seu corpo baixou à sepultura, deixando uma lacuna na sociedade local e saudades para seus familiares e amigos. Na época do falecimento do velho Basílio, era Prefeito de Patu o Sr. Rafael Godeiro da Silva, que ainda era parente do extinto, mandou celebrar as exéquias, como último adeus ao ancião. Hoje revivemos a sua memória esquecida e até ignorada pelas novas gerações, de um patuense das gerações antigas que merece o nosso reconhecimento e destaque nas páginas da nossa História. Seu sepultamento se deu no cemitério velho desta cidade. Raimundo Basílio era bisavô materno do humilde professor que vos escreve, Petronilo Hemetério Filho.

Não existe nenhum prédio público com o seu nome, como homenagem, pois naquela época isso não era costume acontecer. Entretanto há uma Rua com o seu nome, fica localizada ao lado da igreja e vizinho ao local da velha casa do Basílio. Em 1990, era Prefeito de Patu o Dr. Ednardo Benigno de Moura e o Secretário de Obras Sr. Petronilo Hemetério Filho, os quais idealizaram um projeto arquitetônico para comemorar o Centenário da Emancipação de Patu. Foi então construída uma pequena Praça, bem arborizada denominada "Praça Raimundo Basílio" com a inauguração do busto do homenageado. Esta Praça fica situada ao lado poente da Igreja matriz. Seu bisneto Petronilo Hemetério Filho, mandou fazer a estátua em São Paulo/SP, para colocar a vista de todos os patuenses e das gerações futuras, como lembrança da criação do nosso município e perpetuando a memória de Raimundo Basílio.

Em 13 de setembro de 1990, foi constituída uma Comissão nomeada pelo Prefeito Municipal Dr. Ednardo Benigno de Moura, composta por: Alvanir Maria de Moura, Tenente Felipe Francisco de Moura, Petronilo Hemetério Filho, Maria Helena Godeiro e Maria Celi Suassuna Leite, para fazer uma verificação na comemoração da data de emancipação do

município de Patu, que anteriormente estava sendo comemorada em 03 de novembro. A comissão reuniu-se no auditório do Campus Avançado da FURRN, estando presente o Prefeito Municipal, os professores, alunos e outras autoridades. Na oportunidade foi apresentada e lida uma cópia xerografada do original do Decreto nº 53 datado de 25 de setembro de 1890 e também foi apresentada e lida a Lei nº 29 de 03 de novembro de 1936. Após a análise dos dois documentos oficiais, verificou-se que o primeiro documento foi o Decreto que criou o Município de Patu em 25 de setembro de 1890, que ficou considerada como a data verdadeira do Município de Patu, desmembrado do Município de Martins.

O segundo documento era uma Lei Estadual nº 29, que elevava a Vila de Patu à categoria de Cidade.

A decisão dos presentes foi unânime e ficou decidido que a data da Emancipação Política de Patu é 25 de setembro de cada ano, porque a emancipação foi dada pelo Decreto nº 53 oficializando a autonomia política do nosso município na data supra citada. Daí por diante a festa de emancipação política, ou seja, o dia do município será comemorado na referida data, ao contrário do que se fazia no passado, comemorava-se em 3 de novembro, pois o município já existia com sua autonomia, com sua sede com a denominação de Vila e nesta última data a Lei nº 29 apenas elevou a Vila à categoria de Cidade e este ato não foi uma emancipação, foi apenas uma promoção. Retificando-se a partir deste ano de 1990, a data de comemoração da emancipação política do nosso município, para 25 de setembro.

Este termo de retificação foi transcrito do Livro de Atas da Prefeitura Municipal de Patu, onde constam somente as assinaturas dos membros da Comissão.

Foi feito também o Hino do Centenário da Emancipação por Alvanir Maria de Moura, em homenagem ao antigo chefe político de Patu.

Eis a letra do Hino, tocado em Fá maior com tonalidade Si bemol.

TRANSCRIÇÃO DO HINO DO CENTENÁRIO 1890 - 1990

Autoria de Alvanir Maria de Moura

I

Grande, muito grande,
Pela terra e pela gente.
Neste dia mais se expande
Dos patuenses a glória e gente
Não há mais formoso
Município.
Terra que é a do cruzeiro,
Não há gente mais jubilosa
Que o povo Patuense.

Refrão

Para ser maior a glória
Desta cidade unida e forte,
Prossegue nesta heróica trajetória,
Bem unida de Sul a Norte

II

Juntos neste lema
Unidos na mesma crença.
Unidos na fé suprema
Que os lega neste berço amado.
E darei a esta terra,
Que nos viu nascer a Patu-
Centenária
Paz, amor e fraternidade

III

Salve! Esta data
Vinte e cinco de Setembro
Quando os nossos fundadores
Instalaram o nosso município
Graças vos damos
Oh! Querida Mãe das Dores
Por este século de vida
Abençoe esta cidade.

Notas:

Pesquisado nos livros da Igreja, cartório e informações de João Inácio de Oliveira, com 82 anos de idade e bisneto de Raimundo Basílio e filho adotivo.

Os participantes do banquete que Raimundo Basílio ofereceu ao Capitão José da Penha chefe do Partido Liberal no Estado, em julho de 1913, foram as autoridades locais e alguns deles: Sidrônio Melo, Herculano Victor de Lima, Etelvino Fernandes Leite, Leandro José Bandeira de Moura, Antônio Saussuna, Cristiano Suassuna e muitos outros, o banquete foi servido a mais de cem talheres.

PETRONILO HEMETÉRIO DE MOURA
E
JOVELINA ERNESTINA DA SILVA
Dados Biográficos

PETRONILO HEMETÉRIO DE MOURA, natural de Patu, nascido no dia 29-1-1891, filho de Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria de Moura, sendo seus avós paternos: Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura; avós maternos: Raimundo Basílio de Moura e Leandra Saraiva de Moura; bisavós paternos: Capitão José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição; bisavós maternos: Raimundo Nonato de Melo e Antonia Maria da Conceição, cujos troncos vêm dos fundadores de Patu, que são os Mouras. Casou-se com Jovelina Ernestina da Silva. Do matrimônio houve os seguintes filhos: Francisco Petronilo de Moura, casado com Lina Godeiro de Moura; Valmir Petronilo de Moura, casado com Francisca Eudaria de Moura; Noeme Naume de Moura casada com Sinval Solano de Moura; Sebastião Petronilo de Moura, casado com Francisca Tavares de Moura; Juvênio Hemetério Neto, casado com Laurenisa Godeiro Alves e no segundo casamento com Francisca Cordeiro dos Reis, Manoel Petronilo de Moura, casado com Maria Soares de Moura; Joaquim Hemetério de Moura, casado com Terezinha M. J. Amaral; Petronilo Hemetério Filho, casado com Maria do Socorro Freitas. Houve outros quatro filhos: João, Gabriel, Antônio e João, falecidos ainda crianças, sendo que o último faleceu aos seis anos em 8/6/1840, "vítima de queda de um carneiro".

JOVELINA ERNESTINA DA SILVA, natural de Patu, nascida em 29-12-1898, filha de Ernesto Ferreira de Azevedo e Maria Francisca das Chagas, avós paternos: Belarmino Ferreira de Azevedo e Francisca Maria da Conceição; avós maternos: Francisco Rocha Maia e Maria Francisca Saldanha; bisavós paternos: Manoel Joaquim de Azevedo e Francisca Maria Ferreira; bisavós maternos: Francisco Alves Maia, sendo este com uma companheira de nome ignorado.

ORIGEM: AZEVEDO – veio de Jardim do Seridó no Rio Grande do Norte; (antiga Conceição do Azevedo).

SALDANHA – veio dos Saldanhas do Riacho do Sangue no Ceará;

MAIA: Vem dos Maias de Brejo do Cruz e Catolé do Rocha na Paraíba.

MOURA: Do lado paterno, vem da família Moura fundadores do Patu (vem a origem desta família emigrada de Portugal e suas possessões).

VIDA E PROFISSÃO

Petronilo Hemetério de Moura, foi um bom filho e bom esposo, na juventude estudou nas Escolas Primárias da vila do Patu, indo depois para a cidade de Mossoró, lá trabalhava na loja de um tio e estudava na Escola Técnica de Comércio "União Caixeiral", onde aprendeu o Latim, mas só cursou dois anos naquele Colégio. Era um bom aluno, aplicado em todas as disciplinas do currículo escolar. Teve que mudar de função de atendente de balcão, passou a ser caixeiro viajante, saía pelas vilas e cidades do Oeste deste Estado, vendendo e fazendo cobrança da firma do seu tio. Não havia carros tudo era transportado em lombo de burro, estava sujeito a assalto e corria risco de vida porque andava arrecadando o dinheiro das vendas anteriores que eram feitas a prazo, e havia os cangaceiros que roubavam às vezes e levavam o dinheiro e matavam o caixeiro viajante. Diante da insegurança ele resolveu deixar o emprego e perdeu até os estudos. Voltou para sua terra natal e iniciou um ramo de negócio de compra de peles e algodão. Namorou uma filha de Almino Gato, mas casou-se com Jovelina filha de Ernesto do Escondido.

Após o casamento, em 1920 foi residir no Sítio Serra de São Miguel, hoje Município de Almino Afonso; tomava conta da propriedade do sogro e negociava com peles, comprava algodão e frutas. Trazia toda semana um comboio de produtos da terra para vender na feira do Patu, daqui levava de volta os animais carregados de mercadorias, artigos caseiros e queijos para vender aos serristas. Fez amizade com José Lindolfo no Sítio Latão de onde trazia as melhores bananas leite para vender aqui em Patu.

Em fins de 1923 veio morar na vila do Patu, na rua Raimundo Basílio ao lado da Igreja Matriz, mas continuou o comércio ambulante. Das economias e dos lucros obtidos nos negócios, juntou dinheiro que deu para comprar uma propriedade de sociedade com seu irmão Miguel. Era no tempo dos mil réis e se amarrava cachorro com lingüiça, compraram a propriedade

Cumaru, a Etelvino Leite por 5.000$00 (cinco contos de réis), ainda existe a referida propriedade com o herdeiro Petronilo Hemetério Filho, que também comprou a outra metade de seu tio Miguel e as partes de seus irmãos. Vivia economicamente regular, nunca deixou o comércio de compra de peles e algodão, explorava a agricultura de subsistência na sua propriedade, criava gado e bastante ovelhas, naquele tempo havia muita produção, ele vivia anualmente com os silos cheios de cereais. Havia inverno abundante e ele gostava de trocar cereais por serviços (mão-de-obra) com os vizinhos. Passava dias e mais dias fora, fazendo negócios nas feiras e a esposa era quem administrava os serviços na propriedade na ausência do titular.

Petronilo Hemetério de Moura faleceu em 08 de abril de 1935 e após sua morte a propriedade foi dividida entre os dois irmãos compradores, sendo que a metade da terra pertencente ao extinto foi inventariada entre a sua mulher e os 8 filhos. A viúva Jovelina era muito autoritária e boa administradora, criou os filhos no trabalho, com muita ordem e respeito. Não vendeu a terra e nem passou fome durante as secas de 1941 a 1943. Botou os meninos na escola e todos aprenderam, apesar de ser longe a escola, mas não foram em vão os esforços feitos por ela, porque cada filho hoje vive independente, graças a boa administração de nossa santa mãe que soube guiar os filhos para o bom caminho da vida, ela soube receber e resolver os problemas da família com muita prudência.

Era um exemplo de mãe, dando uma ordem tinha que ser cumprida, era honesta e bem-intencionada, tinha um grande ciclo de amizade.

Eis alguns descendentes que se destacaram e galgaram posições ou ocuparam cargos:

Sebastião Petronilo de Moura (filho), Vereador em três legislaturas e chegou a ocupar o cargo de Prefeito neste Município em 1987. Foi nomeado Juiz de Paz, exerceu o mandato em três períodos 1967, 1968 e 1972, é proprietário e Agropecuarista neste Município.

Valmir Petronilo de Moura (filho), falecido, foi cabo do Exército. Ex-combatente da FEB – Força Expedicionária Brasileira.

Petronilo Hemetério Filho – veja Curriculum do autor.

Em 12 de Maio de 1999, foi inaugurado um Parque de Vaquejada no Sítio Cumaru, vizinho ao Posto Nossa Senhora dos Impossíveis I, para homenagear a grande mulher proprietária do Sítio, seu neto Petrônio

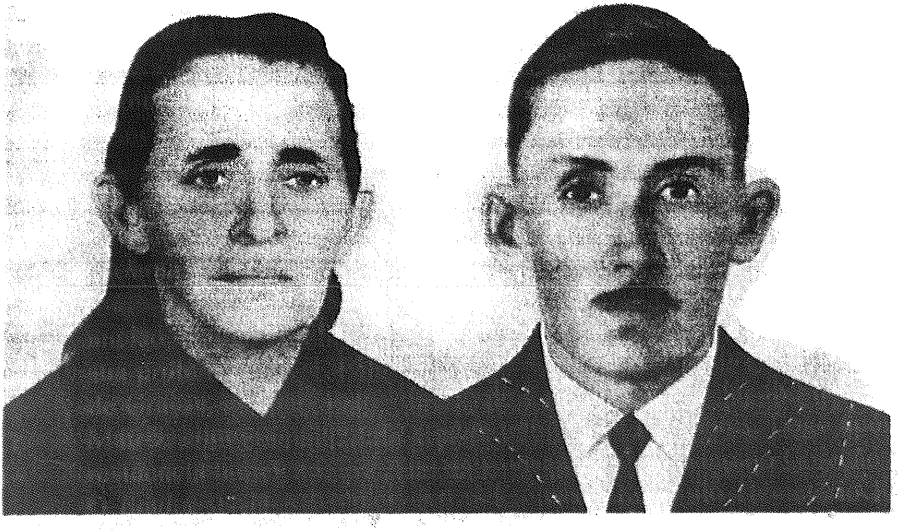
Hemetério de Freitas batizou o Parque com o nome de "Jovelina Ernestina" para lembrar a sua memória, que foi uma doçura de mãe e avó. E também existe uma Rua com seu nome no bairro de Nova Brasília, cujo projeto foi de autoria de Vereador Antoneles Godeiro da Silva.

PETRONILO HEMETÉRIO DE MOURA E JOVELINA ERNESTINA DA SILVA

Homenagem póstuma

Comentando o adeus e a partida para nunca mais voltar.

Para servir a Deus, os meus pais deixaram este mundo, indo viver na eternidade, por determinação do Onipotente, hoje são almas, que eles gozem o privilégio do Reino do Céu e o descanso eterno na bem-aventurança do Salvador. Os filhos que deixaram na terra reverenciam as suas memórias e guardam eternas saudades, na certeza de que um dia após cumprirem a missão e completar a rotina da vida, haverá o reencontro espiritual de todos com Deus.



Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina são os pais do autor desta obra.

A FAMÍLIA SOLANO

A família Solano, realmente é um segmento da família Moura, que teve origem do velho patriarca Francisco Solano de Moura casado com Maria Francelina de Moura, ele filho do professor Aderaldo José de Mora e de Francelina Joaquina de Moura, neto do Capitão José Severino de Moura.

Não sei por que o professor Aderaldo, homem letrado registrou um filho com o sobrenome de Solano. A pergunta é: de onde veio este sobrenome, se não tinha nenhuma pessoa na família com o nome Solano. Todos são Moura: pai, mãe, avô, bisavô e esposa, logo todo Solano é Moura puro, por causa dos seus ancestrais, com exceção dos que vieram de outras famílias e se casaram com alguém da família Solano.

Diziam os mais velhos: José Godeiro e Maria Helena Ribeiro (Mimosa de Tomé) que o velho professor Aderaldo admirava o Ditador Francisco Solano Lopes, do Paraguai. Por este motivo registrou o filho com o sobrenome Solano, foi uma versão contada aos pesquisadores pelos anciões acima citados, sendo que a última era irmã do velho Francisco Solano. Assim sendo, os Solano são membros da família Moura, mesmo que não queiram.

Existe outra versão contada por Alvani Maria de Moura, conhecida por Alvani Salano. Ela conta que o sobrenome Solano não surgiu de uma família, foi dada ao Patriarca Francisco Solano de Moura em homenagem a um Santo, que figurava no calendário no dia do seu nascimento. Porém esse Santo era um espanhol canonizado denominado "São Francisco Solano".

PATRIARCA COMEMOROU CENTENÁRIO EM PATU

FRANCISCO SOLANO DE MOURA comemorou os 100 anos de idade. Foi o Patriarca na formação da família Solano, residente nesta cidade. Era pequeno agricultor, comerciante ambulante neste município.

Nasceu em Caraúbas aos 27 dias de julho de 1866, filho do Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura. Em 22-10-1885, com 19 anos, casou-se com Maria Francelina de Moura, filha de Francelino José de Moura e Ana Francelina de Moura (falecida em 1960), com quem teve a felicidade de festejar seus 75 anos de vida matrimonial. Atingida a quinta geração, sua descendência foi assim constituída: 9 filhos, 38 netos, 95 bisnetos, 10 trinetos, até a data centenária.

Do seu matrimônio nasceram os seguintes filhos: Antônio Solano de Moura, Lourenço Solano de Moura (falecido), João Solano de Moura, Amélia Fausta Solano, Izabel de Almeida Moura (falecida), Luzia Solano de Moura, Francisco Solano Filho e Joaquim Solano de Moura.

Em 26-6-1966, toda cidade comemorou os 100 anos do venerado ancião, o qual recebeu as homenagens da comunidade patuense em meio a sua prole numerosa. Pela manhã, às 6 horas, foi celebrada a Missa de Ação de Graças, oficiada pelo Vigário da Paróquia, Padre Jacob Shelee, na igreja Matriz, com comunhão de grande número de familiares. Logo após, em sua residência houve a renovação da Consagração do Sagrado Coração de Jesus. O orador desta solenidade foi o Professor Petronilo Hemetério Filho, seu sobrinho em segundo grau, que fez uma saudação de júbilo ao ancião centenário e a toda a sua família, enfatizando a união dessa família, dizendo que são poucas as pessoas a completarem hoje um século de vida. E o ancião Francisco Solano foi escolhido por Deus para motivar essa grande festa de 100 anos para a família e a sociedade patuense.

É admirável e digna de nota a vida de sacrifícios que ele enfrentou, quando com 20 anos de idade, resolveu viajar para o longínquo Estado do Amazonas, por duas vezes foi de navio. Fez sua primeira viagem no ano de 1895, saindo a pé de maca nas costas (hoje mochila), sendo sabedora apenas sua esposa, conduzindo a insignificante quantia de dois mil réis. Chegando em Mossoró, ao encontrar o seu irmão José Leão de Moura, recebeu do mesmo a importância de 5 mil réis e assim prosseguiu a longa e cansativa

caminhada, demorando uns dias em Fortaleza aguardando o navio para conduzi-lo à terra da borracha, onde enfrentou grandes perigos e dificuldades. Vendo tão grandes jibóias e feras pelas matas, das quais escapou milagrosamente. Lá conseguiu ganhar a quantia de 800 mil réis, que muito beneficiou sua família, construindo sua casa no Sítio Recreio. No ano seguinte (1896), após visitar sua família aqui passando alguns meses, resolveu voltar ao Amazonas continuando o seu árduo trabalho extraindo a borracha nos seringais daquele Estado. Ao voltar do Norte passou a negociar com couros, manteiga, ovos, frutas, etc., levava os produtos para a cidade de Mossoró, viajando de trem para aquela cidade oestana, onde vendia suas mercadorias. Esteve presente na primeira feira de Almino Afonso, onde freqüentou por muitos anos, bem como no Gavião, hoje Umarizal e demais povoados e distritos de Patu.

Faleceu no dia 4 de agosto de 1966, dois meses depois de ter comemorado o centenário, um século vivido na simpatia de seu lar, "Graças ao bom Deus", não deixou registrado casos de crime, foi exemplo dignificante para sua posteridade. Seu corpo baixou a sepultura no dia 5-8-66, no cemitério público da cidade, deixando lágrimas e saudades no seio das famílias patuenses.

ALGUNS DESCENDENTES ILUSTRES

Professor RAIMUNDO NONATO DE MOURA (neto) – Foi Diretor do Ginásio Comercial de Patu em 1962/1974 – Alto funcionário da Previdência Social – Formado em Economia e Ciências Contábeis.

FRANCISCO DE P. SOLANO (bisneto) – formado em Medicina MÁRIO SOLANO DE MOURA (neto) – Exerceu o cargo de Prefeito Municipal de Olho D'água do Borges, Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Patu.

FRANSCISCO OTÁVIO DE MOURA (neto) – Vereador em três legislaturas na Câmara Municipal de Patu.

ISABEL SARAIVA FORTE (bisneta) – Foi Representante do INPS, universitária e também foi Diretora da Escola de Segundo Grau.

LAIR SOLANO (bisneto) – Médico e ex-Prefeito.

FRANCISCO DE PAIVA SOLANO (bisneto) – Médico em Mossoró.

SÍLVIO DANTAS FILHO (trineto) – Promotor de Justiça.

A FAMÍLIA ROCHA

O professor João Rocha residia e lecionava no Junco, hoje Messias Targino, foi o patriarca da família Rocha. Veio morar em Patu, e seus filhos por aqui se fixaram. Era o pai de Joaquim de Oliveira Rocha o maior agropecuarista de nosso município, proprietário da fazenda Lajes, casado em primeiras núpcias com Helena Leite Rocha e seus filhos são: José de Oliveira Rocha (Deusdete); Antônio de Oliveira Rocha; Francisco de Oliveira Rocha (empresário no setor de transportes intermunicipal) Hildo de Oliveira Rocha; Casou-se em segundas núpcias com Maria Carmelita Rocha e tiveram os seguintes filhos: Joaquim de Oliveira Rocha Filho; Otoni de Oliveira Rocha; Olimar de Oliveira Rocha; Pedro de Oliveira Rocha; João Bosco de Oliveira Rocha; Oliveti Rocha; Maria Lúcia Rocha; Maria Helena Rocha; Zilar de Oliveira Rocha, Miriam de Oliveira Rocha.

São pessoas ilustres da família Rocha: Francisco de Oliveira Rocha foi eleito Deputado Federal; Pedro de Oliveira Rocha se elegeu Vereador em Patu por dois mandatos; Seu sobrinho Lourival Rocha foi Prefeito de Patu no período de 31/3/1969 até 30/031973.

A FAMÍLIA BRASILIANO

O Sr. Francisco Dionísio, residente no Sítio Jenipapeiro, município de Catolé do Rocha/PB, onde era proprietário daquelas terras, foi o fundador da família Brasiliano, era o pai Brasiliano Aliano da Silva. Daí surgiram os Brasilianos, que foram vendendo as terras e emigrando para outros lugares, foi o caso de Francisco Brasiliano que veio do Sítio Jenipapeiro para morar no sítio Cumaru, em Patu/RN, onde se fixaram e ainda hoje estão residindo no nosso município. São uns morenos de boa procedência, são trabalhadores e cumpridores do dever. São mais de 300 pessoas residindo aqui, se desenvolveram bastante a ponto de candidatar um deles a Vereador – Severino Brasiliano era o mais comunicativo da família com sua serenidade, conseguia arregimentar os seus familiares, pregando o bem a todos. É uma família de gente boa...

Severino Brasiliano morou na propriedade da família do autor durante 40 anos, hoje é falecido.

A FAMÍLIA DO LUIZ DO JATOBÁ

Conforme matéria publicada no Jornal "A Gazeta do Oeste" existe no município de Patu o Quilombo do Jatobá. Na verdade, o que existe no Jatobá é uma comunidade negra, porque Quilombo era um lugar seguro, onde os escravos fugitivos se escondiam e lutavam armados contra os capitães do mato, chegando até a morrer, mas não se entregavam.

Para resgatar a tradição e a cultura negra, os moradores reuniram-se numa associação, e elaboraram um Estatuto que rege a Comunidade do Jatobá, perpetuando a tradição da raça negra do Município de Patu.

Desde a época da escravidão e mesmo depois da abolição, os habitantes dessa localidade em sua maioria eram todos negros, e para resgatar essa cultura "negra", dediquei uma página deste livro para homenagear a perseverança e a unidade familiar mantida naquele lugar por quase um século. Assim as gerações futuras saberão desse fato e conservarão suas tradições.

No Sítio Jatobá há uma riqueza histórica com 2 fatos que foram vistos como importantes tanto para o turismo rural, quanto para a sociedade: é o Lajedo do Jatobá com inscrições pré-históricas e as tradições culturais que se perpetuam no mesmo sítio. Na comunidade negra existe ainda, doze casas de morada, uma capela cujo padroeiro é São Benedito, uma quadra festiva onde a prática do samba predomina retratando o ritmo africano, um grupo escolar, um açude, energia elétrica rural e é praticada a agricultura de subsistência.

Passamos a descrever o nome de alguns dos habitantes: João Luiz de Aquino (falecido), casado com Maria Juliana da Conceição, vindos de Belém do Brejo do Cruz se estabelecendo no Jatobá, foram os primeiros habitantes negros. Tiveram os seguintes filhos: Raimundo Luiz de Aquino, Francisco Luiz de Aquino, João Batista de Aquino, Cícero Luiz de Aquino, Sebastião Luiz de Aquino, José Luiz de Aquino e Lucília Almeida de Aquino casada com Severino Sebastião de Almeida, vulgo Sereno. E muitos outros descendentes.

José Baraúna dos Santos é um preto que, apesar de não ser da família dos Luiz de Aquino, reside no Sítio Carfanaum, e participa da comunidade negra, com seus seis filhos, e estes já constituíram famílias e moram nos arredores.

Em 06 de dezembro de 2004, o INCRA realizou a demarcação da área do Comunidade Negra do Jatobá, entregando a documentação da terra.

Francisco Luiz Aquino, chefe da Comunidade Negra do Jatobá-Patu

ALMINO ÁLVARES AFONSO

Almino Álvares Afonso foi orador, jornalista e parlamentar. Nasceu no lugar "Coroatá", do município de Patu, hoje Almino Afonso – RN, aos 17 de abril de 1840, sendo seus pais Francisco Manoel Álvares Afonso e Luiza Cândida Telles de Meneses.

Órfão de pai aos oito anos de idade, e sendo sua mãe muito pobre, Almino aprendeu a ler, segundo a tradição, à luz das fogueiras e em livros que lhe emprestavam pessoas amigas.

Mais tarde, tendo adquirido conhecimentos de Português, Francês e Latim, dedicou-se ao ensino dessas línguas na cidade Martins, Patu de Fora, Caraúbas e Catolé do Rocha, especializando-se em Latim, em que se tornou profundamente versado.

Nos anos de 1862 e 1863, sob os auspícios de seu tio José Torquato, começou Almino Afonso a trabalhar no fórum, indo posteriormente a convite do mesmo, para a cidade do Recife afim de cursar a Faculdade de Direito, onde se diplomou bacharel, em dezembro de 1871.

Nomeado promotor público da Comarca de Guarabira na Paraíba, efetuou, a 13 de fevereiro de 1872, o seu casamento ajustado, havia três anos, com sua prima Abigail de Souza Martins. Em Guarabira esteve até agosto de 1874.

Em setembro desse ano, tendo ido a Catolé do Rocha em visita a seu irmão Diocleciano, resolveu seguir com este para o Ceará juntando-se mais tarde a eles, o irmão Minervino.

Chegando a Fortaleza, Almino Afonso foi nomeado secretário da Presidência da Província e, depois, Juiz Municipal de Cascavel e Aquiraz, onde fez quatriênio. Reconduzido nesse lugar, permutou-o, em 1880, com o Dr. Facó, passando a exercer, na capital, o cargo de Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda, de que foi demitido, em 1883, por motivo de um discurso proferido nas festas de embarque do 15° Batalhão.

Por esse tempo fazia-se no Ceará intensa e animada propaganda pela libertação dos escravos. O verbo ardente de Almino Afonso, que constituía, segundo o seu biógrafo, grande elemento para as novas idéias triunfantes, irritava os adversários da Abolição.

De muitas províncias surgiram protestos pela imprensa contra a demissão de Almino Afonso, fazendo José do Patrocínio, no Rio de Janeiro, uma conferência, perante cerca de duas mil pessoas, em que atacou fortemente o Marquês de Paranaguá, então Presidente do Conselho de Ministros.

Em 1884, partiu o Dr. Almino para o Amazonas afim de concluir trabalhos de advocacia ali iniciados por seu irmão Diocleciano, falecido em Baturité. Em Manaus, exerceu por muito tempo a profissão de advogado, redigindo, na mesma época, o "Rio Branco" jornal conservador. Em 1887, foi eleito Presidente da Câmara Municipal de Manaus.

Em julho de 1889, dirigiu ao eleitorado do Rio Grande do Norte uma circular apresentando-se candidato a uma cadeira na Câmara dos Deputados. Ao dar-se a Proclamação da República, de que fora também ardoroso propagandista, conseguiu ser eleito representante de sua terra natal ao Congresso Constituinte.

Em 1894, por indicação do partido chefiado por Pedro Velho, foi eleito Senador, na renovação do terço do Senado.

Na constituinte, como depois no Senado, Almino soube impor-se à estima, à consideração e ao respeito de seus pares pela gentileza de seu trato, firmeza de suas convicções e vigor de seu talento. Um dos traços característicos de sua personalidade política, diz o Dr. Tavares de Lyra (História do Rio Grande do Norte, pág. 715) – era o seu bairrismo, às vezes exagerado. Não perdoava a quem o contrariasse na obtenção de qualquer melhoramento para sua terra. E, a este propósito, a sua vida parlamentar está cheia de interessantes episódios.

De uma feita apresentou ainda, Deputado, uma emenda mandando consignar um auxílio de duzentos contos no orçamento da Viação para as obras do abastecimento d'água da cidade de Macau. A Comissão de Finanças deu parecer contrário. Ao ser votada a emenda, pediu a palavra para encaminhar a votação. Procurava justificá-la, falando com o acostumado calor e eloqüência, quando um Deputado disse, em aparte, que o auxílio era contrário a Constituição por se tratar de um melhoramento de caráter municipal. Virou-se rapidamente para o aparteante e respondeu de pronto; "se a Constituição proíbe que se dê água a quem tem sede é uma Constituição irracional. E tal foi o ardor com que se bateu pela aprovação da emenda, que a Câmara a votou por quase unanimidade".

Almino Afonso faleceu a 13 de fevereiro de 1899 (data do aniversário do seu casamento), rodeado da família, em residência, à rua Tristão Gonçalves, Fortaleza – Ceará, depois de receber os sacramentos da igreja e recitar belíssimas orações em Latim.

A 15 de novembro de 1929, foi inaugurado na cidade de Martins, à praça da Conceição, um busto de bronze do Senador Almino Afonso, oferta do Coronel Demétrio Lemos, martinense, oficial reformado do Exército, residente no Rio de Janeiro. O busto é trabalho do escultor Eduardo Sá.

Segundo Nestor Lima, Almino Afonso era antes de tudo um autêntico sertanejo e um grande latinista do século XIX. Certa vez o Imperador D. Pedro II, teve dificuldade em traduzir um texto escrito em Latim e perguntou ao Visconde Rio Branco, quem seria capaz de traduzir aquele trecho latino que parecia impraticável ou mesmo difícil ao soberano. O Visconde apresentou o moço do Norte e levou-lhe a consulta, dizendo assim: Sr. Almino Afonso agora é que vai perder a fama de sua memória e do seu Latim, adiantando que D. Pedro não conseguira traduzir uns versos, os quais passarei a ler. Não precisa Sr. Visconde que continue a leitura: Esses versos são de Lucano e repetiu todo o trecho que o Paranho trazia escrito, a parte. Basta! Interrompeu o Visconde. Escreva a tradução da cópia que eu queria levá-la ao Imperador. O Sr. é incrível! Almino disse zombando: qualquer um dos seus alunos sabe fazer esta tradução.

Dias depois o Imperador mandou-lhe uma aprovação com louvores e um convite para ir ao Palácio Imperial na Quinta da Boa Vista, porém se desculpou e não foi.

Almino Afonso foi o pioneiro na libertação dos escravos no Norte e deu exemplo de Mossoró, em 30-9-1883, cinco anos antes da Lei Áurea. Almino deu o grito de liberdade dos cativos dizendo: "abaixo a escravidão", conforme consta da ata.

Todavia foi muito perseguido e muito combatido com ameaças (de desassossego, as intrigas não procuradas), emboscadas e tentativas de morte, (as armas e o desterro que) a si e aos irmãos, por quatro anos, perseguidos só por amor da justiça e aos bons costumes, como se queixava em carta que autografou a um amigo, Desembargador Felipe Guerra em 18-7-1876.

Combateu em Juízo os atos de Jesuíno e por isso teve que se retirar para o Ceará em 1874 com toda sua família para evitar represália do cangaceiro.

Almino Afonso foi professor em Caraúbas, contemporâneo do professor Aderaldo José de Moura. Foram dois Grandes Mestres, que trabalharam juntos pelo soerguimento da cultura Caraubense no século XIX. Como recompensa Almino foi indicado como candidato pelo 2° Distrito Eleitoral da cidade de Caraúbas em 3-8-1889 e foi ele o potiguar mais votado para a Assembléia Constituinte Federal.

Ao assinar a primeira Constituição da República colocou uma legenda em latim: "PRO CÍVIUM PROQUE UNIVERSA REPÚBLICA" (tradução) – Pela vida dos cidadãos e por toda a República. (Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras).

O Senador Almino Álvares Afonso dignificou a sua terra natal e Patu teve um ídolo da literatura latina e um bravo trabalhador em defesa da elevação do Distrito de Patu à categoria de Município.

Foi um autêntico Parlamentar abolicionista, republicano, um grande magistrado e um advogado causídico de mão cheia. Agia com um "Doutor da Lei" e julgava com imparcialidade.

Almino Afonso – Povoação, situada a 19 quilômetros a Sudoeste de Patu, hoje cidade Sede do município do mesmo nome. Almino tem regular comércio e boa feira semanal. Possui escolas de primeiro grau e uma igreja, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus padroeiro da cidade. Posto de Saúde e Hospital, sede de uma Delegacia de Polícia. Possui ainda, Agência dos Correios, Serviço Telefônico Telemar, Repetidora de Televisão, existiu uma agência do BANDERN, hoje desativada.

A povoação foi conhecida pelo nome de Caieira até 1914, quando a municipalidade de Patu lhe deu a denominação de Almino Afonso, em homenagem à memória do notável norte-rio-grandense Senador Almino Afonso natural do município. O Decreto de mudança da denominação do lugar para "Almino Afonso", foi do Governador Ferreira Chaves.

A cidade de Almino Afonso cresceu consideravelmente graças a dinâmica do Prefeito o agrônomo José Hildo Godeiro Carlos e também devido ao privilégio de ser a terra natal do ex-Governador do Estado Dr. Lavoisier Maia Sobrinho. Os Prefeitos sucessores foram: Dr. José Fernandes Carlos, Dr. Abel de Amorim Filho, Dr. José Fernandes Carlos, Dr. Bernardo Carlos de Amorim.

JOÃO CARLOS DA SILVA

"A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado" (Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. XVI, n.º 3).

MANOEL CARLOS DA SILVA – O patriarca dos Carlos – faleceu em 12 de fevereiro de 1928, era filho único. Um sertanejo muito inteligente, honesto, trabalhador e de grande influência social. Casou com Bárbara Maria Batista da Silva, de tradicional família seridoense. Tinha prédio de residência na antiga povoação da Caieira, a qual, em 1914, passou a denominar-se Almino Afonso (1840-1899), em homenagem ao valoroso líder da Abolição, depois Senador da República, nascido no lugar Coroatá, daquele Distrito. Foi MANOEL CARLOS senhor de engenho, agricultor e pecuarista, proprietário dos sítios Caetano, Torada, Umarizeira, Exu, Castro, Papagaio, Mulungu, Bonito, Logradouro e Fechado, todos pertencentes ao município de Martins, quando nasceram os filhos do casal.

São filhos de Manoel Carlos e de Bárbara Maria: José Carlos de Andrade, que casou a primeira vez com Maria Veneranda de Santana e a segunda com Alexandrina Bezerra Carlos de Andrade; Maria Monteiro de Melo, casada com Inácio Monteiro de Melo (Quinquinha); Jardelina Carlos de Andrade, casada com Joaquim Cirilo de Andrade; Manoel Barbosa da Silva (Barbosinha), casado com Maria Barbosa da Conceição; Valdivino Carlos da Silva (Vinu), que casou a primeira vez com Maria Bezerra Câmara da Silva e a segunda com Servília Carlos da Silva, sua sobrinha; Felícia Benícia do Amor Divino Silva, casada com Inácio Francisco da Silva; João Carlos da Silva, cujos dados biográficos serão adiante mencionados; Joaquim Carlos da Silva, casado com Ana Amélia da Silva (Neninha); Antônio Carlos da Silva, que casou a primeira vez com Helena Godeiro Carlos da Silva e a segunda Laura Carlos; Dina Carlos Lemos, casada com Severino do Rego Lemos; Francisco Carlos da Silva, casado com Maria Nunes de Amorim Silva (Maroca); Pedro Carlos da Silva, casado com Maria Monteiro Carlos (Liosa), suas sobrinhas – Maria Veneranda e Ana Amélia são irmãs. Maria Câmara era sobrinha da primeira esposa de João Carlos.

João Carlos da Silva, o sétimo filho do casal Manoel Carlos, casou a primeira vez, em 1899, com Maria dos Anjos Câmara da Silva, que deixou os seguintes filhos: Luiza Carlos Câmara da Silva Pereira (Isa), casada com Apolônio Justino Pereira, funcionário dos Correios e Telégrafos; Severino Carlos da Silva (Severo), que casou com Maria Belarmino Carlos e exerceu o cargo de escrivão do Distrito Judiciário de Almino Afonso; Eletícia Carlos Câmara da Silva Godeiro, casada com Miguel Godeiro Primo, funcionário público estadual; Severina Carlos Câmara da Silva, que faleceu solteira. Do segundo casamento, em 1920, com Abigail Nunes de Souza e Silva, funcionária dos Correios e Telégrafos, são seus filhos: Maria de Lourdes Carlos Pereira (Lourdinha), funcionária dos Correios e Telégrafos, casada com Nestor Pereira da Costa, técnico-eletricista, que serviu à Marinha, na Segunda Guerra Mundial, no patrulhamento do Atlântico; Lígia Carlos da Silva Dutra, professora estadual, que casou com Olegário Dorotéia Dutra, funcionário público estadual; Zuíla Carlos da Silva Godeiro, funcionária da Assembléia Legislativa, casada com José Godeiro Sobrinho, comerciário; Zenaide de Souza e Silva, casada com Antônio Cassimiro Gomes, militar.

Nasceu João Carlos em 28 de novembro de 1876, no Sítio Torada, atualmente do município de Almino Afonso e morreu em 7 de agosto de 1932, nesta cidade de Patu. Foi um dos grandes autodidatas do sertão do Rio Grande do Norte. Menino ainda deixava trabalho de lavoura para estudar, debaixo de oiticicas, com carta de ABC, papel e lápis. Só recebeu aulas do professor primário Joaquim Ricarte da Silva. Daí em diante, sua privilegiada inteligência e dedicação ao estudo lhe deram grande soma de conhecimentos gerais. Lecionou particularmente. Com o decurso do tempo, tornou-se em Patu verdadeiro oráculo, tal o número de pessoas que o procuravam constantemente para conselhos e soluções nos mais variados problemas. Servia de assessor a Prefeitos e Vereadores; interpretava leis e regulamentos; orientava atividades de servidores públicos; redigia ofícios, projetos, orçamentos; enfim, era solicitado até a colaborar na correspondência particular de muita gente, em assuntos mais importantes. O Governo o nomeou merecidamente, em 1906, escrivão, reunindo os demais oficiais de justiça, inclusive o tabelião do antigo Cartório de Patu, cargo que exerceu até a morte. E sempre foi apontado nos meios forenses, como dos mais competentes do interior. Um homem que se podia chamar com toda justiça, de verdadeiramente útil à coletividade, sobretudo numa época em que os

meios de comunicação e de transporte eram, ainda, os mais difíceis ou precários.

Pobre e honesto, simples e tranqüilo, compadre de tanta gente, nunca pleiteou qualquer cargo eletivo. Mas era amigo fraternal de Rafael Godeiro, que foi Prefeito e Deputado Estadual e perdeu a chefia da política municipal com a Revolução de 1930.

A grande projeção social de João Carlos passou, porém, a desagradar muito à nova situação, entregue à simpatizantes da Aliança Liberal.

Conseguiram estes, por mais de uma vez, afastá-lo injustamente do Cartório. Entretanto, as autoridades, na Capital, acabavam fazendo-o retornar ao cargo. Ele nenhuma punição merecia e já contava longos anos de bons serviços a justiça. Por isso, só mesmo a morte o faria desaparecer da terra patuense.

Em agosto de 1932, ainda em pleno regime revolucionário, a chegada de uma decisão do Tribunal de Justiça serviu de pretexto para João Carlos ser assassinado. É que teriam de ser submetidos a júri alguns dos envolvidos no fuzilamento do temível pistoleiro Jararaca, o qual, ostensivamente armado e ameaçando muita gente, invadira a cidade durante aquela Revolução. E embora houvesse, desde que a polícia iniciou o inquérito, a certeza geral da absolvição de todos os participantes da ocorrência, um dos pronunciados, - Joaquim de Almeida, vulgo Quinca Almeida, movido pelo fanatismo-partidário e na convicção de obter impunidade, invadiu de surpresa, em pleno dia, o lar feliz do escrivão João Carlos e abateu com seis tiros, em sua mesa de trabalho, aquele homem bondoso e prestativo, que o criminoso sabia não possuir arma alguma.

Por outro lado, sem o menor respeito ao clamor da família enlutada e à consternação que o horrendo crime estava causando, naquele dia de feira, à população em geral, - nenhuma autoridade local se interessou positivamente pela captura do assassino, que seria fácil. Este só veio a ser detido anos depois num navio em alto mar, traído pelo remorso.

O júri, a exemplo do que fizera com os outros acusados, o absolveu pela morte de Jararaca. E o condenou a trinta anos de prisão por haver assassinado João Carlos, o serventuário da Justiça cumpridor de seus deveres.

Amigos do inesquecível João Carlos e de sua família, em comemoração ao centenário de seu nascimento, encomendaram o busto

destinado à Praça que tem seu nome, nesta cidade que ele tanto amou. A obra é do escultor norte-rio-grandense Hostílio Dantas.

É a expressiva homenagem aos grandes méritos de um cidadão exemplar e significa também a gratidão do povo patuense.

João Carlos da Silva

PETRONILO HEMETÉRIO FILHO

Curriculum Vitae

Petronilo Hemetério Filho, brasileiro, nasceu no Sítio Cumaru, neste Município, aos 25 de agosto de 1935, sendo filho de Petronilo Hemetério de Moura e Jovelina Ernestina da Silva; são seus avós paternos: Juvêncio Hemetério de Moura e Guilhermina Maria da Conceição; maternos: Ernesto Ferreira de Azevedo e Maria Francisca das Chagas Rocha. Seus bisavós paternos: Professor Aderaldo José de Moura e Francelina Joaquina de Moura; e maternos: Belarmino Ferreira de Azevedo e Francisca Maria da Conceição. Os Triavós paternos são: Capitão José Severino de Moura e Maria Inácia da Conceição. Os maternos são: Manoel Joaquim de Azevedo e Francisca Maria Ferreira, ambos vindos de Conceição do Azevedo hoje Jardim do Seridó (RN). Sendo do signo de Virgem, seus traços fortes são a simplicidade e a serenidade.

Casou-se com Maria do Socorro Freitas, filha de Marcelino Moura e Raimunda de Freitas, em 29 de dezembro de 1965, na Igreja do Santuário do Lima. Do casal nasceram os seguintes filhos:

Em 11 de dezembro de 1966: Maria Solange Hemetério de Freitas, casada com Cristiano Nogueira da Costa;

Aos 28 de janeiro de 1968: Maria Soleneide, faleceu aos seis meses de vida;

Em 24 de Abril de 1970: Petronio Hemetério de Freitas, casado com Veronique G. C. dos Santos Hemetério de Freitas;

Aos 06 de Janeiro de 1972: Paulo César Hemetério de Freitas, casado com Orlete Fernandes Pinheiro Hemetério de Freitas.

Em 21 de novembro de 1972: Patrícia Jovelina de Freitas, casada com Leovirgídio Cavalcante.

São seus netos: Cibelle Cristianne Nogueira de Freitas, Matheus Nogueira de Freitas (filhos de Maria Solange); Petra Godeiro dos Santos Hemetério de Freitas e Valentina Godeiro dos Santos Hemetério de Freitas (filhas de Petrônio); Marcos Vinícius Pinheiro Hemetério de Freitas e Giovanna Fernandes Pinheiro Hemetério de Freitas (filhos de Paulo César);

e Maria Clara Cavalcante Freitas, nascida em 04 de março de 2005 (filha de Patrícia).

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

I – Fez o Curso Primário em várias escolas da zona rural, tendo concluído em 1951; a sua primeira professora foi Maria de Lourdes Dias da Cunha (Sítio Tourão). Concluiu o primário na cidade.

II – Foi estudante do Ginásio Comercial de Patu, onde fez o curso ginasial, na última série já lecionava. Estudou também no Colégio Atheneu Norte Riograndense em Natal.

III – Cursou CADES em três etapas no ano de 1966, em seguida fez curso de suficiência para o magistério, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, na disciplina de História, tendo obtido aprovação por média; o curso terminou em janeiro de 1968, com este curso de aperfeiçoamento o MEC expediu caderneta de registro de Professor de Ensino Secundário sob o n.º S-72, RN, com direito a lecionar em qualquer parte do território nacional. Por uma Lei Federal, os Cadeanos que são portadores deste registro estão equiparados ao nível superior de licenciatura.

IV – Ocupou o cargo de Vice-diretor do Ginásio Comercial de Patu, por designação do Dr. Aderson Dutra, exerceu o cargo de Diretor Administrativo do Ginásio Comercial de Patu de 1965 a 1973. Iniciou como professor particular; em 19/4/1966 foi nomeado pelo Governador Monsenhor Walfredo Gurgel como professor público lotado no Centro Educacional de Mossoró, posteriormente foi posto à disposição do Ginásio Comercial de Patu, até a sua aposentadoria prestando serviços como professor de História.

V – Fez curso de Orientador Pedagógico no Centro de Treinamento de Professores da SEC em Natal, no ano de 1970, tendo recebido diploma no final do curso.

VI – Em 1971 fundou a Biblioteca "Pedro Rocha", pertencente ao Ginásio Comercial de Patu, tendo sido a 1ª biblioteca criada para alunos, professores e aberta ao público, com cerca de mil volumes registrados e catalogados. Promoveu a Primeira Semana da Cultura para angariar fundos para compra de livros e móveis da biblioteca. Posteriormente deixaram os leitores levarem os livros por empréstimo e não houve mais retorno. Deixando a biblioteca quase sem livros.

VII – Ministrou aulas de saudade para alunos concluintes, fez palestras para alunos e professores, ciclo Pais e Mestres e a comunidade; sempre teve preocupado com o ensino, a educação e a cultura patuense. Como prova disso, abandonou os estudos, antes de ingressar na Faculdade, para garantir o funcionamento do Ginásio Comercial de Patu, que estava com data marcada para celar suas portas por falta de professores e de quem ficasse na direção do colégio, neste cargo o professor Petronilo passou quase oito anos, trabalhando com zelo, assiduidade e dedicação para garantir a existência do educandário e a educação da juventude estudiosa de Patu. Incentivou a criação de novos cursos tentando promover o soerguimento cultural desta cidade.

VIII – Depois de aposentado continuou a serviço da educação, ministrando cursos do SENAR/RN, através do Sindicato Rural de Patu, para a alfabetização de adultos da zona rural pelo método Paulo Freire.

IX – Ajudou na Fundação da Escola de Segundo Grau e como Secretário do Rotary Club, participou ao lado de Ednardo Moura e outros, na elaboração do Relatório que compôs a Dossiê para fundação do Campus Universitário de Patu, em 1982.

X – Durante o período em que foi Secretário de Obras da Prefeitura Municipal de Patu, passou a lecionar na Escola Municipal de 1° Grau Francisco Francelino de Moura.

XI – Por iniciativa da Secretária Municipal de Educação – Francisca Linderleide de Almeida Moura participou da Comissão Municipal para elaboração de uma Cartilha de Ensino (compêndio escolar), a ser inserido no currículum das escolas municipais a matéria - História do Município de Patu.

XII – Gravou em fita de vídeo informações para PETRATUR Viagens e Turismo, sobre todas as potencialidades turísticas do município, focalizando cada local.

XIII – Sócio fundador da Rádio Comunitária Serrana FM (103,5) da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, onde mantinha o Programa Semanal "Momento Rural". Hoje a rádio está desativada por denúncia feita à Polícia Federal.

OUTRAS ATIVIDADES

XIV – Foi eleito para o cargo de Vereador em 1966, tendo sido classificado pela votação em terceiro lugar para ocupar a vaga do irmão Sebastião Petronilo de Moura no Legislativo Municipal. Autor de vários projetos, entre eles destacou-se o da agência do Banco do Rio Grande do Norte, Processo n.º209/68 do Gabinete do Governador. Em 1969 foi eleito pelos pares para o cargo de Presidente da Câmara Municipal, para o período de dois anos (69 a 71), autor do requerimento ao Governador do Estado solicitando a construção do açude Tourão, que só veio a acontecer em 1983.

XV – Foi sócio fundador, secretário, delegado e Presidente do Sindicato Rural de Patu (classe patronal). Em 1997, reabriu o Sindicato que estava fechado desde 1990. Também construiu o próprio prédio da sede do Sindicato, com pouco dinheiro e muito sacrifício fez uma grande obra, que foi inaugurada em 15/07/2000, estando localizada à rua Pompeu Teixeira nº 155 no centro de Patu. Atualmente construiu um anexo, onde são ministrados cursos profissionalizantes. Tendo sido classificada como a melhor Sede Sindical do Estado, em parceria com o SENAR/RN e a Federação da Agricultura do Estado, desenvolvem cursos profissionalizantes e outros programas em benefício ao homem do campo. Com a ajuda do Dr. Leônidas Ferreira, Presidente da FAERN e do Dr. Joaquim Lúcio Dantas, Superintendente do SENAR/RN, ambos são ótimos parceiros do Sindicato.

XVI – Em 1972 foi escolhido pelo Diretor Regional do FUNRURAL para ocupar as funções de Representante da Previdência Social Rural, com abrangência em 11 municípios; tornou-se uma missão espinhosa, criticada por uns e elogiada por outros (os que tinham direito ao benefício elogiavam e os que não tinham criticavam) deles, até faziam ameaças de violências, mas com o poder de Deus nada aconteceu e o trabalho continuou beneficiando os trabalhadores rurais e seus dependentes. Cargo que ocupou durante 17 anos, quando foi extinto o FUNRURAL.

XVII – Exerce a atividade de Agropecuarista e de pequeno Empresário no ramo de Posto de Gasolina; também foi caminhoneiro, comerciante e escriturário do DNOCS; na seca de 1958, trabalhava na vizinha cidade de Olho D'água do Borges, no serviço de pagamento aos flagelados. Fez parte da comissão de informações do IBGE em Patu.

XVIII – Sócio fundador, Vice-Presidente e Secretário da Cooperativa de Energia e Telefonia de Umarizal – CERMOL.

XIX – Presidente do Diretório Municipal do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, em Patu, eleito e re-eleito por duas vezes.

XX – Eleito duas vezes para o cargo de Primeiro Secretário da Federação da Agricultura do Estado do RN – FAERN. Durante os mandatos já representou a Entidade em vários eventos e acontecimentos rurais, por exemplo: "O Grito da Seca" – Audiência Pública na Comissão de Agricultura do Congresso Nacional, em Brasília/DF – No Seminário da Revitalização do Algodão na ESAN, em Mossoró/RN – No Simpósio da Implantação da Cultura do Mamona, em Recife/PE, por ocasião da Agrinorte na FAEP – Em Porto Alegre, no Seminário sobre o Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Alto Oeste, onde Patu fazia parte dos 26 municípios da Mesoregião – Em Fortaleza, participou do PEC Nordeste (Seminário Agropecuário) promovido pela FAECE (Federação da Agricultura do Ceará), com a participação dos Estados do Nordeste, em 2003, 2004 e 2005.

XXI – Faz parte do Conselho de Administração do SENAR/RN; Conselho da Fundação Guimarães Dutra da ESAN; Conselho de Desenvolvimento Rural Sustentável do nosso Estado; e fez parte do Conselho de PROCOM Estadual, durante o ano de 2003.

XXII – Participou do Congresso Brasileiro de Cooperativismo no Centro de Convenções em Brasília-DF, em 1986 e 1998; – Participou do Congresso de Cooperativismo realizado em Natal/RN, no ano de 2004; – Compareceu ao Ato Público no Congresso Nacional sobre o Projeto de Emenda à Constituição, referente aos Direitos Trabalhistas no Campo, resultando na criação da isonomia entre trabalhadores da cidade e do campo; Participou de Evento promovido pela FIERN sobre o Projeto Compre o que é daqui, em abril/05; Participou da Mesa Redonda de Palestras e Debates sobre Jesuíno Brilhante (o cangaceiro romântico), no 5º Seminário promovido pela Sociedade Brasileira de Estudo do Cangaço, em 12/06/05 na cidade de Mossoró/RN.

XXIII – Pesquisador da História de Patu, com objetivo de dar aos patuenses conhecimentos da nossa história desde a sua fundação até os nossos dias, com a publicação de duas edições deste livro "História do Município de Patu".

Aula da saudade no Ginásio Comercial de Patu, ministrada pelo Professor Petronilo Hemetério Filho.
(1971)

ATIVIDADES SOCIAIS

Participou de associações, conselhos e foi muito bem relacionado, construindo boas amizades. Sendo que durante toda sua vida gostou de praticar bons atos, nos usos e costumes na sociedade e na família – prestava atenção e recebia bem todas as pessoas que procuravam falar com ele, não tinha orgulho nem bondade, atendia no meio da rua qualquer pessoa que precisasse falar com ele ou tirar suas dúvidas sobre qualquer informação, gostava mais de atender as pessoas da zona rural, considerando que o rurícula era carente de conhecimentos e informações por ter sua origem no meio rural - Participou do Rotary Club – de duas cooperativas de desenvolvimento rural, fez parte do conselho de desenvolvimento rural sustentável do Rio Grande do Norte, procurou fazer a socialização do Sindicato Rural com os produtores rurais, para isto levou caravanas de agricultores para a Festa do Boi em Natal, a fim de mostrar a eles o desenvolvimento social, tecnológico e as inovações de raças bovinas, caprinas e ovinas, etc. conhecer as novidades da sociedade na atualidade.

Foi orador nas solenidades: como festas de casamentos, aniversários, audiências públicas, mesmo nos atos da Federação de Agricultura, SENAR e no Sindicato Rural. Foi a Brasília mais de 10 vezes participar de Congressos Cooperativistas, Audiências Públicas no Congresso Nacional, visitas aos familiares que residem no Distrito Federal.

Na sociedade sempre procurou construir amizades com pessoas de destaque, pessoas de bom caráter, sem discriminação de cor, credo religioso ou político, por esta postura, a Câmara Municipal de Rafael Godeiro (RN), lhe deu o Título de Cidadão honorário Rafaelense em 1995, projeto do Vereador Antônio Mariano. E a Câmara Municipal de Lajes (RN), aprovou por unanimidade o Título de Cidadão honorário Lajense em 2004, projeto do Vereador Tarcio Araújo.

ATIVIDADES ECONÔMICAS
"Como pequeno Empresário e Agropecuarista"

Em 1968/76 comprou as partes de terras da propriedade Cumaru aos seus irmãos, unificando a citada propriedade.

Em 1974/76 comprou a propriedade denominada Sítio Alto Alegre no município de Rafael Godeiro (RN) dos herdeiros de Manoel Ferreira do Amaral e Pedro Paiva.

Em 2001 comprou a propriedade rural denominada Fazenda Nossa Senhora de Fátima em Lajes/RN.

Em 1982 construiu o Posto de Gasolina na estrada que faz o trevo para o Município de Rafael Godeiro/RN, denominado Posto Nossa Senhora dos Impossíveis I.

Em 1992 construiu o Posto de Gasolina do Município de Itajá/RN, denominado de Posto Nossa Senhora dos Impossíveis II, na BR 304 km 118,8.

Em 1996 comprou um Posto de Gasolina em Almino Afonso, depois vendeu a Romildo Ramos.

Em 2000 construiu o Posto de Gasolina de Lajes/RN, denominado Posto Nossa Senhora dos Impossíveis III.

Construiu o prédio da sede do Sindicato Rural de Patu no ano 2000. Sendo na época a melhor do Estado.

Em 1996 construiu a moderna casa residencial na Rua Antônio de Lima nº 32, sendo escriturada em nome de sua esposa Maria do Socorro Freitas.

Em 1995 comprou uma parte de terra anexa ao Cumaru, pertencente a Mário Solano, também escriturada em nome de sua esposa.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

1 – Agricultor e pecuarista na propriedade particular do Cumaru, no município de Patu(RN) onde nasceu, em 1955 migrou para a cidade em busca de melhores condições de vida:

2 – Caminhoneiro – dirigia um caminhão Chevrolet 1956, viajava para São Paulo, estados do Nordeste e outras regiões do País, entre os anos de 1956 a 1958.

3 – Funcionário Público do DNOCS, em 1958/59 no período da Seca era o assessor do Chefe no Escritório do pagamento dos emergenciados.

4 – Professor com Curso Superior na Disciplina de História, exerceu a Cadeira de Professor Público Estadual durante 32 anos.

5 – Sindicalista na Classe Patronal Rural, por mais de 20 anos.

6 – Secretário da CERMOL (Cooperativa de Eletrificação Rural e Telefonia do Médio Oeste) com sede em Umarizal/RN, no período de 2000 a 2203.

7 – Presidente do Diretório Municipal do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), por três mandatos eletivos.

8 – Diretor Secretário da Federação da Agricultura do RN em dois mandatos eletivos (2000 a 2007) e Conselheiro do SENAR/RN, por igual período da Federação.

9 – Formou-se no ano de 1968 em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e iniciou sua carreira de Professor no Colégio Estadual de Mossoró, depois foi lecionar em Patu no Ginásio Comercial e na Escola Municipal Francisco Francelino de Moura, tendo atuado na prática do ensino por 32 anos, 1 mês e 15 dias, sem nenhuma falta, conforme consta no dossiê de tempo de serviço.

10 – Vereador de 1967 a 1972, autor do Projeto para Criação da Agência do BANDERN em Patu. Com a extinção do cargo de Presidente da Câmara ser ocupado pelo Vice-Prefeito (1968), foi o 1° Vereador eleito pelos pares para Presidente do Legislativo Municipal de Patu.

11 – Comerciante de Combustíveis – de início era empregado, depois passou a ser sócio de seu irmão Sebastião, até que se tornou proprietário de três Postos de Gasolina, denominados de Posto Nossa Senhora dos Impossíveis I, II e III.

12 – Diretor do Ginásio Comercial de Patu durante 8 anos, deu um exemplo de administração escolar, elevando o nível do ensino e o aprendizado no Ensino Médio e Ginasial. Só recebia o Diploma o aluno que tivesse aprendido no mínimo 70% da matéria aplicada durante os quatro anos de curso.

13 – Diretor do FUNRURAL – Previdência Rural durante 17 anos (1972/1991) de existência do FUNRURAL, prestou um bom serviço ao homem do campo, concedendo aposentadoria ao trabalhador rural que antes era desamparado e a partir de 1972, passou a ter o direito ao benefício de aposentadoria e pensão por ser lavrador e ter 65 anos de idade – depois a idade foi baixada para 60 anos.

14 – Exerceu o cargo de Secretário de Obras da Prefeitura Municipal de Patu, no período de 1989/92, na primeira administração do Prefeito Dr. Ednardo Benigno de Moura, nomeado pela portaria nº 8. Durante este mandato foram executadas 62 obras no município, sendo as 4 mais importantes: 1 - Fórum Municipal Dr. Alfredo Soares de Macedo, abrigando no moderno prédio todos os órgãos da Justiça local; 2 - Hospital Municipal de Patu Dr. Enderson Josino Bandeira de Moura; 3 - Construção e execução de 5 projetos de eletrificação rural para as localidades de: Escondido, Morada Nova, Gameleira, Timbaúba, Tourão/João Pereira; 4 – Construção da Adutora do Açude Tourão até a cidade, para resolver o abastecimento d'água da Cidade. Esta obra teve 7 km de escavação de vala para colocação de canos, construção de estação elevatória, para que a água chegasse até as residências dos patuenses.

ACONTECIMENTOS

1 – Sofreu um acidente de Caminhão, em 13 de janeiro de 1958 no município de Brejo do Cruz (PB), escapou sem nenhum arranhão.

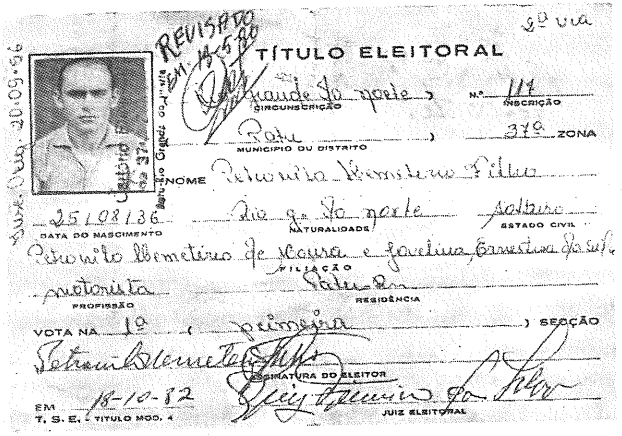
2 – Foi ameaçado de morte por várias vezes devido a Função de Representante do FUNRURAL, também por coisas indesejáveis sem procurá-las.

3 – Sofreu um acidente de automóvel tipo Fiat Pálio, em 7 de fevereiro de 2002, próximo à cidade de Campo Grande (RN), com várias capotadas, escapou com sentido e escoriações leves.

4 – Sofreu um Assalto seguido de seqüestro, em 1° de setembro de 2003, foi pego no município de Angicos (RN) às 12:30hs e somente foi liberado pelos seqüestradores às 19:30hs, próximo ao município Campo Grande (RN). Os ladrões levaram 31 mil reais em dinheiro, 9 mil reais em cheques de terceiros, além de cartões de crédito, cheques, celular e levaram também o veículo. Conforme consta do termo do "Boletim de Ocorrência" da Policia. Escapou por milagre. O fato foi noticiado no Jornal "Gazeta do Oeste" em 02/09/2003.

5 – Sofreu mais um acidente em 03/08/2005, desta feita, foi uma colisão de veículo com uma "carreta" em Mossoró/RN. Escapou mais uma vez, graças a Nossa Senhora dos Impossíveis.

Fotocópia do Título do autor


2ª via

TÍTULO ELEITORAL

REVISADO EM 13-5-88

Grande Sertão — CIRCUNSCRIÇÃO — Nº 111 INSCRIÇÃO

Bahia — MUNICÍPIO OU DISTRITO — 379ª ZONA

Seção 379 — Estado da Bahia

NOME Petronilo Monteiro Filho

25/08/36 — DATA DO NASCIMENTO

Rio de Contas — NATURALIDADE

Solteiro — ESTADO CIVIL

Petronilo Monteiro de Moura e Jacelina Carneiro de Sá — FILIAÇÃO

Jornalista — PROFISSÃO

Rio de Contas — RESIDÊNCIA

VOTA NA 1ª (primeira) SEÇÃO

Petronilo Monteiro Filho — ASSINATURA DO ELEITOR

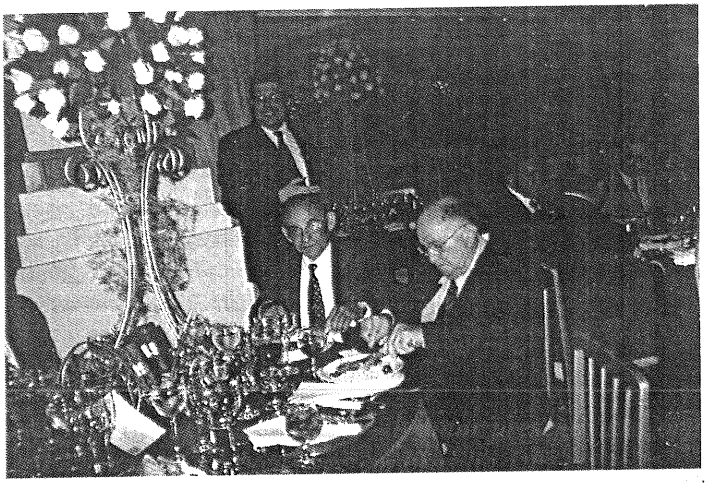
EM 18-10-82 — JUIZ ELEITORAL

T. S. E. - TÍTULO MOD. 4

Em segundo plano – o autor presente na Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados, em Brasília-DF.

Da esquerda para a direita: Manoelito, assessor do Dep. Nélio Dias;, Petronilo H. Filho; atrás três paraibanos. (11/06/2003)

O autor no Espaço Corte, em Brasília. Festa dos 50 anos da CNA. Da direita para a esquerda (sentados): Leonilde Marcolino e Petronilo H. Filho. (21/11/2001)



O autor segurando um pé de algodão em produção, um dos símbolos da cultura oestana.

FONTES DE PESQUISA

Na pesquisa da História de Patu foram consultadas as seguintes fontes:

BARRETO, Alicio. **Solos de Avena**.

BRITO, Raimundo Soares de. **Alferes Teófilo Olegário de Brito Guerra – Um memorialista esquecido**.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**.

_____**Nomes da Terra**.

_____**Uma História da Assembléia Legislativa no RN**.

MOTA, Nonato et alli. **Dossiê: História e Historiadores do RN**.

SILVA, Raimundo Nonato da. **Roteiros da Zona Oeste**.

_____**Jesuíno Brilhante - O Cangaceiro Romantico**.

SOBRINHO, Antônio. **Nordeste e a Poesia**.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**.

WANDERLEY, Rômulo. **História e Geografia do Rio Grande do Norte**.

Revistas da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras;

Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte;

Revista "Igapó" (H.Q.) – de Luiz Elcio e Alcides S. Bezerra.

OUTRAS FONTES DE PESQUISA

ACERVO DA PARÓQUIA DE PATU E SANTUÁRIO DO LIMA - Oferecido pelos Padres: José Kruza e Eurico Frank - M.S.F.

ACERVO DOS 1° E 2° CARTÓRIOS DE PATU - Oferecido pelos Tabeliães: Alexandrino Suassuna Barreto, José Nunes dos Santos, Raimundo Antenor da Silva e o Ex-Tabelião Raimundo Ayres.

ACERVO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PATU - Oferecido pelo Prefeito Lourival Rocha, o Secretário Dr. Epitácio de Andrade e seus sucessores.

ACERVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATU - Oferecido pelo Prof. José Joaquim da Silva, que na época da pesquisa era o Presidente do Legislativo patuense e seus sucessores.

A Coletoria Estadual foi autorizada a pesquisa pelo supervisor Gilson Dantas (quase nada foi encontrado porque, segundo o supervisor, o Coletor Antônio Emídio, no ato da mudança para a nova sede, havia incinerado os arquivos e livros anteriores).

Também houve pesquisa nos cemitérios (novo e velho) nos túmulos onde há placas ou legendas como as datas de falecimento de pessoas ilustres de Patu.

A equipe de pesquisa, compostas por Petronilo Hemetério Filho, Tenente Felipe Francisco de Moura e Raimundo Ayres, se deslocou até às cidades de Martins, Portalegre, Apodi e Caraúbas para colher dados oficiais extraídos dos livros manuscritos velhos, existentes nos acervos das Igrejas, Cartórios, Prefeituras e Câmaras Municipais dos referidos Municípios, onde Patu foi subordinado desde a sua fundação até a sua emancipação política.

A equipe foi também auxiliada pelos concluintes do Ginásio Comercial de Patu, nos anos de 1970 a 1981, que, sob a coordenação do pesquisador, fizeram um trabalho perfeito e foram verdadeiros colaboradores na coleta de dados e documentos históricos.

A equipe de correção da 1ª edição, composta pelo Prof. Francisco Dias da Cunha, Nilza de França Godeiro, José Joaquim da Silva e Maria do Socorro Freitas (esposa do autor), prestaram relevantes serviços nos acertos e colocação dos assuntos nos seus devidos lugares. A eles, o nosso agradecimento.

Os datilógrafos: Maria Celeste Bento da Silva e Aluízio Fernandes da Silva foram incansáveis batedores de teclas que muito contribuíram para a preparação das páginas deste livro em sua primeira edição.

Agradecimento Especial ao Senador José de Souza Martins Filho, de Umarizal, que patrocinou o impresso de 200 exemplares da 1ª edição deste livro, através da Gráfica do Senado.

ENTREVISTAS - INFORMAÇÕES

João Inácio de Oliveira aos 83 anos, Raimundo Ayres com 76 anos, José Godeiro da Silva e Maria Helena Ribeiro ambos com 86 anos, André Avelino de Moura, Antônio Suassuna Barreto, Felinto da Silveira Barros e muitos outros, ainda lúcidos e vivos, residindo neste Município, na certeza assistirão ao lançamento do livro sobre a nossa história e confirmarão os fatos históricos do passado.

O Dr. Fabiano Cristiano Raposo de Farias Caldas, professor da UFRN, advogado e funcionário da Previdência Social (IAPAS), juntamente com o Professor Francisco Góis da Silva, fizeram a revisão da matéria pesquisada e a montagem cronológica dos fatos históricos.

Na segunda etapa, com sua sapiência de professor e poeta, fez o prefácio deste livro, tão bem redigido que merece ser agraciado com a medalha de honra ao mérito, pelo exemplo de cultura e capacidade no campo das letras e da educação. Parabéns mestre, agradecemos sua boa vontade e a sua solidariedade, ao povo de Patu, em particular dos amigos desta boa terra.

Finalmente Patu tem a sua história escrita de acordo com os dados oficiais extraídos dos documentos existentes nas suas repartições, dos livros de diversos autores, das narrações de pessoas idosas com conhecimento sobre os acontecimentos e fatos do século passado e deste.

Graças a Deus chegamos ao fim de um trabalho abnegado e sacrificado, que durou onze anos, deixou um exemplo da dedicação de um professor filho da terra, amante da Educação, da Cultura e das Letras.

Formulamos às gerações futuras um apelo, principalmente à juventude: "Buscai no saber a base de vosso triunfo". Só assim poderemos desenvolver a nossa cultura e o nosso Município. Valeu o esforço, Patu merece.

Aqui fica o nosso agradecimento a todos que colaboraram para a publicação deste livro, na esperança de que dê motivo a novas e futuras pesquisas para o maior engrandecimento do nobre povo da gloriosa terra patuense.

Nesta 2ª edição contamos com as informações de: José Pinto da Silva, Silvano Shoemberg, Maria Carmelita Rocha, Júlia de Oliveira Moura, José Brito Dias, Cícero Miguel, Antônio Nascimento (Sementim), Alvanir Maria de Moura (Alvanir Solano), Sebastião Petronilo de Moura, Tarcísio Moura,

Gilberto Benigno de Moura, Francisco Torquato, Maria Celi Suassuna Leite, Francisco Luiz de Aquino, Arquivos das Companhias de Polícia Militar e Civil (PM Izidio e Cabo Naldo), Cartorários, Diretores ou Secretários das Escolas Públicas, Particulares, UERN, Igrejas Católicas e Evangélicas, Repartições Públicas e Privadas, Prefeitura Municipal de Patu (Maria de Fátima Paiva Moura e Rita Rocha de Moura), Detran, Câmara de Dirigentes Lojistas, outros acervos encontrados guardados em cofres de particulares, além de vários manuscritos que nos foram enviados pelo Sr. Gil Soares.

A Equipe de Pesquisa para esta 2ª edição, que durante três anos trabalhou sob a coordenação do Profº Petronilo Hemetério Filho, contou com a colaboração de: Ten. Felipe Francisco de Moura, Sandoval Francelino de Moura, Joaquim Hemetério de Moura Filho, Magnólia Maria Câmara, Milla Cristian Cândida Cortez. A digitação foi realizada por Celicina Leite Cunha bisneta de Etelvino Fernandes Leite, que realizou um excelente trabalho.

O autor realizou várias viagens para Natal, com objetivo de atualizar dados e fatos históricos no Instituto Histórico e Geográfico, no IBGE, na Academia Norte Riograndense de Letras, na Fundação Câmara Cascudo, no Jornal "A República", na Fundação José Augusto, etc.

O Professor Francisco Dias da Cunha, quase se ordenou Padre, mas preferiu dedicar-se ao Magistério, lecionando a disciplina de Português. Detém profundo conhecimento da literatura da nossa língua e do latim. Na publicação do livro História do Município de Patu, ele foi um grande colaborador, na correção da ortografia, na colocação da matéria dentro da estética e da forma gramatical, desde a sua primeira edição. Foi excelente o trabalho do nosso amigo Professor Dias, dedicando horas de serviço abnegado. A ele, a minha gratidão e o meu reconhecimento. Ele merece.

O Autor

Petronilo Hemetério Filho traz em nova edição a *História do Município de Patu* - sua terra natal, uma pesquisa de sete fôlegos, amparada em fontes seguras: Câmara Cascudo, Raimundo Nonato e outros pesquisadores afamados.

Patu hoje um dos mais prósperos municípios da zona Oeste do Estado tem em **Petro** o historiador competente, capaz, perquiridor, e memorialista.

Portanto, esta é uma obra de valor inestimável para quem quer conhecer as origens de Patu e sua história.

Misherlany Gouthier
Escritor